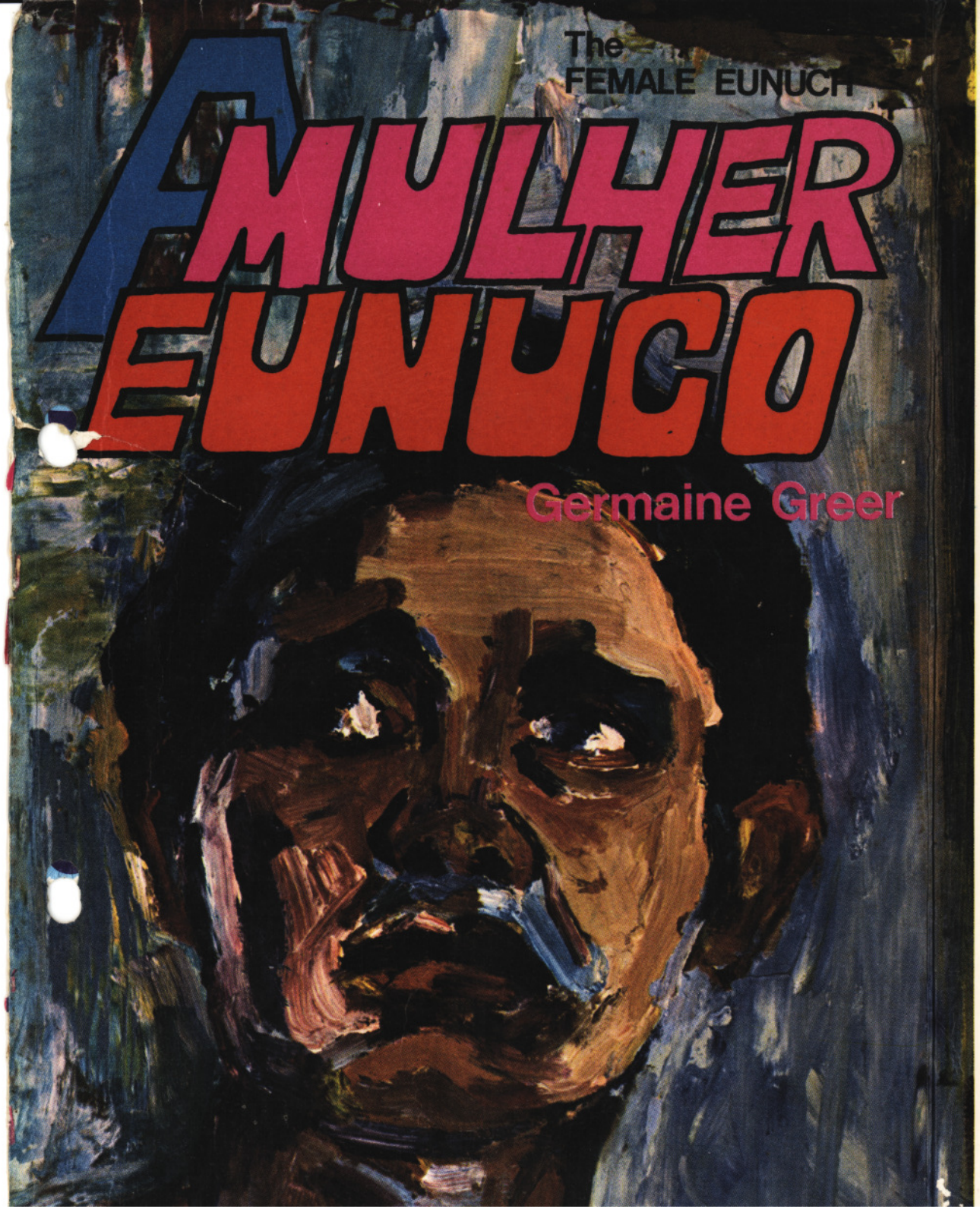

A MULHER EUNUCO

A concepção contemporânea de mulher se baseia sobretudo em séculos de história, literatura, ciência e folclore. Só não se baseia em fatos reais.

"A Mulher Eunuco" examina com profundidade a condição atual da mulher, a partir da castração progressiva de sua pessoa "in totum", resultando do processo essa entidade fragmentada denominada "Feminina". Germaine Greer focaliza e expõe as diversas formas em que as mulheres são ainda corpo e alma submissos ao homem — e **deformadas** sob as condições de empregadas, espôsas, mães, amantes.

Ela argumenta apaixonadamente que "se as mulheres devem realizar-se e desenvolver o verdadeiro potencial de suas personalidades e insistir em contribuir com as suas aptidões naturais e os seus talentos em prol do desenvolvimento universal, na política, nos negócios, nas artes, e na tecnologia como na vida doméstica, então a civilização deve ser no sentido da sua maturidade e não da sua aniquilação. Essa será, inclusive, uma forma do amor se tornar mais real, como forma de comunicação entre pessoas de iguais fôrça e ternura."

É óbvio que êste livro não vai

GERMAINE GREER

A MULHER EUNUCO

(THE FEMALE EUNUCH)

Tradução de

EGLÊ MALHEIROS

editôra artenova s.a.

rua prefeito olímpio de melo, 1774 tels. pbx 228-7124 228-7125
end. telegráfico ARTNOVA
são cristóvão rio gb

departamento jornalístico
departamento gráfico
departamento editorial

Este livro é dedicado a LILIAN, que não vive com ninguém, a não ser uma colônia de carpas de Nova Iorque, cuja energia jamais falhou apesar de sua ansiedade, sua asma e seu excesso de pêso, que está sempre interessada em todo mundo, muitas vêzes zangada, às vêzes encanzinada, mas sempre envolvida. Lilian, a abundante, a dourada, a eloqüente, a bem e mal amada; Lilian, a bela que pensa ser feia; Lilian, a infatigável que pensa estar sempre cansada.

É dedicado a CAROLINE, que dançava, porém mal, pintava, porém mal, pulou em lágrimas de uma mesa de jantar, chorando que queria ser uma pessoa, foi em frente e foi uma, apesar de sua grande beleza. Caroline, que sofre com cada ataque, e duvida de todo louvor, que tem feito grandes coisas com brandura e humildade, que assaltou as autoridades com valoroso amor e não pode ser derrotada.

É para minha fada madrinha, JOY, de olhos verdes, cujo marido desacreditava seu senso comum e depreciava seu cérebro, porque ela era mais apaixonadamente inteligente e mais inteligentemente apaixonada do que êle, até que ela fugiu dêle e recobrou-se, bem como à sua visão das coisas e seu senso de humor, e nunca chorou de nôvo, exceto por compaixão.

É para KASOUNDRA, que faz mágica com peles, fios e penas, que nunca está quieta, nunca insegura, conduzindo seu estranho destino na selvageria de Nova Iorque, leal e amarga, tão forte quanto uma corda de aço e tão suave quanto um suspiro.

Para MÁRCIA, cuja mente contém tudo e nada destrói, compreendendo sonhos e pesadelos, que olha de frente tempestades e não se abala, que vive entre os danados e não tem mêdo dêles, uma alma vivente entre os mortos.

Sônia
AGO/2009

ÍNDICE

RESUMO, **Pág. 13**

CORPO

GÊNERO, **Pág. 24**
OSSOS, **Pág. 28**
CURVAS, **Pág. 31**
CABELO, **Pág. 34**
SEXO, **Pág. 36**
O VENTRE PERVERSO, **Pág. 43**

ALMA

O ESTEREÓTIPO, **Pág. 50**
ENERGIA, **Pág. 57**
BEBÊ, **Pág. 62**
MENINA, **Pág. 69**
PUBERDADE, **Pág. 74**
O LÔGRO PSICOLÓGICO, **Pág. 79**
A MATÉRIA-PRIMA, **Pág. 86**
O PODER DA MULHER, **Pág. 90**
TRABALHO, **Pág. 100**

AMOR

O IDEAL, **Pág. 118**
ALTRUÍSMO, **Pág. 126**
EGOTISMO, **Pág. 129**
OBSESSÃO, **Pág. 136**
ROMANCE, **Pág. 144**
O OBJETO DA FANTASIA MASCULINA, **Pág. 159**
MITO DE AMOR E CASAMENTO PRÓPRIO DA CLASSE MÉDIA, **Pág. 166**
FAMÍLIA, **Pág. 183**
SEGURANÇA, **Pág. 199**

ÓDIO

AVERSÃO E NOJO, **Pág. 206**
ABUSO, **Pág. 217**
MISÉRIA, **Pág. 226**
RESSENTIMENTO, **Pág. 235**
REBELIÃO, **Pág. 243**

REVOLUÇÃO

REVOLUÇÃO, **Pág. 262**

NOTAS, **Pág. 277**

A MULHER EUNUCO

Do original inglês THE FEMALE EUNUCH

Copyright 1970 by Germaine Greer

Copyright 1971 da edição em português Editôra Artenova Ltda.

Primeira edição brasileira em setembro de 1971

Traduzido por
Eglê Malheiros

Capa de
Leon Algamis

Reservados todos os direitos desta tradução. Proibida a reprodução, mesmo parcial, sem expressa autorização da Editôra Artenova Ltda.

editôra artenova s.a.

Composto e impresso no Brasil — Printed in Brazil

RESUMO

"O Mundo perdeu sua alma, e eu, meu sexo" (TOLLER, Hinkemann)

Êste livro é parte da segunda onda feminista. As antigas sufragistas, que cumpriram sua pena de prisão e viveram através dos anos da gradual admissão das mulheres em profissões que declinaram de seguir, em liberdades parlamentares que declinaram de exercer, em academias que usaram cada vez mais como estabelecimentos onde podiam obter graduações enquanto esperavam o casamento, têm visto seu espírito reviver em mulheres mais jovens de molde nôvo e vital. Mrs. Hazel Hunkins-Hallinan, líder do Six Point Group, deu as boas-vindas às militantes mais jovens e mesmo à sua franqueza sexual. "São jovens," ela disse a Irma Kurtz, "e completamente sem sofisticação política, mas estão cheias de sementes. Até recentemente os membros de nosso grupo têm sido velhos demais para meu gôsto." Após o êxtase da ação direta, as senhoras militantes de duas gerações atrás puseram-se a trabalhar pela consolidação em hostes de pequenos agrupamentos, enquanto a fôrça principal de sua energia se escapava nos cortes de pós-guerra e no renascimento de babados, espartilhos e feminilidade, após a permissiva década de vinte, através do lôgro sexual da década de cinqüenta, sempre minguando, sempre mais respeitáveis. O evangelismo, murchando, virou excentricidade.

A nova ênfase é diferente. Naquele tempo gentis senhoras da classe-média clamavam por reforma, agora mulheres pouco gentis da classe-média reclamam revolução. Para muitas delas a exigência de revolução veio antes da exigência de libertação das mulheres. A Nova Esquerda tem sido a casa-de-fôrça para a maioria dos movimentos, e para muitos dêles a libertação depende do advento da sociedade sem classes e do desaparecimento do Estado. A diferen-

ça é radical, pois a fé que as sufragistas depositavam nos sistemas políticos existentes e seu profundo desejo de nêles participar pereceram. Antigamente as senhoras mostravam-se ansiosas em salientar que não buscavam subverter a sociedade ou destronar Deus. O casamento, a família, a propriedade privada e o Estado eram ameaçados por suas ações, mas elas mostravam-se ansiosas por atenuar o mêdo dos conservadores, e, assim agindo, as sufragistas traíram sua própria causa e prepararam o caminho para o fracasso da emancipação. Há cinco anos atrás tornou-se claro que a emancipação tinha falhado: o número de mulheres no Parlamento descera a um nível baixo; o número de mulheres profissionais se estabilizara numa minoria mínima; o padrão de emprêgo feminino surgira como sendo subpago, servil e secundário. A porta da gaiola havia sido aberta mas o canário se recusara a voar para fora. A conclusão era de que a porta da gaiola nunca devia ter sido aberta, porque os canários são feitos para o cativeiro; a sugestão de uma alternativa servira apenas para confundi-los e entristecê-los.

Ainda existem organizações feministas que seguem a trilha reformista que as sufragistas abriram. A National Organization of Women, de Betty Friedman, está representada em comitês congressionais, em especial naqueles considerados de especial relevância para as mulheres. Mulheres políticas ainda representam interêsses femininos, mas são as mais das vêzes os interêsses das mulheres como dependentes, proteção contra divórcio fácil e tôda sorte de privilégios de Casanova. O Six Point Group, de Mrs. Hunkins-Hallinan é uma respeitada entidade política. O que é nôvo, no referente à situação, é que tais grupos estão gozando nova ribalta. Os meios de comunicação insistem em expor a libertação das mulheres semanalmente, mesmo diàriamente. A mudança é que de súbito todo mundo está interessado no assunto das mulheres. Podem não ser a favor dos movimentos que existem, mas estão preocupados com as questões. Podemos esperar encontrar forte apoio para o movimento entre as jovens mulheres das universidades. E não é surpreendente que mulheres operárias exploradas decidam-se por fim a exigir a redenção por parte do Govêrno. O que é surpreendente é o fato de que mulheres, na aparência sem nada do que se queixar, tenham começado a lastimar-se. Tenho ficado surpreendida ao descobrir, falando para tranqüilas audiências de mulheres provincianas decentemente enchapeladas e vestidas, que as idéias mais radicais são alegremente debatidas, e proferidas as mais convincentes críticas e os mais dolorosos protestos. Mesmo as sufragistas não podiam pretender o apoio, embora com raízes superficiais, que o nôvo feminismo ganha dia a dia.

Podemos apenas especular a respeito das causas desta nova atividade. Talvez o lôgro sexual tenha sido levado ao exagêro. Talvez as mulheres realmente nunca tenham acreditado na explicação delas próprias que lhes foi impingida por psicólogos, líderes religiosos, revistas femininas e homens. Talvez as reformas que finalmente acon-

teceram as tenham conduzido a uma posição da qual podiam por fim divisar tôda a perspectiva e começar a entender as coordenadas racionais de sua situação. Talvez por não estarem enredadas em gravidezes indesejadas e trabalho servil pesado no lar, tenham tido tempo para pensar. Talvez o estado de nossa sociedade tenha se tornado tão desesperador e aparente que as mulheres não podem mais contentar-se em deixá-lo a cargo de outra gente. Os inimigos das mulheres responsabilizaram tais circunstâncias pelo descontentamento feminino. As mulheres precisam valorizar êste descontentamento como a primeira manifestação da exigência de vida; começaram a falar e a falar umas com as outras. A visão de mulheres falando entre si sempre inquietou os homens; em nossos dias significa consumada subversão. "Em frente!"

Podemos seguramente afirmar que o conhecimento que os homens podem adquirir das mulheres, mesmo no que se refere ao que elas foram e são, sem referências ao que elas podem ser, é desgraçadamente imperfeito e superficial e será sempre assim até que as próprias mulheres tenham dito tudo o que têm para dizer.

John Stuart Mill

As liberacionistas organizadas são uma minoria com boa divulgação; os mesmos rostos aparecem cada vez que uma questão feminista é discutida. É inevitável que sejam apresentadas como as líderes de um movimento que é essencialmente sem líderes. Não estão mais próximas agora de estabelecer uma estratégia revolucionária do que estavam antes; fazer demonstrações, compilar listas de projetos e tomar assento em comitês não constituem em si um comportamento liberto, especialmente quando ainda estão dentro de um contexto de trabalho doméstico e ardis femininos. Como meios de educação das pessoas que devem entrar em ação para libertar-se, sua eficácia é limitada. O conceito de liberdade implicado numa tal libertação é vazio; no que tem de pior é definido pela condição dos homens, êles mesmos não livres, e no que tem de melhor fica indefinido num mundo de possibilidades muito limitadas. De um lado podemos encontrar feministas que esposam a noção de igualdade "social, legal, ocupacional, econômica, política e moral", cujo inimigo é a discriminação e cujos meios são competição e exigência. De outro há aquelas que abrigam o ideal de uma vida melhor, que se seguirá quando uma vida melhor fôr assegurada a todos pelos meios políticos corretos. Para mulheres desgostosas dos meios políticos convencionais, quer constitucionais, totalitários ou revolucionários, nenhuma alternativa pode ter muito apêlo. Podemos desculpar a dona de casa, que deve esperar pelo êxito da revolução mundial para ter liberdade, por perder a esperança, enquanto métodos políticos conservadores não podem inventar jeito pelo qual a unidade econômicamente necessária da família gerida por um homem possa ser diversificada. Mas há uma outra dimensão na qual ela pode encontrar motivo e causa para agir, embora não vá encontrar um roteiro para

Utopia. Ela pode começar não por mudar o mundo, mas por se reavaliar.

É impossível defender a causa da libertação feminina sem haver certeza sôbre o grau de inferioridade ou dependência natural que é inalteràvelmente próprio da mulher. Por isso é que êste livro começa com o **Corpo.** Sabemos o que somos mas não o que podemos ser, ou o que podíamos ter sido. O dogmatismo da ciência expressa o **status quo** como o inelutável resultado da lei: as mulheres precisam aprender a como discutir as mais básicas suposições referentes à normalidade feminina a fim de reabrir as possibilidades de desenvolvimento que têm sido sucessivamente fechadas pelo condicionamento. Assim, começamos no comêço, com o sexo das células. Nada pode ser feito da diferença cromossômica antes que ela se manifeste no desenvolvimento, e desenvolvimento não pode ocorrer num vácuo: desde o princípio nossa observação da mulher é consciente e inconscientemente influenciada por suposições que não podemos impedir de fazer e nem sempre podemos identificar quando foram feitas. A nova suposição por detrás da discussão do corpo é de que tudo o que podemos observar **podia ser de outro modo.** A fim de demonstrar alguns dos aspectos do condicionamento, segue-se uma discussão dos efeitos do comportamento sôbre o esqueleto. De **Ossos** nos deslocamos para **Curvas,** que ainda são essenciais para suposições sôbre o sexo feminino, e a seguir para **Cabelo,** por muito tempo considerado uma característica sexual secundária básica.

A sexualidade feminina tem sido sempre um tópico fascinante; esta discussão tenta mostrar como a sexualidade feminina tem sido mascarada e deformada pela maioria dos observadores, e nunca tanto em nosso próprio tempo. A conformação da mulher já tem sido descrita em têrmos de um tipo especial de condicionamento, e agora o caráter específico daquele condicionamento começa a surgir. O que acontece é que a mulher é considerada um objeto sexual para uso e apreciação de outros sêres sexuais, os homens. A sexualidade dela é tanto negada como falsamente representada ao ser identificada como passividade. A vagina é apagada das imagens de feminilidade da mesma maneira como são suprimidos os sinais de independência e vigor no resto de seu corpo. As características que são apreciadas e recompensadas são as do castrado — timidez, carnes, langor, delicadeza e preciosismo. **Corpo** termina com um exame da maneira pela qual se julga que a reprodução feminina influencia todo o organismo nas operações do **Ventre Perverso,** fonte de histeria, depressão menstrual, fraqueza e inabilidade para qualquer emprêsa duradoura.

O composto de características induzidas de corpo e alma é o mito do Eterno Feminino, agora chamado o **Estereótipo.** Esta é a imagem dominante de feminilidade que rege nossa cultura e à qual tôdas as mulheres aspiram. Considerando que a deusa da cultura

de consumo é um artefato, lançamo-nos no exame de como ela chega a ser feita, a manufatura da **Alma.** O elemento central dêste processo é, como na castração que vimos praticada no corpo, a supressão e desvio da **Energia.** Seguindo o mesmo padrão simples, começamos no comêço com **Bebê,** mostrando como do maior é feito o menos possível. A **Menina** luta para reconciliar sua escolarização segundo linhas masculinas com seu condicionamento feminino até que a **Puberdade** resolve a ambigüidade e a leva com segurança para a postura feminina, se dá certo. Quando não dá, ela sofre condicionamento ulterior como corretivo, especialmente da parte de psicólogos cujas suposições e prescrições são descritas como o **Lôgro Psicológico.**

Pelo fato de tantas suposições sôbre o sexo da mente nublarem a questão da capacidade mental da mulher, segue-se um breve apanhado do fracasso de cinqüenta anos de exame completo e diversificado para descobrir qualquer padrão de diferença nos podêres intelectuais de machos e fêmeas, chamado **A Matéria.** Por os testes terem sido inconvenientes para o prosseguimento da convicção de que as mulheres são ilógicas, subjetivas e geralmente tolas, **Potência da Mulher** toma uma expressão coerente de todo êste preconceito, **Sex and Character,** de Otto Weininger, e transforma em vantagens todos os defeitos que êle define, rejeitando os conceitos de virtude e inteligência de Weininger e esposando aquêles de Whitehead e outros. Como corretivo para um tal enfoque teórico de quão valiosas podem ser tais mentes femininas, **Trabalho** fornece um apanhado factual dos padrões que a contribuição feminina realmente adota e como é valorizada.

> **Chegue-se, mulher, e escute o que tenho a dizer. Volte sua curiosidade uma vez por tôdas para objetos úteis e considere as vantagens que a natureza lhe deu e a sociedade arrebatou. Venha e aprenda como você nasceu a companheira do homem e tornou-se sua escrava; como você acabou por gostar da condição e achou-a natural; e finalmente como o longo hábito da escravidão a degradou tanto que você preferiu seus vícios solapadores, porém convenientes, às virtudes mais difíceis de liberdade e crédito. Se o quadro que vou pintar as deixar donas de si, se puderem contemplá-lo sem emoção, então voltem para seus fúteis tempos passados; "não há mais remédio; os vícios se tornaram costume".**
>
> Chordelos de Laclos, "On the Education of Women". 1783

A castração das mulheres foi processada em têrmos de uma polaridade masculina-feminina, em que os homens têm comandado tôda a energia, canalizando-a numa fôrça conquistadora agressiva, reduzindo todo o contacto heterossexual a um padrão sado-masoquista. Isto significou a distorção de nossos conceitos de **Amor.** Começando com a celebração de um **Ideal, Amor** dedica-se a descrever algumas das perversões principais, **Altruísmo, Egotismo** e **Obsessão.** Estas distorções se mascaram sob várias aparências míticas, de que seguem duas — **Romance,** um relato das fantasias com que é nutrida a mulher desejosa e a desapontada, e **O Objeto da Fantasia Masculina,** que trata das maneiras favoritas pelas quais as mulheres são

apresentadas na literatura especìficamente masculina. **O Mito de Amor e Casamento Próprio da Classe-Média** relata o ascenso da fantasia mútua de amor heterossexual mais comumente aceita em nossa sociedade, como um prelúdio para a discussão da forma normal de vida tal como a entendemos, a **Família.** A família nuclear de nosso tempo é criticada com severidade, e são sugeridas algumas opções vagas, mas a função principal desta parte, como de todo o livro, é principalmente sugerir a possibilidade e a desejabilidade de uma alternativa. O espectro principal daqueles que temem a liberdade é a insegurança, e assim **Amor** termina com uma reprovação da ilusão de **Segurança,** a deidade patrona do estado do bem-estar, nunca tão insubstancial como agora na idade da guerra total, da poluição global e da explosão demográfica.

Por ter sido o amor tão pervertido, acabou em muitos casos envolvendo uma dose de ódio. Em casos extremos toma a forma de **Aversão e Nojo,** ocasionados pelo sadismo, aborrecimento e culpa, e inspira crimes odientos no corpo das mulheres, porém a mais das vêzes se limita a **Abuso** e ridículo, expresso pelo insulto casual e jocosidade. Mais do que tratar das injustiças sofridas pelas mulheres em suas circunstâncias domésticas individuais, estas partes se dedicam a ocasiões mais ou menos públicas em que os padrões complicados de mútua exploração não fornecem qualquer contexto ambíguo. Há muitos relatos de sofrimentos que podem ser encontrados na literatura feminista, assim **Miséria** trata do problema numa escala mais ampla, mostrando quanta evidência objetiva existe de que as mulheres não são felizes mesmo quando seguem o roteiro estabelecido por conselheiros sentimentais e conjugais e o sistema que representam. Embora não haja modêlo de assalto feminino aos homens que se iguale à violência dêles para com as mulheres, há plena evidência da operação **Ressentimento,** conflito não-físico, mas amargo, em geral levado a efeito como uma espécie de jôgo, uma situação ritualizada em que as questões reais nunca emergem. Esta vingança inconsciente tem seu paralelo na **Rebelião** feminina mais organizada e articulada, em que se procura caracterizar os homens como o inimigo e ou competir com êles ou defrontá-los ou atacá-los. Na medida em que tais movimentos **exigem** dos homens, ou os **forçam** a garantir-lhes liberdade, perpetuam o afastamento dos sexos e sua própria dependência.

Revolução deve ocasionar a correção de algumas das falsas perspectivas que nossas suposições sôbre feminilidade, sexo amor e sociedade se combinaram para criar. Tenteando, ela acena para o redesdobramento de energia, não mais a ser usada em repressão, mas em desejo, movimento e criação. O sexo precisa ser resgatado do tráfico entre poderosos e oprimidos, amos e servos, sexuais e neutros, para se tornar uma forma de comunicação entre pessoas potentes, gentis e ternas, que não pode ser realizada pela recusa de contacto heterossexual. O ultrafeminino deve se recusar a não mais

favorecer a autodecepção do Administrador Onipotente, não tanto em o atacando mas em se libertando do desejo de satisfazer-lhe as expectativas. É de se esperar que os homens resistam à libertação feminina porque ela ameaça os alicerces do narcisismo fálico, mas há indicações de que os próprios homens estão buscando um papel mais satisfatório. Se as mulheres se libertarem, por fôrça libertarão seus opressores: os homens bem podem achar que como guardiões únicos da energia sexual e protetores universais de mulheres e crianças empreenderam o impossível, especialmente agora que suas energias mal dirigidas produziram a arma destruidora máxima. Admitindo mulheres em áreas da vida dominadas pelo homem, êles já mostraram um desejo de dividir responsabilidades, mesmo o convite não tendo sido aceito. Agora, que se podia dizer que as mulheres estão para ajudar a carregar a lata cheia da porcaria que os homens fizeram, ninguém devia se surpreender por as mulheres não terem saltado de alegria ante a oportunidade. Se fôsse dado às mulheres pensar que a civilização só havia de chegar à maturidade quando elas nela estivessem envolvidas totalmente, haveriam de se sentir mais otimistas ante a possibilidade de mudança e nôvo desenvolvimento. A crise espiritual que estamos atravessando no presente bem pode ser outra dor de crescimento.

A **Revolução** pouco mais faz do que "assobiar para o que seria". Sugere que as mulheres não deviam se ater a relações socialmente sancionadas, como o casamento, e que, uma vez infelizes lá dentro, não devem ter escrúpulo de escapar. Pode inclusive ser julgada como dando a sugestão de que as mulheres devem ser deliberadamente promíscuas. Sem dúvida sustenta que elas devem ser auto-suficientes e conscientemente se abster de criar dependências exclusivas e outras espécies de simbioses neuróticas. Muito do que ela aponta é pura irresponsabilidade, porém quando o que está em jôgo é a vida e a liberdade, e a sua condição necessária é a recuperação de uma vontade de viver, pode-se julgar a irresponsabilidade um pequeno risco. Já se passam quase cem anos desde que Nora perguntou a Helmer: "O que você considera ser o meu mais sagrado dever?", e quando êle respondeu: "Seu dever para com seu marido e filhos", ela objetou:

> *Tenho um outro dever, igualmente sagrado... Meu dever para comigo mesma... Creio que antes de tudo o mais eu sou um ser humano — tanto quanto você o é... ou de qualquer modo tentarei tornar-me um. Sei muito bem que a maioria das pessoas concordaria com você, Torvald, e sei que você tem um alvará nos livros; porém não posso mais ficar satisfeita com o que a maioria das pessoas diz, e com o que está nos livros. Preciso pensar coisas por mim mesma e tentar entendê-las.* [2]

As relações reconhecidas por nossa sociedade, e dignificadas com todos os privilégios, são apenas aquelas obrigatórias, simbióticas, econômicamente determinadas. O relacionamento mais generoso, terno, espontâneo liquefaz-se dentro do molde aprovado quan-

do lança mão dos aprovados reforços, legalidade, segurança, permanência. O casamento não pode ser um **emprêgo** como se tornou. Para as mulheres o **status** não deve ser medido em têrmos de atrair e enredar um homem. A mulher que constata estar amarrada por milhões de fios liliputianos à uma atitude de impotência e aversão disfarçada em tranqüilidade e amor não tem opção senão escapulir, caso não queira ser corrompida e totalmente extinta. A liberdade é aterradora mas é também fonte de alegria. A vida não é mais fácil nem mais agradável para as Noras que se lançaram na jornada em prol da consciência, porém é mais interessante, e mesmo mais nobre. Tal conselho será chamado de encorajamento da irresponsabilidade, mas a mulher que aceita um modo de vida que ela não escolheu com conhecimento, agindo segundo uma série de contingências falsamente apresentadas como destino, é na verdade irresponsável. Alguém abdicar do próprio entendimento moral, tolerar crimes contra a humanidade, deixar tudo entregue a outrem, o pai-dirigente-rei-computador, não passa de irresponsabilidade. Negar que foi cometido um êrro quando seus resultados são o caos visível e tangível por todos os lados, **isso** é irresponsabilidade. A opressão que jaz em cima de nós não é responsabilidade, porém culpa.

A mulher revolucionária precisa conhecer seus inimigos, os médicos, psiquiatras, visitadores sanitários, sacerdotes, conselheiros matrimoniais, policiais, magistrados e gentis reformistas, todos os autoritários e dogmáticos que se reúnem em manadas em tôrno dela com advertências e conselhos. Ela precisa conhecer suas amigas, suas irmãs e buscar em suas fisionomias a sua própria. Com elas pode descobrir cooperação, simpatia e amor. O fim não pode justificar os meios: se ela descobre que seu caminho revolucionário conduz apenas a mais disciplina e continuada incompreensão, com seus corolários de diminuição e amargura, não importa quão reluzente seja o objetivo que o justificaria, ela deve entender que é um caminho errado e um fim ilusório. A luta que não é alegre é a luta errada. A alegria da luta não é hedonismo e hilaridade, mas o senso de propósito, realização e dignidade que é o reflorescimento da energia estiolada. Sòmente êstes podem dar-lhe apoio e manter o fluxo de energia. Os problemas são apenas igualados pelas possibilidades: cada êrro feito encontra sua redenção no entendimento. As únicas maneiras pelas quais ela pode sentir uma tal alegria são radicais: quanto mais escarnecida e mal aceita a ação que ela empreende, mais radical.

O caminho é desconhecido, assim como é desconhecido o sexo da mulher não castrada. Por mais longe que possamos ver, ainda não é longe bastante para discernir os contornos do que é fundamentalmente desejável. E assim nenhuma estratégia básica pode ser traçada. Ser livre para começar, e encontrar companheiras para a jornada é o quanto precisamos ver de onde nos postamos. O primeiro exercício da mulher livre é inventar seu próprio modo de revolta,

um modo que refletirá sua própria independência e originalidade. Quanto mais claramente as formas de opressão aparecem em seu entendimento, mais claramente ela pode ver o molde da ação futura. Na busca de consciência política não há substituto para a confrontação. Seria fácil demais apresentar às mulheres ainda outra forma de auto-abnegação, mais oportunidades para aspiração e esperança abandonada, mas as mulheres já tiveram fanfarronice bastante. Têm sido conduzidas pelo nariz e de qualquer outra maneira, até que elas venham a reconhecer isto, como qualquer outra pessoa, estão perdidas. Uma elite feminista deve buscar conduzir as mulheres sem compreensão para outra direção arbitrária, treinando-as como fôrça-tarefa para uma batalha que pode, que deve nunca ser travada. Se houver uma batalha armada as mulheres perderão, porque o melhor homem nunca vence; as conseqüências da militância não desaparecem quando a necessidade de militância está ultrapassada. A liberdade é frágil e precisa ser protegida. Sacrificá-la, mesmo como medida temporária, é traí-la. Não se trata de dizer às mulheres o que fazer a seguir, ou mesmo o que querer fazer a seguir. Êste livro foi escrito na esperança de que as mulheres hão de descobrir que têm uma vontade; uma vez que isto aconteça, serão capazes de dizer-nos como e o que querem.

O mêdo da liberdade é forte em nós. Quer a chamemos caos ou anarquia, as palavras são ameaçadoras. Vivemos num verdadeiro caos de autoridades contraditórias, numa idade de conformismo sem comunidade, de proximidade sem comunicação. Podíamos apenas temer o caos, caso o imaginássemos desconhecido para nós. Mas de fato o conhecemos muito bem. É improvável que as técnicas de libertação, adotadas pelas mulheres espontâneamente, entrem num conflito tão feroz como o que existe entre auto-interêsses em choque o dogmas conflitantes, pois elas não buscarão eliminar todos os sistemas, mas o seu próprio. Por mais diversas que elas possam ser, não precisam ser totalmente irreconciliáveis, porque não serão conquistadoras.

Felizmente êste livro é subversivo. Felizmente ficará sob fogo cerrado de tôdas as secções articuladas da comunidade. O moralista convencional encontrará muito de repreensível na negação da Sagrada Família, no denigrimento da sagrada maternidade e na inferência de que as mulheres não são por natureza monógamas. Os políticos conservadores hão de objetar que, advogando a destruição dos padrões de consumo obedecidos pelos compradores principais, as donas de casa, o livro convida à depressão e privação. Isto equivale a admitir que a opressão das mulheres é necessária para a manutenção da economia, e simplesmente ratifica o ponto. Se a presente estrutura econômica só pode mudar entrando em colapso, então seria melhor que entrasse em colapso o mais ligeiro possível. A nação que reconhece que todos os trabalhadores fazem jus a seu salário e então nega pagamento a 19.500.000, não pode continuar.

Os freudianos objetarão que, deixando de lado o conceito tradicional da psique feminina e baseando-se num conceito de mulher que não pode ser encontrado em existência, o livro é mera metafísica, esquecendo-se da base metafísica de sua própria doutrina. Os reformistas lamentarão a imagem da mulher estar barateada pela defesa do delito, uma vez que as mulheres estão cada vez mais empurradas para longe dos centros reais de poder. No reino do computador, os centros de poder político tornaram-se centros de impotência, mas mesmo assim, nada no livro exclui o uso da máquina política, embora possa ser contra-indicada a confiança nela. As críticas mais importantes virão de minhas irmãs da esquerda, as maoístas, trotskistas, as I.S., as S.D.S., por causa de minha fantasia de que seria possível saltar os degraus da revolução e de alguma forma chegar à liberdade e ao comunismo sem estratégia ou disciplina revolucionária. Mas se as mulheres são o verdadeiro proletariado, a maioria verdadeiramente oprimida, a revolução só pode ficar mais perto com a retirada do apoio delas ao sistema capitalista. A arma que sugiro é a mais honrada do proletariado, retirada de trabalho. No entanto, está claro que não considero a fábrica o verdadeiro coração da civilização ou a reentrada das mulheres na indústria como a condição necessária para a libertação. A menos que os conceitos de trabalho e atividade e recompensa pelo trabalho mudem de maneira absoluta, as mulheres devem continuar a fornecer trabalho barato, ou ainda mais, trabalho gratuito exigido de direito por um empregador munido de um contrato vitalício, feito em seu favor.

Êste livro representa apenas outra contribuição para um diálogo em andamento entre a mulher que se pergunta e o mundo. Não foram respondidas perguntas, mas talvez algumas tenham sido formuladas de maneira mais apropriada do que antes. Se não fôr ridicularizado ou revidado, terá falhado em sua intenção. Se os parasitas femininos de maior sucesso não o considerarem ofensivo, então é inócuo. O que podem tolerar é intolerável para uma mulher com algum orgulho. Os opositores do sufrágio feminino lamentavam que a emancipação da mulher significasse o fim do casamento, da moralidade e do Estado; seu extremismo via mais longe do que a melodramática benevolência de liberais e humanistas, que julgavam que dar às mulheres uma dose de liberdade nada transtornaria. Quando ceifarmos a colheita que as sufragistas desavisadas semearam, veremos que os antifeministas afinal estavam certos.

CORPO

GÊNERO

É verdadeiro que o sexo de uma pessoa é atestado por cada célula de seu corpo. O que não sabemos é o que esta diferença nas células significa exatamente em têrmos de seu funcionamento. Nem podemos mesmo provar, partindo das diferenças observadas nas células, uma diferença importante nos tecidos compostos por aquelas células. Fazer quaisquer suposições referentes a superioridade ou inferioridade nesta base é supor o que está muito longe de ser provado. Talvez quando tivermos aprendido como ler o D.N.A., sejamos capazes de ver o que a informação, comum a todos os membros do sexo feminino, realmente é; mas mesmo então será uma discussão longa e tediosa de dados biológicos e sua ligação com o comportamento.

É uma parte essencial de nosso aparelho conceptual considerar os sexos uma polaridade e uma dicotomia na natureza. Na verdade, isso é muito falso. Os reinos vegetal e animal não são universalmente divididos em dois sexos, ou mesmo em dois sexos com a possibilidade de caprichos e tipos indeterminados; algumas felizes criaturas são macho e fêmea por turnos; alguns fungos e protozoários têm mais do que dois sexos e mais de uma maneira de acasalá-los. O grau de distingüibilidade entre os sexos pode variar de modo tão tênue a ponto de ser quase imperceptível a um grau de diferença tão grande que os cientistas por muito tempo permaneceram ignorantes do fato de que espécies classificadas como distintas eram na verdade macho e fêmea da mesma espécie. Os antropólogos nazistas sustentavam que as características sexuais secundárias são mais altamente desenvolvidas nas espécies de nível evolutivo mais alto, apontando que os tipos negróide e asiático tinham freqüentemente características secundárias menos definidas do que os arianos.

De fato, muitas formas simples de vida são de modo mais nítido sexualmente diferenciadas do que os sêres humanos. O que notamos, no entanto, é que as diferenciações entre os sexos huma-

nos são acentuadas e exageradas, e antes de justificar o processo devemos averiguar o **porquê.**

Podemos ver a diferenciação que é essencial para o sexo humano se aumentarmos uma célula corporal ao ponto de podermos ver os cromossomos, digamos 2.000 vêzes. Junto com os quarenta e sete outros cromossomos na célula corporal masculina, há um pequenininho chamado o cromossomo-Y. De fato, não é de todo um cromossomo sexual, e, devido ao seu isolamento, tem problemas peculiares.

> *Uma vez que a mutação dentro de um cromossomo só pode ser testada em diferentes combinações quando êles podem ser livremente distribuídos por* crossing-over, *a supressão do* crossing-over *impede que mutações que venham a ocorrer dentro da forma-Y venham a ser testadas assim. Uma vez que o* crossing-over *não ocorre, o Y não pode sofrer qualquer mutação estrutural por meio de intercâmbio de partes. O cromossomo-Y, portanto, durante sua evolução, chegaria a perder sua eficácia na questão da determinação sexual e seu lugar seria ocupado pelos autossomos interagindo com X.*[2]

Os autossomos são os cromossomos que não são nem X nem Y, e há vinte e três pares dêles nas células corporais. O sexo feminino é assegurado pela presença ao lado dêles de um par de cromossomos que parece exatamente igual a êles mas que de fato são determinantes do sexo, e designados como XX. Em vez de um par XX acrescentado a seus vinte e três pares de autossomos, o macho tem XY. O cromossomo-Y tem uma função negativa: quando um esperma carregando um Y fertiliza um óvulo, simplesmente reduz a soma de feminilidade que resultaria na formação de um feto feminino. Junto com sua masculinidade o feto então herda um certo número de fraquezas que são chamadas de ligadas ao sexo, porque resultam de genes só encontrados no cromossomo-Y. Estranhas deformidades como hipertricose, significando excessivo crescimento de pelos principalmente nas orelhas, esquisitas manchas nas mãos e pés, pele tipo cortiça e uma forma de ligadura dos artelhos são algumas menos conhecidas do que a hemofilia, que é de fato o resultado de um gene mutante no cromossomo-X que o cromossomo-Y não pode suprimir, de modo que é transmitido por mulheres mas só é ativo em homens. O daltonismo segue o mesmo padrão. Cêrca de trinta outras desordens podem ser encontradas nos machos da espécie e raramente nas fêmeas pela mesma razão. Há muita evidência de que a mulher é constitucionalmente mais forte do que o homem; ela vive mais e em cada grupo etário morrem mais homens do que mulheres, embora o número de homens concebidos possa ser maior de dez a trinta por cento. Não há explicação para a concepção mais freqüente de homens, pois os espermatozóides produtores de mulheres são produzidos no mesmo número que os produtores de homens. É tentador especular se não se trataria de uma compensação natural para a maior vulnerabilidade dos machos.[3]

Enquanto a mulher permanece mais próxima do tipo infantil, o homem se aproxima mais do senil. A tendência extrema do homem para a variação se expressa por uma grande porcentagem de gênio, insanidade e idiotia; a mulher permanece mais quase normal.

W. I. Thomas, "Sex and Society", 1907, pág. 51

Recentemente os criminologistas chegaram a outra observação desconcertante referente ao cromossomo-Y. Descobriram que havia uma elevada proporção de indivíduos com o cromossomo XYY, isto é, um Y extra, entre os homens aprisionados por crimes de violência, e o fato parecia estar ligado a certas deficiências na capacitação mental.[4]

O desenvolvimento das características sexuais não é determinado simplesmente pelos cromossomos: esta constitui a diferença principal, mas o desenvolvimento das diferentes características físicas envolve todo o sistema endócrino e a interação de vários hormônios. As mulheres ficaram especialmente cônscias de seus hormônios por causa do uso de hormônios sintéticos na pílula anticoncepcional; como é comum quando tais noções são popularizadas, a função dos hormônios foi descrita com excessiva simplicidade. De fato, a linha plena de atividade dos hormônios é muito imperfeitamente entendida. Intrometendo-se no delicado e flutuante equilíbrio dos hormônios femininos, os cientistas tiveram de admitir que provocaram alterações em funções não sexuais e não reprodutivas não esperadas por êles. Já é bastante difícil entender a simples matemática de genes e cromossomos; quando se chega à química dos hormônios, os processos são muito mais difíceis de traçar. Sabemos que o hormônio masculino, testosterona, induz ao desenvolvimento de características sexuais masculinas, e que está ligado de alguma forma ao outro hormônio masculino, androgênio, que estimula o crescimento de músculos, ossos e ânimo. A secreção de androgênio está sob o contrôle do hormônio da célula intersticial pituitária, como está o hormônio feminino, estrogênio, que é muito parecido com êle. Ambos os sexos produzem ambos; tudo o que sabemos é que se dermos estrogênio a homens, suas características sexuais secundárias se tornam menos evidentes e se dermos androgênio a mulheres o mesmo acontece. Para algumas funções o estrogênio precisa da ajuda do outro hormônio feminino, a progesterona. Tôdas as nossas secreções têm reações complementares e catalíticas: quase que tôda investigação delas nos traz novos compostos químicos com novos nomes. A despeito do bombardeamento feito ao acaso de grandes doses de hormônios nas mulheres, a fim de impedir a concepção, a atitude mais comum em relação a êles, entre aquêles que conhecem, é de respeito e maravilhamento. Ainda prossegue a pesquisa de uma pílula que iniba apenas a função essencial para a concepção, e as mulheres não devem se sentir confiantes até que ela seja descoberta.

O sexo de uma criança é estabelecido na concepção porque cada espermatozóide contém um cromossomo Y e um X, e o óvulo

maduro contém um X. O cromossomo especializado causa a diferença primária, mas o desenvolvimento de traços sexuais decorre de substâncias químicas especializadas nos cromossomos. Até a sétima semana o feto não exibe características sexualmente diferenciadas, e quando o desenvolvimento sexual começa segue um molde notàvelmente similar em ambos os sexos. O clitóris e a cabeça do pênis parecem muito semelhantes de início, e a uretra se desenvolve como um sulco em ambos os sexos. Nos rapazes, o escroto se forma da protuberância genital, nas meninas, a vulva. Se examinarmos o tecido nestes lugares análogos veremos que é de fato diferente, embora as mulheres tenham tecidos similares aos do homem em diferentes sítios.[5]

A própria natureza nem sempre é sem ambigüidade. Às vêzes uma criança do sexo feminino pode ter um clitóris tão desenvolvido que se julga ser ela um menino. Do mesmo modo, muitas crianças do sexo masculino podem ser subdesenvolvidas, ou ter sua genitália deformada ou escondida, e supõe-se serem meninas. Às vêzes elas aceitam seu sexo como descrito, e encaram-se como membros deficientes do sexo errado, assumindo o comportamento e atitudes daquele sexo, a despeito de conflitos especiais. Em outros casos, uma espécie de consciência genética cria um problema que conduz à investigação e o verdadeiro sexo da criança é estabelecido.[6] Alguns, como menininhas nascidas sem vagina, são erradamente considerados neutros: outros, tendo a construção XXY, são considerados mulheres sem ovários. Algumas destas dificuldades podem ser resolvidas por cirurgia plástica, mas com muita freqüência os cirurgiões realizam tais operações por motivos especiais, quando o exame cuidadoso da estrutura da célula corporal revelaria que não está presente nenhuma anormalidade congênita. A maior parte da homossexualidade resulta da inabilidade da pessoa em se adaptar a seu papel sexual dado, e não deve ser tratada como genética e patológica, mas a denominação preconceituosa de **anormalidade** não oferece ao homossexual maneira de expressar esta rejeição, de modo que êle deve se considerar uma extravagância. Os papéis sexuais "normais" que aprendemos a desempenhar desde nossa infância não são mais naturais do que as palhaçadas de um travesti. A fim de se aproximar daquelas formas e atitudes que são consideradas normais e desejáveis, ambos os sexos se deformam, justificando o processo ao tomar como referência a diferença primária, genética, entre os sexos. Mas, de quarenta e oito cromossomos, apenas um é diferente: nesta diferença baseamos uma separação completa entre macho e fêmea, fingindo que todos os quarenta e oito são diferentes. Os franceses bem podem gritar "Vive la différence", pois ela é cultivada incessantemente em todos os aspectos da vida. É mais fácil e mais óbvio tomar em consideração aquela deformidade deliberadamente induzida, tal como ela se manifesta no corpo e em nossos conceitos dêle, pois, por mais que sejamos outra coisa ou pretendamos ser, somos por certo nossos corpos.

OSSOS

Quanto de sexo há exatamente num esqueleto? Quando os arqueólogos estabelecem de modo categórico que a metade de um fêmur vem de uma mulher de vinte anos de idade, ficamos impressionados com a certeza dêles, não nos atingindo o fato de que a afirmativa, sendo um palpite, é por completo inverificável. Um tal palpite é muito mais baseado nas suposições dos arqueólogos sôbre as mulheres do que em algo mais. O que querem dizer é que o osso é tìpicamente feminino, isto é, que **devia** pertencer a uma mulher. Porque é impossível escapar às estereotipadas noções de feminilidade, tal como prevalecem na própria sociedade de uma pessoa, curiosos erros de atribuição têm sido feitos e continuam a sê-lo.

Tendemos a pensar no esqueleto como sendo rígido; êle parece resistir quando tudo o mais se desfaz, assim deve ser uma espécie de rocha imutável, não atingido por condicionamento superficial. Na verdade, êle mesmo está sujeito à deformação de muitas influências. A primeira destas é o esfôrço muscular. Porque os homens são mais vigorosos do que as mulheres, seus ossos têm marcadas, de modo mais claro, as estrias musculares. Se os músculos estão contraídos mediante ligadura ou enfraquecimento, ou por pressão externa contínua que não é contrabalançada, os ossos podem ser postos fora de alinhamento. Os corpos dos homens ficam alterados pelo trabalho que êles fazem, e pelo alimento que os sustenta em seu período de crescimento, e o mesmo se dá com as mulheres, porém as mulheres acrescentam a estas influências outras ditadas pela moda e pelo **sex-appel.** Tem havido grandes mudanças na história da sedução feminina, no que toca à postura aprovada dos ombros, quer pendidos quer retos, para frente ou para trás, e êstes têm sido sustentados por vestidos e coletes, de modo que o delicado equilíbrio de osso para osso sofre a alteração provocada pelo esfôrço dos músculos que mantêm a postura artificial. A espinha tem sido

curvada para a frente no galope dos manequins, ou para trás na curva em S da **art nouveau** ou na tendência da década de cinqüenta. O calçado reforça êstes esforços antinaturais; o sapato de salto alto altera tôda a torsão dos músculos das coxas e da pélvis e joga a espinha para um ângulo que, em alguns círculos, ainda é considerado essencial para a sedução. Não sou tão jovem a ponto de não ser capaz de me lembrar de minha avó implorando à minha mãe que pusesse espartilho em mim, porque achava meu desajeitamento de adolescente deselegante e temia que minhas costas não fôssem o bastante fortes para me manterem numa posição correta. Se tivesse sido espartilhada aos treze anos, minha caixa toráxica teria se desenvolvido de maneira diferente e a pressão para baixo em minha pélvis teria resultado em seu alargamento. Nos dias de hoje torce-se o nariz para o espartilho, porém muitas mulheres não sonhariam em se livrar da cinta que oferece **apoio** e **contrôle das gordurinhas.** Mesmo calças justas são apertadas, e podem causar estranhos sintomas em quem as usa. A curvatura das datilógrafas e a posição recostada das balconistas têm seu próprio efeito sôbre a postura e portanto sôbre o esqueleto.

A maioria das pessoas entende que o desenvolvimento dos membros é afetado pelo exercício feito pela criança em crescimento. Minha mãe nos desencorajava de concorrer com as famosas nadadoras da Austrália, mostrando-nos seus ombros imensos e quadris estreitos, que ela sustentava virem de seu rigoroso treinamento. Concorda-se em que as meninas devam ter um programa de educação física diferente dos meninos, mas não se discute o quanto a diferença é aconselhada pela convicção de que as menininhas não devem se parceer com menininhos. As menininhas parecem tão bonitas fazendo ginástica rítmica, e os meninos tão homens quando se soqueiam.[1] A mesmas hipóteses se estendem para nossas suposições a respeito de esqueletos masculinos e femininos: um esqueleto de mãos pequenas **tem** de ser de mulher, pés pequenos também são femininos mas permanece o fato de que qualquer sexo pode exibir a desproporção.

Estudantes de medicina aprendem anatomia de um modêlo masculino, exceto quando estão lidando explìcitamente com as funções reprodutoras. Aprendem que, **de regra,** o esqueleto feminino é mais leve e menor, e a formação óssea mais infantil que a do homem. Esta última é uma observação feita com freqüência sôbre todo o corpo feminino, que êle é infantilizado ou **pedomórfico,** enquanto o corpo masculino é idoso ou **gerontomórfico.** Esta descrição, longe de implicar qualquer defeito no desenvolvimento feminino, implica numa vantagem evolutiva, em maior elasticidade e adaptabilidade. Disso nada podemos deduzir quer sôbre fôrça física quer sôbre capacidade mental.[2]

A diferença entre o tipo infantil e o tipo idoso não deve ser exagerada: de fato existe uma ampla linha de variação possível, sem

qualquer resquício de uma anormalidade funcional. Tal categorização representa um esfôrço para identificar uma tendência. Em nossa busca de distinções, para justificar as desigualdades no lote masculino e feminino, não só superestimamos a diferença geral, como inventamos diferenças especiais que não existem, como a costela extra que ainda se acredita amplamente existir nas mulheres. Supõe-se que a pélvis feminina, o lugar da diferenciação mais marcada na estrutura óssea dos sexos, é por inteiro diferente da masculina. De fato, a diferença é de dimensões comparativas e de ângulo de inclinação: o traçado básico é comum.[3] Mulheres sedentárias bem-nascidas tendem a possuir pélvis maiores do que mulheres que fazem trabalho pesado ou mal-nutridas, e nelas a diferença sexual é exagerada por influências não ligadas ao sexo biológico, mas à sociologia do sexo.[4] O preconceito de que pélvis estreitas são ineficientes no parto é infundado; a deformação em qualquer direção afetará a eficiência do mecanismo da pélvis. A maioria das pessoas não julga o sexo como os arqueólogos; quando os verdadeiros órgãos sexuais estão escondidos, o tipo sexual é revelado por características superficiais, porém mesmo curvas dependem em parte dos ossos invisíveis do paciente, levantando-as, empurrando-as, bamboleando-as e agitando-as. Viverão êstes ossos?

CURVAS

Quando a alma da festa quer expressar por mímica a idéia de uma bela mulher, êle ondula as duas mãos no ar e olha de soslaio expressivamente. A noção de curva está tão ìntimamente ligada à semântica sexual que algumas pessoas não podem deixar de rir ante a sinalização rodoviária. A imagem mais popular da mulher, a despeito das exigências do comércio de roupas é tôda peitos e nádegas, uma alucinante seqüência de parábolas e protuberâncias.

Comumente julga-se que o corpo feminino está envolvido por gordura protetora, de modo que assim ela é mais aconchegante, sendo a Natureza e Hugh Hefner igualmente obscenos neste comércio. É verdade que as mulheres usam muito menos roupas e mais leves do que os homens, mas não é assim tão fácil determinar se a camada de gordura resulta da necessidade de isolar tais porções expostas ou é anterior a isso. O hábito que têm os homens de envolver seus membros inferiores em longas roupas resultou numa devastação dos tecidos que pode ser constatada nas pernas de galinha que êles expõem em qualquer praia da Grã-Bretanha.[1] Os homens, tanto como as mulheres, têm gordura subcutânea, mas as mulheres criam maiores depósitos em sítios específicos. Em pessoas gordas, a maior parte da gordura está acumulada na camada subcutânea: o que significa realmente o pseudo-fato de que as mulheres têm gordura subcutânea é que as mulheres devem ser mais gordas do que os homens. Històricamente podemos ver que tôdas as pessoas reprimidas e indolentes têm sido gordas, que os eunucos tendem a engordar como um capão, e assim não precisamos nos surpreender por descobrir que ainda persiste a preferência masculina por mulheres macias.[2]

Na natureza o mais primoroso peito não é tão primoroso como o que a *imaginação forma.*

Gregory, "A Father's Legacy to his Daughters", 1809, pág. 64.

A curva mais altamente valorizada de tôdas é a do peito. A glândula real que forma a base do busto é uma estrutura convexa que se estende da segunda à sexta costela, de cima para baixo: a gordura que se acumula em tôrno dela e forma o canal de divisão não é por si mesma uma característica sexual; nos casos em que a possuidora de vastos seios não é gorda em mais nenhum outro ponto o fenômeno é em geral causado por desarranjo endócrino. O grau de atenção que os seios recebem, combinado com a confusão de o que os fetichistas dos seios realmente querem, torna as mulheres indevidamente ansiosas a respeito dêles. Nunca podem estar simplesmente certos; têm de sempre ser pequenos demais, grandes demais, de formato errado, moles demais. As características do estereótipo mamário são impossíveis de imitar porque são simuladas de modo falso, mas têm de ser falsificadas de uma maneira ou de outra. A natureza ou é exagerada ou avarenta.

Um peito cheio é realmente um marco milhar em tôrno do pescoço de uma mulher: valoriza-a para os homens que querem fazer dela sua ama-de-leite, mas nunca lhe é permitido pensar que seus olhos estralados realmente a vêem. Seus seios são para ser admirados apenas enquanto não mostram sinais de sua função: uma vez escurecidos, espichados ou murchos, são objeto de repulsa. Não são partes de uma pessoa mas engodos atados em tôrno de seu percoço, para serem manipulados e sacudidos como massa mágica, ou mascados e devorados como picolés. A única maneira que têm as mulheres para escapar a tal manuseio grosseiro é se recusar a vestir roupas interiores que perpetuem a fantasia de bolas pneumáticas, de modo que os homens tenham de entrar em contacto com as variedades da coisa verdadeira. A ênfase recente nos mamilos, que estava ausente dos seios da pornografia popular, é a favor das mulheres, pois o mamilo é expressivo e sensível. O avanço vegetativo da libertação das mulheres libertou alguns seios da dominação da espuma e do arame. Uma maneira de continuar a progredir na mesma direção pode ser lembrar aos homens que êles também têm mamilos sensíveis.

A curva seguinte na ampulheta do brincalhão é a reentrância da cintura. A cintura é exagerada a fim de enfatizar a curva saliente do busto e das nádegas: mal pode ser considerada de todo um fenômeno natural. Em tôdas as eras em que foi **de rigueur,** as mulheres tiveram de vestir aparelhos especiais para forçá-la, e, tal como a pilha de anéis de latão alonga de fato os pescoços das damas bantus, a cintura veio a existir. As belas do século XIX iam ao extremo de mandar remover as costelas inferiores para que pudessem apertar mais os espartilhos. Uma tribo nativa da Nova Guiné usa cintos apertados tanto para os homens como para as mulheres e a carne tende a avultar acima e abaixo da ligadura, de modo que os homens também têm curvas de ampulheta. Se formos tomar a imposição de colêtes apertados como guia, teremos de supor que a cintura

delicada é valorizada principalmente como um ponto de fragilidade no arcabouço feminino, satisfazendo fantasias sádicas.[3]

O fetichismo das nádegas é comparativamente raro em nossa cultura, embora Kenneth Tynan, há não muito tempo, tenha escrito um artigo de **connoisseur** sôbre os assunto, para uma revista.[4] Revistas subpornográficas ainda apresentam anúncios para cintos com figuras de almofadas imensas, mas de modo geral as grandes extensões trementes de coxas e nádegas em expansão, que divertiram nossos avós, caíram em opróbio.[5] Em vez disso, o traseiro bochechudo em calças justa, mais menineiro do que outra coisa, atrai a mais aberta atenção. As garôtas muitas vêzes se tornam autoconscientes de seus traseiros, enrolando-se em longas capas e túnicas, porém com mais freqüência é porque são dotadas abundantemente demais naquela região.

Há uma espécie de distinção de classes nas preferências sexuais. A querida da classe operária ainda é cheia de curvas e cheiinha, mas a classe média da moda rende seus tributos à esbeltez e mesmo à magreza. Para as mulheres há um aspecto comum em ambas as situações: são-lhes feitas exigências referentes ao contôrno de seus corpos a fim de agradar os olhos dos outros. As mulheres são tão inseguras que constantemente tomam medidas para atender a essa exigência, quer racionais ou não. As mulheres mais magras ainda fazem dieta devido a uma imaginária gordura em qualquer parte ou se afligem por sua falta de curvas: a cheia de curvas se aborrece com o exagêro delas, ou faz dieta para perdê-las. Para a garôta curvilínea, que devia ser magra, e para a garôta magra, que devia ser curvilínea, são oferecidos medicamentos mais ou menos perigosos para que atinjam seus alvos. Em cada caso a mulher está se talhando para apelar ao mercado comprador; seu comprador mais exigente pode ser seu marido, que chega a apresentar a aproximação dela à imagem aceita como a condição de continuar a desejá-la e dela se orgulhar.

Todo corpo humano tem seu pêso e contôrno ótimos que apenas a saúde e a eficiência podem estabelecer. Sempre que tratamos os corpos das mulheres como objetos estéticos sem função, tanto os deformamos como às suas possuidoras. Quer as curvas impostas sejam os excitantes arabescos da rainha das vedetes ou o serpentear atenuado da **art-nouveau,** são deformações do corpo individual e dinâmico, e limitações das possibilidades de ser mulher.

CABELO

O estudante que escreveu aos jornais perguntando porque o diretor de seu colégio ficava tão agitado com o tufo marrom que lhe descia pelo pescoço abaixo e pelo colarinho adentro estava sendo pouco franco. Quando, em nossa geração, os homens começaram a deixar crescer o cabelo não estavam agindo sem motivo, como depois tentaram sustentar. Seu cabelo era um sinal de que não aceitavam a moralidade da geração tosquiada de burocratas que os gerara. Deixando crescer os cabelos conseguiram acabar algumas estranhas pressuposições sôbre seu significado sexual, pois muitos jovens ostentavam cabeças com agitados cachos e longas tranças reluzentes que suas irmãs tentavam imitar em vão. A velha suposição de que na cabeça das mulheres crescia cabelo mais farto e maior do que na dos homens não morreu sem dores.[1] Os homens cabeludos eram chamados de anormais e pervertidos, e as mulheres lançaram mão de cascatas de cabelo comprado para restabelecer o equilíbrio. Enquanto elas faziam construções capilares em suas cabeças e enfeitavam os cílios, resolutamente arrancavam todo fio de cabelo das axilas, pernas e braços. Quando o verão trouxe os anormais para os parques e jardins em trajes sumários, elas perceberam que muitos dêles tinham braços e peito lisos e barba escassa; em vez de compreender o que isto provava no referente à masculinidade de peitos cabeludos, tomaram como sendo mais uma prova de que êstes homens eram degenerados. Há não muito tempo, Edmund Wilson pôde insinuar uma deficiência na virilidade de Hemingway acusando-o de ter cabelo ralo no peito.

O fato é que alguns homens são cabeludos e outros não; algumas mulheres são cabeludas e outras não. Raças diferentes têm diferentes padrões de distribuição capilar. A mais viril das criaturas, o negro, tem muito pouco cabelo no corpo. Algumas mulheres caucasianas de pele escura têm abundante crescimento de cabelo escuro em suas coxas, barrigas da perna, braços e mesmo faces; a

erradicação é dolorosa e leva tempo; no entanto, quanto mais roupa as mulheres têm permissão de tirar, mais cabelo têm de destruir.

O motivo da depilação é cru. De modo totalmente falso, pensa-se ser a sexualidade uma característica animal, a despeito do fato óbvio de que o homem é o mais sexualmente ativo dos animais, e o único que tem sexo independentemente do impulso reprodutor instintivo. Na imaginação popular, estar cheio de cabelo é o mesmo que ser peludo, um indício de bestialidade, e como tal uma indicação de sexualidade agressiva. Os homens cultivam tal estado, exatamente porque são encorajados a desenvolver instintos competitivos e agressivos; as mulheres o suprimem, exatamente como suprimem todos os aspectos de seu vigor e libido. Se elas próprias não sentem suficiente aversão pelo cabelo de seu corpo, outros as levarão a se depilar. Em casos extremos as mulheres raspam ou depilam a área pubiana, para parecerem ainda mais assexuadas e infantis. Imagine, se mesmo Freud podia considerar o cabelo pubiano como uma cortina fornecida por uma espécie de modéstia fisiológica, esta extração também podia figurar como revolta. Os esforços feitos para erradicar todo o cheiro do corpo feminino fazem parte da mesma supressão de animalidade imaginada. Hoje em dia não é suficiente neutralizar a transpiração e o odor do hálito; as mulheres são advertidas em tôdas as revistas femininas sôbre o horror do odor vaginal, que é apresentado como sendo completamente repelente. Homens que não querem suas mulheres raspadas e desodorizadas, completamente sem gôsto, são impotentes ante o desgôsto das mulheres por seus próprios corpos. Por outro lado, alguns homens se orgulham de cheirar e ser cabeludos, como parte da rejeição viril da beleza. Há um meio têrmo entre o encanto de uma pele de bode mal curtida e o glabro corpo inodoro do brinquedo feminino, meio têrmo que é o corpo cuidado e mantido razoàvelmente limpo, o corpo desejável, seja de homem ou de mulher.

SEXO

Os órgãos sexuais das mulheres estão amortalhados em mistério. Supõe-se que a maioria dêles seja interna e oculta, porém mesmo aquêles que são externos estão relativamente escondidos. Quando as menininhas começam a fazer perguntas, suas mães lhes fornecem, se têm sorte, diagramas crus do aparelho sexual, em que os órgãos do prazer figuram de modo muito menos proeminente do que trapalhadas de canais e ovários. Eu própria não percebi que os tecidos de minha vagina eram perfeitamente normais até que vi uma dissecção gravada meticulosamente num livro de anatomia do século XVIII.[1] A menininha não é encorajada a explorar a própria genitália ou a identificar os tecidos que a compõem, ou a entender o mecanismo de lubrificação e ereção. A própria idéia é repugnante. Devido a êste estranho pudor, que uma jovem mulher vai descobrir que se estende mesmo ao consultório médico, em que o médico se mostra relutante em examiná-la e relutante em relatar-lhe o que descobre, o orgasmo feminino tornou-se cada vez mais um mistério, ao mesmo tempo em que tem sido exaltado como um dever. Sua real natureza tornou-se matéria de especulação metafísica. Tôda espécie de idéias falsas ainda estão em circulação a respeito das mulheres, conquanto tenham recebido prova negativa há uns anos atrás: muitos homens se recusam a abandonar a noção de ejaculação feminina que, embora tenha uma história longa e prestigiosa, não passa de completa fantasia.

Parte do pudor que cerca a genitália feminina decorre de verdadeira repugnância. O pior nome com que se pode ofender uma pessoa é **buceta.** A melhor coisa que uma buceta pode ser é pequena e desimpedida: a ansiedade referente à grandeza do pênis só é igualada pela ansiedade referente à pequenez da buceta. Nenhuma mulher deseja descobrir que tem uma vagina igual a uma coleira, ela espera não ser mal-feita ou mal-cheirosa, e servilmente esconde todos os sinais de menstruação por causa do decôro público. As mu-

lheres não foram sempre tão reticentes: na literatura das baladas podemos encontrar encantadores exemplos de mulheres se gabando de sua genitália, como a lasciva meretriz que admoestava um tímido alfaiate em têrmos claros, porque êle não ousava medir-lhe a franjada bôlsa com sua vara:

Você descobrirá que a Bôlsa é tão funda
Que mal chegará ao tesouro. [2]

Outra elogiava suas partes pudendas nestes têrmos:

Tenho uma galante Caixinha,
como você nunca viu igual
Está onde nunca estêve o Mal
um pouco acima de meus joelhos.
De uma Caixinha assim galante
você nunca viu o par;
Então não entregarei minha Caixinha
nem por cinqüenta libras por ano. [3]

A antiga ginecologia estava inteiramente na mão de homens; alguns dêles, como Samuel Collins, descreviam a vagina de modo tão encantador que qualquer mulher que lesse suas palavras ficaria muito contente. Claro que não se pretendia de modo algum que tais livros fôssem vistos por mulheres. Fala da vagina como o Templo de Vênus e do **mons veneris** como o travesseiro de Vênus, mas abandona eufemismos ao descrever as maravilhas da ereção feminina:

... as Ninfas... tendo se estendido, comprimem o Pênis e falam uma delícia no ato do Coito... O uso dos vasos sangüíneos é para distribuir Licor Vital dentro da substância do Clitóris, e dos Nervos impregná-lo com um Suco escolhido inspirado de Espíritos animais (cheio de Partículas Elásticas tornando-o Vigoroso e Tenso)... As Glândulas da Vagina... sendo aquecidas no Coito destilam o rarificado Licor seroso fermentado, através de muitos Meatos na Cavidade da Vagina, e desta forma tornam sua passagem muito úmida e escorregadia, o que é agradável ao Coito... As Artérias Hipogástricas se transmudam em numerosos Ramúculos pelos lados e outras partes da Vagina, que são assim muitos depósitos de sangue para torná-la quente e túrgida no Ato do Coito.4

A descrição de Collins é ativa: a vagina **fala, distila,** é **tensa** e **vigorosa.** Êle e seus contemporâneos consideravam as jovens mulheres mesmo mais ansiosas por contacto sexual do que os homens jovens. Alguns dos têrmos que usavam para descrever os tecidos da genitália feminina em ação são muito informativos e exatos, embora não científicos. A vagina é descrita como sendo revestida "de tunicelas iguais às pétalas de uma rosa desabrochada", com "prega sôbre prega" que "dão prazer na copulação". A vagina era classificada como "bastante sensível" o que é uma descrição exata. Estavam a par do papel especial do clitóris, causando "a doçura do amor" e a "fúria da caça".

A Vagina é feita tão artificial (afável é a palavra) que pode se acomodar a qualquer pênis, de modo que dará entrada a um longo, encontrará um

curto, se alargará para um grosso, se apertará para um pequeno: de modo que todo homem pode muito bem deitar-se com qualquer Mulher, e tôda Mulher com qualquer Homem.

"The Anatomy of Human Bodies epitomised", 1682, pág. 156.

A noção de que as mulheres saudáveis e bem ajustadas teriam orgasmos com origem na vagina foi uma interpolação metafísica nas observações empíricas dêstes pioneiros. Collins aceitou o clitóris como uma parte querida de um órgão amado; não desenfatizou o papel da vagina na criação do prazer, como vimos. Infelizmente temos aceito, junto com a reintegração do clitóris, após sua proscrição pelas freudianas, uma noção da absoluta passividade e mesmo irrelevância da vagina. Fazer amor tornou-se outra habilidade masculina de que as mulheres são os juízes. Tôdas as habilidades que a Espôsa de Bath usava para fazer seus maridos gozarem, os esfíncteres atléticos das môças taitianas, que podem manter seus homens dentro delas tôda a noite, são da mesma forma desconhecidos para nós. Tôda a ênfase lingüística vulgar é colocada sôbre o elemento **que empurra; foder, meter, enfiar, trepar** são todos atos realizados sôbre a mulher passiva: os nomes para o pênis são todos nomes de **ferramentas.** As únicas palavras genuìnamente inter-sexuais que temos para o sexo são o bíblico **conhecer,** e o ambíguo **brincar.** Propagandistas como Theodore Faithfull (e eu) estão tentando alterar a ênfase das imagens correntes. A um homem que tinha dificuldade em alcançar uma ereção, Faithfull escreveu:

> Se você ignorar qualquer idéia de ereção e concentrar sua atenção em sua amiguinha, ignorando o clitóris e usando seus dedos para acariciá-la internamente e se seguir tal atividade de uma íntima associação de seus órgãos sexuais, pode descobrir logo que ela é capaz de puxar seu órgão sexual para dentro de sua vagina sem qualquer necessidade de ereção. [5]

Isto parece mentira terapêutica, no entanto têm sido feitas sérias tentativas para aumentar a participação das mulheres na copulação. A. H. Kegel, ensinando mulheres como superar a fraqueza da bexiga que com freqüência as aflige, mostrou-lhes como excitar os músculos pubococcigianos e descobriu inadvertidamente que isso lhes aumentava o prazer sexual.[6] O que seus parceiros acharam não está relatado. A incontinência resultava da mesma supressão de atividade que inibia o gôzo sexual; podemos achar que, se restaurarmos a capacidade das mulheres em manejar sua própria musculatura, muitas de suas perturbações pélvicas cessariam, e seu prazer sexual cresceria de modo correspondente. Claro que não podemos fazer isto até descobrirmos como a pélvis teria de operar: enquanto as mulheres não puderem operar, não podemos observar sua ação, e desta forma o círculo se perpetua. Se pudesse ocorrer a reação certa em cadeia, as mulheres descobririam que o clitóris estava mais diretamente envolvido no ato sexual e podia ser levado ao clímax por meio de uma maneira menos pomposa e deliberada do que a massagem digital. Em qualquer caso, as mulheres terão de aceitar parte

da responsabilidade pelo seu próprio prazer e o de seus parceiros, e isto envolve uma dose de contrôle e cooperação consciente. Parte da batalha será ganha se puderem mudar sua atitude em relação ao sexo, e envolver e estimular o pênis em vez de **tomá-lo.** Mulheres esclarecidas muito cantaram os deleites da posição feminina superior, porque não são empurradas para baixo pelo corpo mais pesado do homem, e podem responder de modo mais espontâneo. É afinal uma questão de comunicação, e a comunicação não avança com a fórmula **êle fala, eu escuto.**

O banimento da fantasia do orgasmo vaginal é bàsicamente um serviço, mas substituir a genuína satisfação pelo espasmo do clitóris pode acabar sendo um desastre para a sexualidade. As conclusões de Masters e Johnson produziram alguns efeitos laterais imprevistos, como a verdadeira clitoromania que infecta o livro de Matte Eiljersen, **I accuse!** Conquanto falando do orgasmo das mulheres como resultante dos "toques corretos no botão" ela condena os sexologistas que

> recomendam... a estimulação do clitóris como parte do prelúdio para o ato, para o que a maioria dos homens considera ser a "coisa verdadeira". O que de fato é a "coisa verdadeira" para êles é **completamente isento de sensação** para a mulher.
>
> Êste é o âmago da questão! Dissimulado por centenas de anos por mulheres humildes, tímidas e subservientes. [7]

Nem tôdas as mulheres na história têm sido humildes e subservientes a tal ponto. É tolice dizer que uma mulher nada sente quando um homem está movendo o pênis em sua vagina: o orgasmo é qualitativamente diferente quando a vagina pode ondular em tôrno do pênis em vez de ficar inativa. A diferenciação entre o simples prazer inevitável dos homens e as complicadas respostas das mulheres não é de todo válida. Se a ejaculação significasse alívio para todo os homens, dada a constante fabricação de esperma e a resultante pressão para ter relações, os homens podiam copular sem transporte ou desapontamento com qualquer uma. O processo descrito pelos peritos, em que o homem obrigatòriamente faz a ronda das zonas erógenas, gasta tempo igual em cada mamilo, volta sua atenção para o clitóris (em geral por demais diretamente), passa pelos estágios de estímulo digital ou lingual e então polidamente se insinua na vagina, talvez esperando até que a retração do clitóris lhe diga que é bem-vindo, é laborioso e inumanamente calculado. A implicação de que há uma foda estatìsticamente ideal, que sempre resultará em satisfação se os procedimentos corretos fôrem seguidos, é deprimente e enganadora. Não há substituto para a excitação: nem tôda a massagem do mundo assegurará satisfação, porque ela é uma questão de alívio psico-sexual. A verdadeira satisfação não está entesourada num minúsculo feixe de nervos mas no envolvimento sexual de tôda a pessoa. O elevado gôzo continuado do sexo que as mulheres experimentam, que continua depois do orgasmo, observado

com admiração pelos homens, não é baseado no clitóris, que não responde particularmente bem a estímulo continuado, mas numa resposta sensual geral. Se localizamos a resposta feminina no clitóris, impomos às mulheres a mesma limitação de sexo que tem ensurdecido a resposta do homem. O ideal de virilidade sexual masculina, sem langor ou amorosidade, é profundamente desolante: quando o alívio é expresso em têrmos mecânicos, é buscado de modo mecânico. O sexo se torna uma masturbação na vagina.

Muitas mulheres que saudaram as conclusões de Masters e Johnson com gritos de "Eu lhe disse isso!" e "Eu sou normal!" sentirão que esta crítica é uma traição. Descobriram o prazer sexual após êle lhes ter sido negado, mas o fato de terem experimentado sempre apenas satisfação pela estimulação do clitóris constitui evidência para meu caso, porque indica a dessexualização de todo o corpo, a substituição da sexualidade pela genitalidade. O casamento ideal, tal como é medido pelo equipamento eletrônico dos laboratórios da Reproductive Biology Research Foundation, é desfibrado — sexo estúpido para gente estúpida. A personalidade sexual é bàsicamente anti-autoritária. Se o sistema deseja pôr em vigor completa sugestibilidade em tais assuntos, terá de domar o sexo. Masters e Johnson forneceram o clichê para a monogamia padrão, de baixa agitação e esfriada. Se as mulheres se dispuserem a evitar esta última redução de sua humanidade, elas devem defender não apenas o orgasmo, mas o êxtase.

> A organização da sexualidade reflete as feições básicas do princípio de desempenho e sua organização de sociedade. Freud dá ênfase ao aspecto da centralização. Êle é principalmente operativo na "unificação" dos vários objetos dos instintos parciais em um objeto libidinoso do sexo oposto, e no estabelecimento da supremacia genital. Em ambos os casos, o processo unificante é repressivo — quer dizer, os instintos parciais não se desenvolvem livremente para um estágio "mais alto" de satisfação que seus objetivos reservavam, mas são cortados e reduzidos a funções subservientes. Êste processo alcança a dessexualização socialmente necessária do corpo, deixando a maior parte do resto livre para ser usada como instrumento de trabalho. A redução temporal da libido é assim complementada por sua redução espacial. [8]

Se as mulheres acharem que o clitóris tornou-se o único local de seu prazer, em vez de agir como uma espécie de superindução sexual numa resposta mais geral, ver-se-ão elas próprias dominadas pela ética do desempenho, que não seria em si uma regressão, se em nossa sociedade o princípio de desempenho incluísse empreendimento e criatividade. Mas empreendimento e criatividade estão ligados à libido que não sobrevive ao processo civilizante. As mulheres devem lutar para manter as possibilidades alternativas abertas, ao mesmo tempo em que lutam para atingir a espécie de fôrça que pode aproveitar-se delas.

A sociedade permissiva fêz muito para neutralizar os impulsos sexuais, contendo-os. O sexo para muitos tornou-se um triste negócio, um alívio mecânico que não envolve nem descoberta nem

triunfo, sublinhando o isolamento humano mais desanimadoramente do que nunca. As orgias temidas pelos puritanos não se materializaram em cada esquina, embora maior número de môças permita mais (com menos alegria) liberdades do que talvez o fizessem antes. A homossexualidade em muitas formas, na verdade qualquer tipo de sexo que pode escapar à mão morta da instituição — sexo grupal, sexo criminal, violação de crianças, servidão e disciplina — floresceu, a simples energia sexual parece estar decididamente se difundindo e dissipando. Não que o esclarecimento seja nocivo, ou por a repressão ser um aguilhão necessário para a impotência humana, mas porque o esclarecimento sexual aconteceu sob subsídio governamental, de modo que suas descobertas foram difundidas em má prosa e jargão clínico pelo mundo todo. A permissão de falar livremente de sexualidade resultou apenas no estabelecimento de outra senha de normalidade sexual, recheada de desonestidade e sentimentos-padrão. Mulheres que entendem sua experiência sexual do modo como Jackie Collins escreve a respeito estão irreparàvelmente perdidas para si próprias e seus amantes:

> Êle a levou para o quarto de dormir e despiu-a lentamente, êle fêz-lhe amor belamente. Nada frenético, nada apressado. Êle acariciou o corpo dela, como se não houvesse nada mais importante no mundo. Levou-a à beira do êxtase e de volta outra vez, mantendo-a a flutuar, seguro de cada movimento que fazia. Os seios dela cresceram sob seu toque, dilatando-se, tornando-se mesmo maiores e mais firmes. Ela flutuava num plano suspenso, uma completa prisioneira das mãos e do corpo dêle. Êle tinha surpreendente contrôle, parando exatamente no momento certo. Quando aconteceu foi apenas porque êle queria que acontecesse, e êles gozaram em absoluto uníssono. Ela nunca experimentara **aquilo** antes, e ela grudou-se a êle, palavras atropelando-se para fora de sua bôca, dizendo do quanto ela o amava. Depois ficaram deitados e falaram. "Você é uma mulher inteligente tendo-me feito esperar até depois de têrmos casados!" [9]

A heroína de Miss Collins é pudica, passiva, calculista, egoísta e estúpida, a despeito de suas têtas capazes de miraculosa expansão. Quando seu marido fica cansado de tocar êste instrumento sexual, ela pode não ter outro recurso senão continuar a refestelar-se em sua câmara de ar desinflada, perguntando-se o que teria andado errado. Não há menção de órgãos genitais: tudo acontece num desmaio ou num pântano de sensação indiferenciada. Êle labora para o prazer dela como um eunuco num harém. O sexo é arreado a serviço da contra-revolução.

> **Abraços são sinais de chegada da Cabeça aos Pés,**
> **E não um pomposo Alto Sacerdote entrando por um Lugar Secreto.**
> Blake, "Jerusalém", pl. 69, ll.39-40

O que Jackie Collins está expressando é o mais comum ideal romântico da foda perfeita. Mostra quão profundamente acreditamos no conceito do domínio masculino. A heroína de Miss Collins estava manipulando o desejo sexual colonizante de seu parceiro, fazendo-o esperar, o quanto agüenta a impaciência dêle, até que este-

ja pronta. Manipulando os violentos impulsos dêle, ela exerceu uma superioridade ilusória, pois ela é terna, sentimental e modesta, amando não para sua própria satisfação, mas como expressão de estima, confiança e verdadeiro amor, até que pudesse civilizá-lo para o casamento e o desempenho sexual de virtuoso. O complicado aspecto psíquico do amor dêle é desvalorizado; ela ainda está sòzinha, de modo egoísta, sem libido para desejá-lo ou levá-lo a nôvo prazer nela. Jackie Collins e os livros de sexo mostram que ainda fazemos amor com órgãos e não com pessoas: que até que percebamos que as pessoas nunca são mais idiossincráticas, nunca estão mais **ali** do que quando fazem amor, ficaremos cada vez mais incomunicáveis, cada vez mais sòzinhos.

O VENTRE PERVERSO

Sexo não é o mesmo que reprodução: a relação entre os dois é especialmente tênue para os sêres humanos, que podem copular quando querem, e não apenas quando são levados a isso pelo cio ou por um desejo instintivo. A diferença deve ter sido, pelo menos em parte, causada pelo fato de os sêres humanos terem memória, vontade e entendimento para experimentar o prazer do sexo e desejá-lo por si mesmo. As menininhas só aprendem a respeito do prazer do sexo como uma implicação de suas descobertas sôbre sua função reprodutiva, como algo meramente incidental. Toma-se muito mais cuidado em informá-las sôbre o trauma da menstruação que se aproxima e a pavorosa possibilidade de gravidez se "perderem o contrôle" ou "derem corda" aos desejos sexuais, do que em ver que reconheçam e recebam bem êstes desejos sexuais, em primeiro lugar. Assim a menina em crescimento sabe mais sôbre seu útero do que a respeito de sua genitália externa, e nem tudo que ela sabe constitui boa notícia.[1]

Seu conhecimento do ventre é acadêmico: a maioria das mulheres não sente realmente nenhuma das atividades de seus ovários ou útero até que andem errado, como quase sempre acontece. Muitas mulheres, pode-se dizer que mulheres demais, morrem de moléstias em órgãos que elas virtualmente ignoraram durante tôda a vida, a cerviz, a vulva, a vagina e o útero. Parte do transtôrno é causado pelo diagnóstico tardio da doença, começando de uma maneira trivial e tratável, que advém do obscurantismo falsamente dignificado como "pudor". Desde tempos imemoriais, o útero tem sido associado com transtôrno, e, em parte, a relutância mostrada pelos médicos em atender às ansiedades que as mulheres sentem a respeito de seu complicado aparelho decorre dêste mêdo atávico. A frigidez é encarada nas mulheres como uma condição comum, resultante de má sorte e manuseio deficiente; nos homens a impotência é tratada com a maior seriedade. Qualquer lesão trivial no pênis é

examinada com cuidado ostentoso de modo a que o homem não venha a se sentir ameaçado por ansiedades de castração, mas o pobre velho útero precisa jorrar sangue ou entregar os pontos para que alguém leve a sério sua condição. O critóris é ignorado: uma enfermeira uma vez quase cortou fora o meu quando raspando-me para uma operação. Mesmo os tão gabados esfregaços cervicais são feitos raramente em nossa comunidade. Consegui fazer um pela primeira vez quando, em desespêro, fui a uma clínica para doenças venéreas porque meu próprio médico não queria examinar minha vagina ou usar a patologia para descobrir a natureza de uma irritação, que acabou sendo exatamente o que eu pensava que era. Na clínica, os esfregos cervicais eram feitos como **coisa de rotina**; no respeitável médico não eram feitos de modo algum. O enorme escarcéu sôbre os estranhos resultados impalpáveis da vasectomia sôbre a psique masculina resulta dêste continuado falocentrismo; os inventores da pílula se preocuparam tão pouco com a psique feminina que decorreram anos antes que descobrissem que uma mulher em três estava crônicamente deprimida. O cuidado exagerado pelo aparelho masculino, junto com a relutância em dispensar-se atenção séria ao útero e seus cervicais é o fruto de séculos de temor do útero, que não vai ser erradicado por ação política ou berros em comícios.[2] As mulheres precisam antes de tudo informar-se a respeito de seus próprios corpos, empreender o estudo de ginecologia e obstetrícia, e, não menos, vencer seu próprio preconceito em favor de médicos homens.

A mais recente forma de fantasia sôbre o útero é a noção que ainda prevalece enormemente da patologia da **histeria,** ainda na Europa do século vinte. De início, foi chamada a **mãe,** e pensava-se ser o útero itinerante que trepava pela garganta de uma môça e a chocava. Os anatomistas mais céticos, conquanto deplorando as artes

> **Que a Mãe (como a chamam) entra na garganta de mulheres casadas e Donzelas, é acreditado por milhares como uma verdade; que certamente o tendão da Mãe está no fundo da garganta e que a veia da Mãe também está lá localizada, fantasia que é astutamente manejada por uma certa Mulher nesta Cidade, que desta forma engana muitas mulheres inocentes, e maravilhosamente se enriquece.**
>
> "In libelum Hippocrates de virginum morbis", 1688, pág. 73.

que charlatães e bruxas usavam para acalmar histéricas, acreditavam que o útero estava "carregado de sangue e semente rançosa de onde se elevavam vapores sujos e doentios", desenvolvendo sua própria estranha teoria de congestão pélvica.[4] Supunha-se que mulheres não casadas e viúvas sofressem mais de histeria, e que um bom marido podia curá-las. A doença verde, imaginária mas muito sèriamente discutida, rebatizada de "clorose" pelos médicos ansiosos de obscurecer as origens folclóricas de suas idéias, surgiu da mesma maneira.[5] As descrições da condição são vívidas, e embora algumas delas incorporem sintomas decorrentes de outras causas, geralmente po-

demos observar as mesmas síndromes hipocondríacas que são atribuídas à histeria nos dias de hoje: epilepsia, asma, falta de ar, flatulência, **sengus globi in adbomine se volventis,** lassidão, convulsões, menstruação dolorosa. Alguns médicos acreditaram que **est femineo generis pars una uterus omnium morborum," o útero é parte de tôda doença do sexo feminino."** Considerava-se as mulheres como estando por natureza sujeitas à tirania do útero insaciável, e a sofrer sintomas que os homens só sofreriam se consentissem em excessivo autoabuso.[6] Embora o mecanismo de repressão fôsse descrito de várias maneiras, a reação àquele mecanismo era tomada (como em geral é) como sendo um motivo para continuá-la. As mulheres eram fracas demais, por demais vulneráveis às influências irracionais para que lhes fôsse permitido controlar suas próprias vidas. Quando uma de minhas alunas desmaiou no exame final com cólicas e amargos soluços incontroláveis, a causa foi oficialmente assinalada como **histeria:** a etiologia de seu caso tinha particular importância mas a palavra **histeria** parecia fornecer tôdas as respostas.

Embora não acreditemos mais em clorose, uma vez que as donzelas se tornaram uma parte essencial, se bem que doméstica, da mão-de-obra, acreditamos que solteironas estão prontas a serem consumidas e devastadas pela frustração. Apenas recentemente é que as outras aterrorizantes funções do útero foram publicadas e aceitas. É permitido aos maridos participar dos mistérios do nascimento, que não precisa mais ocorrer num conventículos de mulheres. As mulheres não têm mais de ser purificadas ou bentas após a gravidez. Têm sido feitas tentativas para reduzir a impressão de que o parto é uma espécie de punição para as mulheres, e para reeducá-las na procriação, uma vez que os mais sinistros companheiros do parto — febre puerperal e hemorragia súbita — foram colocados sob contrôle. Embora poucos homens ainda tenham que contemplar em horror enquanto suas mulheres se encaminham desemparadamente para a morte através de abôrto e prolapso, nós ainda não chegamos a têrmos com o ventre sinistro. A manifestação mais penetrante e significativa da sobrevivência daquele mêdo atávico está na atitude comum para com a menstruação.

Mulheres que abraçam a fé maometana, hindu ou mosaica, têm de se considerar impuras em sua época de menstruação e excluir-se por um certo tempo. O catolicismo medieval fazia a estipulação de que mulheres menstruadas não entrassem na igreja. Embora o esclarecimento esteja se alastrando neste campo em seu ritmo usual, ainda temos marcada aversão pela menstruação, evidenciada principalmente por nossos esforços em mantê-la secreta. O sucesso do tampão se deve em parte ao fato de estar oculto. A chegada da menarquia é mais importante do que qualquer aniversário, mas nos lares anglo-saxões é ignorada e cuidadosamente escondida do conhecimento geral. Durante seis meses, enquanto estava esperando minha primeira menstruação, carreguei um saco de

papel com forros e alfinetes em minha sacola escolar. Quando ela finalmente veio, sofri agonias com mêdo de que alguém adivinhasse ou **sentisse o cheiro** ou algo assim. Meus forros eram feitos de toalha grossa, e eu costumava rastejar para dentro da lavanderia e agachar-me sôbre um balde de panos sujos, esperando que meu irmão não me pegasse em meus revoltantes trabalhos. Não é de surpreender que jovenzinhas bem-nascidas e delicadas achem difícil adaptar-se à menstruação quando nossa sociedade nada mais faz do que explicá-la e deixá-las às voltas com ela. Entre os aborígenes que viviam junto ao rio Pennefather, em Queensland, as meninas costumavam ser enterradas até à cintura em areia quente para ajudar as primeiras contrações, e eram alimentadas e cuidadas pela mãe num lugar sagrado, para serem levadas em triunfo ao campo, onde participavam de uma festa para celebrar sua entrada para a companhia de donzelas casadouras; parece bem provável que a menstruação fôsse muito menos traumática.[7] As mulheres ainda compram toalhas sanitárias com enorme discrição, e carregam pilhas delas nas bôlsas quando apenas precisam de uma. Ainda recuam ante a idéia de relação sexual durante a menstruação, e acham que o sangue que delas mana é de um tipo especial, embora talvez não tão especial quanto se julgava ser quando êle era o líquido apresentado ao demônio nas beberagens de amor das feiticeiras. Se você se julga emancipada, deve considerar a idéia de provar seu sangue menstrual — se isto a deixa enjoada, tem um longo caminho a percorrer, minha filha.

A menstruação, dizem-nos, é única entre os processos corporais naturais pelo fato de envolver uma perda de sangue. Supõe-se que a natureza é um triunfo de planejamento, e que nenhum de seus processos é desperdiçado ou necessite alteração, em especial quando só tem inconveniente para as mulheres, e portanto julga-se extremamente improvável que haja qualquer dor "verdadeira" associada à menstruação. De fato nenhuma menina, que se descobre sangrando de um órgão que ela não sabia ter até que êle começou a incomodá-la, julga que a natureza é um triunfo de planejamento e que, seja lá o que fôr, está certo. Quando ela descobre que o sofrimento que faz parte dêsse horror é de certa maneira **sua culpa,** o resultado de adaptação imprópria a seu papel feminino, ela realmente se sente como a vítima de uma piada de mau gôsto. Os médicos admitem que a maioria das mulheres sofre "desconfôrto" durante a menstruação, mas discordam muito sôbre em que proporção as mulheres sofrem dor "verdadeira". Não importa se as contrações do útero são dolorosas em algum sentido absoluto ou se podem ser tornadas confortáveis por alguma psicoterapia. O fato é que nenhuma mulher menstruaria se não tivesse de fazê-lo. Por que as mulheres não haviam de se ressentir de uma incoveniência que causa tensão antes, depois e durante; desagrado, odor, sujeira; que ocupa cêrca de um sétimo a um quinto de sua vida adulta até a menopausa; que a torna fértil trinta vêzes por ano quando ela apenas espera dar à luz duas vêzes

na vida; quando a cessação da menstruação pode significar vários anos de desarranjo endócrino e a gradual atrofia de seus órgãos sexuais? O fato é que a natureza não é um triunfo de planejajmento, e cada batalha contra a doença é uma interferência em seus planos, de modo que não há base racional para supor que a menstruação, como a conhecemos, precise ser ou deva ser irreversível.

A contradição na atitude que encara a menstruação como ordenada por Deus e contudo não mencionável, conduz à intensificação da revolta feminina contra ela, que pode ser traçada em tôdas as palavras comuns para denominá-la, como a **praga**,* e o degrado masculino expresso em têrmos como **estar incomodada.** Temos apenas a escolha de três tipos de expressão: a vulgar ressentida, a gentil ("Estou com as regras", "Estou indisposta") e o jargão científico de **mênstruo.** As meninas no entanto são irrepreensíveis: numa escola de meninas de Sidney elas referem-se às toalhinhas afetuosamente como **margaridas;** as garôtas italianas chamam sua menstruação de **il marchese** e a môças alemãs de **der rote König.** Pode-se invejar o meio adotado por **La Dame aux Camélias** para notificar sua condição aos cavalheiros amigos, mas se fôsse adotado em larga escala poderia parecer uma marca de proscrição, uma espécie de sino de leproso. Tem havido alguns movimentos para trazer a menstruação a público de uma maneira não preconceituosa, como o poema de Sylvia Plath sôbre a menstruação.[8] Talvez precisemos de um filme feito por um artista sôbre a investida da menstruação, em que a implicação surja de algum modo não acadêmico, se não conseguirmos arranjar por qualquer outro meio a celebração pública da entrada de uma criança em sua condição de mulher.

A menstruação tem sido muito usada como argumento referente à capacitação da mulher para certos empregos: no que diz respeito ao confôrto das mulheres os efeitos são minimizados — no que diz respeito à conveniência de nossos senhores, quando ela é ameaçada, seus efeitos são aumentados. As mulheres não ficam mais incapacitadas pela mentruação do que os homens pelo seu hábito de beber, sua hipertensão, suas úlceras e seus temores quanto à virilidade. Não é necessário dar feriados de menstruação. Pode ser que as mulheres cometam crimes durante os períodos pré-menstrual e menstrual, mas é também verdade que as mulheres cometem muito menos crimes do que os homens. As mulheres devem tomar consciência dêste alistamento da menstruação no argumento antifeminista, e neutralizá-lo por meio de seus próprios balanços da situação. A menstruação não nos transforma em maníacas raivosas ou inválidas completas; isso é bem o que antes faríamos sem ela.

(*) Têrmo que corresponde ao inglês **curse,** em nossa língua não há correspondência de uso de têrmo assim brutal. N.T.

ALMA

O ESTEREÓTIPO

Naquela misteriosa dimensão onde o corpo encontra a alma, a mulher-estereótipo nasceu e tem seu ser. Ela é mais corpo do que alma, mais alma do que mente. A ela pertence tudo que é belo, mesmo a própria palavra beleza. Tudo isto existe para embelezá-la.

Pensando desde a infância que a beleza é o cetro da mulher, a mente se amolda ao corpo e, vagueando em tôrno de sua gaiola dourada, apenas procura adornar sua prisão

Mary Wollstonecraft
"A Vindication of the Rights of Women", 1792, pág. 90

O sol brilha apenas para bronzear sua pele e dourar-lhe o cabelo; o vento sopra apenas para acender a côr de suas faces; o mar se debate para banhá-la; as flôres morrem alegremente para que sua pele possa se deliciar com sua essência. Ela é a rainha da criação, sua obra-prima. As profundezas do oceano são saqueadas em busca de pérola e coral para adorná-la; as entranhas da terra são revolvidas para que ela possa usar ouro, safiras, diamantes e rubis. Foquinhas são batidas com porretes, cordeiros não nascidos desentranhados dos ventres maternos, milhões de toupeiras, lontras, esquilos, minks, arminhos, rapôsas, castores, chinchilas, linces e outras criaturas pequenas e adoráveis sofrem mortes prematuras para que ela possa ter peles. Garças, avestruzes e pavões, borboletas e escaravelhos cedem-lhe suas plumas e asas. Homens arriscam a vida caçando leopardos para seus casacos, e crocodilos para suas bôlsas e sapatos. Milhões de bichos-da-sêda oferecem-lhe seu trabalho dourado; mesmo as costureiras fazem bainhas e entrançam rendas à mão para que ela possa ser vestida com o melhor que o dinheiro pode comprar.

Os homens de nossa civilização se despiram das preciosidades da terra para que mais livremente pudessem trabalhar na pilhagem dos tesouros do universo com que adornam minha dama. Novas matérias-primas, novos processos, novas máquinas são postos em

uso. Minha dama deve ser assim a gastadora principal, bem como o símbolo principal da capacidade de gastar e do sucesso monetário. Enquanto seu parceiro labuta na fábrica, ela troteia pelas ruas mais finas e mais requintados hotéis com a fortuna dêle sôbre as costas e o peito, dedos e pulsos, continuando aquela despesa essencial em sua casa, que é sua moldura e cenário, gozando aquela ociosidade acetinada que é a condição necessária para a manutenção do prestígio de seu parceiro e de sua qualificação para demonstrá-lo.[1] Era uma vez o tempo em que apenas a dama aristocrática podia pretender o título de rainha da criação: apenas suas mãos eram bastante brancas, seus pés bastante minúsculos, sua cintura bastante fina, seu cabelo bastante longo e dourado; mas tôda mulher de burguês bem-pôsto pôs-se a macaquear minha dama e a seguir a moda, até que minha dama foi obrigada a arrumar-se como uma boneca dourada, sobrecarregada de monstruosos rubis e pérolas do tamanho de ovos de pomba. Hoje em dia a Rainha da Inglaterra ainda considera parte de seu papel real feminino ostentar o mais que pode das jóias da família, em qualquer tempo, em tôdas as ocasiões públicas, embora os monarcas masculinos tenham escapado a êsse dever de vitrina, que permanece exclusivamente com suas mulheres.

Ao mesmo tempo em que a mulher estava se tornando a vitrina da riqueza e classe social, enquanto os homens escorregavam para um relativo anonimato e "formoso é quem age de modo formoso", ela estava surgindo como o emblema central da arte do ocidente. Para os gregos, o corpo do homem e da mulher possuía a beleza de uma espécie humana, não necessàriamente sexual; na verdade podem, de modo marginal, ter favorecido o jovem como mais poderoso e perfeitamente proporcionado. Da mesma maneira os romanos não mostravam inclinação para a representação da feminilidade em sua arte predominantemente monumental. Na Renascença, a forma feminina começou a predominar, não apenas como a mãe no emblema preponderante da **madonna col bambino,** mas como um estudo estético em si. De início, formas femininas nuas tiveram sua oportunidade em cenas de multidão ou dípticos de Adão e Eva, mas gradualmente Vênus reivindicou ascendência, Maria Madalena deixa de ser murcha e definida e se torna núbil e extasiada, retratos de jovens mulheres anônimas, escolhidas apenas por sua boniteza, começam a aparecer, são gradualmente desnudados e rebatizados de Flora ou Primavera. Os pintores começam a pintar suas próprias mulheres e amantes e consortes reais como voluptuosas beldades, retirando-lhes as roupas se desejável, mas não as jóias. Susanna conserva os braceletes no banho, e Hélène Fourment do mesmo modo se envolve em sua peliça!

A mesma coisa que aconteceu à mulher na pintura aconteceu-lhe na poeia. Sua beleza foi celebrada em têrmos dos ricos que se acotovelavam em tôrno dela: seus cabelos eram fios de ouro, sua testa, marfim, seus lábios, rubi, seus dentes, portões de pérola, seus

seios, alabastro com veias de lápis-lazuli, seus olhos tão negros eram azeviche.[2] A fragilidade de seu encanto era realçada pelas inevitáveis comparações com a rosa, e apressavam-na para que empregasse e beleza em fazer amor antes que murchasse no caule.[3] Ela era para consumo; outras espécies de imagens falam dela em têrmos de cereja e creme, lábios tão doces como o mel e pele tão branca como o leite, seios como creme batido, tão duros como maçãs.[4] Algumas louvações suspiravam sôbre suas preciosidades, sua cambraia mais transparente que o orvalho da manhã, sua renda tão delicada como teias de aranha, os bilboquês com que brincava e os favores que concedia.[5] Mesmo agora encontramos o herói sensacional descrevendo as roupas elegantes de suas damas da alta-roda, seus chapéus exclusivos, seus acessórios e calçados bem escolhidos; as imagens não mais se referem a jóias e flôres mas a ênfase na consumidora é a mesma. A apagada secretária floresce no estereótipo quando pinta os lábios, solta os cabelos e veste algo vaporoso.

Não se espera que as mulheres de hoje, a menos que sejam Paola di Liegi ou Jackie Onassis, e então apenas em ocasiões de gala, apareçam com um resgate real espalhado pelo corpo, mas exige-se que pareçam caras, na moda, bem tratadas, e que não se mostrem duas vêzes com o mesmo vestido. Se o dever de umas poucas pode ter se tornado menos oneroso, tornou-se também o dever de grande número. O estereótipo dispõe de um exército de serviçais. São-lhe fornecidos cosméticos, roupas interiores, meias, perucas e penteados bem como seus trajes exteriores, suas jóias e peles. O efeito é para ser conseguido camada por camada, e é caro. O esplendor cedeu lugar ao talhe, à linha e ao corte. O espírito de competição precisa ser mantido, enquanto um número cada vez maior de mulheres luta para atingir a gaveta do alto, de modo a que a indústria da moda possa se fiar num mercado em expansão. Mulheres mais pobres falsificam, macaqueiam, atingem a moda uma **saison** mais tarde, usam efeitos crus, confundindo a linha, o brilho, o replendor do artigo de alta-classe com um vistoso simulacro. O negócio é tão complexo que tem de ser manejado por um **expert.** Os parágonos do estereótipo têm de ser vestidos, penteados e pintados pelos especialistas e estilistas, ainda que devam ser encorajadas a dar ânimo às donas de casa, que estudam suas vidas em revistas populares, proclamando fidelidade a seu próprio cabelo e à água e sabão. O alarde é em geral mais desencorajante do que outra coisa, infelizmente.

Enquanto ela é jovem e de boa presença, tôda mulher pode acarinhar o sonho de pular a escala social e ofuscar o resplendor do luxo com o puro encanto natural; os poucos exemplos de um tal fato são mantidos frente aos olhos do público. Abastecidas de esperança, otimismo e ambição, jovens mulheres estudam as últimas formas do estereótipo, divulgadas no **Vogue, Nova, Queen** e outras publicações luxuosas, onde os manequins as fixam de entre

os anúncios de fabulosas residências, peles e jóias. Em nossos dias a uniformidade da moda do ano é severamente afetada pelo surgimento de atrevidos figurinistas na Grã-Bretanha, que dirigem seu apêlo à môça que trabalha enfatizando a variedade e o confôrto e efeitos simples e surpreendentes. Não há mais um único rosto do ano: mesmo Twiggy teve de se voltar para uma aparência pessoal própria para o mercado e racional, enquanto a Shrimp trabalha principalmente em Nova Iorque. Não obstante, o estereótipo é ainda supremo. Ela simplesmente permitiu-se um pouco mais de variação.

O estereótipo é o Eterno Feminino. Ela é o Objeto Sexual perseguido por todos os homens, e por tôdas as mulheres. Não é de nenhum sexo, pois ela própria não tem sexo algum. Seu valor é tão sòmente atestado pela exigência que ela excita nas outras. Sua contribuição se limita à existência. Nada precisa realizar, pois é a recompensa da realização. Nunca precisa dar evidência positiva de seu caráter moral, porque a virtude é deduzida de seu encanto e de sua passividade. Se algum homem, que não tem direito a ela, com ela fôr encontrado, ela não será punida, pois é moralmente neutra. É tão só uma questão de rivalidade masculina. Com tôda a inocência ela pode levar os homens à loucura e à guerra. Quanto mais transtôrno é capaz de causar, mais sua cotação sobe, pois a posse dela mais significa quanto maior disputa ela excita. Ninguém quer uma garôta cuja beleza é imperceptível para todos menos para êle; e assim os homens acolhem o estereótipo porque êle dirige seu gôsto

O mito da mulher negra forte é o outro lado da moeda do mito da bela loura muda. O homem branco transformou a mulher branca numa extravagância débil mental, fraca e delicada, um pote de sexo, e colocou-a num pedestal; transformou-a em sua cozinha... O homem branco transformou-se no Onipotente Administrador e estabeleceu-se no Escritório da Fachada.

Eldridge Cleaver, The Allegory of the Black Eunuchs,
"Soul on Ice", 1968, pág. 162.

para as áreas de valor mais comumente reconhecidas, embora possam protestar porque alguns aspectos dêle não se enquadram com seus fetiches. O homem das pernas pode seguir as míni-saias, o homem das têtas pode encorajar blusas transparentes e decotes profundos, conquanto o homem que gosta de mulheres gordas pode se sentir constrangido e gozá-las em segrêdo. Há limites estritos para as variações em tôrno do estereótipo, pois nada deve interferir em sua função de objeto sexual. Deve vestir couro, embora não possa de fato manejar uma motocicleta: deve vestir borracha, mas não seria indicado que ela fôsse exímia mergulhadora ou exploradora submarina. Se ela veste roupas atléticas o propósito é sublinhar sua falta de atletismo. Ela pode sentar-se em cima de um cavalo, parecendo macia e curvilínea, mas não deve se agarrar ao pescoço dêle com o traseiro para o ar.

Ela foi criada para ser o brinquedo do homem, seu chocalho, e deve retinir em seus ouvidos sempre que, deixando de lado a razão, êle escolhe ser divertido.

Mary Wollstonecraft

"A Vindication of the Rights of Women", 1792, pág.66.

Por ser ela o emblema da capacidade de gastar e a principal compradora, é também a mais eficiente vendedora dos bens dêste mundo. Tôda a pesquisa jamais feita tem mostrado que a imagem de uma mulher atraente é o mais eficiente recurso de propaganda. Ela pode sentar-se no pára-lama de um nôvo carro, ou entrar nêle faiscando de jóias; pode jazer aos pés de um homem, agarrando suas novas meias; pode segurar a bomba de petróleo numa pôse desafiante, ou dançar através de clareiras na floresta em movimento lento em tôda a glória de um nôvo **shampoo;** o que quer que ela faça, sua imagem vende. A ginolatria de nossa civilização está escrita com caracteres maiúsculos em seu rosto, em cartazes, telas de cinema, televisão, jornais, revistas, latas, pacotes, caixas, garrafas, tudo consagrado à deidade reinante, o fetiche feminino. Não se deve pensar que seu domínio dê a medida do papel da mulher, pois ela não é uma mulher. Seus lábios brilhantes e pele bronzeada, seus olhos fora de foco e dedos perfeitos, seu extraordinário cabelo todo flutuando e luzindo, em brilhante cascata, revela o triunfo inumano de cosméticos, iluminação, enfoque e impressão, corte e composição. Ela dorme imperturbável, os lábios vermelhos e sumarentos e fechados, os olhos frescos e negros como se pintados de nôvo, e suas pestanas falsas imaculadamente recurvadas. Mesmo quando ela lava o rosto com um nôvo e mais cremoso sabonete, sua expressão é assim tranqüila e vaga e seu colorido assim perfeito, como sempre. Se alguma vez ela devesse aparecer desarrumada e perturbada, suas feições seriam milagrosamente adoçadas para o aspecto apropriado por meio de um nôvo sabão em pó ou uma sopa em pacote. Porque ela é uma boneca: chorando, brigando ou sorrindo, correndo ou se reclinando, ela é uma boneca. Ela é um ídolo, formado pela concatenação de linhas e massas, significando os lineamentos da impotência satisfeita.

Sua qualidade essencial é a condição de castrada. Ela tem de ser absolutamente jovem, seu corpo sem pelos, sua carne animada, e **ela não deve ter um órgão sexual.** Musculatura alguma deve distorcer a maciez das linhas de seu corpo, conquanto ela possa ser dolorosamente aconchegante. Sua expressão não deve trair o menor resquício de humor, curiosidade ou inteligência, embora deva significar altaneria a um ponto realmente absurdo, ou ardente sensualidade muito fracamente representada por olhos desfalecentes e uma bôca soturna (pois a sensualidade do estereótipo se iguala à submissão irracional) ou, o que é mais comum, vivacidade e felicidade idiota. Vendo que o mundo se despoja em benefício desta criatura, ela tem de ser feliz; tôda a estrutura desmoronaria se ela não o fôsse. Assim,

a imagem da mulher aparece afixada em tôda superfície imaginável, num sorriso sem fim. Uma torta de maçã provoca uma expressão de terna beatitude, uma máquina de lavar causa hilaridade, uma caixa barata de chocolates faz brotar enternecedora gratidão, uma Coca causa um olhar de insuportável brilho, e mesmo um nôvo curativo pronto é saudado com um grande riso de satisfação. Uma mulher real lambe os lábios e abre a bôca e mostra os dentes quando os fotógrafos aparecem: **ela** tem de chegar à **première** do filme do marido num paroxismo de alegria, ou começariam a murmurar do sucesso dêle. O risco ocupacional de ser uma Bunny do Playboy é a dor dos músculos faciais provocada pelos sorrisos obrigatórios.

A discrição é a melhor parte de Valerie
embora ela tôda seja um encanto
lábios tão quentes como morangos
olhos tão frios como gêlo
o melhor de tudo
apenas será suficiente
não por suas batatas
e pudins feitos de arroz

Roger McGough, "Discretion".

Afinal, qual é o problema? Quem sabe eu não pudesse fazê-lo. Quem sabe eu não tenha um belo sorriso, bons dentes, bonitos seios, longas pernas, bunda bochechuda, voz sensual. Quem sabe eu não saiba como lidar com os homens e aumentar meu valor no mercado, de modo que as recompensas devidas ao feminino aumentem. Quem sabe, então, eu esteja enjoada da mascarada. Estou enjoada de fingir eterna juventude. Estou cansada de disfarçar minha própria inteligência, minha própria vontade, meu próprio sexo. Estou cansada de espreitar o mundo através de pestanas falsas, de modo que tudo que eu vejo está misturado com uma sombra de cabelos comprados; cansada de sobrecarregar minha cabeça com uma juba morta, incapaz de mover livremente o pescoço, apavorada com a chuva, o vento, receosa de dançar com entusiasmo excessivo para que não sue em meus cachos laqueados. Estou nauseada com o Banheiro Feminino. Estou nauseada de fingir que alguns pronunciamentos autoimportantes de homens fátuos são objeto de minha atenção exclusiva, estou cansada de ir a filmes e peças quando outra pessoa quer, e cansada de não ter opinião própria a respeito de nada. Estou cansada de ser um travesti. Recuso-me a ser a personificação de um ser feminino. Sou uma mulher, não uma castrada.

April Ashley nasceu homem. Tôda a informação fornecida por genes, cromossomos, órgãos sexuais internos e externos afirmavam a mesma coisa. April era um homem. Mas êle aspirava a ser uma mulher. Êle aspirava ao estereótipo, não abraçar, mas ser. Êle desejava

Para que serve a mentira do Cabelo adornado, dos Seios desnudos;
Faces de carmim, olhares sedutores, caprichos da Moda e astuciosos sem-

blantes, complicados e enganadores Gestos efeminados, seus Cachos e Enfeites de proclamadas Petulâncias, sustentados e mantidos com tal exemplo e autoridade nestes nossos dias, como se com Concordância e aparente Conveniência?

Deve o mundo tornar-se infrutífero através do declínio de Gerações, e acabar, como a Terra, menos fértil de agora em diante? Será que o Sangue perdeu seu Ardor ou os Raios de sol tornaram-se aguados e menos ferventes, do que antigamente tinham sido, de modo que os homens devam ser desta maneira inflamados e persuadidos para o prazer?

Alex. Niccholes, "A Discourse of Marriage and Wiving",
1615, págs. 143-52.

tecidos macios, jóias, peles, maquilagem, o amor e a proteção dos homens. Era impotente. Não podia de modo algum gostar de mulheres, embora não aceitasse particularmente bem encontros homossexuais. Não se julgava um pervertido, ou mesmo um travesti, mas uma mulher cruelmente transformada, por meio de um desastre, num homem. Tentou morrer, tornar-se a personificação de um ser feminino, mas finalmente descobriu um médico em Casablanca que apresentou uma alternativa mais aceitável. Êle devia ser castrado, e seu pênis usado como o fôrro de uma fenda construída cirùrgicamente, que podia ser uma vagina. Seria estéril, mas isso nunca afetou a atribuição de feminilidade. April voltou para a Inglaterra resplendente. Tratamento maciço de hormônios erradicara-lhe a barba, e formara pequenos seios: êle deixara crescer os cabelos e comprara roupas de mulher durante o tempo que trabalhara como um simulacro de mulher. Êle tornou-se um modêlo e começou a ilustrar o estereótipo feminino como estava perfeitamente qualificado para fazer, pois era elegante, voluptuoso, belamente tratado, e apaixonado pela própria imagem. Num dia desgraçado casou-se com o herdeiro de um par do reino, o Hon. Arthur Corbett, concretizando a mais elevada realização do sonho feminino, foi viver com êle numa vila em Marbella. O casamento nunca se consumou. A incompetência de April como mulher era a que podemos esperar de um castrado, mas não é muito diferente de todo afinal da impotência de mulheres femininas, que se submetem ao sexo sem desejo, apenas com o prazer infantil de carinho e afeição, que é sua recompensa favorita. Na medida em que o estereótipo feminino permanecer a definição do sexo feminino, April Ashley será uma mulher, não importando a decisão legal decorrente de seu divórcio.[6] Ela é tanto uma casualidade da polaridade dos sexos como nós somos. Desgraçada, a April Ashley assexuada é nossa irmã e nosso símbolo.

ENERGIA

Energia é a fôrça que impele cada ser humano. Não se perde pelo exercício mas é mantida por êle, pois é uma faculdade da psique. É impelida a manifestações perversas por restrições e obstáculos. Como a fôrça motriz que impele o carro ao longo da estrada, quando encontra um obstáculo transforma-se em fôrça destrutiva e faz em pedaços sua fonte. Não é muito difícil mostrar ao ser humano medianamente perceptivo que as mulheres têm quantidades do tipo destrutivo de energia, porém muito menor número pode ver que a capacidade destrutiva das mulheres é criatividade virada para dentro, sôbre si mesma, pela frustração constante. Doenças nervosas, menstruação dolorosa, gravidez indesejada, acidentes de tôda espécie, são todos evidência das mulheres se destruindo. Isso se estende além delas, espalhando a destruição pelas personalidades e realizações de outros, especialmente seus maridos e filhos. Isso não quer dizer que as mulheres tenham de odiar todos os seus parentes, mas que se as crianças são apresentadas às mulheres como uma obrigação e o casamento como um jugo inevitável, então, quanto mais energia tenham, mais se afligirão e se irritarão, fazendo-se a si próprias, e a seus dependentes, em pedaços.

> **A pura disposição animal que faz com que a mente e o corpo germinem, e faz desabrochar as ternas flôres da esperança, é azedada e se esvai em desejos vãos, ou descarados lamentos, que encurtam as faculdades e corrompem a têmpera; senão sobem para o cérebro e, agudizando o entendimento antes que êle adquira fôrça proporcional, produz aquela lamentável astúcia que desgraçadamente caracteriza a mente feminina e que temo vá caracterizá-la se as mulheres permanecerem as escravas do poder.**
>
> Mary Wollstonecraft
>
> "A Vindication of the Rights of Women", 1792, pág. 378.

Quando os filhos são falsamente apresentados às mulheres como sua única contribuição significativa, a expressão apropriada de sua criatividade e a obra de suas vidas, as crianças e suas mães sofrem por isso.

Emboram muitas pessoas sejam capazes de ver a justiça desta descrição da perversão da energia da mulher, não verão com facilidade que a solução não está em oferecer às mulheres adultas outras alternativas além do lar e filhos e tudo o mais.

> **... só somos felizes enquanto nossa vida se expande em círculos cada vez mais amplos do jôrro ascencional de nossos primeiros impulsos...**
>
> Hebert Read
>
> "Annals of Innocence and Experience", 1940, pág. 55

A mulher adulta já estabeleceu um padrão de perversidade na expressão de seus desejos e motivações que devem ajustá-la à versão distorcida de maternidade: isto não desaparecerá se lhe fôrem permitidas alternativas. Qualquer alvo substituto tem a probabilidade de ser seguido de uma maneira "feminina", isto é, servil, desonesta, ineficiente e inconsistentemente. Na maioria dos casos não é oferecida às mulheres uma genuína alternativa para os deveres e responsabilidades repressivos: a maior parte abandonaria alegremente o trabalho não-qualificado numa fábrica ou o tédio de um escritório pelo tédio "natural" da direção de uma casa moderna, pois suas energias estão tão frustradas pelos tipos usuais de trabalho feminino que elas imaginam que mesmo o trabalho doméstico seria uma alternativa preferível. Às mulheres a quem se oferece uma educação é oferecida uma alternativa genuína, uma rara comodidade nestes dias de indução universal. E contudo, quando lhes foi oferecida educação, o resultado, de início, não foi a criação de uma raça instantânea de supermulheres. Êste é o relato de um contemporâneo das primeiras mulheres universitárias, e professôres reconhecerão um fenômeno familiar:

> Nas conferências, as mulheres estudantes são modelos de atenção e diligência; talvez mesmo ainda se apliquem mais para levar para casa em prêto e branco o que escutaram. Geralmente ocupam os lugares dianteiros porque se inscrevem cedo ou então porque chegam cedo, bem antes do início das conferências. Apenas êste fato é notável, pois com freqüência elas se limitam a uma olhada superficial para os roteiros que o professor distribui; às vêzes os passam adiante para os vizinhos sem nem ao menos olhá-los; um exame mais longo as impediria de tomar notas.[1]

O que êste observador um tanto preconceituoso notou é bastante real: as môças eram diligentes, mesmo diligentes demais, porém seus esforços eram dispendidos em alvos errados. Mostravam-se ansiosas por agradar, por pegar tudo que lhes era dito, mas os roteiros distribuídos pelo conferencista eram o verdadeiro assunto da conferência, e nisto elas não estavam de modo algum interessadas. Sua energia é tôda gasta de conformidade com assuntos disciplinares e outras exigências, não em satisfazer a própria curiosidade sôbre o assunto que estão estudando, e assim a maior parte dela é desviada para assiduidade sem significação. Êste fenômeno é ainda muito comum entre mulheres estudantes que estão constituindo uma

grande proporção dos alunos de humanidades no ensino superior, e como resultado, dominando a profissão do magistério. O processo é claramente um dos resultados em redução: o servil induz servilismo para ensinar ao servil, num reino em que o desconhecido devia ser contìnuamente assaltado com tôdas as faculdades humanas; educação não pode ser e nunca foi uma questão de obediência. Não é de surpreender portanto que as mulheres raramente realizem os avanços científicos, mas ao contrário, sirvam aos homens como assistentes de laboratório, trabalhando sob direção: é tão só uma continuação do mesmo fenômeno que observamos em seus dias de universidade. Na ocasião em que começam a se preparar para uma universidade, o padrão de seu gasto inútil de energia já está estabelecido. Na grande maioria dos casos não retiveram suficiente ânimo para desejar qualificar-se mais; a minoria que vai para a universidade para agir assim, com demasiada freqüência o faz como resposta à orientação e pressão de suas diretoras na escola, ainda não sabendo qual é o ponto verdadeiro, ainda não interessadas em desenvolver seu próprio potencial, no máximo esperando uma boa graduação e uma qualificação para abraçar a profissão Cinderela de ensinar. O grau de satisfação obtido pelas mulheres que seguem êste molde é muito tênue; não nos surpreendemos ao descobrir que muitas delas julgam mesmo sua vida profissional quer como um tapa-buracos quer como uma qualificação indireta para o casamento.

Tôdas as objeções gerais às mulheres nas profissões podem ser entendidas como maneiras de constatar esta situação básica. Parecem ser os julgamentos oriundos do preconceito, e, na medida em que não apresentam outra causa senão o sexo, temos de admitir que o são. No entanto, a menos que feministas admitam que os fenômenos descritos pelos críticos do desempenho das mulheres na indústria, escritórios, salas de aula, sindicatos e nas artes e ciências são reais, vão fracassar na identificação do problema, e portanto em sua solução. É verdade que as possibilidades têm sido postas à disposição das mulheres muito além de seus desejos de usá-las. É também verdade que as mulheres que se aproveitam das oportunidades com muita freqüência o fazem num estilo feminino, filial e servil. Assim, deverá ser entendido que não será suficiente encorajar as mulheres a usar uma iniciativa que elas ainda não adquiriram, assim como é inútil injuriá-las por não a possuírem. Devemos nos dedicar a entender como é que a energia das mulheres é sistemàticamente estiolada do nascimento à puberdade, de modo que quando chegam à maturidade mal dispõem de intermitente recurso e criatividade.

Falando de energia, tenho tido de usar têrmos como recurso, aplicação, iniciativa, ambição, desejo, motivo, têrmos que têm um tom masculino, porque transmitem conotações que são incompatíveis com a feminilidade. Muitas vêzes é falsamente suposto, mesmo por feministas, que a sexualidade é inimiga da mulher que quer desenvolver êstes aspectos de sua personalidade, e êste é, talvez, o as-

pecto mais enganador de movimentos como a National Organization of Women. Não foi a insistência sôbre seu sexo que enfraqueceu o desejo da estudante americana de fazer algo de sua educação, mas a insistência num **papel** sexual **passivo.** De fato o instrumento principal do desvio e perversão da energia da mulher é a negação da sexualidade feminina, substituída pela feminilidade ou assexualidade. Pois, não importa que teoria da energia da personalidade aceitemos, é inseparável da sexualidade. Mc Dougall chamou-a de **élan vital,** Jung e Reich chamaram-na libido, Janet chamou-a de tensão, Head chamou-a de vigilância, Flugel chamou-a de energia "oréctica".[2] Todos os têrmos somam a mesma coisa. Um dos erros da teoria tradicional é que ela pressupõe uma espécie de sistema capitalista de energia, uma espécie de substância que deve ser prudentemente investida e não gasta de imediato. [3]

O grau e natureza essencial de sexualidade de qualquer ser humano se estende aos mais elevados pináculos do espírito.

Nietzsche

De fato, como devíamos saber do conceito de energia que tiramos da física, a energia não pode ser perdida, mas apenas convertida ou desviada. Freud viu que a repressão emprega energia que podia de outro modo ser expressa em ação criadora: o que acontece com as mulheres é que sua energia é desviada, pela negativa de sua sexualidade, para um contínuo e finalmente irreversível sistema de repressão. As estudantes gastavam tanta energia tomando notas, chegando cedo e ficando atentas às conferências quanto seus companheiros homens explorando o assunto; no laboratório gastavam-na deixando cair coisas e fazendo perguntas tôlas, remexendo e se agitando. A energia masculina também é delimitada e deformada, mas de uma maneira diferente, de modo que se torna agressão e espírito de competição. O destino da mulher é tornar-se deformada e debilitada pela ação destrutiva da energia sôbre o eu, porque ela é privada de escopo e de contactos com a realidade externa sôbre a qual exercitar-se.

Energia é a única vida e é do corpo... Energia é eterno Deleite.

Blake

Os atos de sexo são êles próprios formas de pesquisa, como deixa claro o velho eufemismo "conhecimento carnal": é exatamente o elemento de busca em sua sexualidade que a mulher é ensinada a negar. Ela não é apenas ensinada a negá-lo em seus contactos sexuais mas (porque de alguma maneira subliminar a conexão é compreendida) em todos os seus contactos, a partir da infância, de modo que, quando ela se torna cônscia de seu sexo, o padrão tem suficiente fôrça de inércia para prevalecer sôbre as formas novas de desejo e curiosidade. Esta é a condição que se tem em vista com o têrmo **eunuco feminino.** Na teoria psicológica tradicional, que é afi-

nal apenas outro modo de descrever e racionalizar o **status quo,** a dessexualização das mulheres é ilustrada na teoria freudiana do sexo feminino, como a falta de um órgão sexual. Freud pode não ter tido a intenção de que suas formulações fôssem tomadas como expressões de leis naturais, mas tão só como descrições de fatos contingentes numa terminologia nova, e valiosamente reveladora; no entanto êle disse:

> Na verdade, se fôssemos capazes de dar uma conotação mais definida ao conceito de "masculino" e "feminino", seria também possível manter que a libido é invariável e necessàriamente de uma natureza masculina, quer ocorra em homens ou mulheres, e indiferentemente seu objeto é um homem ou uma mulher. [4]

Se fôr para insistirmos na contigência das características femininas como o produto de condicionamento, teremos de argumentar que a polaridade masculina-feminina é bastante verdadeira, porém não necessária. Teremos de rejeitar a polaridade de têrmos definidos, que são sempre artificiais, e lutar pela liberdade de mover-nos dentro de têrmos indefinidos. Nesta base podemos, na verdade devemos, rejeitar a feminilidade porque significa **sem libido,** e portanto incompleta, sub-humana, uma redução cultural das possibilidades humanas, e contar com o têrmo indefinido fêmea, que retém a possibilidade de libido feminino. A fim de entender como uma fêmea humana é castrada e torna-se cheia de feminilidade devemos considerar as pressões a que ela é submetida desde o berço.

BEBÊ

Quando um bebê nasce, tem podêres notáveis; pode ficar ereto, mover a cabeça em tôrno, seu artelhos são preênseis, e suas mãos podem agarrar com muita fôrça. Dentro de horas, êstes podêres se extinguem e a criança tem de reaprender laboriosamente as habilidades que originalmente tinha. Hoje em dia não enfaixamos as crianças de modo a transformá-las em rígidos canudos de que a mãe pode dispor como quer, mas ainda tratamos o bebê como o cruzamento de uma boneca com um inválido. Seus esforços iniciais para se mover são ràpidamente controlados pela enfermeira que aplica a garra de aço na nuca e nas nádegas, mantendo-o imóvel; êle pode não ser enfaixado, mas é colocado na cama e coberto de modo bem apertado. De certa forma sabe-se que êste processo não é incrìvelmente bom para êle, pois bebês prematuros e fracos não são sujeitos a isso. É de fato a maneira mais barata e fácil de garanti-los contra a perda de calor: podíamos nos perguntar proveitosamente como os aquecedores de infravermelho e as incubadeiras influenciaram a formação da psique de uma criança, ou então como a criança reage ao enfaixamento final que ocorrerá logo que ela esteja bastante forte.

Por todo o reino animal, tôda criatura jovem requer exercício quase contínuo, e a infância das crianças, em concordância com esta exigência, devia ser passada em cabriolas inofensivas que exercitam os pés e as mãos, sem exigir a direção da cabeça a cada minuto, ou a constante atenção de uma babá... A criança não é deixada nem um momento por conta própria, em especial uma menina e, desta maneira, vai-se tornando dependente — a dependência é chamada de natural.

Mary Wollstonecraft.
"A Vindication of the Rights of Women", 1792, págs. 83-4.

Minha mãe gemia, meu pai se lamentava;
Para dentro do perigoso mundo eu saltei,
Desamparado, nu, apitando alto,
Como um demônio escondido numa nuvem.

Debatendo-me nas mãos de meu pai,
Lutando contra os panos que me enfaixavam
Amarrado e cansado pensei ser melhor
Enfadar-me sôbre o seio de minha mãe. [1]

A energia parece-nos diabólica, porque tôda nossa cultura tende a refreá-la para fins ulteriores: a criança deve ser civilizada; o que isto significa realmente é que ela deve ser destruída. Desde o começo ela é desencorajada de fazer barulho e exercitar seus pulmões em qualquer ocasião ou lugar em que possa incomodar os adultos. O nôvo bebê tem enorme curiosidade, e uma igual faculdade de absorver informações, mas êle a dispende tôda em ambientes especialmente construídos, dando importância a sons em surdina, côres insípidas, e à figura maciça e dominante da mãe. A intensa absorção do bebê num ser humano, cuja familiaridade torna-se gradualmente indispensável para êle, é um fator necessário no desenvolvimento do caráter que é considerado normal em nossa sociedade. O preconceito contra a substituição da mãe onipotente por qualquer outra pessoa ou numerosas pessoas é na verdade muito forte. Mesmo que as pesquisas do Dr. Jaroslav Koch, em Praga, que manteve bebês em ambiente livre especial (podendo inclusive subir escadas, aos oito meses) provassem fora de dúvida que a aquisição, por parte da criança, de tôdas as faculdades é retardada dez vêzes ou centenas de vêzes pelo papel que ela tem de desempenhar como um produto da mãe, seu brinquedo e realização, tais conclusões seriam ignoradas por uma cultura que insiste na dominação materna como um pré-requisito para a formação do caráter.[2] A atenção da criança precisa ser gradualmente afastada da realidade exterior para uma relação introvertida de exploração mútua que formará o padrão de suas compulsões futuras. Cada casamento reedita a situação edipiana: crianças crescendo sem qualquer idéia da simbiose de mãe e

Os bebês não se dirigiam para as coisas que se supunha iriam agradá-los, como por exemplo brinquedos; nem estavam interessados em histórias de fadas. Acima de tudo, buscavam tornar-se independentes dos adultos em tôdas as ações que podiam praticar por conta própria; manifestando claramente o desejo de não ser ajudados a não ser em casos de absoluta necessidade. E mostravam-se tranqüilos, absorvidos e concentrados em seu trabalho, adquirindo uma surpreendente calma e serenidade.

Maria Montessori

"Il Bambino in Famiglia", 1956, pág. 36

filho podem ser promíscuas ou não, mas não apresentariam o tipo de comportamento obsessivo em suas relações, o que sugere segurança e permanência.

"Não tenho nome:
Só tenho dois dias de vida."
Como devo te chamar?
"Feliz eu sou,
Alegria é meu nome". [3]

O bebê recém-nascido não tem consciência de qualquer distinção entre êle mesmo e tudo o que vê. Torna-se consciente de seu ego pela primeira vez quando algum desejo seu não é satisfeito, e por meio de frustração e confusão descobre a diferença entre êle próprio e sua mãe.[4] Desta forma, o primeiro ato do ego é rejeitar a realidade, adotar uma atitude inamistosa e ansiosa para com ela. Êste senso de separação e limitação dentro do eu é cuidadosamente encorajado em nossa cultura, para tornar-se a base de nossa moralidade egoísta, que age, não a partir da compreensão e sentimento das repercusões da ação sôbre a comunidade, devido à continuidade entre o eu e o resto, mas por meio de leis e restrições auto-impostas de uma maneira narcisista. Tem de ser montado o monitor interno da criança, sua consciência, melhor chamado sua ansiedade e culpa. Êste processo muito cedo pode falhar ou tomar uma direção errada. Autismo e outras formas de perturbação aparecem nas crianças muito precocemente, e constituem a base para rejeição e segregação das crianças em relação às fornadas que estão aceitando sem dificuldade seu condicionamento. A alta incidência dêstes transtornos em crianças dotadas pareceria indicar uma correlação entre a fôrça da energia da criança e o efeito de querer dobrá-la: pois que tais crianças possam mostrar alguns sinais de habilidade é por si notável. Costumava-se adestrar e disciplinar crianças perturbadas, e meramente mantê-las em instituições especiais onde seu fracasso em se adaptar era tratado como uma condição patológica congênita. Foi preciso que uma mulher muito dotada e corajosa penetrasse nesses asilos, e começasse a reverter os processos de condicionamento de modo a que estas crianças pudessem começar de nôvo seguindo um curso menos desastroso.

Os métodos de Montessori alcançaram sucesso tão óbvio que se tornaram a base da maioria das escolas infantis na Inglaterra e Europa, porém a significação de seus pontos de vista, como críticas à educação a que são submetidas as crianças fora da escola e nos anos cruciais pré-escolares, não foi entendida. Como resultado, a escola primária está tão à frente de outras formas de educação neste país, que novas crises ocorrem na relação entre escola e lar, e entre as escolas primárias e secundárias. Abrindo a sala de aula de modo a que suas crianças retardadas pudessem dirigi-la, Montessori criou uma situação que era necessàriamente única. Há diretoras intrépidas na Inglaterra que se movem dentro de classes indisciplinadas, escutando as crianças quando elas se levantam para comunicar ao grupo os resultados de sua própria pesquisa; porém a maioria das diretoras é por demais nervosa para incentivar desordem frutífera, a maioria das salas de aula são superlotadas para tolerar tais métodos, e a maioria das escolas não têm dinheiro para os livros e outros recursos de tal estudo. Mesmo em nível universitário descobri ser do mesmo modo impossível realizar uma pesquisa de laboratório que seria de modo similar um esfôrço cooperativo espon-

tâneo. Montessori narra comoventes histórias de como as crianças expressavam seu respeito coletivo a um visitante real, de como uma criança, tendo sabido de um terremoto no sul da Itália, escreveu no quadro. "Tenho pena de ser tão pequeno", de modo que ela pensou que êle não conseguira aceitar o que escutara, até que o menino acrescentou a cláusula extra, explicando que gostaria de ajudar, e assim escreveu sua primeira sentença composta. Suas crianças progrediram além das realizações usuais de seus próprios grupos etários, mas acho que se tivessem sido feitos estudos de acompanhamento de seus problemas de ajustamento num mundo que não pode usar espontaneidade e cooperação, o quadro teria sido mais deprimente. O raciocínio básico de Montessori é simples, mas radical:

> Um único fato constitui a fonte de todos os desvios, a saber, que a criança tem sido impedida de levar a cabo o modêlo original de seu desenvolvimento na idade de formação, quando suas energias potenciais podiam evoluir através de um processo de encarnação... desta forma soldando a personalidade em ação numa unidade. Se esta unidade não é alcançada por meio da substituição da criança pelo adulto ou por meio de uma carência de motivos para atividade em seu meio, duas coisas acontecem: a energia psíquica e o movimento têm de se desenvolver separados e resultam num "homem dividido". Uma vez que na natureza nada se cria e nada se destrói, e isto é especialmente verdadeiro no caso de energias, estas energias, uma vez que têm de trabalhar fora do escopo designado para elas pela natureza, tornam-se desviadas... Tornam-se desviadas acima de tudo porque perderam seu objeto e agem no vazio, na vaguidão e no caos. A mente, que devia ter-se construído por meio de experiências de movimento, voa para a fantasia. [5]

Nossa cultura sanciona a fuga para dentro da fantasia, porque faz parte da limitação do autodesenvolvimento que chamamos de civilização. Conquanto alguns aspectos dela, como fetichismo e práticas masturbatórias sejam deploradas, é em geral vista como um concomitante necessário e mesmo agradável da repressão. Teorias inteiras de arte foram armadas na suposição de que a função própria da arte era fornecer uma inofensiva expressão fantasiosa de tendências que, de outro modo, teriam sido destrutivas ou anti-sociais.

Até aqui nada aduzimos sôbre a repressão de energia psíquica em crianças que se aplicasse mais às meninas do que aos garotos, pois ambos são tratados do mesmo modo até uma certa idade. A discriminação, no entanto, começa muito cedo, a despeito da firme recusa de educadores britânicos em distinguir entre meninos e meninas na escola primária. Alguns bebês-meninas ainda são vestidas de rosa em vez de azul, com roupas frágeis e cheias de babados e castigadas por rasgá-las e sujá-las. O cabelo de algumas é encrespado e enfeitado com fitas e é-lhes dito que são uma graça e namoradas do Papai e assim por diante. Mesmo as menininhas que usam macacões e não têm de se preocupar com cabelos e cachos e outras modas infantis, sofrem muito cedo a ação de um sistema de recompensas e encorajamentos. Ninguém quer educar uma criança

que não saiba de que sexo é, e, à falta de qualquer outra noção de sexualidade da mulher, os estilos de feminilidade são inculcados de modo quase imperceptível desde o início. O bebê logo descobre como ser coquete e cativante, como fazer o Papai dançar em tôrno de seu dedo mindinho.[6] Quando menininhos, descobrem as vantagens da coqueteria e ficam no fim de contas chocados quando lhes cortam os cabelos crespos, porém a menininha é apreciada, e encorajada a explorar seu engenho. Não lhe ensinam de modo direto como fazê-lo, ela aprende de forma simples pela experiência. É curioso refletir que, enquanto vozes se elevam em protesto contra a destruição da inocência ocasionada pela exibição de filmes sôbre sexo na escola primária, não se escuta uma voz chamando a atenção de o quanto é terrível ser namorado por uma menininha de três anos.

Para os menininhos, cedo ou tarde, chega por fim uma ocasião em que o cordão umbilical é finalmente rompido, e a relação com a mãe se torna mais distante. Onde isso não acontece, como no caso de fortes matriarcados tal a família judaica, o resultado é o que Philip Roth lamentou em **Portnoy's Complaint:**

> Ma, ma, em que você quis me transformar de qualquer maneira, num zumbi errante que nem Ronald Nimkin? De onde tirou a idéia de que a coisa mais maravilhosa que eu podia ser na vida era **obediente? Um pequeno cavalheiro?** Entre tôdas as aspirações que uma criatura pode ter a prazeres e desejos! "Alex", você disse, enquanto saímos do Weequahic Diner — e não me leve a mal, eu engoli: louvor é louvor, e eu o aceito de onde quer que venha — "Alex", você disse para mim, que estava todo elegante de gravata-borboleta e meu casaco de duas côres, "a maneira que você cortou a carne! a maneira que você cortou a batata assada sem derramar! tive vontade de lhe dar um beijo, nunca vi um mocinho assim com seu guardanapo no colinho daquele jeito". **Quindim,** Mãe. Um **quindinzinho** é o que você viu — e exatamente aquilo que o programa de treinamento se destinava a produzir. Claro! Claro! O mistério realmente não é que eu não esteja morto como Ronald Nimkin, mas que eu não seja como todos os encantadores jovens que vi vagueando de mãos dadas em Bloomingdale's nas manhã de sábado.

O que acontece ao menino judeu que nunca consegue escapar à tirania da mãe é exatamente o que acontece a tôda menina cuja criação é "normal". Ela é uma bicha-fêmea. Como os bichas-machos vive sua vida num mimo em tôrno de listas de convidados e môlhos finos, exceto quando está exercendo, por direito maternal divino, contra os anseios e desejos de seus filhos, o mesmo processo que destruiu seus anseios e desejos.

Menininhos podem sair do caminho de suas mães, finalmente o querem e são encorajados a isso. As menininhas não. Há concordância em que "meninas precisam de mais cuidado" do que meninos: o que realmente querem dizer é que as meninas devem ser mais incessantemente supervisionadas e reprimidas para que seja alcançado o resultado que se deseja.[8] Cedo uma menina é apresen-

tada a seu papel doméstico, enquanto a mãe lhe ensina habilidades do lar (**mirabile dictu**!) e seu temor da realidade externa é reforçado pelos castigos que sofre por andar na rua por conta própria. Enquanto os menininhos estão formando grupos e bandos para explorar ou aterrorizar o distrito,[9] ela é isolada em casa, escutando histórias de estranhos malvados. Seu encarceramento comparativo é justificado em nome da proteção, embora o lar seja o lugar mais perigoso que há. Ela é ensinada a temer e desconfiar do mundo em geral, por razões que nunca são declaradas com franqueza. Como uma forma de preparo prévio esta advertência é notòriamente inócua. Os pervertidos sexuais não são tão carentes de recursos que não possam atacar menininhas quando elas vão fazer as voltas e passeios sancionados pela mãe. Quando uma menininha que perdeu seu ônibus certa tardinha telefonou para a mãe ali da parada, desta forma gastando a moeda que teria sido sua passagem no próximo ônibus, sua mãe disse-lhe que viesse a pé para casa porque ela estava sem o carro. A criança pôs-se a caminho chorando e aterrorizada, e foi abordado por um estranho sorridente que a raptou, violentou-a e estrangulou-a. O resultado mais comum do sistema de advertência sinistra é que quando as menininhas encontram um exibicionista ou lhes acontece falar com um estranho que lhes faz algo esquisito, sentem-se tão assustadas e culpadas, bem como tão preocupadas com o efeito que o fato causará nos pais, que nem mesmo lhes contam. Um fator que colabora para o padrão de violação de crianças é que as menininhas se julgam de antemão vítimas, e não podem nem mesmo arranjar energia para berrar ou correr para longe. Porque são impedidas de entender a ameaça, não podem ter defesa adequada. A mais amarga ironia é que os violadores de crianças são êles próprios produtos do mesmo condicionamento mal orientado.

Enquanto os menininhos estão aprendendo a respeito de grupos e organizações, bem como sôbre a natureza do mundo fora de seus lares, as menininhas estão em casa, ficando quietas, brincando com bonecas e sonhando, ou ajudando a mãe. Na escola usam sua energia para controlar-se, tornando-se boazinhas, bem comportadas e atentas ao que estão escutando e fazendo. Em casa desempenham rituais físicos insignificantes, sem atividade mental ligada a êles. De modo que nelas o sensual e o intelectual são ainda mais amplamente separados do que em seus irmãos. Se o sensual detém sua supremacia, preferem trabalhar com as mãos, cozinhando, costurando, tricotando, seguindo um padrão ideado por outra pessoa. Os figurinistas, os mestres-cucas e os costureiros são homens. Se as mulheres se tornam "intelectuais" são privadas de seus corpos, reprimidas, infensas, ineficientes, ainda tão servis como sempre. Alguns gênios romperam firmemente a reação em cadeia e viram as coisas como eram, mas a maioria das mulheres criadoras apresenta o

timbre de futilidade e confusão mesmo em seus melhores trabalhos Virginia Woolf viu parte do caminho, porém custou-lhe demais; George Eliot foi uma das poucas que arrebentou sua camisa de fôrça. A diferença pode ter sido questão de energia, ou de inteligência, ou simplesmente porque Eliot era franca e Virginia graciosa e encantadora. Seja qual fôr o caso, as bases do conflito foram estabelecidas em suas infâncias.

MENINA

Não estaria fazendo justiça às meninas se pretendesse que elas aceitam tôda sua aculturação sem luta. O pêso da pressão materna para que as menininhas sejam asseadas e submissas encontra muitas vêzes o mesmo grau de resistência. A menina em crescimento pode recusar-se a manter limpo o quarto, pode insistir em se ocupar com assuntos de rapaz, mesmo ao ponto de se juntar a um grupo masculino e lutar para manter seu lugar nêle, sendo duas vêzes mais rude do que qualquer dos meninos. Pode perder todos os seus enfeites e fitas de cabelo, rasgar os calções subindo em árvores, e praguejar e bravatear com os melhores dêles. De modo padronizado

> **Uma menina, cujo espírito não tenha sido enevoado pela inatividade ou cuja inocência não foi manchada pela falsa vergonha, será sempre um diabrete...**
>
> Mary Wollstonecraft
>
> "A Vindication on of the Rights of Women", 1792, pág. 87.

considera-se isso como uma fase má, mas podemos encontrar evidência dêste tipo de resistência por anos a fio, até que a puberdade desfere o golpe final esmagador. O moleque, como é pejorativamente chamada esta rebelde enérgica, pode ter qualquer idade dos cinco aos quinze anos; pode não ser um moleque o tempo todo, quer porque goste dos mimos que as menininhas arrumadas e bonitas recebem, quer porque chegou a perceber que é vantajoso operar no lado favorecido, quer porque simplesmente lhe é negada oportunidade, ou incentivo, para descobrir quão vigorosa ela podia ser. Em geral são as menininhas a quem são dados presentes de coisas belas e mimadas e aduladas que capitulam mais cedo aos fazedores de bonecas. O padrão de recompensa é mantido: de início, podem ter doces e vestidos de boneca, a seguir vestidos e sapatos, e mesmo a permanente e a sombra para os olhos ocasionais, e então roupas bonitas para ser vista em fins de semana, saídas, cinemas, e tudo o mais.

No entanto, mesmo a menininha que aceita as pressões a que é submetida pela mãe e pelo resto dos agentes feminizadores está sujeita a influências conflitantes. Na escola torcem severamente o nariz às suas pretensões ao uso de jóias e comésticos. Exigem-lhe que faça alguma espécie de exercício físico durante um determinado período cada semana, a despeito dos bilhetes da Mãe alegando tôda sorte de sensibilidades e indisposições. São-lhe dadas responsabilidades, tem de colaborar nos esforços do grupo, em atividades que, caso sua feminização esteja se processando num bom ritmo, ela acha muito sem atrativos. Ela preferiria fofocar e ficar aos risinhos pelos cantos com suas confidentes do que jogar **hand-ball,** mesmo sendo uma forma feminizada de um esporte masculino. Ela não gosta de ficar suada e suja. Embora seus professôres elogiem-lhe as maneiras e o asseio, lamentam sua crescente estupidez, e pode mesmo chegar a sentir o desprêzo das meninas mais "masculinas", isto é, mais ativas, de sua classe. Pode ser injuriada como uma dondoca, uma não-me-toques, uma queridinha da professôra, uma puxa-saco, uma delatora.

Mas se a queridinha da Mamãe tem aborrecimentos na escola, os membros bem sucedidos e ativos da comunidade escolar arranjam confusão em casa. Fora da escola não há campo para atividade de grupo e aventura que a escola oferece. O trabalho doméstico parece intolerável, e os conflitos no lar podem tornar-se uma fonte de séria ansiedade, a ponto de muita professôra haver descoberto que uma boa aluna volta das férias de verão inteiramente mudada, principalmente pela abrasão de seu treino em casa. Na medida em que cresce e suas atividades são mais severamente limitadas, expansões inocentes são proibidas porque ela está "grande demais para essas coisas agora." Às vêzes ela sente como se estivesse sendo jogada numa espécie de vergonhosa condição de mulher, e resiste desesperadamente, a ponto de regredir para comportamento infantil e destrutivo. Pode tornar-se incalculàvelmente rabujenta e grosseira, muito antes de a aproximação da puberdade tornar tais mudanças explicáveis. Muitas das mudanças que se julgou estarem ligadas de modo intrínseco à puberdade estão verdadeiramente ligadas às últimas lutas da menina para conservar sua energia. A escola primária educou-a como uma pessoa, não fazendo distinção entre menino e menina. Podemos esperar que surja o conflito quando ela chega à escola secundária para descobrir que, como uma capitulação às objeções mulheris à imposição do modêlo masculino de educação às meninas, ela tem as opções nada invejáveis de estudar costura, artes domésticas e similares. A amarga ironia de ter sido introduzida numa forma de educação de traçado masculino é contraponteada pela inclusão dêsses assuntos fúteis em seu regime. Sentada em sua absurda versão de uniforme masculino, fazendo pão-de-ló com mãos manchadas de tinta, ela deve realmente se sentir como o saco-de-pancadas da civilização.

As meninas às vêzes gostariam de ser rapazes — Você pode ver o que o homem faz — Seu trabalho é maravilhoso — O que é maior do que o trabalho do homem? O homem — Quem fêz o homem? Feito pela educação da mãe. — A mãe de Abraham Lincoln — Grande responsabilidade educar futuro Presidente — Não se pode dizer o que nenhuma criança vai se tornar — Não há maior trabalho do que a educação da criança — A espôsa pode pensar que o trabalho do marido é maior do que o dela — O trabalho dela é monótono e cansativo — Assim é o negócio — O trabalho de uma mulher não é menos do que o de um homem — O que Ruskin diz sôbre a espôsa — O sucesso de um homem dependente da mulher — Sua saúde depende da arte culinária de sua mulher — O destino de uma nação pode depender de uma refeição saudável — Se tanto o homem como a mulher se dedicassem aos negócios, a vida perderia muito de seu brilho — A mulher faz a vida social — Vida moral — Faz o homem pensar — Valôres da educação doméstica — As maneiras à mesa de Daniel Webster — A mulher enfeita a vida do homem — Enfeitar é embelezar — O enfeite da limpeza — De um sorriso — De palavras meigas

Sumário de Mary Wood — Allen,

"What a Young Girl Ought to Know", 1928, (citado literalmente)

A menina pré-pubescente, por mais indolente e confusa que possa parecer ao observador desencantado, é uma criatura apaixonada. Os conflitos que está sofrendo a cada dia e a cada hora absorvem muito de sua energia, mas ainda lhe é deixado bastante para emocionar-se com histórias de aventura e realização e para identificar-se com heróis, tanto homens como mulheres. Sua sexualidade é fundamental para estas respostas, assim como é para suas práticas genitais reais. Na escola primária pode-se escontrar êste interêsse excitado numa forma inocente e aberta, às vêzes bem sensual. Lembro-me de ter sido ardorosamente beijada certa vez numa visita a uma escola em Manchester, por uma horda de meninas e meninos, que passaram os braços em tôrno de meu pescoço e se aconchegavam em meu casaco de pele, apresentando indiscriminadamente presentes e indagações. As classes de onze e doze anos de idade, que lecionei na Austrália, podiam gerar a extraordinária intensidade que tinha sua expressão em numerosas maneiras fora do comum, às vêzes em apertos ou em arrebatado idealismo, e às vêzes em experiências peculiares e desviadas dentro da comunidade do pátio de recreio. Por vêzes realizavam maravilhas de cooperação orquestrada apresentando suas pecinhas e projetos, ou inventando maneiras de reconhecer um aniversário ou estorvar a administração da escola. Com mais freqüência desanimavam ou punham-se a brigar. Na maioria das vêzes, as autoridades intervinham porque as classes estavam barulhentas demais, ou porque a rotina escolar sofria perigo de ser rompida. Gradualmente a liberdade de abraçar, experimentar e expressar-se ia sendo limitada enquanto o padrão de submissão, rejeição e todo o resto que se toma por adaptação era impôsto.

Era notável que, tendo em vista o conflito e a aculturação incessante a que eram submetidas, estas retivessem tanto da energia da infância e amor. Algumas de suas expressões eram especìficamente sexuais, como os psicólogos estão prontos a admitir, embora insistam em que a sexualidade da menina pré-adolescente seja masculina, clitoral e assim por diante.[1] Assim, interpretam grosseiramente a típica paixão adolescente por cavalos como um reflexo da inveja que a menina imatura sente do pênis. Que bobagem! O que a jovem amazona sente não é o cavalo como sendo uma projeção de seu próprio ego físico, mas como um **outro** que está respondendo ao contrôle dela. O que ela sente é um potente amor provocando uma resposta. O contrôle exigido para cavalgar é tão forte e sutil que dificilmente se transmuda na espécie de erotismo difuso que teóricos como o Dr. Pearson queriam que acreditássemos. Para muitas meninas que estão começando a perceber o quadro do papel feminino, andar a cavalo será a única oportunidade que terão sempre de usar suas fortes coxas para abraçar, excitar e controlar. George Eliot sabia o que estava fazendo quando descreveu a paixão de Dorothea Brooke por galopes selvagens por cima dos terrenos pantanosos em **Middlemarch.** É parte integrante de seu desejo de realizar algum heroísmo grandioso, de ser livre e nobre.

Aquelas menininhas que escreviam apaixonadas cartas de amor umas para as outras e para mim, nas escolas em que ensinei, não tinham compreensão consciente de seus próprios sentimentos apaixonados e amorfos. Devido aos tabus que cercavam a expressão dêsses sentimentos intensos, tornavam-se miseràvelmente agitadas, às vêzes histéricas, às vêzes desesperadas e ridículas. Os sentimentos eram expressos de um modo distorcido, como riso reprimido, e assim eram com facilidade escarnecidos e injuriados. A reação da maioria dos professôres a "êste tipo de coisas" é terrìvelmente destrutiva. Testemunhei mesmo a leitura pública do poema de amor de uma criança, acompanhado de risos e gestos depreciativos, como castigo, enquanto a pequena autora se postava de pé, impassível, sentindo o aço penetrar sua alma, esperando a ocasião abençoada em que pudesse escapar-se para o banheiro e gozar a obscenidade das lágrimas. Por mais liberal que possa ser uma professôra, ela logo descobre que o rígido embargo impôsto ao contacto físico entre professor e aluno tem de ser observado, porque a última flama de energia sexual é apenas destrutiva e pode apenas ser corrompida, dado o contexto mais amplo e a função socializante da escola. É um nervo dolorido na situação educacional, e permanecerá assim, deve permanecer assim, a menos que tôda nossa orientação sexual seja radicalmente mudada. Desafiá-la em partes pode apenas produzir ainda mais sofrimento.

A menina que dirige sua paixão para sua companheira está em situação melhor do que aquela que ama sua professôra. É comum explicar tais afetos profundos e duradouros como a sedução de uma

menina por outra que é especialmente agressiva e sexualmente madura, ou um anseio transferido de seu alvo primeiro, a mãe, cuja intimidade está sendo alterada na medida em que a maturidade sexual e a rivalidade edipiana tornam-se prognósticos prementes, ou simplesmente como o desejo de confiar curiosidade sexual e compartilhar conhecimentos proibidos.[2] É perigoso admitir que meninas inseparáveis estão com freqüência mùtuamente fascinadas, são profundamente altruístas e cooperativas, e muitas vêzes genuìnamente espirituais, bem como totalmente sexuais se não literalmente genitais. Se dignificarmos estas relações com o nome de **amor,** sem diminuições condescendentes, insinuamos uma série de corolários anti-sociais que não podem ser permitidos. Aprender a dissimular êstes sentimentos, que estão entre os mais elevados que ela jamais sentirá, é um negócio imundo mas inevitável. Por mais inocentemente que uma menina acaricie o corpo de outra, não pode fugir à necessidade de ser furtiva, o que ela intui desde o nascimento de seu amor. De modo gradual ela aprende a considerar os próprios sentimentos à luz da apreciação corrente dêles e a ridicularizá-los e repudiá-los. Tal perda é enorme, e a leva muito longe na rota para o padrão feminino de resposta superficial combinada com profunda reserva. Da partilha franca do ser de outrem, ela se volta para a arrelia e bolinação dos encontros que todo mundo perdoa. Posso lembrar-me de uma cena com minha mãe quando ela descobriu uma carta que me fôra escrita por meu amor na escola, uma menina que me apresentou Beethoven tocando suas sonatas para mim num escuro anexo a que nos recolhíamos em cada momento vago, que segurava minha mão enquanto cantávamos harmonias de Palestrina e Pachebel no côro da escola, e fingia que eu era George Sand e ela Chopin, e vice-versa, uma menina que estava obliterada pela puberdade e que acabaria cantando no côro de **Damn' Yankees.** Minha mãe estava gritando que eu era anormal: para deter o fluxo, repeti o que tinha lido nos suplementos dominicais, que era uma fase homossexual adolescente, e que eu de qualquer maneira a estava atravessando. Expiei durante semanas esta traição pusilânime e mentirosa de mim mesma e de meu amor. Após tal conhecimento, que perdão?

PUBERDADE

É na puberdade que a mulher-criança ainda em luta recebe seu **coup de grâce.** A definição de puberdade é difícil; muito do conflito que a cerca está ligado às necessárias mudanças fisiológicas apenas de modo arbitrário. Como de costume, a fisiologia é tomada como desculpa para o destino; a contingência é descrita como necessidade. Se foram feitos estudos da marcha através do trauma da puberdade entre ilhéus Trobiand ou algum outro povo livre das neuroses que acometem não só nossa sociedade mas a maioria das outras que conhecemos, seus resultados não serão os comumente aceitos. Como tal, tudo que nos é impôsto constantemente é que a puberdade é um inferno. É um inferno tanto para meninos como para meninas, mas para os meninos é uma questão de ajustar-se a mudanças físicas que significam a presença de sexo e genitalidade, bem como à frustração de desejos sexuais e à culpa e confusão ocasionadas por poluções noturnas e fantasias lascivas. Para a menina é uma questão diferente: ela tem de chegar à postura feminina de passividade e ausência de sexo. Mal aparece o cabelo pubiano, ela tem de aprender a escondê-lo. A menstruação tem de ser suportada e dissimulada. Ela tem sido tão protegida contra a aceitação de seu corpo como sexual, que sua menstruação a atinge como uma odienta violação de sua integridade física, embora tenha sido preparada para ela. Êste é o tempo em que ela colherá os frutos do furacão. Todos os seus conflitos vêm de volta para o galinheiro. Se ela não consegue concluir um equilíbrio entre seus desejos e seu condicionamento é a ocasião em que ela entra em colapso, foge, se extravia, começa a ir mal na escola, a adotar formas de comportamento que não são só anti-sociais porém autodestrutivas.

Todos os observadores da psicologia feminina, de Freud e Deutsch a Horney e Terman, concordam em que as habilidades intelectuais e outras da menina sofrem uma acentuada diminuição du-

rante e após a puberdade.[1] A ligeira vantagem que ela goza sôbre os rapazes na escola é perdida. Dr. Chapman acha que "as mulheres devem ser cumprimentadas por serem capazes de atravessar êste estágio da vida guardando algum indício de estabilidade emocional", mas o que êle quer dizer com isto é no entanto outra discriminação contra as mulheres.[2] É uma posição chauvinista masculina supor que qualquer criatura que sangra do local de seu órgão sexual arrancado devia por direito ser uma maníaca. Se escutarmos o que as próprias meninas pubescentes estão dizendo, podemos encontrar ampla causa para conflito, sem citar o ministério secreto da biologia.

> Eu tenho uma preocupação para a qual é muito embaraçoso procurar o conselho de minha mãe. Às vêzes sinto-me muito sòzinha e simplesmente almejo um namorado. Suspiro por uma experiência que nunca conheci. Sei que sou muito jovem para estar falando a respeito dêste tipo de coisa, já que tenho só treze anos, mas não posso impedir e fico desesperada quando penso que tenho de esperar tanto. Por favor, não me aconselhe a esquecer êste desejo porque eu não posso, por mais que tente. Minha mente está sempre voltada para êle a maior parte do tempo. Por favor, ajude-me. [3]

Que ajuda pode haver? Quem escreveu esta súplica deve ser convencida de que deseja outra coisa. Ela já está muito bem certa de que o desejo que descreve não se julga existir. Quando chegar aos quinze terá se tornado convencida de que não existe. Por outro lado, êste problema infantil está talhado a encontrar solução:

> Eu sou a feia Jane em nossa família e anseio por beleza. Quando vou aos filmes e vejo as lindas môças chego quase a chorar ao pensar que sou tão pouco atraente. Pode me fornecer alguns truques de beleza? [4]

A inquietação e vergonha desta menina são o resultado da determinada erosão de sua personalidade. Ela está equilibrada à borda de uma vida inteira de camuflagem e ritual idiota, cheia de pressentimentos e fracasso que podem ser momentâneamente aliviados enquanto ela é jovem e cortejada, apenas para retornar com redobrada ferocidade quando passar aquêle breve tempo. Durante o período da puberdade as manifestações externas de conflito que podem ter existido desde a infância se tornam mais notáveis — irritabilidade, pesadelos, enurese noturna, riso incontido, mentira, timidez, chôro, roer unhas, rituais compulsivos de contar, descascar feridas, ensimesmamento, desajeitamento, confusão, retraimento.

Não há paralelo entre os jovens grupos de mulheres limitados, de costume, à situação escolar e à intensa e polimorfa atividade genital que caracteriza a puberdade masculina. A menina em crescimento é encorajada a usar seu encanto feminino, a ser mimosa e sedutora, embora ignorando o teatro real em que tais lisonjas operam. Seus desejos fortes dissipam-se em fantasias passivas, enquanto sua conexão com a sexualidade é eficazmente acobertada ou obscurecida. As estatísticas de Kinsey de que noventa por cento dos homens se

masturbavam enquanto sessenta e dois por cento de mulheres o fizeram pelo menos uma vez, dão uma idéia muito imperfeita da real diferença na atividade auto-erótica de meninos e meninas.[5] Neste período crítico espera-se que uma menina comece suas lides com os homens, lides baseadas em sua atração como objeto sexual, lides que só podem ser embaraçadas por qualquer consideração de seu próprio desejo sexual. Nestes florescentes dias da sociedade permissiva esta situação deu origem a algumas perversões que são deprimentes ao extremo. Não é fora do comum que uma menina buscando "popularidade" ou aprovação dos rapazes permita-lhes tomar extraordinárias liberdades com ela, conquanto nem buscando nem tirando algo para si própria. O fenômeno de mocinhas concordando em massagear rapazes até o orgasmo, ou mesmo deixando-os ter relações com elas em condições apressadas e às vêzes sórdidas ou públicas é um resultado não pretendido, porém não incomum, da fôrça inerte de passividade inculcada na sociedade permissiva. Qualquer tarde de sábado pode-se ver, numa cidade inglêsa provinciana, grupos de mocinhas vestidas com o uniforme de sua imagem aceita, andando pelas ruas, fingindo ignorar os grupos de garotos que expressam claro escárnio por elas. Sua suscetibilidade, combinada com insipidez e desonestidade, não lhes oferece base para relação genuína com seus contemporâneos homens. Irônicamente, o condicionamento para a feminilidade que devia aumentar o valor de mercado do objeto sexual pode e se torna a pior desvalorização.

Quando uma mocinha não consegue manipular sua situação sexual, como acontece muitas vêzes, ela se volta para orientação, pois a resposta não pode vir dela mesma. James Hemming estudou a correspondência enviada a uma revista semanal, notando que duas vêzes mais cartas vinham de meninas, e a maioria delas, ao contrário dos rapazes, dizia respeito a problemas de ajustamento pessoal. Êle dá numerosas razões:

> O que contribui para a diferença de sexo não está claro. Pode ser que os rapazes achem mais fácil se ajustar a uma sociedade que é ainda predominantemente controlada por homens, a despeito da crescente emancipação das mulheres. Pode ser que existam problemas para a menina dos quais o garôto escape porque os pais são mais ansiosos no referente às filhas adolescentes do que no referente aos filhos da mesma fase. Pode ser que ela seja mais perturbada pela existente confusão de valôres do que os rapazes. Pode ser que a maior facilidade da mocinha em expressar-se por meio de palavras torne-a mais desejosa de escrever sôbre seus problemas pessoais. Ou pode ser que aquilo que o Dr. James Suttie chamou "nosso tabu da ternura" torne os rapazes tímidos em compartilhar seus problemas no caso de isso poder fazê-los parecer "moles". Seja qual fôr a razão, tôda pesquisa de problemas da adolescência produz mais problemas de ajustamento de meninas do que de rapazes.[6]

Tôdas as causas que Hemming menciona são produtos da causa central: a necessidade de a menina adolescente adotar o papel do eunuco. Ela procurar orientação é um sintoma essencial de seu abandono de autonomia. Ela sempre foi submetida a mais contrôle

e supervisão do que seu irmão, e agora é-lhe exigido que adote a apropriada passividade feminina e continue por si mesma sua própria repressão. É uma operação delicada, e, dadas as tensões que disso surgiram desde a infância, não é de surpreender que a puberdade apareça como o ponto de ruptura.

> Em analisando mulheres com transtornos neuróticos ou perturbações de caráter, freqüentemente encontramos duas situações: (1) embora em todos os casos os conflitos determinantes tenham surgido na primeira infância, as primeiras mudanças de personalidade ocorreram na adolescência... (2) a investida destas mudanças coincide com a menstruação. [7]

Karen Horney continua esta observação enumerando os principais tipos de desintegração a ser encontrados nestes caracteres neuróticos — culpa a ansiedade sexual, o mêdo de que não correspondam ao ideal feminino, profunda atitude defensiva, suspeita e antagonismo. Considerando suas próprias observações, Horney acha que deve renunciar a algumas de suas próprias primitivas opiniões freudianas, e arriscar-se à heterodoxia. O argumento tradicional era que aquilo que a puberdade agravava era a capacidade do indivíduo em aceitar seu próprio papel sexual, natural, a feminilidade, chamada erradamente de qualidade essencial da mulher. O que Horney descobriu foi que a própria feminilidade produzia estas aberrações, embora mal ousasse dizer isso com tantas palavras. Concluiu seu estudo com uma advertência experimental de que é melhor "educar as crianças na coragem e resistência em vez de enchê-las de mêdos."[8] Mesmo uma conclusão assim de má vontade tira o pêso da culpa pela incapacidade de se adaptar ao papel feminino dos ombros daquelas que mais sofrem por causa disso.

Mas qual é o uso de coragem e resistência quando todo o objetivo da existência de uma mulher é ser explorada pelo Senhor Direito? Uma menina que descobre que só é valorizada na situação de namôro por qualidades que seu treinamento escolar procurou desvalorizar deve tomar uma perigosa decisão de qualquer maneira. A adoção dos atributos da sedução sexual é dolorosa e impeditiva. Esperar pelo toque do telefone, aprender a não parecer zangada demais, pretender que não se importa, em tudo isso a mocinha aplica uma disciplina que pode tornar-se radical. Em ocasiões muito raras pode encontrar-se numa situação em que estas restrições não são absolutamente necessárias. Aquêles teóricos que negam a sexualidade da mulher deviam ter visto tantos concertos **pop** quanto eu, quando milhares de meninas entre doze e dezesseis anos de idade respondem selvagemente aos estímulos da música e do exibicionismo masculino. É um lugar comum na indústria da música que os astros estofam seus pênis e que as meninas molham os forros das cadeiras. A selvageria e histeria do fenômeno está em relação direta com sua raridade. A distorção é a mesma que as bacantes proscritas praticaram ao fazer Penteus em pedaços.

Há uma menininha chamada Laetitia
e ela escreve as mais espantosas cartas
aos heróis recortados das revistas
de pubescente fantasia
convidando ao estupro por procuração
um correspondente carnal
ela é a rainha adolescente indiscutida
da pornografia pop.

Roger McGough, "S.W.A L.K."

A fôrça e concentração dos desejos sexuais e energias de jovens mulheres nunca foram negadas tão vigorosamente como pelos freudianos. As mulheres podiam aprender algo das formas de satisfação pela fantasia usada pelas virgens do século dezessete.

> Jovens donzelas têm um esporte lascivo que chamam de amassando o **pão-de-centeio;** a saber, sobem em cima de uma mesa, e então juntam para cima os joelhos e seus casacos com as mãos o mais alto que podem e então bamboleiam para diante e para trás com as nádegas, como se estivessem ligando farinha com suas bundas, e dizem as palavras que se seguem:
>
> Minha dama está doente e foi para a cama
> E eu vou amassar meu pão-de-centeio
> Para cima com meus calcanhares e para cima com a cabeça,
> E esta é a maneira de amassar pão-de-centeio.
>
> Imagino (Aubrey comenta) nada ter havido nisso senão mera travessura da juventude — **rigidas prurigine vulvae.** Juven. Sat. 6 (129). [9]

Não mais aceitamos a noção do ardor lascivo da virgem casadoura, exceto na forma sintomática da síndrome Lolita; não acreditamos na clorose, mas aceitamos que a puberdade é uma espécie de doença natural de origem inorgânica, o que é uma suposição não menos arbitrária. O que devemos ver nas agonias da puberdade é o resultado do condicionamento que mutila a personalidade da mulher criando a personalidade feminina.

> **Para estar certo de que êle é um "Homem", o macho precisa para isso ver que a fêmea seja claramente uma "Mulher", o oposto de um "Homem", isto é, a fêmea tem de agir como um veado.**
>
> Valerie Solanas, SCUM Manifesto, pág. 50.

O LÔGRO PSICOLÓGICO

As mulheres são moldadas, por seu condicionamento, a abandonar a autonomia e procurar ser guiadas. Deve ser considerada uma evidência **a priori** da natureza sintética de nosso conceito do que constitui a natureza essencial da mulher, o fato de ser tão freqüentemente explicada. O número de mulheres que recorre à orientação paternal do psicanalista é indicativo do mesmo fato. A existência de tensão contínua na situação feminina não pode ser ocultada, de modo que precisa ser explicada; explicando-a, a psicologia tradicional, como o Capitão, em **The Father** de Strindberg, supõe da maneira mais arbitrária que as mulheres têm sido sujeitas a condicionamento impróprio à sua função biológica, que é a criação de filhos e trabalho auxiliar em casa.[1] A mulher que procura orientação acadêmica de psicólogos pode na verdade descobrir que alguns dos conflitos mais amargurantes são minimizados como um resultado, embora esta seja uma conclusão dúbia. O que ela realmente descobre é que as condições contra as quais se irrita são sancionadas por uma estrutura maciça de dados e teorias às quais ela apenas pode se adaptar, pois não há esperança de mudá-la. É preciso um outro psiquiatra para explicar-lhe a função da tendência do observador, e o conservadorismo essencial da psicologia.[2] Na medida em que a mulher está implicada, a psiquiatria é um extraordinário abuso de confiança: de nada suspeitando, a criatura busca ajuda porque se sente infeliz, ansiosa e confusa, e a psicologia a persuade a procurar a causa em **si mesma.** A pessoa é mais fácil de mudar que o **status quo** que representa um valor mais alto na filosofia otimista dos psicológos. Se tudo o mais falha "largactil", tratamento de choque, hipnose e outras formas de "terapia" reforçarão a exigência da sociedade. Os psicólogos não podem pôr em ordem o mundo, de modo que põem em ordem as mulheres. Realmente nem mesmo isso conseguem: um estudo de Eysenck (1952) relatava que de pacientes tratadas pela psicanálise, 44 por cento melhoraram; daquelas tratadas por outros

métodos (drogas, choque, etc.) 64 por cento melhoraram; e daquelas que não receberam tratamento nenhum 72 por cento melhoraram. Os relatórios subseqüentes de Barron e Leary, Bergin, Cartwright e Vogel e Truaux confirmam êstes resultados negativos.[3]

Tanto pior para a autoridade da psicanálise e a teoria da personalidade. Para a mulher que aceita as descrições psicanalíticas de si mesma e de seus problemas há perigos muito mais específicos do que os efeitos de preconceitos de personalidade na outra metade da comunidade.

Freud é o pai da psicanálise. Êle não teve mãe. Êle não é seu único gerador, e estruturas subseqüentes de teoria desafiaram bem, como reforçaram, seu sistema. Provàvelmente a melhor forma de tratá-la é como uma espécie de metafísica, mas em geral é reverenciada como uma ciência. O próprio Freud lamentava sua incapacidade de entender as mulheres, e tornou-se progressivamente mais humilde em seus pronunciamentos sôbre elas. A melhor abordagem das suposições de Freud sôbre as mulheres é provàvelmente a adotada pelo Dr. Ian Suttie, psicanalisando o próprio Freud.[4] A pedra de toque da teoria freudiana da natureza essencial da mulher é a convicção masculina de que uma mulher é um homem castrado. É suposto que ela se considera privada desta forma e de que muito de sua motivação brota quer da tentativa de fingir que não é assim, típica da mulher imatura que se entrega à sexualidade clitorial, quer da tentativa de compensar-se por esta ausência tendo filhos. Bàsicamente, o argumento é uma tautologia, que não pode ir além de seus próprios têrmos, de modo que não é nem demonstrável nem refutável. Ernest Jones, êle mesmo um freudiano devoto, começou a suspeitar de que algo estava errado com a hipótese básica porque deu-se ao trabalho de observar a sexualidade de crianças do sexo feminino:

> Há uma crescente e inconveniente suspeita de que os analistas tenham sido levados a adotar um indevido ponto de vista falocêntrico dos problemas em questão, sendo de maneira correspondente subestimada a importância dos órgãos femininos.[5]

Infelizmente, a inconveniência da suspeita deve ter permanecido, pois nunca floresceu em uma nova teoria. Os psicanalistas prosseguiram acreditando no trauma genital a despeito da evidência. Afinal a fé não depende de evidência. O esquema freudiano estabelece o desenvolvimento das menininhas paralelo ao dos menininhos, com a complicação de que a menina descobre que perdeu seu pênis. Sua sexualidade infantil é essencialmente masculina, com importantes restrições:

> **Como bem sabemos (sic)** não é senão na puberdade que se estabelece a aguda distinção entre os caracteres masculino e feminino. A partir desta ocasião, êste contraste tem uma influência decisiva maior do que qualquer outra na modelagem da vida humana. É verdade que as disposições masculina e feminina já são fàcilmente reconhecíveis na infância. O desenvolvimento das inibições de sexualidade (vergonha, nojo, compaixão, etc.)

> ocorre nas menininhas mais cedo, e de fato com menor resistência, do que nos meninos; a tendência para repressão sexual parece em geral ser maior, e onde os instintos componentes da sexualidade aparecem, elas preferem a forma passiva. A atividade auto-erótica das zonas erotogênicas é, no entanto, a mesma em ambos os sexos, e devido à sua uniformidade não há possibilidade de uma distinção entre os dois sexos, tal como surge após a puberdade. No que diz respeito às manifestações auto-eróticas e masturbatórias de sexualidade, podemos estabelecer que a sexualidade das meninas pequenas é de um caráter inteiramente masculino.

Isto tem de ser uma tolice. Os conceitos de igualdade e diferença são sem significado. A descrição da personalidade regulando-se de uma maneira misteriosa para a repressão é da mesma forma não-informativa. O que surge com tôda a fôrça é apenas que Freud acreditava que tôda libido era libido masculina. Aprendemos algo sôbre sua linguística, porém nada sôbre a realidade a que se refere.

> O dualismo de masculino-feminino é tão só o transporte para têrmos genitais do dualismo de atividade e passividade; e atividade e passividade representam fusão instável de Eros e Marte em guerra um com o outro. Assim Freud identifica masculinidade com agressividade e feminilidade com masoquismo. [7]

Se estamos para alcançar uma relação estável entre as fôrças de criação e destruição, teremos de abandonar a polaridade. Não podemos sobreviver no meio-ambiente de sadismo masculino e masoquismo feminino, um universo de agressores e vítimas. O próprio Freud admitiu isto, mas não ligou êste discernimento com suas próprias hipóteses sôbre o caráter essencial das mulheres.

> Os homens adquiriram a tal ponto contrôle sôbre as fôrças da natureza que com sua ajuda não teriam dificulade em exterminar um ao outro até o último homem. Êles sabem disto, e daí vem grande parte de sua atual inquietação, sua infelicidade e seu estado de espírito ansioso. E agora é de esperar que a outra parte dos dois "Podêres Celestiais", o eterno Eros, venha a fazer um esfôrço para afirmar-se com seu adversário igualmente imortal. [8]

Freud escreveu isto muito antes de Hiroshima e do conceito da megamorte. Não sugeriu que uma maneira de Eros refazer suas fôrças fôsse reintegrando as mulheres em sua sexualidade, em sua fidelidade a Eros. Em vez disso, êle e seus seguidores elaboraram o conceito do masoquismo feminino como ordenado divinamente pela biologia.

A mulher que resiste a seu papel sexual e ignora a mensagem de seu sangramento vaginal, de que devia estar gerando filhos, permanece fixada num estado infantil e agressivo de inveja do pênis. Pode ser sexualmente ativa porém sua resposta é ainda masculina, ligada ao clitóris, e não se originando no orifício receptivo, a vagina. O masoquismo da mulher madura brota de seu desejo de se submeter à agressão do macho com apetite, e é controlado apenas por seu nascisismo protetor que a leva a impor condições morais, estéticas e físicas. Durante o necessário intervalo entre ma-

turidade e união, ela expressa sua sexualidade por meio de fantasias passivas; apenas quando grávida está completa, pois o filho significa seu órgão genital perdido e sua realização, as fantasias declinam, o masoquismo-narcisismo é substituído por energia na proteção e socialização da criança. É bem uma clara descrição de um mecanismo existente, e tem se mostrado sedutor mesmo para mulheres teorizadoras, que não ousaram contrapor sua experiência subjetiva ao que parecia ser um fato objetivo. Além do mais, tinha pêso moral. A mulher que sabia que todos os seus orgasmos se originavam no clitóris ficava envergonhada pela imputação de imaturidade e inveja do pênis. A mulher que perseguia alvos ativos era por definição mal-adaptada a seu papel real e provàvelmente infantil.

> A atividade essencialmente sadia e a energia social e intelectual desenvolvida pela môça que renuncia às suas fantasias com freqüência arruína sua vida emocional e a impede de alcançar completa feminilidade e ulterior maternidade. Que essas mulheres freqüentemente permaneçam enredadas em formas infantis de vida emocional, enquanto suas mentes e atividades são bem desenvolvidas ao extremo, é um fato interessante que ainda requer explicação. Parece que a evolução da vida de fantasia para uma feminilidade por completo madura é um feito psicológico que pode ser inibido pela intelectualização. [9]

As prioridades de Helene Deutsch são óbvias. Se o intelecto impede a feminilização, deixa-se de lado o intelecto. Sua teoria psicanalítica não podia dar-lhe uma resposta ao interessante problema acadêmico, porque a resposta repousa no contexto social em que existem as mulheres inteligentes e ativas. Sugerir que nem a futura espôsa nem a professôra solteirona deviam estar inventando atividades compensatórias porque não estão envolvidas em criação de filhos entornaria todo o caldo. Ambos os exemplos, o feminino e o pseudomasculino, representam castrações. Mesmo Deutsch chegou a reconsiderar sua teoria básica de masoquismo feminino, e argumentou fracamente que êle "não pode ser relacionado sòmente com fatôres inerentes a características anatômico-fisiológicas, mas deve ser interpretado como condicionamento de modo importante pelo complexo cultural ou organização social em que a mulher masoquista particular se desenvolveu".[10] Mas nunca chegou longe o bastante para ver que ela própria era um fenômeno do mesmo complexo, dando uma importante contribuição para sua manutenção às expensas das mulheres.

A própria Deutsch, a despeito de suas pretensões a estatura intelectual, estava profundamente apaixonada pelo estereótipo feminino. Traçou um quadro extraordinário da mulher como a companheira de vida ideal.

> ...se possuem a qualidade feminina de intuição num alto grau, são colaboradoras ideais que muitas vêzes inspiram seus homens, e são elas mesmas mais felizes neste papel. Parecem ser fàcilmente influenciáveis e adaptar-se a seus companheiros e compreendê-los. São as mais encantadoras e as menos agressivas das colaboradoras e querem permanecer nesse papel; não insis-

tem em seus próprios direitos — muito pelo contrário. São fáceis de lidar de tôdas as maneiras — basta que sejam amadas. Sexualmente são com facilidade excitadas e raramente frígidas; porém, precisamente naquele campo sexual, impõem condições narcisistas que devem ser preenchidas de modo absoluto. Exigem amor e ardente renúncia de suas próprias tendências ativas.

Se dotadas em qualquer direção, preservam a capacidade de ser originais e produtivas, mas sem entrar em lutas competitivas. Estão sempre querendo renunciar às próprias realizações sem achar que estejam sacrificando alguma coisa, e se rejubilam com as realizações de seus companheiros, que com freqüência inspiraram. Têm uma extraordinária necessidade de apoio quando empenhadas em qualquer **atividade dirigida para fora,** porém são absolutamente independentes naqueles sentimentos e idéias relacionados com sua vida interior, quer dizer, em sua **atividade dirigida para dentro.** Sua capacidade de identificação não é uma expressão de sua pobreza interior mas de saúde interior. [11]

Isto não passa de um clichê para a mulher aprovada e como tal apresenta um ideal artificial inatingível. Uma tal mulher não pode ser uma pessoa, pois ela não existe de modo algum em seus próprios têrmos. Sua importância só pode ser conferida pela presença de um homem a seu lado, um homem de quem ela depende de maneira absoluta. Como compensação pela renúncia, colaboração, adaptação, identificação, ela é acariciada, desejada, manejada, influenciada e, em certas ocasiões, desejada em vão. É um mau negócio para um homem, pois ela não faz tentativa de excitá-lo ou interessá-lo, de modo que êle não pode esperar ser manejado ou influenciado por ela. Tôda a estrutura podia ser ameaçada por uma verruga no nariz, pois Deutsch não pode manter fora de sua receita palavras como encantadora. Que direito pode ter esta criatura de exigir amor ardente e desejo, vendo-se como ela é incapaz de oferecê-lo? Ela é uma maçadora fútil, exigente, servil. Nada é mais desanimador do que um tal espetáculo de imperdoável auto-sacrifício. Esta é uma mulher nascida para ser abandonada por seu ingrato marido, no pináculo mesmo do sucesso que ela ajudou a construir para êle, por uma desavergonhada gatinha de dezenove anos. E esta é a norma descrita pela "ciência" da psicanálise, uma mixórdia de fantasia e moralismo não iluminada por qualquer faísca de bom-senso. O crasso preconceito de Deutsch não foi questionado de modo importante pela psicanálise mais recente: Bruno Bettelheim argumenta que "devemos começar com a percepção de que, por mais que as mulheres queiram ser boas cientistas ou engenheiras, querem antes e mais de tudo ser companheiras femininas dos homens e ser mães."[12]

Erik Erikson inventou o conceito lunático de um **espaço interior** no **traçado somático** de uma mulher, um buraco na cabeça, por assim dizer, que abriga o compromisso de tomar conta de crianças.[13] Joseph Rheingold reeditou a posição do capitão louco em **The Father,** ainda em 1964.

> Quando as mulheres crescerem sem mêdo de suas funções biológicas e sem subversão provocada por doutrina feminista e portanto entrarem na maternidade com um senso de plenitude e sentimento altruístico, atingiremos o alvo de uma boa vida e um mundo seguro no qual viver. [14]

As mulheres que penetram no casamento e na criação de filhos com otimismo e sentimentos românticos são mais vociferantes em seus desapontamentos e os filhos sofrem mais pelo interêsse obsessivo da mãe por êles. A biologia nunca pretendeu que a criação de filhos fôsse uma compensação pela negligência de tôdas as outras formas de plenitude e realização. Nunca se pretendeu que fôsse um processo consumidor de tempo e autoconsciente como é. Um dos mais profundos males de nossa sociedade é a criação tirânica. As feministas acarinharam uma viva esperança de que as conclusões de Masters e Johnson, referentes ao orgasmo vaginal ser um mito, tivessem desbaratado o fantasma freudiano para sempre, quando estabeleceram que todos os orgasmos da mulher se originavam no clitóris. Contudo, não está além do propósito dêstes teóricos, argumentar que tôdas as mulheres testadas por Masters e Johnson eram produtos infantis de condicionamento impróprio e de que o fato de todos os orgasmos em suas amostras serem clitorais não prova que o orgasmo vaginal não exista, possa existir ou deva existir. Bàsicamente, tudo vem dar no mesmo fato: o sistema freudiano descreve o **status quo** como o **desideratum** da classe-média do século dezenove. Os fatos são irrelevantes para o que é bàsicamente um sistema de valôres. Se colocarmos nossos valôres mais sólidos na realidade externa, podemos rejeitar as premissas da realidade freudiana como pêso extra no processo auto-repressivo, fiando-nos, em vez disso, em nossa própria observação e nos resultados de nossas próprias experiências em nosso meio-ambiente. A construção freudiana não é tão só arbitrária como não funciona como um modêlo de vida. Não podemos ter todos os filhos de que precisaríamos para chegar à conclusão de saúde mental como entendida por Freud, por mais que queiramos. Se as mulheres devessem estar descalças e grávidas o tempo todo, como Mark Twain sugeriu, seu número teria de ser dizimado.

Houve outras declarações feitas pelos pais da psicologia a respeito do papel das mulheres, da hipocrisia supersticiosa de Jung às noções de normalidade humana derivadas da observação de macacos coabitando no campo de batalha da jangal. Uma antropologista como Margaret Mead busca a ratificação de suas teorias acadêmicas de sexo em sua observação de comunidades primitivas, de modo que, a despeito de seu aparente radicalismo, ela defende o conceito de feminilidade passiva. Sua posição é ainda a de Krafft-Ebing, que afirma, sôbre a mulher:

> Se ela tem desenvolvimento mental normal, e é bem-criada, seu desejo sexual é pequeno. Se não fôsse assim o mundo todo se tornaria um bordel e o casamento e a família, impossíveis. É certo que o homem que evita mulheres e a mulher que busca homens são anormais... Não obstante,

> a esfera sexual ocupa uma esfera muito maior na consciência das mulheres do que na dos homens, e é contínua em vez de intermitente.[15]

Freud ter-lhe-ia dito como interpretar sua última observação em têrmos da anterior. As mulheres têm desejos sexuais e se é uma função do desenvolvimento normal da saúde mental e da boa criação destruí-los, tentemos algum desenvolvimento mental anormal, rejeitando nossa criação. Se casamento e família dependem da castração das mulheres, que êles mudem ou desapareçam. A alternativa não é um bordel, pois bordéis dependem de casamento e da família para existir. Se quisermos escapar do moinho da fantasia sexual, necessidade voraz de amor e obsessividade em tôdas as suas formas teremos de reintegrar nossa libido em sua função correta. Só então as mulheres serão capazes de amar. Eros Eterno está agora aprisionado nas armadilhas da simbiose sado-masoquista, e se quisermos resgatá-lo e salvar o mundo teremos de romper os grilhões. O que afinal estava Deutsch descrevendo com suas apaixonadas frases retóricas senão isto?

> A forma passiva da união simbiótica é a da submissão ou... de masoquismo. A pessoa masoquista escapa do insuportável sentimento de isolamento e separação tornando-se parte integrante de outra pessoa que a dirige, a protege; que é como se fôsse sua vida e seu oxigênio. O poder daquele a quem ela se submete deve ser aumentado, seja êle uma pessoa ou um deus, êle é tudo, eu não sou nada, exceto na medida em que sou parte dêle. Como uma parte, sou parte da grandeza, da segurança. A pessoa masoquista não deve ter de tomar decisões, não deve ter de correr qualquer risco; nunca está sòzinha — mas não é independente; não tem integridade; ainda não nasceu por completo... a pessoa que renuncia à sua integridade torna-se o instrumento de alguém ou de algo fora de si mesma; não precisa resolver o problema de viver por meio de atividade produtiva.[16]

Ao promover o papel masoquista como o papel próprio para a mulher, a psicologia reforça a infantilização que tem estado em processo desde que ela nasceu. Seus sofrimentos não brotam de seu fracasso em atingir maturidade como mulher, mas de seus embates contra o que a impede de viver e trabalhar com suas próprias fôrças. Desde que nasceu vem sendo submetida a uma pressão para retornar ao útero, desde sua primeira hora amarrada à sua última camisa-de-fôrça. Só há uma maneira de retornar ao útero, via morte. As mesmas pressões que amarram com sarças as alegrias e desejos de uma mulher são as pressões que destruirão o mundo. Se metade do mundo deve permanecer refém para a Morte, então Eros vai perder a batalha para a arma total. O que são as corridas armamentistas e a guerra fria senão a continuação do espírito de competição e agressão masculinos na esfera inumana das instituições dirigidas por computador? Se fôr para as mulheres cessarem de produzir carne de canhão para o holocausto final, precisam resgatar os homens das perversidades de sua própria polarização. A luta pode ser longa e mesmo mais dolorosa do que a capitulação. Será uma luta no escuro, pois nenhum conhecimento de que nos jactamos, científico ou não, pode descrever a possibilidade alternativa. Será que vale a pena?

A MATÉRIA-PRIMA

A despeito de todos os argumentos sôbre o efeito do condicionamento sôbre a mulher em desenvolvimento, pode persistir a suspeita de que as mulheres têm alguma deficiência mental congênita devido ao seu sexo. Dada a inclinação de observadores envolvidos no exame provocado por tendências suspeitas ou supostas, não devemos nos surpreender ao descobrir que havia diferenças sexuais, "provadas" em mente. O fato notável é de que tais diferenças não foram nunca estabelecidas. Há mais de cinqüenta anos vem sendo feita investigação metódica sôbre o sexo da mente. É sabido, por

Desta forma tenho pesquisado os segredos das mulheres
E para que vejam como são curiosamente feitas.
E que, embora sejam de sexo diferente,
No entanto no todo são o mesmo que nós.
Pois aquêles que foram os mais rigorosos pesquisadores,
Acham que as mulheres não passam de homens virados de fora para dentro;
E os homens, basta que lancem os olhos em tôrno,
Podem descobrir que são mulheres com seu interior para fora.

"The Works of Aristotle in Four Parts", 1822, pág. 16

exemplo, que os hormônios sexuais não penetram no cérebro, mas jamais foi estabelecida correlação entre aquêle fato fisiológico e a capacidade mental ou comportamento, embora tenha sido suposto. Foi ensinado que a relativa leveza do cérebro da mulher demonstrava podêres mentais menores, embora fôsse apontado que as mulheres têm um cérebro mais pesado em relação ao pêso total do corpo. De qualquer maneira, o pêso do cérebro não tem importância, como foi prontamente admitido quando se descobriu que isso ia contra os homens. Se os lobos frontais devem ser considerados a sede da inteligência, então deve também ser destacado que a área frontal do cérebro é mais desenvolvida nas mulheres. De modo que podemos do mesmo modo deixar de lado aquêle tipo de estatís-

tica. O cérebro é tão imperfeitamente compreendido que simplesmente não sabemos o bastante sôbre sua fisiologia e função para deduzir fatos referentes a desempenho.

Em vez de deduzir comportamento de fisiologia pareceu mais lógico estabelecer padrões de comportamento a partir da observação do comportamento. Há problemas ligados a isso também. É impossível controlar experiências que são conduzidas entre indivíduos que estão sofrendo o condicionamento caótico contínuo da vida normal. Indivíduos não condicionados não existem e os condicionados o são de modo uniforme. Se tais testes revelassem inferioridade intelectual nas mulheres podíamos deixá-las de lado, porém de qualquer maneira não revelam.

Em 1966, Eleanor Maccoby reuniu os resultados de cinqüenta anos de análise em seu livro **The Development of Sex Difference** sob uma linha de subdivisões extraordinàriamente abrangente. Aquelas relativas a capacidades cognoscivas têm particular interêsse. Segundo Gesell e outros, (1940) e Terman (1925), as meninas falam antes dos meninos. Todos os estudos ulteriores do desenvolvimento de articulação mostram que as meninas avançam mais ligeiro do que os meninos, embora os meninos se saiam melhor em situações que exijam empreendimento e falta de timidez, como falar em classe, especialmente nos grupos etários mais velhos. As meninas parecem ter um vocabulário mais amplo, embora as diferenças não pareçam muito importantes. As meninas são melhores em gramática e ortografia, conquanto testes de raciocínio tenham produzido resultados variados. Testes de leitura mostraram o mesmo padrão. Habilidades cognoscivas não-verbais, como cálculo, raciocínio matemático, cognição espacial, raciocínio abstrato, dispersão de coleção e reestruturamento, velocidade de percepção, habilidades manuais, mecânicas e científicas foram tôdas testadas, e não surgiu nenhum padrão significativo de diferença, exceto esta leve preeminência das meninas, que podem ter esta vantagem por razões ligadas à sua aculturação, mais tempo gasto com adultos, hábitos mais sedentários, maior obediência e credibilidade. Dos testes de Q. I. total, onze não mostraram diferença, três encontraram uma diferença em favor das mulheres, e três em favor dos homens. Dada a natureza amorfa das faculdades examinadas e o caráter arbitrário da situação do teste em si, devemos nos impedir de supor qualquer coisa sôbre a psique da mulher a partir de tal evidência, exceto que o sexo da mente ainda está para ser demonstrado.[1]

Há uma confusão básica nas circunstâncias de exame entre criatividade e conseguir boas notas na escola. No estudo de Lewis Terman sôbre gênio, que consistiu em acompanhar as carreiras de um grupo de crianças dotadas, êle é muito embaraçado por seu próprio conceito limitado de gênio. Uma menina, Sarah, é altamente louvada por Terman, que inclui êste poema como evidência de seus dons extraordinários:

A VIRGEM

Seu orgulho submetido por timidez, ou por arte,
A donzela caminha; os murmúrios de seu coração
Sòmente traídos pela rosa ilusória
Sôbre sua face. Por todo o seu ser flui
Uma consciência de feliz inocência
E juventude mais doce por sua impermanência.
Ansiosa por viver, conquanto temendo ser colhida
Na rude corrente turbulenta da vida, sábia embora inculta,
Cônscia de tudo aquilo a que está votada a ser,
Ela saboreia e retarda seu destino. [2]

Esta pomposa algaravia não está iluminada por genuíno discernimento. A tradição em que é escrita pereceu de modo ignóbil há cem anos ou mais atrás. Tudo que um tal opúsculo pode refletir é a facilidade da jovem Sarah para a imitação. No entanto, os examinadores distinguem algumas tendências que nos podem ser de ajuda na compreensão do que é que acontece à menina quando ela é gradualmente ultrapassada por seus rivais masculinos e por fim deixa a escola antes de alcançar um apreciável padrão de instrução, ou de adquirir uma qualificação para emprêgo. A despeito da confusão entre indução e educação nas mentes dos examinadores êles foram capazes de observar uma tendência que percorre

Um Homem não devia se valorizar mais por ser mais sábio que uma mulher, se deve sua Vantagem a uma melhor Educação, do que deve se gabar de sua Coragem por bater num Homem quando as mãos dêle estiverem amarradas.

Mary Astell,
"An Essay in Defence of the Female Sex", 1721, pág. 18.

um longo caminho para explicar o que finalmente prejudica as meninas:

Em ambos os sexos há uma tendência por parte das crianças mais passivas e dependentes a desempenhar pobremente uma variedade de tarefas intelectuais, e por parte das crianças independentes a fazerem melhor... [3]
Crianças que "se recusam a aceitar a autoridade" fazem bem uma variedade de tarefas, como o fazem aquelas que resistem a "pressões de concordância". Mães que foram menos dominantes em relação a suas filhas durante os anos pré-escolares tiveram filhas mais bem sucedidas acadêmicamente...
Para as meninas, em contraste com os meninos, o fator crucial no desenvolvimento do Q. I. parece estar relacionado à liberdade da restrição maternal — liberdade para perambular e explorar. [4]

A falência das mulheres em produzir grandes obras-de-arte e tudo o mais pode ser explicada em têrmos desta declaração. Na medida em que escapa o seu condicionamento ou o rejeita, a meninha pode sobressair-se naquelas espécies de atividades intelectual que são chamadas de criadoras, mas finalmente ela ou capitula a seu condicionamento, ou os conflitos se tornam tão opressivos que sua eficiência é prejudicada. Maccoby não vê porque o desenvolvimento da sexualidade tem de ter um efeito tão deletério sôbre o desempenho das meninas, embora tenha citado antes a opinião de McKinnon sôbre a relação entre repressão e capacidade mental.

Repressão, McKinnon argumenta, tem um impacto generalizado sôbre processos de pensamento, interferindo na acessibilidade da experiência prévia própria do indivíduo. Um indivíduo que está usando de repressão como um mecanismo de defesa não pode ser, para usar a expressão de McKinnon, "fluente em esquadrinhar pensamentos". McKinnon tem evidência de que a criatividade está de fato associada com a ausência de repressão (como indicado por meio de testes de avaliação de personalidade) e Barron relata que originalmente está associada com "capacidade de resposta a impulso e emoção". [5]

De tudo que foi dito, percebe-se que não podemos falar de inferioridade e superioridade, porém apenas de diferenças específicas em aptidões e personalidade entre os sexos. Estas diferenças são em grande parte o resultado de fatôres culturais e outros ligados à experiência... o envolvimento em tôdas as características psicológicas é tal que precisamos considerar homens e mulheres como indivíduos, em vez de em têrmos de estereótipos de grupo.

Anna Anastasi

"Differential Psychology", 1958, págs. 497-8.

Por certo, o enfoque de McKinnon consegue algum avanço na explicação do esmorecimento gradual das esperanças da mulher jovem, quando ela incorpora os processos repressivos que seus pais e superiores demonstraram e os continua em seu próprio favor. O que ela começou não se pode provar ser de qualquer maneira inferior à matéria-prima de que é modelado o gênio macho, porém do que podemos observar parece que as meninas só podem provar aquêle ponto por meio de rebelião intelectual aberta.

O PODER DA MULHER

O fracasso dos testes especialmente ideados para revelar qualquer diferença especificamente sexual no que toca à capacidade intelectual de homens e mulheres não tem importância, na medida em que aquêles que duvidam da habilidade das mulheres para certas responsabilidades e trabalhos estão envolvidos. Consideram que os testes lançam maior descrédito aos examinadores e ao método de testar do que ao homem e à mulher. O Dr Leavis acreditava poder identificar uma mulher escritora por seu estilo, mesmo que necessàriamente, tudo o que ela escrevera não passasse de uma paródia da obra superior de algum homem. Afinal, não havia nada de muito errado com Virginia Woolf, exceto ela ser uma mulher. Podia ser argumentado que os testes foram moldados especialmente numa tentativa de neutralizar o efeito do condicionamento sexual, enquanto mulheres reais no mundo real sofrem condicionamento contínuo. Nenhum ajustamento de nossa opinião teórica sôbre sua capacidade básica pode alterar a natureza de seus feitos. Os homens queixam-se de que não podem lidar com as mulheres, de que se deve evitar discussões com mulheres a todo o custo porque elas sempre dizem a última palavra, em geral por meios desonestos. "Como uma mulher", suspiram, e todos concordam. A detecção de sexo na mente não se limita a ser privilégio dos mais eminentes mandarins literários do Dr. Leavis e Norman Mailer,[1] estende-se às mais baixas camadas de iletrados — o garôto de escola reclamando daquelas "meninas danadas". Pelo fato de a diferença ser acreditada tão de coração, é também experimentada. Como convicção torna-se um

As mulheres tendem a fazer com que suas emoções desempenham as funções para as quais servem, e desta maneira permanecem mentalmente muito mais saudáveis do que os homens.

Ashley Montagu

"The Natural Superiority of Women", 1954, pág. 54

motivo para comportamento e uma causa continuada do próprio fenômeno. Não é para ser posta de lado por meios racionais. Não há, é claro, razão para que as mulheres se limitem à lógica: podemos perversamente decidir-nos a explorar a Teoria Ovariana da Mente.[2]

Uma das exposições mais completas da teoria da alma feminina foi apresentada em **Sexand Character,** um livro notàvelmente rigoroso e comprometido de um simples rapaz, Otto Weininger, que se suicidou alguns anos após sua publicação. Sua brilhante vida neurótica pode ser tomada como uma ilustração do que o dimorfismo pode finalmente conseguir. Desintegrando a natureza humana e erguendo fronteiras entre metades em luta, Weininger condenou-se à perversão, culpa e morte prematura. Começou por identificar as mulheres com o corpo, com a sexualidade inconsciente, e após isso com animalismo passivo. Como um macho racional, condenava tão bestial elemento: "Nenhum homem que pense realmente de modo profundo sôbre as mulheres tem uma elevada opinião sôbre elas; os homens ou desprezam as mulheres ou nunca pensaram sèriamente sôbre elas".[3]

Tal Freud, com quem êle tinha muito mais em comum, considerava as mulheres castradas por natureza; por ter o pênis em tal alta conta, pensou que as mulheres também pensavam assim:

> Uma figura feminina absolutamente nua deixa uma impressão de algo deficiente, uma coisa incompleta que é incompatível com a beleza... [4]
> As qualidades que fazem apêlo a uma mulher são os sinais de uma sexualidade desenvolvida; aquelas que lhe causam repulsa são as qualidades da mente superior. A mulher é essencialmente uma adoradora do falo... [5]

Weininger pensou o dimorfismo dos sexos até o fim, e descobriu que, dada uma tal polaridade, os homens não podiam ter nenhuma comunhão real com as mulheres, apenas compartilhar uma hipocrisia altamente comprometida. Valerie Solanas realizou o mesmo exercício para as mulheres, e descobriu que os homens cobiçam tudo que as mulheres são, buscando degradação e efeminação em suas mãos.[6] Ela desforrou-se atirando no peito de Andy Warhol. Weininger, mais honestamente, atentou contra si mesmo e obteve êxito. Assim como Solanas despreza os homens tal como êles pretendem ser e em seu fracasso em viver seu próprio estereótipo, Weininger despreza as mulheres tanto por a imagem delas ser passiva e animal como por não serem genuìnamente assim. Seu fingimento é produzido pela exigência da situação sexual que elas exploram, daí a duplicidade e mendacidade que lhes caracteriza tôdas as ações. Porque a mulher vive por delegação não precisa tomar responsabilidade moral de seu comportamento: porque não tem responsabilidade não tem moralidade nem ego. Por causa da falta de ego e da variedade de papéis que as mulheres manipulam, não têm identidade, como se pode adivinhar de sua boa vontade em abandonar os nomes. A mulher nunca é genuína em nenhum período de sua vida.

A reflexão mais cruel é que Weininger estava simplesmente descrevendo o que via em tôrno de si no comportamento da mulher.

Não podia ver que seriam destas deformidades que as mulheres um dia clamariam para ser libertadas. O quanto podia ver, as mulheres eram assim e êle não sabia o que viera primeiro, sua condição ou seu caráter. Supôs que tivesse sido o último, porque não podia explicar sua condição de outra maneira.

> **Igualdade política e cívica dos sexos implica em igualdade moral. Implica na assustadora conseqüência, perfeitamente lógica, de que a moral das mulheres será no futuro a mesma daquele respeitável homem Cristão Vitoriano — pelo melhor. Isso, é claro, significa o colapso total da moralidade Cristã.**
>
> Robert Briffault, "Sin and Sex", 1931, pág. 132

Tôdas as deficiências morais que Weininger descobriu se fantasiavam de virtudes na sociedade vitoriana. Deve ser concedido a Weininger o crédito de tê-las descrito apropriadamente. Não obstante, seus conceitos de ego, identidade, lógica e moralidade provinham da observação dêste mesmo **status quo** indesejável, e as mulheres hoje podem muito bem achar que o que Weininger descreve como defeitos podiam de fato ser **liberdades** que elas faziam muito bem em favorecer. Por exemplo:

> Para as mulheres, pensar e sentir são idênticos, para os homens estão em oposição. A mulher tem grande parte de sua experiência mental como percepções não diferenciadas, enquanto no homem estas passaram por um processo de esclarecimento. [8]

"Definitio est renatio". Podemos argumentar que esclarecimento equivale à falsificação: se você quer saber o que aconteceu numa situação especial seria melhor perguntar a alguém que observou tudo e se lembra de tudo, não procurar logo algum esclarecimento extrapolado. Como é triste para os homens ter sentimento e pensamento em oposição! Eliot considerava que o século dezessete tinha visto uma dissociação da sensibilidade, de modo que a inteligência não mais servia como um índice direto da intensidade de sentimento porém, ao contrário, o minava. Pode ser que as mulheres tenham sobrevivido ao processo que debilitou o resto da cultura ocidental dominada pelo macho. Para podermos fazer algo desta sedutora possibilidade, precisamos refletir que as mulheres mais educadas foram simplesmente admitidas na cultura acadêmica masculina, e perderam seu poder de perceber por meio de percepções indiferenciadas. Segundo Antonin Artaud, Anais Nin deve ter sobrevivido mesmo àquilo:

> Trouxe muita gente, homens e mulheres, para ver a linda tela, mas é a primeira vez que jamais vi a emoção artística fazer um ser humano palpitar como o amor. Seus sentidos tremeram e eu percebi que a mente e o corpo estavam ligados em você de maneira formidável, porque uma coisa espiritual assim pura podia desatar tão poderosa tormenta em seu organismo. Mas naquele casamento universal é a mente que manda no corpo e o domina, e deve acabar por dominá-lo de tôdas as maneiras. Sinto que há um mundo de coisas em você que estão implorando para nascer desde que encontrem seu exorcista. [10]

motivo para comportamento e uma causa continuada do próprio fenômeno. Não é para ser posta de lado por meios racionais. Não há, é claro, razão para que as mulheres se limitem à lógica: podemos perversamente decidir-nos a explorar a Teoria Ovariana da Mente.[2]

Uma das exposições mais completas da teoria da alma feminina foi apresentada em **Sexand Character,** um livro notàvelmente rigoroso e comprometido de um simples rapaz, Otto Weininger, que se suicidou alguns anos após sua publicação. Sua brilhante vida neurótica pode ser tomada como uma ilustração do que o dimorfismo pode finalmente conseguir. Desintegrando a natureza humana e erguendo fronteiras entre metades em luta, Weininger condenou-se à perversão, culpa e morte prematura. Começou por identificar as mulheres com o corpo, com a sexualidade inconsciente, e após isso com animalismo passivo. Como um macho racional, condenava tão bestial elemento: "Nenhum homem que pense realmente de modo profundo sôbre as mulheres tem uma elevada opinião sôbre elas; os homens ou desprezam as mulheres ou nunca pensaram sèriamente sôbre elas".[3]

Tal Freud, com quem êle tinha muito mais em comum, considerava as mulheres castradas por natureza; por ter o pênis em tal alta conta, pensou que as mulheres também pensavam assim:

> Uma figura feminina absolutamente nua deixa uma impressão de algo deficiente, uma coisa incompleta que é incompatível com a beleza... [4]
> As qualidades que fazem apêlo a uma mulher são os sinais de uma sexualidade desenvolvida; aquelas que lhe causam repulsa são as qualidades da mente superior. A mulher é essencialmente uma adoradora do falo... [5]

Weininger pensou o dimorfismo dos sexos até o fim, e descobriu que, dada uma tal polaridade, os homens não podiam ter nenhuma comunhão real com as mulheres, apenas compartilhar uma hipocrisia altamente comprometida. Valerie Solanas realizou o mesmo exercício para as mulheres, e descobriu que os homens cobiçam tudo que as mulheres são, buscando degradação e efeminação em suas mãos.[6] Ela desforrou-se atirando no peito de Andy Warhol. Weininger, mais honestamente, atentou contra si mesmo e obteve êxito. Assim como Solanas despreza os homens tal como êles pretendem ser e em seu fracasso em viver seu próprio estereótipo, Weininger despreza as mulheres tanto por a imagem delas ser passiva e animal como por não serem genuìnamente assim. Seu fingimento é produzido pela exigência da situação sexual que elas exploram, daí a duplicidade e mendacidade que lhes caracteriza tôdas as ações. Porque a mulher vive por delegação não precisa tomar responsabilidade moral de seu comportamento: porque não tem responsabilidade não tem moralidade nem ego. Por causa da falta de ego e da variedade de papéis que as mulheres manipulam, não têm identidade, como se pode adivinhar de sua boa vontade em abandonar os nomes. A mulher nunca é genuína em nenhum período de sua vida.

A reflexão mais cruel é que Weininger estava simplesmente descrevendo o que via em tôrno de si no comportamento da mulher.

Não podia ver que seriam destas deformidades que as mulheres um dia clamariam para ser libertadas. O quanto podia ver, as mulheres eram assim e êle não sabia o que viera primeiro, sua condição ou seu caráter. Supôs que tivesse sido o último, porque não podia explicar sua condição de outra maneira.

> **Igualdade política e cívica dos sexos implica em igualdade moral. Implica na assustadora conseqüência, perfeitamente lógica, de que a moral das mulheres será no futuro a mesma daquele respeitável homem Cristão Vitoriano — pelo melhor. Isso, é claro, significa o colapso total da moralidade Cristã.**
>
> Robert Briffault, "Sin and Sex", 1931, pág. 132

Tôdas as deficiências morais que Weininger descobriu se fantasiavam de virtudes na sociedade vitoriana. Deve ser concedido a Weininger o crédito de tê-las descrito apropriadamente. Não obstante, seus conceitos de ego, identidade, lógica e moralidade provinham da observação dêste mesmo **status quo** indesejável, e as mulheres hoje podem muito bem achar que o que Weininger descreve como defeitos podiam de fato ser **liberdades** que elas faziam muito bem em favorecer. Por exemplo:

> Para as mulheres, pensar e sentir são idênticos, para os homens estão em oposição. A mulher tem grande parte de sua experiência mental como percepções não diferenciadas, enquanto no homem estas passaram por um processo de esclarecimento. [8]

"Definitio est renatio". Podemos argumentar que esclarecimento equivale à falsificação: se você quer saber o que aconteceu numa situação especial seria melhor perguntar a alguém que observou tudo e se lembra de tudo, não procurar logo algum esclarecimento extrapolado. Como é triste para os homens ter sentimento e pensamento em oposição! Eliot considerava que o século dezessete tinha visto uma dissociação da sensibilidade, de modo que a inteligência não mais servia como um índice direto da intensidade de sentimento porém, ao contrário, o minava. Pode ser que as mulheres tenham sobrevivido ao processo que debilitou o resto da cultura ocidental dominada pelo macho. Para podermos fazer algo desta sedutora possibilidade, precisamos refletir que as mulheres mais educadas foram simplesmente admitidas na cultura acadêmica masculina, e perderam seu poder de perceber por meio de percepções indiferenciadas. Segundo Antonin Artaud, Anais Nin deve ter sobrevivido mesmo àquilo:

> Trouxe muita gente, homens e mulheres, para ver a linda tela, mas é a primeira vez que jamais vi a emoção artística fazer um ser humano palpitar como o amor. Seus sentidos tremeram e eu percebi que a mente e o corpo estavam ligados em você de maneira formidável, porque uma coisa espiritual assim pura podia desatar tão poderosa tormenta em seu organismo. Mas naquele casamento universal é a mente que manda no corpo e o domina, e deve acabar por dominá-lo de tôdas as maneiras. Sinto que há um mundo de coisas em você que estão implorando para nascer desde que encontrem seu exorcista. [10]

A maior parte disto é bobagem. Era de esperar que o inventor do teatro de crueldade visse o fenômeno de sensibilidade unificada e gastasse um parágrafo tentando provar a dominação da mente a ponto de deduzir que ela precisava de um exorcista! O maniqueísmo de Artaud impediu-o de ver que o estímulo da pintura era em primeira instância sensual. Tudo o que aconteceu foi que Nin respondeu com o corpo e a mente a um estímulo sensível e intelegível. A pintura era una, e sua resposta foi igualmente integrada.

Se as mulheres retiverem sua experiência em sua forma original não classificada podem escapar à grande limitação do pensamento científico, limitação que foi apontada por A. N. Whitehead em **Adventures of Ideas.**

> No estudo de idéias é necessário lembrar que insistência em clareza obstinada vem de enfoque sentimental, como se houvesse uma neblina, encobrindo as complexidades do fato. A insistência em clareza a todo custo é baseada em pura superstição referente à maneira pela qual a inteligência humana funciona. Nossos raciocínios agarram palhas como premissas e flutuam em penugens como deduções. [11]

Num nível banal esta diferença de funcionamento do pensamento da mulher e do homem é fàcilmente demonstrada: basta recordarmos Papai fazendo troça de Mamãe por guardar o sal numa caixa rotulada Sagu, ou da freqüentemente celebrada intuição feminina, que é apenas uma faculdade de observar mínimos aspectos insignificantes de comportamento e formar uma conclusão empírica que não pode ser silogìsticamente examinada. Agora que a maior parte da informação não está disseminada de forma argumentativa na página impressa, mas é assimilada de várias maneiras não-verbais, por meios visuais, a maior clareza e as virtudes da discussão são cada vez mais claramente vistas como sendo simplesmente modos alternativos de saber, e não os únicos ou os principais. A incorporação pelos computadores de muito do pensamento vertical colocou ênfase cada vez maior nas propensões criadoras do pensamento humano, o súbito aumento da paixão política na última década, especialmente entre a geração que absorveu a maior parte de sua educação desta forma indiferenciada, dá testemunho de uma reintegração de pensamento e sentimento acontecendo em larga escala. Em tais circunstâncias, tôda a peculiaridade dêste gênero encontrada na mente da mulher pode bem tornar-se uma fôrça.

Infelizmente meus próprios argumentos têm tôdas as falhas de um insuficiente cuidado com a lógica e nenhuma de suas fôrças, o castigo afinal de uma educação cartesiana. Tanto pior para o privilégio. Aqui estou eu, um negro que não sabe fazer cabriolas ou cantar os Blues! Hoje em dia a própria educação está mudando para que o pensamento criador não decline com a inculcação de disciplinas mentais, que agora não são ensinadas como fins, porém simplesmente como meios para outros fins. Infelizmente, o resultado principal

da mudança até aqui parece ser a relutância das crianças em estudar ciência, mas no fim a própria ciência se tornará um estudo completo.

Weininger no entanto tem acusações mais sérias:

> Uma mulher não pode aprender que se deve agir segundo um princípio; como ela não tem continuidade, não experimenta a necessidade de apoio lógico para seus processos mentais... ela pode ser encarada como "lògicamente insana". [12]

É verdade que as mulheres com freqüência se recusam a argumentar lògicamente. Em muitos casos, simplesmente não sabem como fazê-lo, e os homens podem confundi-las com um pouco de sofisma pomposo. Em alguns casos, ficam intimidadas e perturbadas antes de começar a argumentação. Porém é também verdade que, na maioria das situações, a lógica é simplesmente a racionalização de um objetivo infralógico. As mulheres sabem disto; mesmo as mais bem educadas dentre elas sabem que discussões com seu povo masculino são **real-politik** disfarçada. Não é uma contenda de agilidade mental com o direito sendo o botim do vitorioso, mas uma contenda de vontades. As leis do discurso lógico não são mais importantes para o caso do que as do Marquês de Queensberry para uma briga num boteco. A cabeça-dura da mulher rejeita a deturpada noção masculina de que os homens são animais racionais. A lógica masculina só pode lidar com questões simples: mulheres, porque elas são passivas e condenadas a observar e reagir em vez de iniciar, são mais cônscias da complexidade. Os homens foram forçados a suprimir sua receptividade, no interêsse da dominação. Uma das possíveis vantagens da infantilização das mulheres é que elas podem, afinal, tornar-se, nas palavras de Lao-Tse, "um canal puxando todo o mundo para êle," de modo que elas "não serão separadas da virtude eterna" e "possam voltar de nôvo ao estado da infância",[13] Se o estado das mulheres fôsse sòmente infância, e não aquilo a que reduzimos a própria infância, novas possibilidades podiam estar mais próximas da realização do que parecem. Quando Schopenhauer descreveu o estado das mulheres como **infância moral,** estava refletindo não só seu preconceito contra as mulheres mas também contra os bebês. A falha das mulheres em tomar a lógica a sério tem sérias conseqüências para sua moralidade. Freud acrescenta a glosa ao texto de Weininger:

> Não posso fugir à noção (conquanto hesite em dar-lhe expressão) de que para as mulheres o nível do que é èticamente normal é diferente do que êle é nos homens. Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que seja nos homens. Traços de caráter que críticos de tôdas as épocas jogaram contra as mulheres — de que mostram menos senso de justiça do que os homens, de que são menos prontas a se submeter às grandes exigências da vida, de que são com mais freqüência influenciadas em seus julgamentos por seus sentimentos de afeto ou hostilidade — tudo isto teria contribuído amplamente para a modificação da formação de seus superegos. Não devemos nos permitir sermos desviados de tais conclusões pela negação das feministas, que estão ansiosas para forçar-nos a olhar os dois eixos como completamente iguais em posição e valor. [14]

A circularidade desta declaração é muito assustadora. Afinal são os sexos iguais em posição e valor ou não? O que é posição? O que é valor? Êle promete explicar deficiências não substanciadas no caráter da mulher por uma modificação não substanciada numa entidade não substanciada, o superego: se fisiologia é destino, Freud está ansioso por inventar uma fisiologia da mente. Se o julgamento não tivesse sido tão antinaturalmente separado do sentimento nos oficiais nazistas, é de presumir que não tivessem executado ordens com tanto empenho. Que tipo de crítica é dizer que as mulheres são menos estóicas do que os homens? Após duas guerras mundiais o estoicismo parece ter sobrevivido a seu valor. Se às mulheres foi negada responsabilidade moral pela "justiça" masculina e anjos investidos enquanto eram tratadas com desprêzo, é possível que tenham tirado suas próprias conclusões sôbre o monstruoso superego e a ilusória moralidade dos homens. A Europa protestante estabeleceu para si mesma uma inatingível moralidade de integridade em desafio à misericórdia divina, a consciência desajudada curvada por responsabilidade plena e infinda por tôdas as ações, a despeito da parcialidade do conhecimento e da fraqueza de vontade que caracteriza a ação humana. Freud viu os resultados em sua própria comunidade, mas não pôde postular uma alternativa para culpa e neurose. A viga-mestra de tal religião é a capacidade do ego para continuar a repressão. As mulheres podem ser más em manter o ciclo do organismo punindo-o, porém isso também pode ser uma vantagem que envolve menos decepção do que seu oposto.

> O sentimento de identidade em tôdas as circunstâncias é muito deficiente na verdadeira mulher, porque sua memória, mesmo se excepcionalmente boa, é sem continuidade... as mulheres, caso olhem para trás sôbre sua vida pregressa, nunca entendem a si mesmas. [15]

> **Meu colega Nathan Leites, Ph. D., concluiu após uma crítica da literatura que o têrmo "identidade" tem pequeno uso a não ser como uma roupa de fantasia com que disfarçar vagueza, ambigüidade, tautologias, falta de dados clínicos, e pobreza de explanação.**
>
> Robert Stoller, "Sex an Gender", 1968, pág. X.

Pela evidência de Weininger o ego é **ersatz,** consistindo da memória do eu que existe em qualquer tempo particular. Êle observa com horror que se você pergunta a uma mulher por ela mesma, ela entende como sendo seu corpo. Ela não procura definir-se afirmando sua imagem de seu mérito, seu comportamento. O homem tem uma noção temporal de identidade, que é falsificável, a mulher uma simples noção espacial. "Aqui está você", disse a Yoko Ono divulgada em sua exibição. Parece importante afinal. Quem sabe a mulher, como a criança, retenha algum poder de se ligar livremente com a realidade externa. Weininger parecia pensar assim. "A mulher absoluta não tem ego."[16]

> O ato primacial do ego humano é negativo — não aceitar a realidade, especificamente a separação do corpo da criança do corpo da mãe... esta postura negativa floresce na negação do eu (repressão), e negação do meio ambiente (agressão). [17]

Que florescimento! Se as mulheres não tivessem ego, se não tivessem senso de separação do resto do mundo, nem repressão nem agressão, que bom seria! Que necessidade haveria de justiça se jamais houvesse agressão, mas infinita compaixão! Claro que estou tirando vantagem dos mestres da psicologia, inclinando e selecionando suas palavras, mas para que mais podem servir? Não podemos permitir-lhes que definam o que deve ser, ou a mudança seria impossível. Whitehead e Needham anteciparam uma nova espécie de conhecimento que corrigiria a loucura da pura intligência, "uma ciência baseada num sentido erótico de realidade, em vez de uma agressiva atitude dominante para com a realidade".[18] Se sabedoria não precisa ser incompatível com um baixo sentido de ego, então a caridade parece, nas definições místicas, ser dependente de uma tal corrosão do sentido de separação: o maior mito do cristianismo é o do corpo místico.

> Curar é tornar completo, como em saudável; tornar um de nôvo; unificar ou reunificar; isto é Eros em ação. Eros é o instinto que faz união, ou unificação, e Thanatos, o instinto de morte, é o instinto que faz separação ou divisão. 19

O desgôsto de Weininger por Eros e sua devoção a Thanatos levou-o a estabelecer mais completamente a compreensibilidade das mulheres. Acreditando nêle podemos pensar que já fomos salvas:

> Este senso de continuidade com o resto da humanidade é um caráter sexual da mulher, e se manifesta no desejo de tocar, de estar em contato com o objeto de sua piedade; o modo pelo qual sua ternura se manifesta é uma espécie de senso animal de contato. Mostra uma ausência daquela aguda linha que separa uma personalidade real de outra. 20

O pobre Weininger, por fim, suprimiu-se por inteiro, num último ato de fidelidade à morte. A imoralidade do individualismo é óbvia numa idade em que a solidão é a moléstia mais perniciosa de nossas metrópoles superpovoadas. Os resultados do parcelamento das famílias em diminutas fatias vivendo em residências autocontidas desfigurou nossas cidades e criou inumeráveis problemas de circulação e coabitação. A sensação de isolamento é em vão neutralizada pela pressão no sentido de conformidade sem comunidade. Na maioria das grandes cidades do mundo é perigoso andar-se nas ruas. O sentimento oceânico da mulher pela raça tem pouca oportunidade de expressão; é grotescamente caricaturado em obras de caridade organizada, onde seu gênio para tocar e mitigar decaiu para faz-de-conta simbólico. A repugnância de Weininger pelo contacto animal ainda é universal entre as raças nórdicas. Mesmo quando apinhado de encontro a seu irmão no metrô, o inglês médio pretende desesperadamente estar sòzinho. A psicanálise, o contacto mais obscenamente íntimo

de todos, não é santificado por nenhum contacto físico. Mais tarde, classes especiais se formam em adros de igreja em subúrbios de bom-senso, de modo que homens e mulheres podem recobrar seu senso de segurança pelo toque. Tarde demais para Weininger.

> **Pode a divisão entre o subjetivo e o objetivo ter sido malfeita; pode a oposição entre um universo de ciência — inteiramente fora do eu — e um universo de consciência — definido pela presença total do eu para o eu — ser insustentável? E se uma análise realista fracassar encontrará a biologia seu método numa análise ideal do tipo psicomatemático, em intelecção spinoziana? Ou não devem valor e signiíicação ser determinações intrínsecas do organismo, que só seriam acessíveis a um nôvo modo de "compreensão"?**
>
> **Maurice Merleau-Ponty**
>
> **"The Structure of Behaviour", pág. 10**

A pressão intelectual para fazer todo o mundo de nôvo total tem vindo de místicos como Lao-Tsé, cientistas como Whitehead e Needham e Merleau-Ponty, e como brilhante especulação de Norman O. Brown, Herbert Marcuse, Borges. Suas palavras não foram dirigidas especìficamente às mulheres, porque todos êles sentiram que a polaridade dos sexos era a alienação básica do próprio homem, mas nenhum dêles rejeitaria a idéia de que suas palavras eram um encorajamento especial às mulheres para empreender a obra de salvar a humanidade. Talvez meu tratamento de seus argumentos altamente requintados tenha sido brutal, porém reverência diante da autoridade nunca realizou muito na maneira de mudar as coisas. Ao inventar uma nova mitologia deve-se saquear tôdas as fontes, deixando a situação na qual a queda de idéias lhes serve de cadinho. A maioria dos defeitos apontados pelos críticos das mulheres é simplesmente o resultado de elas terem sido resguardadas dos tipos mais sutis e efetivos de aculturação que sua sociedade dissipou com seus líderes masculinos. As energias que elas têm são de pura ignorância.

> Idéias dominantes não precisam sempre ser tão óbvias para que exerçam, do mesmo modo, poderosa influência organizante na maneira de uma pessoa pensar e abordar um problema. Idéias velhas e adequadas, como cidades velhas e adequadas, chegam a polarizar tudo em tôrno delas. Tôda organização é baseada nelas, tôdas as coisas são atribuídas a elas. Alterações menores podem ser feitas nos arrabaldes, mas é impossível mudar radicalmente tôda a estrutura e muito difícil transferir o centro de organização para um lugar diferente. [21]

Enfrentando êste problema, Edward de Bono imaginou uma série de exercícios para desenvolver a faculdade que chamou de pensamento lateral. Pensamento lateral é a espécie que produz idéias e invenções, em vez de soluções demonstráveis para problemas específicos. É o tipo de solução de problemas que não lhe conseguiria boas notas por método num exame, e no entanto está correta. Não pode ser duplicada por um computador, que apenas tem de aprender aquilo com que é alimentado e um método para lidar com o material. De fato, pensamento lateral é um análogo unidimensional dos mo-

dos de pensar da criança. Uma mulher pode pretender conservar algumas das faculdades da criança, embora muito limitadas e reduzidas, simplesmente porque ela não tem sido encorajada a aprender métodos de pensamento e a desenvolver uma mente disciplinada. Na medida em que a educação permanecer grandemente indução, a ignorância conservará estas vantagens sôbre o aprendizado e é tempo de que as mulheres descaradamente ponham-se a agir.

A crítica dominante da alma da mulher pode ser melhor explicada pela batalha masculina no sentido de reprimir certas faculdades em seu próprio funcionamento mental. As mulheres possuíam em abundância aquelas qualidades que os homens civilizados lutaram para reprimir em si mesmos, exatamente o que acontece com crianças e selvagens. O valor de tal crítica decorre do grau em que revela a severidade do delineamento da personalidade ideal, quer dizer, a crítica masculina da mente da mulher está revelando apenas a do próprio homem. Os homens em nossa cultura aleijaram-se estabelecendo um padrão impossível de integridade: às mulheres não foi dada a chance de se lograrem desta maneira. As mulheres foram acusadas de desonestidade e duplicidade desde a aurora da civilização, de modo que nunca foram capazes de fingir que suas máscaras eram algo mais que máscaras. É um fraco exemplo, mas talvez signifique que as mulheres tenham sempre estado em contacto mais íntimo com a realidade do que os homens: pareceria ser a justa recompensa por ser privada de idealismo.

Porque uma Lágrima é uma coisa Intelectual
E um Suspiro é a Espada de um Rei Angélico,
E o amargo gemido da aflição de um Mártir
É uma Flecha do Arco do Todo Poderoso.

Blacke, "Jerusalém", 52

Se as mulheres entenderem por emancipação a adoção do papel masculino, então estamos na verdade perdidos. Se as mulheres não puderem contrabalançar a cegueira da arremetida masculina, a sociedade agressiva descambará para seus extremos lunáticos numa velocidade sempre crescente. Quem salvaguardará as desprezadas faculdades animais de compaixão, simpatia, inocência e sensualidade? O que nos fará recuar do destino de Weininger? A maioria das mulheres que chegou a posições de poder num mundo de homens fêz isto adotando métodos masculinos que não são incompatíveis com a palhaçada de feminilidade. Elas ainda exploram o fisgamento sadomasoquista dos sexos, em que "só temos a escolha de ser martelo ou bigorna".[22] Wanda usava roupas mais femininas para acrescentar pungência à sua tortura de Gregor, assim como Mrs. Castle não se esqueceu de parecer atraente quando foi repreender os trabalhadores como um elemento criminoso e irresponsável na sociedade. Está em mãos das mulheres desenvolver uma forma de genuína fôrça

contra a qual o Administrador Onipotente de calções rendados não possa prevalecer.

> **Há muito para sugerir que quando os sêres humanos adquiriram os podêres de atenção consciente e pensamento racional tornaram-se tão fascinados com estas novas ferramentas que esqueceram tudo o mais, como galinhas hipnotizadas com seus bicos junto a uma linha de giz. Nossa total sensibilidade tornou-se identificada com estas funções parciais, de modo que perdemos a habilidade de sentir a natureza de dentro, e mais, de sentir a inconsútil unidade de nós mesmos e o mundo. Nossa filosofia de ação cai nas alternativas de voluntarismo e determinismo, porque não temos senso da totalidade do vínculo infindo e da identidade de suas ações e das nossas.**
>
> **A. E. Watts, "Nature, Man and Woman", 1958, pág. 12.**

Poder da mulher significa a autodeterminação das mulheres, e isto quer dizer que tôda a bagagem da sociedade paternalista terá de ser jogada fora. A mulher deve ter oportunidade e campo para idear uma moralidade que não a desqualifique para o aprimoramento e uma psicologia que não a condene ao **status** de uma aleijada espiritual. As penalidades por tal delinqüência podem ser terríveis, mas ela tem de explorar a escuridão sem nenhum guia. Pode parecer de início que ela meramente troca um modo de sofrer por outro, uma neurose por outra. Mas ela pode, por fim, reivindicar, ter feito uma escolha definida que é o primeiro pré-requisito de ação moral. Pode ser que ela mesma nunca veja o alvo básico, pois a estrutura da sociedade não é desenredada num único tempo de vida, porém ela deve estabelecer isto como sua crença e nisto encontrar esperança.

> A grande renovação do mundo consistirá talvez nisto, de que o homem e a mulher, livres de todo o falso sentimento e aversão, buscarão um ao outro não como opostos, mas como irmão e irmã, como vizinhos, e surgirão juntos como sêres humanos. [23]

TRABALHO

As mulheres formam trinta e oito por cento da fôrça de trabalho na Inglaterra, o que significa que metade das mulheres entre as idades de dezesseis e sessenta e quatro anos trabalham fora de casa.[1] O salário médio de mulheres em trabalho administrativo, técnico e de escritório é menos de 12 libras por semana; homens na mesma atividade ganham um salário médio de 28 libras por semana. Trabalhadores manuais ganham em média 20 libras por semana, mulheres 10 libras. No entanto, igual pagamento para igual trabalho não fará muita diferença nestes números, como as mulheres poderiam esperar. O padrão de emprêgo feminino segue o curso do papel que ela representa fora da indústria: ela é quase sempre ancilar, uma servente para o trabalho mais importante dos homens. De dois e meio milhões de mulheres empregadas na indústria manufatureira em 1967, 750.000 eram descritas pelo Ministério do Trabalho como semi-habilitadas, e 700.000 estavam empregadas em trabalhos administrativo, técnico e de escritório, a maior parte, podemos estar certos, na última categoria. Em alto grau o maior número de homens trabalhando na indústria manufatureira é formado de operadores especializados, ou em treinamento para se tornar isso. Em apenas três ocupações as mulheres especializadas ultrapassam as outras — roupas, calçados e cerâmica. Dos nove milhões de mulheres empregadas neste país apenas dois por cento estão em posições administrativas e apenas cinco por cento em profissões liberais. Apenas dois milhões de trabalhadoras são membros de sindicatos. Três vêzes mais meninas do que rapazes deixam a escola aos quinze anos: apenas um têrço de estudantes de nível-A são môças, e apenas um quarto dos estudantes universitários. Três quartos das môças de dezoito anos, em nossa sociedade, não recebem nenhum treinamento ou educação superior.[2] O padrão que surge é o de uma mão de obra feminina inerte e desvalorizada, que é considerada trabalho temporário, dócil, porém indigno de confiança. Mais da metade das mulheres

que trabalham neste país são casadas, e a suposição é que a família é sua principal preocupação, que o trabalho fora do lar representa um dinheirinho extra para enfeites, que elas não têm ambição. De um modo geral as suposições são corretas, mas elas prejudicam as oportunidades da outra metade, as mulheres que têm de se sustentar. Mesmo onde as mulheres fazem exatamente o mesmo trabalho que os homens, o valor é de cinco a dois por cento mais baixo, mas corrigir esta desigualdade pouco fará para aliviar a sorte da maioria das mulheres trabalhadoras.

Possìvelmente devido à muda importância do fato de que 1969 foi o quinquagésimo aniversário do sufrágio feminino na Grã-Bretanha, a Conferência Anual do Conselho dos Sindicatos ressoou com estimulantes discursos feitos por delegadas, e comprometeu-se a prosseguir na luta por pagamento igual para trabalho igual, mesmo ao ponto de apoiar greves de operárias, e mesmo entrar em greve em seu favor. O então Primeiro Ministro lembrou que o país não podia suportar o custo calculado de um tal aumento, de que êle teria de ser concedido gradualmente anos após ano, enquanto seu gabinete quebrava a cabeça buscando um nôvo tipo de plano de produtividade para aplicar a esta situação. O potencial de agitação feminina já tinha sido sentido na greve de mulheres operárias na Fábrica Ford, em Dagenham,[3] que Barbara Castle resolveu com o nojento expediente de tomar um trago com as mulheres e falar-lhe de coração a coração. As mulheres operárias foram muito polidas lembrando a Mrs. Castle que seu salário de 8.500 libras podia ser igual ao pago aos outros membros do Gabinete, mas que as mulheres que trabalhavam na cantina da Casa dos Comuns estavam ganhado trinta shillings menos que os homens, fazendo o mesmo trabalho, mas então ninguém lembrou que as escriturárias do quartel-general do Trades Union Council (T.U.S.) (Conselho dos Sindicatos) estavam ganhando menos que os homens. O T.U.C. tinha rejeitado no ano anterior a idéia de uma comissão para investigar o **status** das mulheres e oportunidades na indústria, enquanto o Projeto para uma Junta de Discriminação Sexual, de Mrs. Joyce Butler, falhara nos Comuns por "falta de tempo".

A conferência do T.U.C. estava suspirando por legislação, mas sua ingênua confiança não encontrava eco nos mais destacados analistas da situação. Podiam ver que igual pagamento podia significar que, onde as mulheres não tinham a vantagem de ser mais baratas, podiam afinal não ser empregadas, e o trabalho das mulheres pode tornar-se cada vez mais segregado às categorias de semi-especializado e não-especializado.[4] O efeito de suprimir a distinção de entrevistas para homens ou mulheres no anúncio de empregos é bàsicamente o de levar a discriminação para a clandestinidade, de modo que as mulheres que se apresentam para empregos não são designadas segundo o sexo, porém não têm chance de obter a almejada colocação. O triste fato é que preconceito e discriminação não

deixam de existir por fôrça de lei. Por certo as leis não farão que passem a existir mulheres com treinamento e interêsse construtivo em seus empregos. De uma maneira geral as próprias mulheres não estão interessadas no problema. Seu fracasso em sindicalizar-se e o fracasso das mulheres sindicalizadas em serem ativas dentro de seus sindicatos é em parte atribuível às exigências do lar, exigências admitidas pelo T.U.C., que buscou instituir garantias para impedir que as mulheres sejam forçadas a trabalho exrtaordinário e períodos noturnos. As mulheres argumentaram que estavam prontas a aceitar as

> **A pequena influência das mulheres na liderança do Estado é em grande parte devida à própria inércia das mulheres... Não só as mulheres demonstram pequeno desejo de conquistar um lugar na liderança política, como a grande maioria delas aceita o sistema de justificação inventado pelos homens para racionalizar o fato de elas serem deixadas de lado. Curiosamente, às vêzes parecem ser mais descomprometidas que os homens, sob êste aspecto, e mais antifeministas.**
>
> **Maurice Duverger, "The Political Role of Women", UNESCO, 1955, pág. 126.**

mesmas inconveniências que os homens sofrem, mas os homens não aceitam de boa vontade que suas próprias reclamações sôbre o trabalho não-pago das donas de casa sejam ameaçadas.[5] Houve inclusive menção de organizar creches nas fábricas, a serem dirigidas cooperativamente pela administração e pelos sindicatos. A intrusão de sexo e crianças dá um matiz de frivolidade aos argumentos: de fato, um empregador que se defronta com o problema de organizar os filhos de suas empregadas, além delas mesmas, bem pode ficar inclinado a discriminar cada vez mais, não obstante a tranqüilizante reflexão de que a reunião de massa de mulheres trabalhadoras organizada pela Joint Action Cam-Paign for Women's Equal Rights nacional, em 18 de maio de 1969, não atraiu mais do que um milhar.[6] As atividades são forçadas, numa tal eventualidade, a compensar o pequeno número por um incremento na brusquidão, invocando a troca e sabotagem de seu próprio sexo. O caso da intrépida Mrs. Lillian Bilocca salta aos olhos: por causa de sua agitação, os pescadores de rêde de Hull, mandados em barcos pesqueiros para os ventos gelados do Mar do Norte, no inverno, adquiriram o **status** de mártires nacionais. Seu simpático rosto zangado adornou todos os jornais nacionais, e sua retórica vulgar forneceu o primeiro impulso que finalmente forçou a ação em favor de seus conterrâneos. Hoje em dia, Mrs. Billoca não obtém emprêgo, e o coroamento do insulto foi realizado em nome de seu sexo pelo Skipper Laurie Oliver, secretário do Hull Trawler Officer's Guild;

> As mulheres de alguns de meus membros pediram-me para declarar que a ação de Mrs. Bilocca não engrandeceu a imagem que o público pode ter das mulheres de pescadores. Mulheres que perderam homens nos três barcos tiveram o mínimo que dizer sôbre o fato, que é o que admiramos. A idéia de formar um comitê de mulheres para lutar pelos homens é, para mim, completamente ridícula. [7]

As convenções 110 e 111 da Convenção da O.I.T. estão para ser ratificadas pelo Govêrno Britânico. Relacionam-se com igualdade de pagamento e oportunidade para as mulheres. O Primeiro Ministro desculpou-se desta falha com base na alegação de que o Govêrno não podia ratificar a convenção sabendo que deixara de satisfazer as condições exigidas por ela. Numa tal situação de ôvo e galinha o que pode acontecer? Como se isso em si não fôsse suficiente para despertar indignação, é improvável que a formulação da O.I.T. seja aceita, pois estipula **igual pagamento para trabalho de igual valor:** nossos legisladores pularam na toca do lôbo fornecida pela resolução do Mercado Comum de que às mulheres deve ser garantido igual pagamento por trabalho **idêntico,** o que significa que rebatizar um emprêgo de mulher pode justificar pagamento desigual. Um dos aspectos mais desencorajadores da situação para a feminista é a reflexão de que naqueles sindicatos onde as mulheres conquistaram igual pagamento êle lhes foi garantido pelos homens. Na conferência do T.U.C., em 1969, que exigia igual pagamento, havia apenas 51 delegadas e mais de 1200 homens. No meio tempo, as mulheres que trabalham em banco têm uma escala de acesso que pára em 800 libras p.a., enquanto a dos homens atinge 1.100 libras: dificilmente mais de uma mulher ganha pelo menos o mesmo que o salário médio do homem. Condutores de ônibus foram atraídas para a ocupação pelo pagamento igual, quando a contratação tornou-se um problema, mas não podem tornar-se motoristas, administradoras de garagens ou inspetoras; quando entrarem em funcionamento ônibus com um só homem serão despedidas ou empregadas com salários mais baixos nas cantinas. E contudo ainda são necessários três mil motoristas. Quando Mr. Wilson disse que as mulheres podiam ter igual pagamento se os trabalhadores mais bem pagos pagassem a conta, êle tinha a fórmula perfeita para invocar a paranóia masculina, e as mulheres continuarão a trabalhar em casa por nada e na indústria por uma miséria. Ainda temos de ver o que significará, em têrmos reais, sua decisão de garantir às mulheres igual pagamento por igual trabalho por estágios graduais.

> **A intenção de ensinar-lhes trabalhos de agulha, tricô e semelhantes, não leva em conta o valor intrínseco de tudo que vocês podem fazer com as mãos, que é insignificante, mas habilitá-las a julgar de modo mais perfeito aquêle tipo de trabalho e a dirigir a execução dêle por outras. Outro fim principal é habilitá-las a encher, de alguma maneira toleràvelmente agradável, algumas das muitas horas solitárias que devem necessàriamente passar em casa.**
>
> **Gregory, "A Father's Legacy to his Daughters", 1809, pág. 59**

Falando das mulheres com emprêgo pago não estou falando da maior proporção das mulheres britânicas que é de donas de casa: dezesseis milhões delas. A dona de casa não recebe pagamento algum, embora o Matrimonial Property Bill de Lady Summerskill (1964)

estabelecesse seu direito de ficar com metade da mesada para a manutenção da casa. Tal legislação só podia beneficiar as opulentas, pois não podia, é claro, constranger os maridos a dar uma mesada que fôsse o dôbro do que a família realmente exigia. O número de espôsas que verdadeiramente ganha e economiza parte da mesada para a manutenção da casa deve ser muito pequeno. De fato, tôda a legislação divorcista para a proteção de mulheres abandonadas tem o mesmo caráter curioso; se aplica de maneira realista apenas aos opulentos, que de longe parecem ser a minoria, se o salário médio de homens e mulheres na indústria serve de indicação. Os menos que opulentos não têm escolha senão continuar casados, pois suas mulheres não têm de forma alguma independência financeira; coabitação é tudo que podem proporcionar. O documento Tory, "Uma Partilha Justa para o Belo Sexo" mal tem alguma aplicação útil para a maioria das espôsas, embora as três mil delegadas à 41.ª Conferência Anual das Mulheres do Partido Conservador possam tê-lo achado encantador.[8] Da mesma maneira, o Family Law (Reform) Bill se aplica a reduzida minoria, e as ações por Quebra de Promessa, Restituição de Direitos Conjugais e Sedução que êle abolia já eram

> **O lazer a que se entrega a espôsa... Não é uma simples manifestação de preguiça ou indolência. Êle ocorre quase invariàvelmente disfarçado sob alguma forma de trabalho ou encargo doméstico ou amenidades sociais, que a uma análise prova servir pouco ou nada a um fim ulterior, além de mostrar que ela não se ocupa nem precisa de se ocupar com algo que seja remunerado ou de uso substancial... o gôsto para o qual êstes efeitos de adôrno e asseio doméstico se dirigem é um gôsto que foi formado sob orientação de um cânon de propriedade, que exige exatamente estas evidências de esfôrço desperdiçado...**
>
> **Thorstein Veblen, "The Theory of the Leisure Class", 1889, págs. 81-2.**

anacrônicas e raras. Como efeito do Matrimonial Property Bill, que capacita as espôsas a exigirem um dote e restituição do dinheiro investido no lar conjugal ou negócio, o divórcio tornou-se ainda mais a prerrogativa dos ricos. A Comissão Legislativa tem estado investigando as possibilidades de uma espôsa abandonada exigir indenização da Outra Mulher: de nôvo em têrmos de duro fato é raro que uma Outra Mulher tenha os recursos para pagar indenização. O casamento pode ficar mais sórdido do que nunca se tais ações se tornarem comuns afinal. Seria mais provável que uma Outra Mulher acionada pedisse a seu marido que fizesse os pagamentos por ela, o que, com efeito, não seria diferente de esmola. Assim como a nação não pode proporcionar igual pagamento para igual trabalho, não tem recursos para redimir as mulheres do feudalismo financeiro do casamento. Se uma espécie de seguro nacional para espôsas contra abandono fôsse instituído, seria visto pelos suplementos dominicais como uma sanção do govêrno à imoralidade. De qualquer jeito, a despeito da pesada taxação dos grupos de renda média na Grã-Bretanha, um tal esquema é econômicamente impraticável. As donas

de casa devem permanecer perdas econômicas do sistema todo, pois tôda desproporção entre o custo de vida e os vencimentos reais deve ser amortecida por elas, enquanto elas não podem esperar independência ou liberdade de movimento para compensar.

Mais da metade das dona de casa da Grã-Bretanha também trabalha fora do lar. Algumas são profissionais liberais que gastam a maior parte de seus ganhos em ajuda doméstica, um carro, aposentadoria e impostos; por exemplo, a diretora casada de uma escola grande ganha 1.900 libras p.a., das quais paga 1.010 libras de impôsto, uma contribuição para aposentadoria de 110 libras, 200 libras para ajuda doméstica, 300 libras para seu carro, e 75 libras para extras como roupas e livros, de modo que seu rendimento líquido é de 205 libras. Uma médica descobriu que sua auxiliar doméstica levava para casa mais dinheiro do que ela. Estas mulheres são tratadas muito mal pelo funcionário de Rendas Internas, que se recusam a discutir com elas o pagamento de impôsto de seus maridos.[9] Se o país não tem recursos para taxar as mulheres casadas como indivíduos independentes, é também verdade que o país não tem meios de suportar o desperdício do trabalho de mulheres profissionais liberais. O maior número de mulheres profissionais liberais é constituído por professôras, e no entanto, apenas um têrço delas ainda trabalha seis anos após seu dispendioso treinamento pago pelo Estado. As médicas, cujos maridos não podem subvencionar seu trabalho continuado, não podem ser poupadas.

As mulheres profissionais liberais que lutam para continuar em sua vocação após o casamento são uma pequena minoria; a maioria das espôsas que trabalham na Grã-Bretanha escarneceria da suposição de que a ajuda doméstica é necessária para sua continuada contribuição a suas profissões, embora òbviamente uma professôra ou uma médica não possam suportar a ineficiência que a fadiga acarretaria. Pagamento mais baixo para operárias industriais podia mesmo ser justificado, num raciocínio pervertido, se refletirmos que mais da metade das operárias têm trabalho mais pesado fora do emprêgo do que nêle. Para muitas mulheres, sentar-se a uma máquina, seja de escrever ou de costura elétrica, é um descanso após o incessante emprêgo de tôdas as suas fôrças físicas e energia no serviço de uma jovem família. A hora de almôço de uma secretária, que tem de fazer compras e pagamentos para sua família, é a parte mais cansativa de seu dia. Em julho de 1969, espôsas trabalhadoras marcharam até o Epping Town Hall em protesto contra o aumento das taxas de creches diurnas de 2 libras e 10 shillings para 6 ou 7 libras, porque isto significava que muitas enfermeiras e professôras especializadas não mais achariam praticável continuar a trabalhar. A greve das professôras de 1970 revelou que a função indispensável das professôras era servir de babá para as mães trabalhadoras. Muitas espôsas dependem do trabalho não-pago de um parente para conseguir trabalhar. Muitas outras se orgulham da maneira como conse-

guem cuidar de uma casa e manter seu próprio emprêgo ao mesmo tempo, aceitando o título condescendente de "maravilhas trabalhadoras" numa espécie de stakhanovismo não oficial.[10] Parte da experiência que tive de primeira-mão com espôsas trabalhadoras foi na maior parte deprimente. Certa vez, lecionei numa escola em que a maioria das professôras era casada e a conversa da sala do corpo docente se limitava apenas ao êxito ou fracasso de seus métodos anticoncepcionais, aos expedientes que adotavam para manter calmos o lar e os filhos, e a seu agudo desejo de largar tudo assim que seus maridos subissem nas firmas o suficiente para poder permitir-se mulheres ociosas. Em outro cenário, vi uma dona de casa trabalhadora, dobrando serviço como secretária de um diretor de televisão, entrar em colapso no meio de uma gravação simplesmente porque se empenhava além de suas fôrças.

O aspecto ancilar do trabalho das mulheres é quase universal; no lar deve tornar mais fácil a vida do marido e reconstruir sua confiança como provedor, e êste é um aspecto da situação secundária do trabalho feminino fora do lar que não foi avaliado. É tido como certo que as espôsas ganham menos que os maridos, e os homens, cujas mulheres alcançam maior êxito do que êles, causam piedade. Mesmo no trabalho as mulheres devem servir aos homens; uma das razões do colapso da datilógrafa foi que seu patrão estava exigindo e intimidando e ela estava por demais ansiosa em não cometer erros. A espécie mais aberta de servilidade é praticada pelas secretárias, de cuja função faz parte proteger os egos de seus patrões e mesmo encobrir-lhes os erros. O escritório secretarial Alfred Marks chegou à conclusão de que 80 por cento das secretárias ganhando mais de 1.000 libras anuais estavam preparadas para bancar mandaletes, 74 por cento fazia de boa vontade as compras para seus patrões e espôsas, e 73 por cento não eram contrárias a mentir para protegê-lo de problemas com o chefe.[11] Uma resposta a êste artigo no **Sunday Times** incluía instruções à garôta uma-em-um-milhão, a perfeita secretária privada; na ordem inversa de importância:

1. Sempre use um desodorante — você não é aquela garôta entre mil que não precisa de um.
2. Aprenda como fazer bom chá e café.
3. Não dê à mamãe/ namorado/ marido/ titia, o número do telefone do escritório.
4. Use a **toilette** para aplicar baton, cílios postiços, pintar unhas e mudar meias.
5. Não coloque as más notícias no alto da correspondência que chega.
6. Pareça sempre bela, mas não provocadora.

Uma secretária é o símbolo do **status** de um patrão, como sua mulher: quanto mais suas obrigações estão limitadas às exigências dêle, maior seu valor. Uma secretária-recepcionista é um modêlo utilitário: a secretária privada é estilo de corrida feito sob encomenda. Uma olhada nas colunas de classificados de um jornal diário fornecerá uma visão das qualidades de um perfeito acólito de negócios:

uma secretária tem de ser atraente, boa organizadora, de temperamento calmo, viva, inteligente, cheia de tato, eficiente, bem tratada, brilhante; o tom de tal solicitação pode alcançar profundezas inacreditáveis:

> Não basta que não seja bôba, precisa ser inteligente, eficiente, possìvelmente mesmo bonita secretária para um diretor gerente. Estou de viagem para Mauritius para encontrar meu noivo. Meu patrão, presidente de um pequeno grupo de consultoria em Mayfair, pranteia minha partida. Voce acha que seria a espécie de secretária pessoal que êle apreciaria?
> Secretária de Companhia amargamente lamenta ter permitido que seu pássaro voasse alto. Por favor, será que alguém quer provar que ela não é insubstituível?

Em quase todos os casos a idade é indicada, e o conflito entre o desejo de uma mulher cheia de atração e uma eficiente, às vêzes produz resultados interessantes. Ninguém no entanto quer jamais uma mulher madura como secretária, pois a relação filial deve ser mantida. Trinta parece ser o teto. Se uma secretária privada deseja tornar-se indispensável a seu patrão deve voluntàriamente incrementar seu servilismo e humildade.

> Uma boa secretária é devotada ao único objetivo de favorecer os interêsses de seu patrão de tôdas as maneiras a seu alcance... Ela é leal, obediente, conscienciosa... ela lhe apóia tôdas as ações, nunca discute com êle outro grupo, e sempre o ajuda em suas relações com clientes...

Ela deve, além do mais, "aplicar sutil lisonja" e "nunca saber mais". Seu alvo é tornar-se "uma graciosa e necessária peça do mobiliário do escritório.[14] Por que deve uma mulher servir a um homem tão fielmente por um salário de subalterno e estar realmente aumentando sua capacidade de ganho e encobrindo seus erros? Conhecendo, como deve saber, seu negócio muito bem, por que não haveria de aspirar ao emprêgo dêle? Por que as instruções não haveriam de lhe dizer como lisonjear o patrão de seu patrão, e sutilmente minar seu chefe, de modo a que os clientes desejem com fervor ter de tratar com ela e não com êle? A resposta está na maçonaria dos homens: uma garôta que revelasse o fato de seu patrão ser um pateta incompetente, provàvelmente seria despedida antes dêle, e contudo, dada a enorme fraude e a perfídia do dia a dia (embora não mais do que a exigida para apoiá-lo mentirosamente) ela pode realmente alcançar a recompensa que merece. É tentador calcular quantas firmas são de fato dirigidas por secretárias. Uma greve nacional de secretárias podia ter resultados interessantes. Em níveis mais baixos de trabalho secretarial, um interessante fenômeno revela que a libertação da mulher está abrindo seu próprio caminho. Em 15 de junho de 1969, Mr. Harold Quitman, presidente do City Affairs Commitees, escreveu para **The Times** queixando-se de que havia "uma indubitável escassez de secretárias treinadas desejosas de preencher vagas permanentes em escritórios", enquanto agências "podem oferecer pessoal temporário num instante". Pobre Mr. Quitman.[15] É justo afinal que se uma mulher não pode esperar promoção, ela não

tenha incentivo para emparedar-se de modo permanente em qualquer firma. Muito melhor experimentar aqui e ali, provando e tantalizando novos patrões que não têm oportunidade de tiranizar suas ajudantes de um dia. Priscilla Clemenson descreveu seu próprio sistema a **Petticoat.**

> Ela trabalha cêrca de sete a oito meses por ano em perto de vinte ou trinta empregos diferentes. Economiza e planifica durante aquêles meses, e então, logo que está pronta, faz as malas e se toca para a Escandinávia, caso queira navegar, para a Suíça, se quer esporte de inverno...
>
> "Quando estou em movimento sou uma pessoa diferente", ela explica. "Sou muito mais interessante e muito mais interessada em outras pessoas..." [16]

O sucesso das agências fornecedoras de trabalho temporário pode ser medido pela proliferação delas. Qualquer garôta aborrecida de seu trabalho é assaltada por repetidas lisonjas no trem de volta para casa, para persuadi-la de que podia conseguir mais dinheiro e ter ao mesmo tempo mais folga se abandonasse sua datilografia permanente e ousasse penetrar no mundo selvagem do trabalho temporário. Em troca, empregadores em perspectiva são forçados a adular e seduzir com promessa de funcionários jovens, escritórios agradáveis, ambiente encantador, oportunidade de encontrar pessoas interessantes, bem como uma judiciosa mistura de lisonja. As jovens mulheres anarquistas de hoje parecem não se comover. Mr. Quitman e seus parceiros não podem alegar que não provocaram isso, mas persistirão em explicar as dificuldades presentes pela leviandade da população jovem feminina, em vez de ver que o que êles oferecem **não é negócio.** Em desespêro, diz-se que os empregadores estão se voltando para mulheres casadas, cujos compromissos domésticos torná-las-ão felizmente mais dignas de confiança. Pelo menos não vão sair por aí para esquiar ou navegar. Mas terão o coração e a cabeça em casa. De uma maneira ou outra as mulheres vencerão esta luta. Há passos retrógrados: relata-se que as mulheres americanas estão manipulando os homens com truques de gatinha, que é adular e acariciar em vez de desafiar. As carícias ocultas das secretárias já são o suficiente sórdidas; as temporárias parecem haver descoberto um método de barganhar mais impressionante e dignificado. Se um patrão deseja que sua temporária permaneça, vai ter que descobrir o incentivo. Um dia, nada que não seu emprêgo será suficiente. O resultado do **know-how** de garôtas que experimentaram diferentes espécies de organização de escritório devia ser explorado pela indústria, mas provàvelmente a mediocridade e o preconceito, e a incapacidade masculina em aceitar crítica, fará com que isto nunca aconteça. Infelizmente, a oportunidade gozada pelas estenógrafas de Londres não se estende aos centros provinciais, onde o corpo secretarial está imobilizado e pobremente pago, e vive "em casa".

O fenômeno mais deprimente no padrão do trabalho das mulheres é a condição das enfermeiras. A enfermagem começou quan-

do Florence Nightingale empregou as filhas ociosas da classe média vitoriana num trabalho de misericórdia, que afastava delas a malevolência, de maneira que as mulheres ricas ainda trabalham para a Cruz Vermelha, Pioneiras e semelhantes. O fracasso desta atividade em evoluir significa que hoje 640.000 mulheres estão trabalhando por um simulacro de salário vital, fazendo um trabalho essencial que exige especialização, iniciativa e "dedicação". Enfermagem e magistério foram por muito tempo as profissões femininas mais populares, na verdade, quase se pode dizer, as únicas profissões femininas, mas enquanto as candidatas à preparação para o professorado mais que duplicou em dez anos, o curso de enfermagem atraiu apenas mais seis mil, em aumento de um quarto. No meio tempo, o número de pacientes dobrou em vinte anos, e os casos retidos nos hospitais são mais graves, já que a política de tratamento no lar ganhou corpo. Uma enfermeira formada ganha 390 libras em seu primeiro ano (240 feitos os descontos), no segundo ano 450 libras, no terceiro ano 480 libras. Enfermeiras psiquiátrica ganham 100 libras a mais em cada ano. Quando as enfermeiras receberam um aumento de trinta libras por ano, as taxas de residência hospitalar foram de imediato aumentadas de modo que a melhoria foi instantaneamente anulada. A enfermeira Irmã Elsa Farrier explicou o caso ao **The Times** em maio, após as enfermeiras do Orpington Hospital terem realizado uma reunião pública para advertir a comunidade que serviam do fato de que não podiam continuar desta maneira: "Não estamos falando com os pacientes como devíamos. Não temos tempo de falar com os parentes quando estão preocupados. Temos pouco tempo para sermos humanas ou meigas".[17]

As muito elogiadas satisfações emocionais da enfermagem têm sofrido descrédito com os cortes de pessoal. As enfermeiras descobrem que têm de fazer trabalho não especializado, como esfregar o chão, porque mesmo o pessoal doméstico não consente em ser engambelado da maneira que elas, as profissionais, consentem ser. Enquanto isso, métodos sofisticados de tratamento requerem melhor preparação educacional das enfermeiras: o perigo da profilaxia com narcóticos é que uma enfermeira cansada pode acabar sendo uma assassina. De fato, apenas uma em três enfermeiras tem mais do que três níveis 0, a mesma proporção tem menos do que dois, o que é considerado o mais baixo nível admissível porque elas passaram no General Nursing Council Test. Um têrço das enfermeiras treinadas sai durante seu treinamento, e a impressão é de que a perda não é lamentada, por que elas formam uma valiosa fonte de trabalho barato. Quando uma enfermeira completa sua formação não há mudança apreciável em sua condição: ela usa um cinto de côr diferente e prossegue. As enfermeiras, além do mais, estão enclausuradas em arcaicos uniformes de serviço, e bitoladas por severos regulamentos fora do trabalho. Toleram o mais completo comportamento maternal de "matronas" que muitas vêzes as tratam sem

respeito e exigem absoluta obediência. A desculpa para tudo isto é o paciente, mas é o paciente que sofre nas mãos de enfermeiras cansadas, ressentidas e maltratadas. Todo o rídiculo da situação caiu sôbre o público britânico em 1969, quando a United Nurses Association da Irmã Veal foi às ruas, mas mesmo estão a mão de ferro da "matrona" se mostrou, e as enfermeiras receberem ordem de não marchar de uniforme, e elas **obedeceram.** A irmã Veal tem sido desde então injuriada pela imprensa comprometida por ser uma enfermeira particular que se anuncia, mas ela não está fazendo mais do que qualquer uma com preparo e iniciativa deve fazer. De fato a irmã Veal só pode comandar trezentas seguidoras: o argumento usual, de que ela está prejudicando a imagem pública da profissão, parece dissuadir da agitação a maioria das enfermeiras. Enfermeiras treinadas não constituem um grupo coeso: como profissão estão divididas em visitadoras sanitárias, enfermeiras psiquiátricas, enfermeiras hospitalares, enfermeiras distritais, chefes, enfermeiras a serviço do Estado. Nem tôdas pertencem ao Royal College of Nursing. No Whitley Council, que negocia pagamento e condições, doze organizações separadas representam as enfermeiras; enquanto, em maio de 1969, o Whitley Council estava decidindo para as enfermeiras 48 libras p.a. por suas refeições, em lugar do iníquo esquema de pague-se-come (foi imediatamente taxado), pouco mais de mil e duzentos eletricistas de hospital não tiveram escrúpulo de entrar em greve por um shilling a mais por hora, para pô-las na linha com trabalho extra. A questão é clara. Que enfermeiras podem ser vitimadas pela essencialidade de seu trabalho aceitando uma vergonhosa remuneração é um libelo de nossa sociedade, que as está desafiando a abandonar os doentes e moribundos, sabendo que elas não farão. Deverão esperar até que os doentes e moribundos entrem em greve por elas? Parece que a situação das acadêmicas esperará atenção até que os estudantes as apóiem numa greve e se recusem a ser qualificados. Quem sabe os doentes devessem se recusar a sarar? Em cada caso o Estado explora os recebedores dos serviços de enfermeiras e professôras. Devem ser criadas novas estratégias. O aumento recentemente concedido de vinte e seis por cento soa bem até que consideramos o que é vinte e seis por cento: ainda teremos de ver como as enfermeiras serão forçadas a pagar seu aumento.

As enfermeiras são subalternas especializadas, e como tal se enquadram no padrão dominante do emprêgo feminino. Balconistas ou "vendeuses", garçonetes, faxineiras, empacotadoras, empregadas em casas de chá, completam o quadro. O trabalho de diarista está tão ligado à imagem feminina que um caso divertido ocorreu em Viena, em que um Alois Valkan, que precisava de trabalhar para suplementar sua pensão, teve de disfarçar-se de mulher para encontrar trabalho. Finalmente foi prêso quando entrou num banheiro de senhoras sem estar disfarçado e foi interrogado pela polícia chamada para investigar roubos no reservado.[18] Mesmo nas atividades do-

minadas por mulheres os postos importantes são ocupados por homens; quem já ouviu falar numa garçonete-chefe ou numa **maitresse d'hôtel?** Costureiros e figurinistas, na indústria de roupas, são a mais das vêzes homens. Os ramos de mulheres das fôrças armadas não são pròpriamente soldados, mas funcionárias de escritório e outros tipos de serviçais para os homens. Mesmo as aeromoças, que estão entre as mais invejadas mulheres com emprêgo, não passam de garçonetes glorificadas, e com freqüência presididas por um comissário. Os casos mais chocantes da exploração de mulheres visando trabalho barato são as **tarefeiras,** que foram o assunto de um escândalo de **News of the World.** Ostensivamente tais mulheres devem estar registradas junto às autoridades locais, mas na prática **News of the World** descobriu que êste regulamento não era observado, como o Price and Income Board constatou quando realizou uma pesquisa. Dos sessenta sindicatos que cobrem as indústrias como emprêgo provável de tarefeiras, apenas um tinha algum regulamento relativo a elas. A Superfoam Ltd., de Skegnesse, entregava aventais para serem costurados a 5 dinheiros cada um. Os fogos de artifício de Brock pagavam às dona de casa um shilling a grosa para estirar e colar caixas de papelão. As mulheres que faziam bôlsas de esponja, a 11 shillings a grosa, tiveram a satisfação de vê-las vendidas nas lojas a 2 shillings e 6 dinheiros cada uma. Para esclarecer mais o ponto, Conway Stewwart entregava canetas esferográficas que tinham de ser montadas colocando-se na carga, parafusando uma tampa, ajustando a tampa da mola na outra extremidade e arrumando em pacotes de seis, por 8 ou 9 dinheiros (dependendo da caneta) a grosa, para centros de paralíticos, lares de doentes mentais, prisões, reformatórios e escolas aprovadas, bem como para donas de casa. Mrs. Pollard, que pode montar uma grosa de botes plásticos em cinco horas por oito shillings, respondeu ao reporter de **News of the World** inocentemente: "Para mim isto é uma distração para encher minhas horas vagas... gosto de fazer isto". As mulheres que fazem êste trabalho, também peritas em costurar em muitos casos, não custam nada a seus empregadores em luz, aquecimento ou precauções de segurança, e não podem pedir indenizações ou pagamento extraordinário, e seu número é desconhecido. Só no negócio de roupas, acredita-se que haja pelo menos quinze mil mulheres assim empregadas. Os manufatureiros justificam seus métodos apontando a competição do Japão e Hong-Kong: uma tarefeira é um **coolie** anglo-saxão.[19]

Môças, que buscam numa vocação alternativa para o ancilarismo, muitas vêzes sonham em representar como uma saída. A maior parte das poucas mulheres que deram forma a nosso século foram atrizes, a acreditar no **Sunday Times.** Michael Croft, diretor do National Youth Theatre, advertiu as môças para que não buscassem esta alternativa. Nas novas peças, observou, há apenas dois papéis femininos para cada cinco masculinos. Na profissão como um todo há sempre quatro-quintos de desempregados, e a maioria dos de-

sempregados são mulheres. E ainda, de 4.150 candidatos ao Youth Teatre, que tinha apenas 200 vagas para oferecer, dois terços eram môças.[20] Para môças que querem explorar sua beleza, a profissão de modêlo parece ser outra saída, porém mesmo depois de treinar postura e uso de cosméticos, a aspirante a modêlo tem de juntar um maço de boas fotografias, e apregoá-las pelas agências.[21] Os modelos mais bem sucedidos foram promovidos por fotógrafos, uma profissão dominada por homens com poucas excessões notáveis. Trabalhando, um modêlo descobrirá que é paga meses após ter feito a pose, não importando quão diligentemente sua agência se mexa para coletar o dinheiro para ela; com mais freqüência verá que não está trabalhando, e terá de recorrer aos mais ignóbeis expedientes para pagar as contas. Posar nua para revistas licenciosas rende muito, mas as indignidades são quase insuportáveis. Bob Guccione, de **Penthouse,** se jacta de que suas garôtas passam a tomar a pílula de modo que seus bustos e nádegas aumentam, são mandadas para Tanger para bronzear-se, têm seus dentes capeados, os sinais extraídos, são vestidas, penteadas e manicuradas às custas da revista e então recebem 200 libras por dia, durante uma semana, enquanto são fotografadas. São persuadidas a posar por uma mistura de lisonja e truques. Idealmente, ofertas para filmar e mais trabalho de modêlo; se não, lá está você sem sinais, dentes corretos, bronzeada e cheia, com mil libras para perder por meio de pesados impostos e mais investimento na imagem.

Mulheres que trabalham em diversões são sindicalizadas, quer sejam dançarinas, cantoras, ou **strippers**,[23] mas há muito para fazer, e nenhuma dose de sindicalização pode garantir trabalho ou apresentação regular. Môças submetidas à apreciação de possíveis empregadores nestas "profissões" têm histórias horripilantes para contar, a maior parte das quais é apócrifa, mas eu mesma posso me lembrar de humilhações que preferiria não ter sofrido. Quando recentemente fui apresentar-me, a seu pedido, ao produtor de uma muito conhecida série de TV, êle pespegou-me um beijo molhado e um apertão em meus seios como exercício de seu poder, vantagem que não poderia ter tirado de nenhum dos homens que apareceram no mesmo programa. Desde então instruí meu agente para recusar qualquer oferta partida dêle, mas a maioria das môças não estaria em posição de fazer isso. No entanto, um jôgo é melhor para a alma do que servidão ignominiosa: uma garôta que julga ter talento real para espetáculos não tem na verdade outra opção senão tentar. A maioria delas finalmente consegue um marido para sustentá-las quando estão "descansando". O negócio de diversões sempre andou rente com prostituição, desde os dias em que as primeiras-damas de Drury Lane e da Comédie Française eram também as primeiras-cortesãs. Muita prostituta, quer se denomine de **call-girl,** anfitriã, ou meretriz comum, imagina estar explorando o sexo masculino, e talvez o esteja na medida em que possa reter sua independência emocional, mas o papel do cáften, o empresário da meretriz, está por demais esta-

belecido para deixar-nos supor que as prostitutas tenham encontrado um estilo de vida auto-regulado. O cáften-mor da Sociedade Ocidental é Hugh Hefner, que inventou bordéis em que as meretrizes são apenas para ser olhadas, que são do mesmo modo bordéis. Tôda Bunny é uma garôta do tipo B. Como alternativa para enfermagem ou trabalho de tarefeira, ser garçonete com orelhas e rabinho de coelho não é muito preferível. A mulher que trabalha em espetáculo está com tanta freqüência explorando sua atração como objeto sexual que sua situação é paralela a estas. Buscando proteção contra a exploração sexual ela pode muitas vêzes acabar sendo mais tiranizada por um protetor do que o seria por um patrão. Pode tornar-se mais do que nunca uma valiosa propriedade para alguém, de modo que mesmo seu genuíno talento pode ser obscurecido pela balbúrdia em tôrno do objeto sexual. Ainda muita gente se surpreende ao saber que Marilyn Monroe era uma grande atriz, o que foi mais lastimável ainda para a própria Marilyn, sendo esta uma das razões de sua morte.

Há, tem de haver, alternativas para tal exploração. Como acadêmica, ouso dizer que descobri uma. Recebo igual pagamento; fui escolhida em preferência, competindo com homens e nada pode impedir-me de ser promovida no curso natural dos acontecimentos. Culposamente devo admitir que não trabalhei muito duramente para atingir qualquer distinção acadêmica que possua. Como mulher-conferencista numa universidade provincial tive de tolerar as palhaçadas das espôsas da faculdade, mas elas são muito fáceis de ignorar. Talvez tenha tido de conseguir maior número de distinções acadêmicas para atingir meu atual cargo, do que um homem teria, mas não posso provar. Talvez se fôsse um homem me tivesse sido oferecido um lugar em Cambridge. As desvantagens contra a menina pubescente média, que prossegue sua educação, são no entanto grandes, por causa da perda de energia e capacidade de empreendimento que acompanha a puberdade feminina. O preconceito de que mulheres acadêmicas são neuróticas é justificado pela experiência real, se não em teoria, mas se uma môça acha que deve fazer isso não há razão para que não possa. Lecionar em outras instituições é ainda a atividade preferida por môças inteligentes, mas é, o que logo as professôras contarão embora demorem a agir, uma vida difícil e sem compensações. Homens, que seguem esta profissão dominada pela mulher, acham condições e salários intoleráveis e os membros predominantemente femininos do National Union of Teachers tão inertes e apáticos que fundaram a National Association of Schoolmasters, a fim de empreender ação militante para melhorar sua situação. A NUT, por fim, seguiu sua sugestão e rejeitou a trapaça da paridade, iniciando uma série de greves no inverno de 1969-70. Não é necessário dizer que todos os arautos da união eram homens — de quarenta e quatro membros do executivo apenas quatro eram mulheres.

Uma môça que estuda medicina se qualificará se estudar com muito empenho — mas é verdade que as pacientes mulheres preferem médicos, da mesma forma que os homens. Uma môça pode qualificar-se como arquiteta ou engenheira e, se conseguir que os empregadores a tomem a sério, pode sair-se bem. A evidência é de que mulheres que aprendem uma ocupação como de eletricista ou operador de rádio não conseguem emprêgo.[24] Químicas e cientistas podem ganhar o Prêmio Nobel, se forem pesquisadoras, mas é difícil que se tornem dirigentes de estabelecimentos profissionais de pesquisa. Buscando tôdas essas realizações acadêmicas assexuais uma môça se defronta com um inimigo incansável — sua família. As recriminações constantes, as lamentações sôbre o que está perdendo no referente às coisas que divertem as outras, como namoros e roupas bonitas, as advertências de que jogará fora o esfôrço quando casar e assim por diante, tôda a cansativa cantilena, solapa sua resistência dia após dia. A pressão dos encargos caseiros, que são poupados aos rapazes em sua situação, não é aliviada, a menos que saia para estudar numa universidade, um expediente que pode enfrentar desaprovação paterna. O bem-estar emocional de uma môça depende tanto das atitudes dos homens em relação a ela que pode comprometer suas chances acadêmicas por envolvimento emocional. Posso testemunhar os devastadores efeitos do envolvimento emocional de mulheres estudantes baseada em experiência pessoal como "tutora" em universidades. Os homens buscam seus prazeres como e quando querem ou não buscam; as môças se sentem rejeitadas sem atenção masculina, e degradadas por qualquer coisa que seja menos que o envolvimento total, e enquanto isto perdurar elas não passarão de acasos acadêmicos. As môças raramente são brilhantes, e os homens, na deprimente maioria dos casos, abocanham as mais altas honras, enquanto que uma môça que deseja gozar de igual oportunidade que os homens, em questões profissionais, não deve só igualá-los mas positivamente ultrapassá-los, por causa do preconceito inicial contra ela. Caso sinta que deve também reter sua identidade sexual, sendo feminina, o conflito de desejos pode ter efeitos radicais.

Há histórias de sucesso sôbre mulheres, e é tempo, após um quadro tão deprimente, de contá-las. Asha Radnoti graduou-se com honras em Política, Filosofia e Economia em Oxford, e foi-lhe oferecido o emprêgo feminino usual, professôra, pela junta de empregos de Oxford. Ela abandonou magistério e encargos na IBM e outras consultorias da gerência por uma posição de analista no departamento de investimento de pesquisa de Prudential. Após dezoito meses lá, foi trabalhar para uma firma canadense de investimento, como assistente do diretor de investimentos, e agora é gerente de Portfolio para o Castle Britannia Unit Trust Group, com a responsabilidade diária de investimento de mais de quatro milhões de libras. Miss Ishbel Webster gastou doze anos trabalhando como depiladora na

Tao Clinic, antes de patentear sua própria fórmula de um depilador aerosol chamado Spray Away. Jennifer Phillps vendeu sua própria série de comédias **Wink to me Only.** Turi Wideroe é a primeira mulher-pilôto a ser empregada numa linha-aérea comercial. Mrs. Nora Rotheroe começou como empregada doméstica em Camden Town, fêz carreira num emprêgo como supervisora móvel descobrindo trabalho de limpeza e calculando os custos para sua firma, até a posição de uma diretora da Acme, a maior firma de limpeza industrial da Grã-Bretanha, e finalmente tornou-se presidente da Multi-Office Services Ltd. Mrs. Margot Newlands é a primeira mulher diretora da Thomas La Rue International. Mrs. Margery Hurst é uma milionária e presidente-adjunta da maior agência britânica secretarial, o Brook Street Bureau. Varite Collins criou sua própria firma de demonstradoras e vendedoras para produtos britânicos no ultramar, a Union Jills, e tornou-se uma diretora das agências e firmas que organizam tais exposições comerciais. A indústria de roupas exibe muitas mulheres lutadoras e criadoras como Mary Quant, Dorothy Tyoran, Sybil Zelker, Gina Fratini, Rosalind Yehuda, Marion Foale e Sally Tuffin, Fiona Browne (Spectrum), Janet Lyle (Annacat), Alice Pollock, Lee Bender e a formidável Biba. Outro campo em que as mulheres têm considerável êxito é o jornalismo e a literatura em geral; o número de mulheres jornalistas e romancistas que alcançaram distinção em nossa época é tão grande e elas são tão conhecidas que não é necessário citá-las. Na televisão as mulheres têm sido bem representadas, embora a presente tendência seja para a substituição masculina, por Grace Wyndham Goldie, chefe de negócios da BBC Tv Current, Catherine Dove (Produtora de Panorama), e Mary Sommerville (Head of Schools Broadcasting). Locutoras de noticiários foram suplantadas pelos homens, e mesmo produtoras não conseguiram subir a escada da administração, mas Yvonne Littlewood ainda produz agradável entretenimento, Paddy Foy música, Margaret Douglas assuntos diversos e Maggie Dale **ballet.** Após Dame Ninette de Valois no Sadler's Wells, as produtoras tiveram oportunidade, e Joan Littlewood é uma das mais influentes personalidades teatrais de nossa época. O Lloyd's tem quarenta candidaturas em seus livros, após declarar as mulheres elegíveis para ingresso, em fevereiro dêste ano, e o Stock Exchange continua a debater a admissão de mulheres, enquanto Miss Muriel Burley, candidata desde 1962, aguarda a decisão que a habilitará a ser sócia ou começar sua própria firma de corretagem. Foi designada a primeira mulher juiz.[25]

Parece que a mulher tem mais possibilidade de sucesso quanto mais alto ela olhe, e quanto mais extraordinária ela fôr em seu meio. O elevado valor que é dado por esta sociedade à capacidade criadora, quer criando bens para consumo em grande escala, ou escrevendo textos de propaganda ou romances, ou inventando formas de organização, conduziram à demanda atual. O comércio britânico depende da exportação de idéias e técnicos, e os homens não têm

monopólio de nenhuma das coisas. Nem é incompatível com feminilidade, pois mesmo Mary Quant teve seu cabelo pubiano recortado em forma de coração por seu apaixonado marido, se isso faz parte de suas fantasias. Uma de minhas histórias favoritas sôbre sucesso feminino é a de Mrs. Pamela Porter, que tem seu próprio caminhão e guia 1.500 milhas por semana, com três "spaniels" por companhia. O ônus fica com as mulheres, que não só devem igualar os homens na corrida por empregos, como devem superá-los. Tal incentivo deve ser bàsicamente uma vantagem.

AMOR

O IDEAL

Se Deus, que se diz ser amor, existe na imaginação dos homens é porque êles o criaram. Por certo tiveram uma visão de um amor que era divino, embora na realidade fôsse impossível apontar um paradigma. A proposição tem sido repetida como uma **mantra** em situações cheias de ódio, porque pareceu uma lei de vida. "Deus é amor". Sem amor não teria havido mundo. Se tudo fôsse Tanatos e não Eros, nada poderia chegar a ser. O desejo é a causa de todo movimento, e movimento é o caráter de todo ser. O universo é um processo e seu método é mudança. Quer o chamemos de dança heracliteana ou música ou as esferas da infinita ligação de prótons e elétrons, em tôdas as culturas compartilhamos uma idéia de movimento criador, movido pelo desejo, reprimido pela morte e a segunda lei de têrmo-dinâmica. Vários tipos de formulação aproximam dêle o conhecimento, em qualquer tempo, porque as leis que buscam controlar e formalizar tal dinâmica para a mente racional devem ser reformuladas incessantemente. Energia, criação, movimento e harmonia, desenvolvimento, tudo acontece sob a égide do amor, no domínio de Eros. Tanatos arrasta-se atrás, pondo a casa em ordem, estabelecendo limites e constrangendo a legislar. Sêres humanos amam a despeito de suas compulsões para limitá-lo e explorá-lo, de modo caótico. Seu amor os persuade a fazer votos, construir casas e transformar sua paixão finalmente em dever.

Quando os místicos dizem que Deus é amor, ou quando Aleister Crowley diz "Amor é a lei", não estão se referindo ao amor que é o destino da mulher. Na verdade, muitos platônicos acreditavam que as mulheres não eram capazes de amor nenhum, porque eram inferiores aos homens física, social e intelectualmente e mesmo em têrmos de beleza física. O amor não é possível entre inferior e superior, porque o humilde não pode libertar seu amor de interêsse egoísta, seja por desejo de segurança ou vantagem social, e, sendo menor, êle próprio não pode compreender as faculdades do superior

que são dignas de amor. O superior estando no outro lado não pode rebaixar-se por amor a um inferior; seu sentimento deve estar matizado com condescendência ou ao contrário participar de perversão e de um deliberado auto-rebaixamento. O sujeito próprio para amar é um igual, vendo-se que a essência do amor é ser mútuo, e o menor não pode produzir nada maior do que êle próprio. Vendo a imagem de si mesmo, o homem a reconhece e ama, com adequado e justificado **amour propre;** um tal amor é baseado em compreensão, confiança e interêsse comum. É o amor que forma comunidades, dos menores grupos aos mais altos.[1] É o único alicerce para estruturas sociais viáveis, porque é a manifestação de bem comum. A sociedade é fundada em amor, porém o Estado não, porque o Estado é uma coleção de minorias com diferentes e mesmo irreconhecíveis bens comuns. Como um pai controlando irmãos germanos de diferentes idades e sexos, o Estado deve criar harmonia entre grupos em guerra, não através do amor, porém por disciplina externa. O que o homem sente pelo que é muito diferente dêle próprio é fascinação e interêsse, que esmaece quando a novidade esmaece, e a incompatibilidade torna sentida sua presença. Mulheres femininas acorrentadas a homens em nossa sociedade estão nesta situação. São formadas para serem, de modo artificial, fascinantes e diferentes para os homens e acabam sendo apenas diferentes, isoladas na casa de um ser enfadado e antagônico.

Desde os primeiros momentos de vida o amor humano é uma função de narcisismo. O infante que percebe seu próprio eu e o mundo externo como a mesma coisa ama tudo, até que aprende a temer dano.[2] De modo que se você jogá-lo no mar êle nadará, como flutuava no útero da mãe antes de o mesmo se tornar por demais apertado. O bebê aceita a realidade porque não tem ego.

> O Anjo que presidiu meu nascimento
> Disse "Criaturinha", formada de alegria e júbilo,
> Vai amar sem a ajuda de nada sôbre a Terra.[3]

Mesmo quando seu ego está se formando, êle precisa aprender a se compreender em têrmos de seu relacionamento com outras pessoas e compreender outras pessoas em têrmos de si mesmo. Quanto mais sua auto-estima está corroída, mais baixa é a opinião que tem de seus companheiros; quanto mais incentivada sua auto-estima, mais êle espera de seus amigos. Esta interação foi sempre entendida, mas nem sempre recebeu a importância justa. Quando Adão viu Eva no Jardim do Eden, amou-a porque ela era feita dêle, osso de seu osso, mais parecida com êle do que qualquer dos outros animais criados para seu deleite. Seu movimento de desejo em direção a ela foi um ato de amor por sua própria espécie. Esta espécie de narcisismo difuso sempre foi aceita como uma base para o amor, exceto na relação homem-mulher em que foi suposto que o homem é inflamado pelo que é diferente nas mulheres e por causa disso as diferenças têm sido aumentadas, até os homens terem mais em co-

mum com outros homens de diferentes raças, credos e côres do que com as mulheres de seu próprio meio. O princípio da irmandade do homem é o narcisista, pois a base para aquêle amor tem sido sempre a suposição de que devemos perceber que somos o mesmo que o mundo todo.

A fraternidade do homem só se tornará uma realidade quando a consciência de sêres estranhos corrigir a miopia do homem e êle perceber que tem mais em comum com esquimós e mendigos bengalis e bichas negros do que com a forma de vida inteligente no sistema solar X. No entanto, somos desencorajados de dar o nome de amor a relações entre pessoas de interêsses comuns, como jogadores de futebol e músicos, especialmente se são do mesmo sexo. Em negando uma tal descrição, ignoramos o testemunho de corpos e comportamento. Se Denis Law abraça forte Nobby Stiles no pico toleramos isso porque **não** é amor. Se Kenny Burell dá um beijo em Albert King no palco, nos congratulamos por saber como tomá-lo. A dona de casa cujo marido vai ao clube tôda noite não se confessa que êle ama os amigos mais do que a ela, embora se ressinta, a despeito de si mesma, como se fôsse uma infidelidade.

Os argumentos sôbre a compatibilidade de pessoas casáveis brota de uma compreensão ativa do princípio de paridade no amor, mas muito raramente se percebe que interêsses compatíveis no nível de **hobbies,** livros e cinema não compensam o enorme gôlfo que é mantido aberto entre os sexos em todos os outros campos. Podemos notar com horror aquêles conselhos que alertam as môças para passarem a ter os **hobbies** de seus namorados a fim de seduzi-los por um fingido interêsse em algo de que êles gostam. De qualquer maneira o amor do homem permanece centralizado em seus camaradas masculinos embora seu sexo possa ser prerrogativa de sua mulher. A vinculação masculina pode ser explicada pelo simples princípio de harmonia de **similes inter pares,** isto é, amor. Por outro lado, a castração da mulher resulta na concentração de seus sentimentos sôbre o companheiro homem, e em impotência nas confrontações com sua própria espécie. Porque todo seu amor é guiado para a busca de segurança, senão para sua prole, pelo menos para seu eu aleijado e temeroso, e não pode esperar encontrá-la em sua própria espécie que ela sabe ser fraca e inconveniente. O uso de maquilagem e disfarce, manhas infalìvelmente de conhecimento das mulheres, resume melhor o fato de que a operação de insegurança feminina está minando o narcisismo apropriado e natural. Aquelas mulheres que se gabam mais grosseiramente de seu amor pelo próprio sexo (menos as lésbicas, que têm de inventar seu próprio ideal de amor) em geral têm curiosas relações com êle, íntimas ao grau mais extraordinário, porém desleais, incertas e tensas, por mais íntimas e duradouras que possam ser.

Podemos falar na fraternidade do homem, e fingir que incluímos a irmandade das mulheres, mas sabemos que não. O folclore

pretende que as mulheres só se reúnam para malhar o couro de um membro ausente de seu grupo, e continuam a agir assim porque estão muito cônscias das conseqüências caso estivessem fora. Não passa de uma piada, mas, como piadas sôbre sogras, é baseada em amarga verdade. As mulheres não têm locais de reunião: não inventam, como os homens, pretextos como coleção de moedas ou associações de ex-alunos ou atividades esportivas para poderem estar juntos; nas noites as senhoras exibem rostos gélidos enquanto seus maridos se abraçam e fazem uma algazarra comentando entre si que são todos rapazes muito crescidos. Do amor de companheiros nada sabem. Não podem amar-se desta maneira fácil, inocente e espontânea porque não podem amar a si mesmas. O que realmente vemos, sentadas às mesas junto à parede, é uma coleção de subalternas mascaradas, vestidas (para enfrentar a investigação) nas armadilhas do símbolo do **status**, sem aventais, perfumadas, macaqueando lazer e à vontade quando só sentem fadiga. Tudo o que pode acontecer para tornar a noite com êxito para uma delas é conseguir atrapalhar o caso amoroso em andamento polarizando a atenção total do marido ou de qualquer outro. Supondo que os homens não abandonam suas mulheres ao convívio mútuo, a conversação é ainda entre homem e homem com descante feminino. As piadas são piadas de homens: a atividade e as anedotas a respeito pertencem aos homens. Se o sexo que foi extraído da relação homossexual não estivesse exclusivamente concentrado nela, uma mulher consideraria ter motivo para queixa. Ninguém se queixa de ela ter sexo sem amor e êle amor sem sexo. Está certo desta maneira, é espantoso de qualquer outra maneira.

A esperança não é a única coisa que brota eterna no peito humano. O amor lá aparece espontâneamente de tempos em tempos. Sentimentos de benevolência espontânea por alguém de nossa própria espécie ainda nos transfiguram de vez em quando — não em relações que envolvem compensações de segurança e lisonja, porém em estranhos incidentes de confiança e cooperação, em situações em que não são considerados compulsão e dever. Êste extraordinário caso de amor gratuito apareceu na correspondência do **People:**

> Há dezoito anos atrás meu marido e eu mudamo-nos para nossa primeira casa. Duas semanas mais tarde nossos vizinhos chegaram para a casa ao lado. Nós os achamos um tanto retraídos e êles, em troca, não simpatizaram muito conosco.
>
> Mas no decorrer dos anos abençoamos o dia em que vieram morar ao lado. Compartilhamos dias felizes. Foram padrinhos de nossa filha. E quando os problemas eram piores êles estavam sempre prontos a ajudar.
>
> Agora nos deram a maior prova de amizade que se pode esperar. Meu marido mudou recentemente de emprêgo e tivemos de nos mudar para 200 milhas de distância. A partida era demais. Em vez de dizer adeus, o marido de minha vizinha mudou de emprêgo e se mudaram conosco.
>
> Embora não sejamos vizinhos, estamos só a cinco minutos de distância. Esta é uma amizade que realmente resistiu à prova do tempo. [4]

Esta situação notável é na verdade rara, pois constitui tendência das relações de família trabalhar contra êste tipo de relação extra-familiar. Tôda vez que um homem abre seu coração para um estranho, reafirma o amor que une a humanidade. Na verdade, está desembrulhando seu coração com palavras, porém ao mesmo tempo é encorajado a esperar interêsse e simpatia, e em geral os obtém. Seu interlocutor sente-se incapaz de impor os padrões próprios ao comportamento do confidente; pelo menos êle sente. Nem sempre é tristeza e sordidez que são confiadas desta maneira, mas às vêzes alegria e orgulho: Lembro-me de um motorista de caminhão falando-me, certa vez, de sua mulher, de como ela era **sexy,** inteligente e adorável, e como era bonita. Mostrou-me uma fotografia dela e eu enrubesci de culpa porque esperara algo plástico e vi uma mulher que, pelos padrões correntes, era feia, gorda e mal-vestida. Parte da importância de ler romances, ver peças e filmes é excitar a faculdade de simpatia para com nossa própria espécie, tantas vêzes obliterada pelos multifários contrôles e compulsões de nossa existência social. Desde que não desprezamos Camille ou tenhamos ciúme de Juliet, podemos mesmo entender o regicida ou o incestuoso. Isso é amor.

O amor de companheiros é baseado em entendimento e portanto em comunicação. Foi o amor que nos ensinou a falar e a morte que colocou seus dedos sôbre nossos lábios. Tôda a literatura, mesmo vituperativa, é um ato de amor, e tôdas as formas de comunicação eletrônica atestam a possibilidade de entendimento. Seu poder real de cingir a aldeia global ainda não foi entendido de modo correto. Acima de estatísticos e políticos e outros cínicos profissionais e fabricantes de morte, os olhos de uma criança de Biafra têm uma inequívoca mensagem. Mas enquanto os meios eletrônicos alimentam nosso amor por nossa própria espécie, as circunstâncias de nossas vidas substituem paixão por proximidade.

Se pudéssemos apresentar um ideal atingível de amor êle se assemelharia à relação descrita por Maslow como existindo entre personalidades auto-realizadas. É provàvelmente um equilíbrio bem perigoso: por certo as fôrças da ordem e civilização reagem muito diretamente para limitar as possibilidades de auto-realização. Maslow descreve suas personalidades ideais como tendo uma melhor percepção da realidade — o que Herbert Head chamou de um ôlho inocente, como o ôlho da criança que não procura rejeitar a realidade. Sua relação com o mundo dos fenômenos não é governada por sua necessidade pessoal de explorá-lo ou de ser explorada por êle, mas por um desejo de observá-lo e entendê-lo. Não têm aversão; o desconhecido não os amedronta. São sem defensiva ou afetação. As únicas causas de pesar são preguiça, acessos de cólera, ferir outros, preconceito, ciúme e inveja. Seu comportamento é espontâneo mas corresponde a um código moral autônomo. Seu pensamento é centrado em problemas, não no ego e portanto a maioria das vêzes

têm um senso de compromisso com uma causa além de suas preocupações corriqueiras. Suas respostas são geradas para o presente e não para a nostalgia ou antecipação. Embora não sigam uma religião com base em culpa ou temor, ou qualquer outra sorte de compulsão, a experiência religiosa, em têrmos de Freud, o **sentimento oceânico,** é para êles mais fácil de atingir do que para o convencionalmente religioso. O fator essencial na auto-realização é independência, resistência à aculturação; o perigo inerente a isto é a excessiva independência ou absoluta excentricidade;

> **Sua palavra pronunciou "egoísmo" abençoado, o completo e saudável egoísmo que brota de uma alma poderosa — de uma poderosa alma à qual pertence o elevado corpo, belo, triunfante, refrescante, em tôrno do qual tudo se torna um espelho — o corpo flexível, persuasivo, o dançarino cuja parábola e epitome é a alma auto-satisfeita.**
>
> Nietzsche, "Thus spoke Zarathustra"

não obstante tal gente é mais capaz de dar amor, se o que Rogers disse do amor é para ser acreditado, que "podemos amar uma pessoa só até o ponto em que não somos ameaçados por ela". Nossa pessoa auto-realizada pode pretender ser capaz de amar todo o mundo porque não pode ser ameaçada por ninguém. É claro que as circunstâncias limitarão a possibilidade de ela amar todo o mundo, mas seria por certo um milagre se um tal caráter permanecesse completamente monógamo. Para aquelas pessoas que querem ser dominadas ou exploradas ou estabelecer qualquer outro tipo de simbiose compulsiva, êle seria um parceiro insatisfatório; como há muito menos personalidades auto-realizadas do que de outras espécies, o auto-realizado é em geral mal-casado. Maslow tem um comentário muito original do comportamento sexual do auto-realizado:

> Outra característica do amor que descobri em pessoas saudáveis é que elas não fizeram realmente aguda diferenciação entre os papéis dos dois sexos. Isto é, não supuseram que a mulher era passiva e o macho ativo, quer em sexo ou amor ou qualquer outra coisa. Estas pessoas estavam tão certas de sua masculinidade ou feminilidade que não se incomodavam de aceitar alguns dos aspectos do papel do sexo oposto. Era especialmente digno de nota poderem ser amantes tanto ativos como passivos... um exemplo da maneira pela qual dicotomias comuns são com tanta freqüência resolvidas em auto-realização, parecendo ser dicotomias válidas apenas porque as pessoas não são bastante saudáveis. [5]

O que Maslow expressa pode não passar de um preconceito em favor de um certo tipo de estrutura de personalidade, tão só outra maneira de se comprometer entre Eros e civilização, não obstante todos estamos envolvidos em algum compromisso operativo dêsse gênero. Pelo menos os têrmos de Maslow indicam uma direção em que podemos caminhar e não se limita a uma exposição teórica de como devia ser a personalidade, se a psicanálise atingisse o alvo que até agora ela não declarou, ao menos de modo explícito, nem justificou o mundo esperado, "para devolver nossas almas a nossos

corpos, devolver nós mesmos a nós próprios, e desta forma superar o estado humano de auto-alienação".[6]

É surpreendente, embora no entanto seja verdade, que Maslow incluísse algumas mulheres em seu modêlo de personalidade em auto-realização. Mas afinal é previsível, mesmo meus argumentos sôbre a aculturação da mulher estando corretos. De certa maneira a operação do estereótipo feminino é tão óbvia e para muitas mulheres por inteiro inatingível, que se pode com facilidade reagir contra ela. É preciso muita coragem e independência para decidir-se a criar sua própria imagem em vez daquela que a sociedade recompensa, mas fica mais fácil na medida em que se prossegue. É claro, uma mulher que decide seguir seu próprio caminho descobrirá que seu condicionamento não é erradicível, mas pelo menos pode reconhecer sua operação e escolher neutralizá-la, visto que um homem pode achar que estava sendo mais sutilmente iludido. Uma mulher que tenha se decidido tornar-se uma amante sem condições pode descobrir que suas relações se desfizeram de modo relativamente fácil por causa de seu grau de resistência aos esforços de "domá-la", e a opinião de suas amigas em geral ficará do lado do homem que estava preparado a fazer a coisa decente, que estava apaixonado por ela, etc. Sua promiscuidade, resultante de seu constante desejo sexual, ternura e interêsse nas pessoas, em geral não será diferenciada da promiscuidade compulsiva ou incapacidade para dizer não, embora seja fundamentalmente diferente. Seu amor pode muitas vêzes ser desvalorizado pelas pessoas por quem sente mais ternura, e sua auto-estima pode ser atacada muito diretamente. Tais pressões nunca poderão ser por completo sem efeito. Mesmo se uma mulher não inibe seu comportamento por causa delas, achar-se-á reagindo de alguma outra maneira, sendo ultrajante quando apenas quis ser espontânea, e assim por diante. Pode limitar-se a escrever defesas da promiscuidade, ou mesmo livros sôbre mulheres.

Pelo bem do amor as mulheres precisam rejeitar os papéis que lhes são oferecidos em nossa sociedade. Como sêres impotentes, inseguros, inferiores, nunca podem amar de uma maneira generosa. O ideal do amor platônico, de Eros como uma fôrça estabilizadora, criadora, harmonizante no universo, foi mais plenamente expresso, em inglês, no poema abstrato de Shakespeare, "A Fênix e a Tartaruga", que

> Amavam, como amor em par
> Mas tinham a essência em um
> Dois distintos, divisão nenhuma:
> Número ali em amor tinha sido morto.
>
> Corações isolados, contudo não separados;
> Distância e não espaço era vista
> Entre a tartaruga e sua rainha:
> Mas nelas era uma maravilha

O poema não é um apêlo ao **sati,*** embora descreva as mútuas exéquias da fênix e da tartaruga. Expõe e celebra o conceito da harmonia, de fusão, de se interdissolver, nem sacrificado nem obliterado, aquêle conhecimento não-destrutivo que Whitehead aprendeu a valorizar nos escritos de Lao-Tsé.

> A propriedade ficou de tal modo apavorada
> Que o eu não era o mesmo;
> O duplo nome da natureza única
> Nem dois nem um foi chamado.
>
> A razão em si confusa,
> Viu a divisão aumentar junto;
> Para êles mesmos perceberem que nem um nem outro
> Simples eram tão bem compostos.

O amor de pares é o espírito de comunhão, a unidade de beleza e verdade. A fênix e a tartaruga não coabitam necessàriamente, pois elas são princípio de simpatia que não depende de familiaridade. A fênix se renova constantemente das próprias cinzas, como uma figura de existência proteana. O amor da fênix e da tartaruga não é a aderência de tôda uma vida de um casal mùtuamente amarrado, mas o princípio de amor que é reafirmado na relação do eu narcisista com o mundo de que é uma parte. Não é a fantasia de aniquilação do eu na identidade de outro pela dominação sexual, pois é um estado espiritual de compreensão.

> Espiritualidade, com que quero dizer a pureza de uma natureza forte e nobre, com todos os podêres novos e inexperimentados que dela devem crescer — ainda não apareceu em nosso horizonte; e sua ausência é uma conseqüência natural de uma diversidade de interêsses entre homem e mulher, que são na maior parte aproximados por meio da atração da paixão; e que, a não ser por isso, estariam mais afastados do que os pólos. [8]

De fato, homens e mulheres amam de modo diferente, e muito do comportamento que descrevemos pelo têrmo está tão longe da benevolência, e é anti-social, que deve ser entendido como sendo inimigo da natureza essencial do amor. Nosso estilo de vida contém mais **thanatos** do que **eros,** pois egotismo, exploração, decepção, obsessão e vício têm mais lugar em nós do que erotismo, alegria, generosidade e espontaneidade.

---

* Ritual hindu de imolação da viúva, voluntàriamente ou não, na pira funerária do marido. N.T.

ALTRUÍSMO

"O amor não busca agradar a si mesmo,
Nem por si mesmo tem qualquer cuidado,
Mas por outro dá seu sossêgo,
E constrói um Céu no desespêro do Inferno."
Assim cantou um pequeno Torrão de Barro,
Esmagado pelos pés do gado... [1]

Falei do amor como uma afirmação de confiança no eu, uma extensão do narcisismo para incluir a própria espécie de uma pessoa, considerada de modo vário. E contudo dizem-nos: "Nenhum homem demonstra maior amor do que quando entrega a vida por seu amigo." Em nossa escola éramos encorajadas a privar-nos a fim de dar para outros. Não comíamos doces e púnhamos nossos níqueis numa caixa vermelha e amarela com um negrinho na frente para as missões, para nos santificarmos. Tal compreensão do amor era ser êle a negação do eu pela abnegação, o esquecimento do eu na humildade, paciência e auto-renúncia. O egotismo essencial da prática era aparente para muitas de nós no procedimento das meninas mais piedosas, pois o objetivo do exercício era fundamentalmente ganhar graça aos olhos do Senhor. Cada um dêsses atos tinha de ser oferecido, senão o depósito celestial não era pôsto em nossa conta. E contudo era uma noção sedutora. Fazia apêlo às nossas tendências masoquistas e estava ligada a fantasias de aniquilação. Êste é o amor, diziam-nos, da mãe que cobre o corpo do filho com o seu quando o perigo o ameaça, da mãe pata que atrai os caçadores para longe do ninho. Nobre, instintivo e feminino. Tôdas as nossas mães o possuíam, pois de outra maneira não teriam enfrentado a dor e a doença para nos trazer ao mundo. Ninguém podia descrever a grandeza dos sacrifícios de uma mãe por seus filhos, especialmente por nós que não estávamos nem mesmo recebendo educação gratuita. Tôda mãe era uma santa. O Mandamento era, sem dúvida, amar a teu próximo como a ti mesmo, mas as freiras estavam animadas pela perspectiva de amar a seus próximos mais do que a si mesmas.

O ideal de altruísmo é possìvelmente elevado, mas é infelizmente quimérico. Não podemos nos libertar de nós mesmos, e não podemos agir com desprêzo de nossas próprias motivações, a menos que sejamos mães patas e ajamos como criaturas instintivas, serviçais da espécie. Nós, as crianças que estávamos na extremidade recebedora, sabíamos que o auto-sacrifício de nossas mães existia principalmente em seus cérebros. Éramos de maneira constante exortadas a sermos gratas pelo dom da vida. Logo depois da redenção, pela qual jamais poderíamos esperar ser o suficiente gratas, embora não possuíssemos idéia muito clara de porque tinha sido preciso que alguém morresse por nós em primeiro lugar, tínhamos de ser gratas pelo dom da vida. As freiras destacavam que o mandamento de amar a nossos pais vinha logo depois do Mandamento sôbre amar a Deus, e porque elas próprias eram **in loco parentis,** e viviam tão só para Deus e seu próximo, também devíamos ser gratas por isso. Mas as crianças são pragmáticas. Podíamos ver que nossas mães nos chantageavam com auto-sacrifício, embora não soubéssemos se elas poderiam ter sido ou não grandes estrêlas de ópera ou a namorada da cidade se não nos tivessem dado à luz. Em nossos momentos intratáveis sublinhávamos que não pedíramos para nascer, ou mesmo ir para uma escola cara. Sabíamos que deviam ter tido motivos próprios para o que haviam feito com e para nós. A noção do auto-sacrifício de nossos pais nos enchia não de gratidão, mas de confusão e culpa. Queríamos que fôssem felizes e no entanto eram tristes e carentes, e por culpa nossa. O grito da mãe de Portnoy é o grito de tôda mãe, a menos que ela abandone de modo absoluto o papel de mártir. Quando éramos repreendidas e batidas por incomodar nossas mães, tentávamos mostrar que não pedíamos que se preocupassem a cada minuto com nossos feitos. Quando nossas cadernetas escolares traziam censura e recriminação, sabíamos de quem era a satisfação que se pretendia que o sacrifício provocasse. Não haveria para nós oportunidade de estar no lado do crédito em transações emocionais? No que dizia respeito às freiras tínhamos plena certeza de que abandonando o mundo para devotar suas vidas a Deus e a nós não haviam abandonado nada que tivessem querido com paixão, em especial por nós, a quem não conheciam.

Porém enquanto filhos meninos podem permanecer relativamente afastados e cínicos a respeito da motivação de seus pais, as meninhas finalmente capitulam. Seus conceitos de si mesmas são tão confusos, e sua dependência cultivada tão poderosa, que começam a praticar auto-sacrifício muito cedo. Ainda estão expiando sua culpa primária por terem nascido, quando bravamente abandonam todos os outros interêsses e se concentram em tornar felizes seus homens. De certa forma, a percepção da motivação real para auto-sacrifício existe paralela à sua ideologia oficial. Os entendidos em relações públicas procuram atrair môças à enfermagem chamando-a o mais compensador emprêgo do mundo, e no entanto é o mais duro

e o mais mal pago. A satisfação vem da sensação de fazer o bem. Não só as enfermeiras se sentirão bondosas porque estão aliviando a dor, mas também porque estão tirando pouca compensação por êle; desta forma são credoras emocionais permanentes. Qualquer paciente de um hospital público pode dizer-lhe o que esta exploração do masoquismo feminino significa em têrmos reais. Qualquer pessoa que tenha se contorcido de dor tôda a noite, em vez de chamar a enfermeira da noite, sobrecarregada e reprovativa, pode dizer-lhe.

Nas relações sexuais, esta confusão de altruísmo com amor perverte a maioria. Auto-sacrifício é o **leit-motif** da maioria dos jogos matrimoniais disputados por mulheres, dos mais crus ("Dei a você os melhores anos de minha vida") aos mais requintados ("Só fui para a cama com êle para que você fôsse promovido"). Para um eu tão sacrificado a recompensa esperada é segurança, e já que uma recompensa é esperada não pode, pròpriamente falando, ser de modo algum chamado de auto-sacrifício. É de fato uma espécie de comércio, e um no qual a mulher deve ser sempre a credora. É claro, é praticado também pelos homens que explicam seu fracasso em se dedicar a trabalhos excitantes ou arriscar-se à insegurança devido às suas obrigações para com a mulher e/ou para com os filhos, mas não é invariável, considerando que é difícil pensar em uma relação homem/mulher em que o elemento de auto-sacrifício feminino esteja ausente. Na medida em que as mulheres precisem viver por delegação, através dos homens, têm de trabalhar para tornar-se indispensáveis e êste é o emprêgo de tempo integral chamado, em geral erradamente, de altruísmo. Pròpriamente falando, altruísmo é um absurdo. As mulheres estão se auto-sacrificando na proporção direta de sua incapacidade de oferecer outra coisa que não seu sacrifício. O sacrifício do que elas nunca tiveram: um eu. O grito da mulher abandonada: "O que foi que eu fiz para merecer isto?" revela de imediato a falsa economia emocional que ela tem estado seguindo. Para a maioria dos homens é apenas em contendas que êles descobrem com exatidão quão hipòcritamente e contra a vontade suas mulheres se renderam a êles. É óbvio que o altruísmo espúrio não é monopólio das mulheres, porém enquanto as mulheres necessitarem dos homens para viver, e os homens puderem arranjar mulher ou não, e viver do mesmo modo, êle será mais importante na motivação feminina do que é na masculina. O mal-compreendido mandamento de Aleister Crowley **faze como quiseres** é uma advertência para que você não se engane pensando poder agir diferente e não tomar plena responsabilidade pelo que faz. Quando se escolheu de modo genuíno um curso para si própria não pode ser possível responsabilizar a outrem por êle. O altruísmo das mulheres é tão só a inautenticidade da pessoa feminina transportada para o comportamento. É outra função do defeito no narcisismo da mulher.

EGOTISMO

Mas um seixo do regato
Cantarolou êste conjunto de metros:

"O amor busca apenas agradar ao Eu,
Amarrar outro para Seu prazer,
Alegrar-se com a perda de sossêgo de outrem,
E constrói um Inferno a despeito do Céu. [1]

Se o altruísmo é quimérico, disso não se segue que todo comportamento amoroso seja bàsicamente egoísta. O narcisismo que apontei como a base do amor não é um fenômeno do ego, que é apenas a parte consciente da personalidade, mas uma função de tôda a personalidade. Egotismo no amor não é o amor de um por outro de sua própria espécie, mas a suposição de uma unidade existente entre duas pessoas, unidade que deve ser reforçada e protegida contra tôdas as tentativas de socializá-la. Se uma pessoa ama apenas uma outra pessoa, e é indiferente ao resto de seus companheiros homens, seu amor não é amor, mas uma união simbiótica, ou um egotismo alargado.[2] Freud supunha que a paixão sexual era exclusiva porque o ciúme parecia parte tão integral dela, e na verdade veremos que a maior parte das experiências de casamento grupal tropeça nas dificuldades que quase todo mundo experimenta quando tenta com a melhor boa vontade do mundo vencer o egotismo sexual. O ciúme de um homem por sua mulher é òbviamente egoísta de um modo que difere marcadamente do ciúme feminino. Uma mulher torna-se a extensão do ego de um homem como seu cavalo ou seu carro. Ela pode ser roubada, e a ofensa depende do ladrão, não do objeto de posse. E assim os homens tentam restaurar sua imagem prejudicada quando oferecem violência a homens que dançam com suas espôsas ou a elas lançam olhares. Não é em geral a suposição de que as mulheres são promíscuas que provoca o ciúme masculino em nossa sociedade, mas antes a suposição de que elas meramente aquiescem nas relações sexuais. Pareceria que os homens as mais das vêzes fler-

tam, e não por desejo das mulheres, e daí, a síndrome de briga-de-galo ainda ridìculamente prevalente na sociedade anglo-saxônica do século vinte. Para algumas pessoas, as relações amorosas se definem em têrmos de exclusividade ciumenta. "Eu gosto de estar perto dela. Não quero muito ter demoradas palestras com ela. Sinto-me de maneira horrível quando a vejo com outra pessoa qualquer."[3] Os têrmos de uma tal paixão são todos negativos. "Nunca quis ninguém senão você: você é a única mulher que jamais amei" é tomado como justificativa suficiente para posse indisputada. Porque o amante não pode viver sem sua amada, ela deve permanecer com êle mesmo contra sua vontade. E isto é na maioria das vêzes reconhecido como amor. Enquanto a amada permanece, ela deve ser tratada com grande generosidade, mas uma vez se afastando é objeto de ódio e represália. As conotações de uma tal simbiose são resumidas numa história macabra que apareceu nos jornais italianos. Meo Calleri roubou Maria Teresa Novara da casa de seus pais em Asti, no Piemonte, e instalou-se num quarto subterrâneo desconhecido de todos. Lá êle a manteve suprida de alimentos e revistinhas, em cujas margens ela gravou uma espécie de diário, descrevendo seus dias à espera de que seu amante viesse até ela. Mas um dia êle morreu num acidente de automóvel. Ninguém sabia de seu ninho-de-amor e sua infeliz hóspede sufocou lentamente, deitada na cama estreita, muito pintada, esperando por êle. Era por demais verdade que ela não podia viver sem êle.[4]

E no entanto, a resposta afirmativa às perguntas: "Acha que não pode viver sem êle?" e "Se você o perdesse amanhã acharia que a vida não tem mais significado, e que você jamais sentiria o mesmo por outro?"[5] é considerada por um conselheiro sentimental contemporâneo como sendo a evidência de que uma mulher está amando, verdadeiramente amando. Se os homens encaram a fidelidade das mulheres como um suporte necessário de seu ego e a infidelidade como a pior das vergonhas, e isso acontece mesmo na Inglaterra, as mulheres estão preparadas para tolerar a infidelidade porque precisam de modo tão nocivo de segurança real, não de aparente. Sofrem tormentos de ciúme porque estão aterrorizadas ante o abandono, que lhes parece ser por demais provável.

Invejando postava-se a enorme Forma, em desacôrdo com Ela mesma
Em todos os seus Membros, em eterno tormento de amor e ciúme,
Impulsionada pela Destruição hora após hora da penhascosa praia de Albion,

Arrastando os três amôres de Jerusalém para infernal escravidão
Que êles devem ter nascido em Disputas de Castidade e em Ódio mortal
entre Leah e Rachel, Filhas do Engano e Fraude
Portanto as Imagens de várias Espécies de Disputa
E Ciúme e Aversão e Vingança e Implacável Assassinato,
Até que elas recusem liberdades para o Homem, e não como Beulah
Onde cada Mulher se delicia em dar sua virgem para seu marido.

Blak, "Jerusalém", 69, II. 6-15.

Nenhum homem espera ser abandonado até que se defronta com a evidência de que está sendo enganado ou vai ser deixado. Como Compton Mackenzie fêz uma de suas **Mulheres Extraordinárias** observar:

> Voltaire disse que nenhum homem era jamais capaz de imaginar que qualquer mulher podia querer **coucher** com mais ninguém senão êle; mas penso que êle podia também ter dito que após uma certa idade nenhum homem jamais pode estar por inteiro seguro de que a mulher **qui couche avec lui veut coucher avec lui.** Mas desde o primeiro momento em que uma mulher **couche avec un homme** ela está sempre pensando que êle está esperando **coucher avec une autre femme.** [6]

O homem é ciumento por causa de seu **amour propre;** a mulher é ciumenta por falta dêle. Uma vez um rapaz que queria viver comigo assegurou-me, quando lhe perguntei se iria ser possessivo ou não, que faria tanto amor comigo que eu não seria capaz de querer mais ninguém. Esta espécie de arrogância é que torna a traição real tão insuportável para os homens: sua impossibilidade completa para as mulheres, que imaginam não ter meios de controlar a sexualidade de seus homens, é o que contribui para a insegurança feminina. Uma mulher está tão cônscia de ser apreciada por seu marido como uma coisa, e como uma coisa estereotipada, que ela mesma não consegue ver razão para que êle não ambicione o busto que lhe é exposto por outra convidada no jantar, em especial se está miseràvelmente temerosa de que, em têrmos de estereótipo, o busto exposto tenha melhor aspecto do que o dela. Claro, muitas mulheres assumem o contrôle da sexualidade de seus parceiros e uma das maneiras mais fáceis de fazê-lo é pervertendo-os a alguma prática da qual se tornem viciados: Lembro-me de uma mulher gabando-se para mim, certa vez, de que ela tinha algo na cama que eu não tinha, e portanto um mútuo amigo nosso devia tê-la amado mais do que a mim. Finalmente descobri que o que ela tinha na cama era um desejo de bater e humilhar, que forçou nosso amigo a capitular a uma tendência em si próprio de que sempre desconfiara e que o tornou muito feliz. As mulheres ficam contentes em substituir associação espontânea, visando o prazer, pelo vício, porque êle é mais escravizante. Há centenas de casos na Inglaterra em que espôsas consentem em vestir-se de couro ou borracha, e bater em seus maridos ou que quer que êles exijam, porque a compusão da atividade é a segurança delas.

Êste tipo de rebaixamento a mulher pode considerar uma forma extrema de altruísmo, quando òbviamente é, como a maioria das outras formas femininas de altruísmo, egotismo disfarçado. Quando mulheres abandonadas seguem seus homens em fuga com rostos lambusados de lágrimas, gritando **você não pode fazer isto comigo,** revelam que tudo que ofereceram em nome da generosidade e altruís-

mo tinha sido parte de uma transação suposta, na qual faziam jus a um certo pagamento. A expressão máxima desta espécie de amor-egotismo é a tentativa de suicídio, e é praticada por ambos os sexos. Nossa sociedade encoraja a substituição do prazer espontâneo pelo vício, e especìficamente encoraja as mulheres a encorajar dependências que limitarão as tendências de seus parceiros para a pirataria e outras formas de instabilidade. Mas, enquanto moralistas populares incentivam uma espôsa a tratar das infidelidades do marido de modo indireto, usando sua culpa para cimentar a simbiose conjugal, concedem ao homem considerável poder de vigilância e limitação mesmo sôbre atividades na aparência inocentes, desde que digam respeito a sua mulher. Quase que qualquer loja feminina pode fornecer um exemplo dêste mecanismo. Êste exemplo vem de uma carta dirigida a "Evelyn Home" de **Woman:**

> Uma festa de há um ano atrás é ainda um tópico vulcânico entre minha mulher e eu.
>
> Uma semana após ela, um dos convidados que dançara com minha mulher visitou-a enquanto eu estava no trabalho. Errada ou acertadamente telefonei para sua casa, onde sua mulher riu e disse que seu marido era apenas amigável. Minha mulher fêz uma cena tempestuosa e disse que eu podia confiar nela; caso não, ela iria para a cama com o primeiro que telefonasse e me daria algo verdadeiro com que me preocupar.
>
> Insisto em que, uma vez casados, nenhum dos parceiros devia receber tais visitas. Devo continuar assim ou copiar a forma de conduta de minha mulher?

Durante um ano êste pobre infeliz ponderou o problema. Sua mulher recebe um visitante durante o dia e êle matuta um ano inteiro Na verdade, pensa tão pouco nela que trata do assunto com a mulher do outro, que ri dêle, de sua deslealdade, de sua insegurança e de sua presunção. Sua mulher contudo não mostra grande amor, pois ela o ameaça e não aceita a questão de princípio. Isto á casamento, a base da sociedade! Mas Evelyn Home não rejeita sua moralidade. Ela endossa as suposições básicas do marido sôbre os amigos da mulher e dignifica a relação com o nome de amor.

> Já que você não admira a forma de conduta de sua mulher, não a copie — mas pergunte-se porque as atenções de um outro homem foram bem recebidas. Não duvido de que a visita tenha sido meramente social, mas sua mulher ficou simplesmente deliciada com a homenagem.
>
> Você lhe diz com freqüência que a ama? Se não, comece agora, pois ela precisa dessa reafirmação. E pense na espécie de vida que ela leva. Em seu lugar você se aborreceria? Precisaria de atividade mental ou interêsses extras? Talvez sua mulher também precise dêles, se fôr para ela permanecer felizmente fiel. [7]

Pessoas que compram livros podem rir de tais opiniões, desprezá-las como típicas de uma certa civilização, porém isto é deixar de lado o fato de que as atitudes morais de um conceito como "Everlyn Home", cujo nome transpira domesticidade, são calculadamente provadas com sendo as que a grande maioria das leitoras considera aceitáveis.

O amor que uma pessoa pode aceitar é exclusivo; todos os outros amôres, inclusive o amor pelo rebento de um tal amor, causa ciúme. Daí o ódio proverbial pela sogra, outro exemplo de como o lar do casal se separa com violência do tecido social mais amplo. Êle é em si uma repetição da situação edipiana e reproduz o complexo de Édipo na prole, de modo que a família é o campo de batalha de casa de Atreus, todos colhidos na rêde e todos sendo cortados aos pedaços em morte lenta. Os amantes vivem apenas um para o outro, mortos para o mundo exterior. Um homem morto constitui um bom empregado e sua mulher morta senta-se obliterada em seu mausoléu de tijolo vermelho, esperando que seu marido volte à casa para que possa continuar seu jôgo de homicídio ritual — se por carícias ou por insultos e sopapos faz pouca diferença, pois cada homem mata a coisa que ama, como Oscar Wilde observou com irresponsabilidade característica. As técnicas que são empregadas para manter criancinhas ao nível de bonecas e aleijados o são, também, na situação de amor conjugal para chancelar a unidade egoísta. Fala infantil, mesmo ao ponto de chamar o marido de "papai" ou "paizinho", e a mulher de "mamãe" ou "mãe" e a ambos do mesmo modo "filhinho (a)", mantém o discurso num nível corretamente estúpido.

Mesmo entre amantes que se envergonhariam dessa falinha, a acumulação de pequenos objetos de significação sentimental e de rituais é parte do egotismo mútuo do amor. Objetos, lugares, palavras engraçadas, jogos, presentes são pendurados em tôrno como feitiços que impedem a intrusão do mundo exterior. O egotismo das mulheres opera de modo mais completo nisso do que o do homem, pois as mulheres encaram o menosprêzo de seus brinquedos e rituais como a maior das faltas de coração. Desfazer-se de um objeto de estimação ou chamar outra pessoa por um mesmo nome carinhoso é praticar o fim do caso; não pode ser perdoado. Bàsicamente, muitos dos expedientes do **égoisme à deux** produzem a separação dos amantes, pois onde não há vínculos visíveis nada pode ser visìvelmente rompido. (Se você não me der seu anel, não posso devolvê-lo.)

Um dos mais desanimadores aspectos do egotismo amoroso é o desejo que homens e mulheres têm de sentir-se orgulhosos de seus parceiros. A maioria dos homens deseja mulheres que podem ser mostradas aos rapazes, mulheres desejadas por outros homens, embora evidentemente subjugadas ao desejo exclusivo por seu pos-

Eu me envergonharia de devolvê-la a seus pais: farei de seus cabelos uma coberta para minha cabeça e moerei seus ossos para argamassa. Não renunciarei a ela, mas casarei com outra.

Noivo desapontado, Battak, Sumatra

suidor. Grande parte do ultraje que os homens sentem quando as espôsas flertaram com outros homens é devido ao fato que a gló-

ria de ter uma mulher bonita e desejável foi dissipada pela impressão de que ela não está contente e feliz com seu senhor. O número de canções adolescentes, que choraram a inconstância de mulheres belas e suspiraram por bonecas de papel que outros rapazes não pudessem roubar, constitui evidência de como prevalece êste tipo de egotismo. Quando um homem se compromete com a garôta de seus sonhos, um de seus desejos mais urgentes é mostrá-la aos amigos, enquanto as mulheres se preocupam menos, pois estão preparadas para negligenciar todos os seus próprios conhecimentos e adquirir os de seu par. Há um egotismo paralelo nas atitudes femininas em relação aos homens apenas quando uma mulher é membro de um grupo que pode declarar alguns homens simplesmente muito cascas-grossas, muito frescos, muito cafonas para que se saia com êles, e nada que se diga sôbre sua simpatia ou riqueza ou outra coisa qualquer servirá para contrabalançar esta insegurança ante a impressão pública. Uma mulher mostra seu próprio valor a suas irmãs escolhendo um homem de sucesso e bem apessoado. É provàvelmente parte do processo de seleção natural, operando no próprio início do jôgo de cortejamento, e nisso há um saudável egotismo, se os critérios envolvidos em tais julgamentos não fôssem tão **ersatz** e comerciais, e tão triviais. Um homem de minhas relações, relatando porque estava tão tolamente apaixonado por sua secretária, explicou que ela tinha possuído famosos amantes, tinha sido uma **hippie** quando ainda estava em moda e mudou-se de Haight Ashbury quando cessou de ser "bem" morar lá. Ela tinha pernas longas, cabelos louros compridos e um corpo elegante, sabia tudo sôbre ácido e tinha sido iniciada por Leary e Kesey: como seria possível não amá-la? Sua espôsa, que tinha sido uma seguidora da moda há dez anos atrás, não estava se saindo muito bem (em parte porque tinha se casado com êle) de modo que era melhor para todos que êle seguisse a moda. As mulheres também se aquecem nos reflexos da glória de seus pares escolhidos. Teria sido absurdo casar com um homem célebre e artista e permanecer indiferente às suas realizações: todo mundo quer ser reconhecido e honrado, mas o mundo seria melhor caso as realizações fôssem encaradas de modo mais variado e se as pessoas não pensassem em têrmos de conseguir o amor dos outros e sim de amá-los. "Peguei-o" é um absurdo amoroso, e também "Perdi-o". Se pudéssemos parar de pensar em têrmos de captura, não temeríamos o desatamento dos laços dos cativos e nossa beleza em declínio, e êle não teria úlceras pensando ser deixado para trás ou diminuído. Lillian Hellman amou Dashiel Hammett tôda a sua vida, e continua a amá-lo embora êle esteja morto, seu amor por êle não militou contra seu amor por outras pessoas, não se impôs a êle quando êle não o pediu, não o diminuiu ou destruiu, nem mesmo por louvor mendaz. Quando êle estava morrendo, lá estava ela para ajudá-lo. Êste estranho caso de amor distante é apenas um exemplo de quantas formas o amor podia tomar se tivéssemos a

prudência e imaginação de resgatá-lo de seus estereótipos propostos por nossa moribunda cultura de consumo.

> (Sei tão pouco sôbre a natureza do amor romântico quanto o sabia aos dezoito anos, mas sei do profundo prazer, do interêsse continuado, do excitamento de querer saber o que outra pessoa pensa, fará, não fará, os truques usados e não usados, o delgado cordel que os anos transformaram em corda, e, no meu caso, lá está, pendendo abandonada, muito depois da morte).
>
> E assim êle viveu comigo os últimos quatro anos de sua vida. Nem todo êste tempo foi fácil, na verdade parte dêle foi muito má, mas era um prazer não declarado o fato de que tendo nos unido assim tantos anos antes, nos arruinado tanto, e compensado um pouco, tivéssemos resistido. Às vêzes eu me ressentia do que estava subentendido ou raramente expresso ao nosso lado, adivinhando que a morte não estava longe, tentaria algo para ter depois. Um dia disse: "Saímo-nos bem, não saímos?"
>
> Êle disse: "Bem é uma palavra grande demais para mim. Por que não dizemos apenas que nos saímos melhor que a maioria das pessoas?" [8]

A pedra de toque do amor egoísta, mesmo quando se mascara de altruísta, é a resposta negativa à pergunta: "Quero que meu amor seja feliz mais do que quero que permaneça comigo?" Logo que nos encontramos trabalhando para nos tornar indispensáveis, improvisando um padrão de vulnerabilidade em nossos amados, devemos saber que nosso amor tomou a forma socialmente sancionada de egotismo. Tôda mulher que se escraviza para manter-se bonita, para fazer o prato preferido do marido, para reconstruir seu orgulho e confiança em si mesmo às expensas de seu senso de realidade, para ser seu mais íntimo e efetivamente seu único amigo, para encorajá-lo a rejeitar o consenso de opinião e achar confôrto apenas em seus braços, está amarrando seu par a ela com cintas de aço que estrangularão a ambos. Tôda vez que uma mulher ri à fôrça das piadas já muito repetidas de seu marido, ela o trai. O homem que olha para sua mulher e diz "O que faria sem você?" já está destruído. A vitória de sua mulher é completa, mas é de Pirro. Ambos sacrificaram tanto do que inicialmente os tornava dignos de amor, para promover a simbiose de dependência mútua, que mal compõem um ser humano entre êles.

OBSESSÃO

Em inglês, a expressão para o sentimento de amor por alguém é "**in** love", igual a "**in** pain" (sofrendo), a "**in** shock" (em choque), a "**in** trouble" (em dificuldades).

Portanto, amor é um estado, presumìvelmente um estado temporário, uma aberração da norma.

Os sintomas externos dêste estado são insônia, distração, perda de apetite, alternâncias de euforia e depressão, bem como olhos esbugalhados (como na febre) e agitação.

A explicação principal para a distração, que conduz à perda de possessões, confusão, esquecimento e irresponsabilidade, é a obsessão avassaladora com o objeto amado, que pode ter sido visto apenas à distância em certa ocasião. O objeto amado ocupa os pensamentos da pessoa diagnosticada como "apaixonada" o tempo todo, a despeito da probabilidade de muito pouco ser, de fato, conhecido sôbre êle. A êle são imputadas tôdas as qualidades consideradas pelo obsedado como boas, sem levar em conta se o objeto em questão possui em qualquer grau aquelas qualidades. Estabelecem-se esperanças que nenhum ser humano pode satisfazer. Dessa forma o objeto escolhido desempenha um papel especial em relação ao ego do obsedado, que decidiu que êle ou ela é a pessoa **certa** e a **única** para êle. No caso de um homem, esta noção pode sancionar um grau de comportamento diretamente agressivo, quer perseguindo o objeto, quer afastando competição. No caso de uma mulher, não pode ser empreendido nenhum comportamento agressivo e é mais provável que o resultado seja ensimesmamento, mau humor inexplicável, dependência do telefone e fofocas com outras mulheres sôbre o objeto amado, ou mesmo atos de aparente rejeição ou escárnio para chamar a atenção do objeto do amor.

Antigamente acreditava-se que esta condição afligia o indivíduo, de maneira aguda, desde o primeiro contacto com o objeto:

Quem jamais amou que não tenha amado à primeira vista? [1]

No entanto, a natureza súbita e aguda da aflição parece ter sido uma característica da forma ilícita, e uma vez que a obsessão foi tornada a base do casamento, estados crônicos mais graduais foram também reconhecidos. Supunha-se ter sido a causa da doença o olhar infeccionador dos olhos do objeto de amor, que se chamava comumente, de modo metafórico, a seta de Cupido, que atingia o paciente no coração deixando uma ferida que inflamava e não sararia. Em casos mais extremos de paixão destrutiva, eram inventadas pseudo-explicações ainda mais rebuscadas, como a crença de Fedra de que ela estava sendo especìficamente atormentada por Vênus:

> Ce n'est plus qu'une ardeur dans mes vanes cachée:
> C'est Vénus toute entière a sa proie attachée. [2]
> (Não passa de um ardor escondido em minhas veias:
> É Vênus inteira agarrada à sua prêsa).

Tais figuras fazem grande uso de imagens de queima, implicando tanto o ardor da lascívia como a irritação da frustração. Irônicamente supunha-se que qualquer tentativa para controlar esta condição, quer evitando o objeto que a causava, quer buscando exercer a vontade sôbre as paixões, tinha o efeito de abafar um incêndio, que é aumentá-lo de modo que finalmente êle irrompe mais violento do que antes. "O amor achará um jeito. O amor ri dos serralheiros". Assim "apaixonar-se" era uma terrível infelicidade, que inevitàvelmente envolvia a dissolução de qualquer **ménage** estável e auto-imolação ao ardor irracional. Racine usou um equivalente francês para descrever amor, como uma coisa ruim e uma doença, chamando-o **un mal.** A crença de que amor é uma moléstia, ou pelo menos tão casual e prejudicial quanto uma moléstia, sobrevive em têrmos como **doente de amor,** e as figuras de romanceiros populares.

Alguns dos temas mais duradouros de canções populares fazem uso direto das imagens tradicionais. A música que embota as preocupações dos bebedores de chá em hotéis da moda, e escorre pelas salas-de-máquinas em ecos esmaecidos, é ainda baseada na matéria das grandes canções da década de trinta ou quarenta. As palavra podem ser menos bem conhecidas que as melodias, especialmente porque Irving Berlin e sua gente são compreensìvelmente relutantes em permitir que sejam citados, assim mesmo é raro encontrar-se um freguês ou visitante de estação de águas que não possa cantarolá-las de modo distraído falando de luar e amar. Êstes "clássicos" estão tão sobrecarregados com referências a corações batendo descompassados, olhos arregalados à luz das estrêlas, cegos pela fumaça e fuligem da fornalha da paixão que é o coração, como qualquer dos extravagantes poemas dos quatrocentistas. Os amantes não são empurrados, caem, felizmente, conquanto de maneira patética, no meio de uma quente carícia. Sentem-se muitos estranhos mas bem, pareceria que afligidos por uma dor agradável, ou mesmo esfregados com uma luva de veludo. Suspiram, entristecem-se e têm

acessos vertiginosos, ou talvez não tenham, mas então amam apenas fitar os olhos de seus amados.

A suprema ironia deve ser quando a enfadada dona de casa leva em frente suas estupidificantes tarefas, semiconscientemente cantarolando as palavras doutro modo muito passíveis de esquecimento, de alguma melosa canção de amor. Quantas delas param para medir as conseqüências reais do fato de que "Todos os que amam são cegos" ou exatamente de quanto devem culpar aquêle "algo aqui dentro"? Que maravilha quando seu coração não está mais em fogo e a fumaça não mais apaga piedosa as banais realidades de sua situação? (Mas claro que não existem canções para isso.)

Outra canção nega irônicamente que o cantor esteja apaixonado porque êle não suspira ou se entristece ou tem vertigens. Estamos afinal tão longe da descrição que Romeu faz de sua paixão convencionalizada por uma mulher que êle não conhecia, que era por completo indiferente a seus avanços?

> O amor é uma fumaça levantada com o fumo dos suspiros;
> Sendo purificado, um fogo faiscando nos olhos dos amantes;
> Sendo contrariado, um oceano alimentado com lágrimas dos amantes;
> O que êle é mais? uma loucura mais discreta,
> Um chocante fel, e uma doçura protetora. [3]

Esta atitude, que é uma maneira muito compatível de encarar paixão adúltera, sobrevive nas imagens do estado de "apaixonado" como apropriadas para esposos. Ainda se mantém irônicamente que o amor é cego, igual ao Cupido representado na tradição do amor cortês como de olhos vendados. Contudo, esta cegueira é em geral tida como significando apenas a recusa do amante em ver seu amado de qualquer maneira realista, e especialmente em discernir suas faltas.

A impotência da vontade e da racionalidade em lidar com esta mania é reconhecida nos têrmos comum em amor ("loucamente", "selvagemente", "delirantemente", "perder-a-cabeça"), enquanto seria prova de estupidez pretender ser gentil, digno de confiança e sensível em amor. Há algum desacôrdo no referente às tendências autoimunizadoras da moléstia, pois alguns pretendem que só se ama realmente uma só vez na vida, outros que a segunda vez é melhor, outros que a primeira vez é a única manifestação genuína, e ainda há outros que se apaixonam tôda semana ou mesmo todo dia.

> Sexo é uma coceira momentânea,
> Amor nunca deixa você ir embora. [4]

É uma qualidade essencial desta moléstia ser incurável; isto significa que em casos em que jovens apaixonados devem ser afastados um do outro porque são muito crianças ou escolheram mal, o único método é negar que estejam atacados. O "amor" é falso, não tem base, quer dizer, não pode acontecer com gente tão criança...

Posso lembrar-me de Nat King Cole abafando (durante minha inenarràvelmente lúgubre adolescência) com um número de derreter o coração sôbre um casal rodeado de inimigos tentando dizer-lhes sempre que eram jovens demais para realmente estarem apaixonados, porque amor era apenas uma palavra que haviam escutado (como todos os outros conceitos que conheciam). O argumento dos desmancha-prazeres era manifestamente sem valor, pois se devessem descobrir a verdade da noção de amor pela experiência seria de presumir que devessem ir em frente e amar. Embora sem valor o argumento, a conclusão oposta da canção, de que seu amor duraria apesar da passagem dos anos, mal parece constituir refutação importante.

Como não se pode demonstrar de fato que o amor está presente, também não se pode demonstrar que é genuíno. A vantagem de negar sua existência num caso particular é que a negativa não pode ser refutada, embora, como a canção insinue, seja possível criar condições para uma atitude duradoura de amor jovem perseguido pelo mundo, uma fantasia de Aucassin e Nicolette que dura principalmente para refutar os críticos.

Variam os métodos de diagnóstico desta condição. Observadores externos basearão seu julgamento anotando a agitação, a incapacidade de concentração e eficiência, ou uma indevida preocupação com o objeto do amor, expressa em curiosidade e especulação. No entanto, deve ser notado que tais observadores têm interêsse na detecção de casos amorosos por causa dos prazeres de "voyeurs" que experimentam, e com freqüência precipitam tais situações. "Todo mundo ama um amante". O sofredor pode diagnosticar-se como tendo contraído a moléstia por causa da intensidade de suas reações quando o objeto amoroso é esperado ou está à vista ou não faz sua aparição esperada. Também sofrerá a onipresença de uma imagem mental do amado em seus sonhos, nas refeições, durante discussões por completo irrelevantes. Se o amor permanece não-correspondido, os sintomas ou declinam gradualmente ou são transferidos para um nôvo objeto ou se intensificam até tornar-se torturantes. Qual dessas alternativas toma corpo depende em grande parte da atitude do sofredor ante sua aflição. Quanto maior o grau de masoquismo e a dúvida inerente sôbre a competência em realmente continuar um caso amoroso, mais êle se resignará ao isolamento e ao sofrimento estéril. O objeto amoroso inconsciente tem então de suportar o pêso da responsabilidade por sua condição auto-induzida e pode ser acusado de crueldade ou de leviandade com o coração de uma boa pessoa. Se o amante comete algum ultraje contra o objeto para vingar-se de sua crueldade, vai descobrir que é tratado com particular consideração pelos legisladores que concedem um **status** especial para aquêles que estão "apaixonados", especialmente se o objeto fôr considerado indigno. Se à sua paixão fôr negado êste privilégio, isso será justificado pela recusa do **status** de "amor"

e pelo relegamento dela a mero desejo de vingança ou coisa parecida.

Em geral é considerado próprio para as mulheres não chegar a êste estado de observação, a menos que sejam induzidas a isso por um homem. Infelizmente a apresentação do estado de apaixonado como uma experiência humana desejável, e na verdade perfeita, é tão poderosa que as meninas adolescentes parecem gastar muito mais tempo em suas garras do que seus equivalentes masculinos. Contudo, a ficção é mantida pelas imagens populares de môças respondendo ao galanteio masculino e ao contágio do amor. O teste da experiência é o beijo surpreendentemente poderoso. "Foi o meu primeiro beijo, e encheu-me de tal transporte fulminante. Há tempo que andava louca por Mark, e agora, com nosso beijo, sabia que êle também me amava!!"[5]

Amar é **estar louco por alguém** (Oh, Ah, estou louquinha por Harry!) e os extraordinários efeitos do contacto de lábio com lábio e língua com língua são selvagem transporte fulminante. Não obstante, no caso citado o amor era espúrio, embora seus sintomas fôssem idênticos aos genuínos: Betsy acabara de ser beijada por Mark, "O melhor atleta da escola e o rapaz mais rico da cidade! Diabo, eu sou de sorte," mas tem amigo melhor, Hugh, o vizinho, que a adverte sôbre Mark e suas maneiras apressadas e arrogantes. No segundo encontro Hugh arranja coragem para fazer uma declaração e colhe Betsy nos braços... "Seu beijo deixou meu coração aos pinotes e acometeu-me um sentimento cujo nome não sei dizer... um sentimento que colocou um tapête de nuvens sob os meus pés...". Esta, parece, é a coisa verdadeira, ou pelo menos o que a conclusão nos diz: "Eu me enganara e tinha aquilo para comparação! O amor não é sempre o que parece, e os beijos podem ser falsos!"[6]

As sensações causadas pelos dois beijos não são genuinamente distinguíveis. Ambas são descritas em têrmos mais apropriados para as experiências anormais do organismo sob drogas — coração acelerado, troar nos ouvidos e pernas bambas; de fato **amor** é também a droga que torna a sexualidade apetitosa na mitologia popular. Sexo sem amor é considerado uma crua evacuação animal: com amor torna-se extático e transcendental. Òbviamente considera-se que isso realiza uma função auto-sugestiva afetando respostas sexuais corticais, e é provável que sim. Permanece ainda o fato de que Betsy só pode distinguir entre os dois beijos numa espécie de base política: é de fato desejável que Betsy se case em sua própria classe, e não se teria nada a objetar se a política fôsse abertamente declarada em vez de encoberta pela conversa fiada da comparação entre dois beijos idênticos. Em ambos os casos os têrmos de referência são mais aptos para alucinação do que para motivação de casamento; a ênfase é tôda em resposta egoísta, de modo algum sôbre comunicação entre pessoas entregando-se a tal osculação.

Esta confusão tipifica tôda a literatura sôbre o diagnóstico do verdadeiro amor. A parcialidade sentimental milita contra a subjugação do amor a qualquer contrôle racional ou voluntário, enquanto a paixão anárquica é encarada com profunda suspeita. Em geral, como na amostra acima, o par mais apropriado pode ser transformado no mais satisfatório. A diferença real entre amor verdadeiro e falso, já que ambos são compostos de lascívia e fantasia, é que o verdadeiro amor conduz ao casamento. Uma vez que faça isso, um importante descenso no nível de excitação é tolerado, mas não admitido. Adultério e fornicação são ainda mais excitantes do que casamento, mas nossa cultura está comprometida em manter o contrário. Estamos de fato comprometidos em crer que esta mania é uma pré-condição essencial para o casamento... É UM PECADO CASAR ANTES DE ESTAR APAIXONADO? foi a bandeira para um anúncio do livro de Taylor Cadwell, **Let Love Come Last.**[7] De modo paradoxal, o amor santifica tanto o casamento como encontros ilícitos. "O amor conquista tudo".

A irracionalidade do amor é ternamente celebrada naquelas histórias melosas de mulheres que abandonaram carreira e ambição pelo calor do amor insistente de um marido. A eficiente executiva X mantém-se firme em não aceitar o amor do jovem comprador Y por ela, durante meses, até que êle esfria e ela fica enciumada, ou até que êle sofre um acidente e ela o acompanha na ambulância. Afinal "Quando o amor chama — quem pode realmente renunciar a êle?"[8]

O amor é aqui ou comparado a uma função humana necessária (**cf.** A natureza chama!) ou a uma pessoa intimando a um dever agradável, outra sobrevivência de formas mais antigas de analogia. No entanto, as crises numa tal história estavam fadadas a revelar à sofredora inconsciente que ela estava de fato apaixonada, do mesmo modo como o leproso descobre a doença despejando água fervente sôbre seu pé dormente. Alguns dêsses exames são indicados, e mesmo prescritos para aquêles que têm dúvida sôbre se estão realmente apaixonados de verdade. "O amor nunca é realmente amor antes de ser testado pela realidade". Separações experimentais podem ser úteis no exame da durabilidade de uma obsessão. Alguns peritos nesta espécie de homeopatia inventaram questionários que os pacientes devem aplicar a si mesmos, um procedimento no mínimo claramente indigno de confiança. As perguntas podem ir de "Se êle a abandonasse, agüentaria continuar vivendo?" a "Acha desagradável seu hálito?" Um processo mais comum é avisar ao indeciso no amor, um têrmo que tem conotações sinistras, se é que alguém já as entendeu, o que o amor **não é,** o que não constitui guia para o que êle **é.**

> O amor não é mero arrepio ou prazer passageiro. Não é fuga da solidão ou tédio, nem é um ajustamento confortável para conveniência prática ou benefício mútuo. Não é uma maneira única de sentir, e não pode ser tornado de outro modo por se desejar ou querer assim.

O amante adolescente seguindo esta regra prática pode ser desculpado por sentir um pouco de confusão. Por certo, muitos poetas e outros arderam de amor sem reciprocidade; o estabelecimento de paridade no amor é impossível. É impossível saber se o prazer está passando antes de êle passar, e se êle não é uma fuga da solidão e do tédio, ou um confortável arranjo mútuo, pareceria ter pouca razão considerá-lo afinal um desiderato. A descrição positiva fornecida pelo mesmo autor não é menos desanimadora:

> O amor é muitas coisas. É a resposta satisfeita de uma criancinha à atenção e ternura, e é também a curiosidade afetuosa da criança mais velha. É brincadeira do adolescente e seu vôo romântico de imaginação. E então de nôvo é a devoção mais forte e madura do casamento maduro...
>
> O amor é delicado, ardiloso e acima de tudo espontâneo. Floresce na honestidade e sinceridade e naturalidade combinadas com responsabilidade e interêsse mútuos. No comêço apenas "acontece", mas para florescer e durar requer a plena capacidade de dar do coração e alma abertos. [9]

Esta é a tentativa de um homem para contrabalançar a perigosa mitologia de se apaixonar como base para casamento, mas não é convincente. Um enfoque assim vago, mas profundamente comprometido, nunca inspirou um único poema de amor. O engôdo da experiência psicodélica do amor, que torna o mundo um lugar belo, põe estrêlas em seus olhos, deixa você flutuando, o atinge no peito com a flecha de Cupido, não é diminuído por uma tal prosa capenga. A mania mágica ainda persiste como uma compulsão poderosa em nossa imaginação. "Êle estava muito apaixonado por ela?" a segunda mulher pergunta de sua rival morta. "Êle era louco por ela," dizem do homem que matou sua espôsa infiel, e o júri recomenda misericórdia. "Sabia que êle era um assassino, mas estava apaixonada por êle", diz a dama que se casou com o homem na cela dos condenados. Amor, amor, amor — tôda a miserável hipocrisia disto, mascarando egotismo, lascívia, masoquismo, fantasia, sob uma mitologia de posturas sentimentais; uma confusão de miséria e alegrias auto-induzidas, ocultando e mascarando as personalidades essenciais nos gestos gelados de galanteria, nos beijos e encontros e no desejo, os elogios e brigas que vivificam sua esterilidade. "Nós não éramos feitos para idolatrar um ao outro, no entanto todo o caráter do galanteio é pouco mais que consumada idolatria."[10] Pode parecer que os rapazes já não fazem mais a côrte com as elaboradas servilidades que Mary Astell, a feminista do século dezessete, estava falando, mas a mística loucura do amor fornece o mesmo halo espúrio, e reconstrói as mesmas esperanças que se dissipam logo que a nova espôsa torna-se capaz de "calmamente considerar sua Condição". No século vinte, uma feminista como Ti-Grace Atkinson cha-

ma a atenção para um ponto similar de modo mais cru: "O amor é a resposta da vítima ao estuprador."[11]

Nem todo o amor está compreendido numa tal descrição, mas a doentia obsessão que percorre a estrutura nervosa das heroínas dos grandes casos de amor, quer nos baratos "romances" em quadrinhos ou em livros encadernados de apaixonado galanteio, não passa disso. As mulheres precisam reconhecer na ideologia barata de **"estar apaixonada"** a persuasão essencial para dar um passo irracional e autodestrutivo. Tal obsessão não tem nada a ver com amor, pois não é chilique, possessão ou mania, mas "um ato cognoscivo, na verdade a única maneira de apreender o mais recôndito âmago da personalidade".[12]

ROMANCE

Talvez não seja mais verdade que tôda mocinha sonha em se apaixonar. Talvez a revolução **pop,** que substituiu sentimento por prazer ao incorporar violentamente o **ethos** sexual dos blues negros urbanos na cultura, criada pelos próprios jovens, tenha tido um efeito de longo alcance nos **mores** sexuais. Talvez as mocinhas tenham permitido que uma verdadeira batalha sexual substitua as fantasias enluaradas que por certo me encantaram nos anos de adolescência. As pesquisas do Dr. Peter Mann, na Universidade de Sheffield, mostram que mulheres de vinte e cinco a quarenta e cinco anos são ávidas leitoras de ficção romântica, especialmente donas de casa e quem faz trabalho de secretaria. Algumas compram oito livros por ano. O mercado é maior do que em qualquer outra época.[1] **O romance ainda vive!** gritou o **Woman's Weekly,** "famoso por sua ficção", como a de recentemente, agôsto de 1969.

> Apesar de tôdas as suas novas liberdades, a maioria da "gente jovem de hoje" ainda sonha os mesmos sonhos, acha a vida tão aventurosa e aprecia os melhores valôres como o fizeram as gerações antes dela.
>
> ...Kathy, aquela tarde no relvado podia estar posando para a ilustração de uma história de amor vitoriana. Seu vestido branco, de um material transparente, era afogado e descia até às sandálias de cetim prêto. Tinha uma fita de veludo negro em tôrno da cintura fina e usava uma antiga corrente de ouro com um medalhão, e seu cabelo negro estava repartido no meio... "Ela está indo a seu primeiro baile", sua mãe me disse... "Está doidamente excitada".
>
> ... Para cada triste filha fumando marijuana em alguma discoteca escura, há milhares igual a Khaty, "doidamente excitadas" em seu primeiro traje formal de dança.[2]

Pelo visto trata-se de romance. A ênfase colocada pelo autor desta peça no vestido, que é apropriado para romance, é típica da tônica que caracteriza tal doutrina. A dança é a missa solene em que Kathy aparecerá em sua glória, para ser invocada e adorada. Seu jovem homem será enfeitiçado, tropeçando atrás dela em seu mo-

nótono traje de noite, apertando-lhe a mão fria, enlaçando sua delicada cintura e rodopiando, com ela desamparada em seus braços, pelo salão. Elogiará a beleza dela, sua maneira de dançar, agradecer-lhe-á pela noite inesquecível.

As debutantes ainda surgem cada ano, em seu branco virginal, fazendo salamaleques para a Rainha, o Prefeito, o Bispo, ou quem quer que seja, obedecendo ao padrão formal com olhos baixos. Os rapazes convidam polidamente para dançar enquanto as môças aceitam graciosamente, ou tentam achar pretextos para a recusa na esperança de que alguém mais alinhado apareça. Seus cavalheiros devem ter-lhes ofertado flôres. Mas tôda mocinha está esperando que algo mais excitante, mais romântico que a esperada seqüência do evento social aconteça. Talvez algum homem terrìvelmente simpático a aperte um pouco mais do que os outros ou aspire o perfume de seus cabelos. Talvez após o jantar, quando caminharem pelo terraço, êle vá prender a respiração, ofuscado pelo resplendor de seus olhos imensos. Seu coração se acelerará e suas faces se colorirão de delicioso rubor. Êle dirá coisas maravilhosas, será estranhamente terno e intenso. Ela poderá ser envôlta por seus braços dominadores. Nada mais sexual do que um beijo, nada de vulgares abraços apalpantes, apenas braços fortes em tôrno dela protegendo-a da aspereza do mundo, e lábios quentes nos dela, enviando extraordinários estímulos por todo o seu corpo.

No mundo romântico, os beijos não vêm antes do amor, a menos que sejam oferecidos por homens perversos que iludem meninas inocentes por algum tempo, pois elas logo serão salvas pelo onipotente verdadeiro amor. O primeiro beijo, idealmente, assinala transporte, troca de corações e casamento iminente. De outro modo é um beijo que **mente.** Tôdas muito toscas e absurdas, centenas de revistinhas chamadas "Namorados", "Segredos Românticos" e assim por diante, fazem contudo disso seu mito central. O estado induzido pelo beijo é de fato auto-induzido, é claro, pois poucos lábios são dotados de possibilidades elétricas e psicodélicas. Muito jovem tentando experimentar meninas tem sido surpreendido por seu arrebatamento e exaltação, apenas para encontrar-se atrapalhado com uma indesejada relação intensa que é compulsòriamente assexual.

Quando acontece, pode ser maravilhoso, inesquecível, belo. Será como Mimi e Rodolfo cantando árias perfeitas em seu primeiro encontro. Talvez não se apaixonem de imediato mas sentirão uma ternura crescendo até que um dia PAM! aquêle espantoso beijo. O prosseguimento teria de ser a constante manifestação de ternura, estima, adulação e suscetibilidade por parte do homem junto com cavalheirismo e galanteria em tôdas as situações. O herói de romance sabe como tratar as mulheres. Flôres, presentinhos, cartas de amor, talvez poemas para seus olhos e cabelo, refeições à luz de velas em terraços enluarados e violinos em surdina. Nada brusco, físico. Um pouco de arfar. Lábios ardentes premidos contra o fino tecido de seu

corpete. Juras murmuradas com o rosto escondido em seu luxuriante cabelo. "Pequenas coisas significam muito." Seu chocolate favorito, os nomes ternos que êle lhe deu, lembrar-se de seu aniversário, datas especiais, brincadeirinhas. E então as tôlas coisas que fazem com que se recorde dela, seu perfume, seu lenço, suas combinações cheias de babados e absurdas fieiras de fita, gatinhos em seu colo. Mistério, mágica, champanha, cerimônia, ternura, excitação, adoração, reverência — as mulheres nunca acham bastante. A maioria dos homens nada sabe deste mundo de fantasia feminino, porque não estão expostos a êste tipo de literatura e ao comércio do romantismo. O tipo de homem, que estuda êste tipo de comportamento e torna-se um homem de damas quer por luxúria, amor ou cupidez, é geralmente temido e antipatizado pelos outros homens como um gigolô ou mesmo um duvidoso. Esteticistas homens e cabelereiros estudam as fraquezas de suas clientes e flertam com elas deliberadamente, fazendo-lhes elogios pelos quais estão sequiosas, insinuando que elas merecem coisa melhor que o esquálido destino doméstico que é o delas.

Se **Sweetheart** e as outras publicações da mesma espécie com suas alucinadas imagens de amor são americanas, é infelizmente verdade que são amplamente consumidas na Inglaterra. Há também semanários de refugo chamados **Mirabelle, Valentine, Romeo** e, o maior de todos, **Jackie,** vendendo mais de um milhão de exemplares por semana a meninas entre dez e dezesseis anos de idade, que defendem os ideais britânicos de romance. As garôtas são mais esportivas e modernas, com saias mínimas, cabelo revôlto e olhos fuliginosos; a maioria delas evita a grosseria do beijo psicodélico. Os homens são perversamente bem apessoados na linha do Bonitão Regência, mais ou menos garbosos e frios, dados a fixar os olhos de granito nas fêmeazinhas exultantes e derretidas. O aspecto extraordinário é a proeminência dada a objetos de fetiche. O romance parece depender de discos, livros, ninharias e, caso que parece ao observador imparcial quase surrealista, de um banco de parque. Kate e Harry são namorados. Sentam-se num banco de parque e dialogam como se segue:

> "Oh, Kate, eu a amo acima de tudo na terra".
> "E eu o amo acima de tudo em todo o universo, querido".

O banco torna-se de enorme importância em sua relação, e, quando a prefeitura decide removê-lo, Kate corre ao escritório de Harry no Town Hall querendo que o ocupem como protesto, sentando-se nêle. Harry faz isso até que seu patrão, superintendente da prefeitura, avisa-o de que perderá o emprêgo se continuar o protesto. Êle o abandona, deixando Kate defender o banco sòzinha. Ela encara isso como uma indicação da tibieza de seu amor por ela. Mas um dos encarregados da mudança do banco, sem dúvida um enamorado, por causa de seu maxilar de granito e cabeleira byro-

niana, toma o lugar vazio ao lado dela. "Salvaremos êste banco para você, pelo passado e por todos os enamorados que hão de rir." O último quadrinho mostra nossa heroína fitando-o de olhos orvalhados, seus infantis lábios em muxôxo a um fio de cabelo de distância do áspero perfil prognata do rapaz. "Mas você perderá seu emprêgo por nada. Acha... acha mesmo que conseguiremos vencê-los?", diz seu balão. "Sei que podemos vencê-los", o balão dêle anima. "As pessoas podem fazer qualquer coisa desde que tentem com decisão e amem bastante bem. Vamos tentar..."[3] **Fim,** para não dizer mais.

O enamorado, no romance, é um homem de maneiras dominadoras, claramente superior à sua amada sob pelo menos um aspecto, em geral sob vários, sendo mais velho ou de nível social mais alto, de mais entendimento ou inteligência e a par das coisas. É autoritário, mas profundamente preocupado com sua dama a quem êle protege e guia de maneira claramente paternal. Êle pode ser severo e desinteressado, ou mesmo desagradável, mas a heroína do romance o dobra pela pura fôrça da modéstia e beleza e do poder enfeitiçador de seus vestidos. Êle tem mais que uma sugestão de perigo em suas passadas conquistas, ou um sofrimento secreto ou desdém pelas mulheres. O fogo abafado da paixão queima sob a superfície, pôsto em surdina por sua ternura e onipotente compreensão das necessidades emocionais da heroína. O original para tais caracteres é de fato romântico no sentido histórico, pois talvez os primeiros dêles sejam Rochester, Heathcliff, Mr. Darcy e Lord Byron. No entanto, o senso de Austen e Brote é eclipsado pela sensibilidade de Lady Caroline Lamb. Explorando o sucesso sexual do herói byroniano de um modo invulgarmente consciente, Georgette Heyer criou o arquétipo da idade do plástico, Lord Worth, o Bonitão Regência. Êle é um belo exemplo de um estereótipo a que se assemelha, em maior ou menor grau, a maioria dos heróis românticos de ficção, quer sejam arrojados jovens com senso de humor escolar, que congratulam a heroína vivaz por seu denôdo (o mais igualitário na concepção) nas histórias de aventuras dos anos trinta, ou King Cophetua e a mendiga.

> Êle era a epítome de um homem elegante. Seu chapéu de castor estava colocado sôbre madeixas negras cuidadosamente escovadas num arremêdo de desordem; sua gravata de musselina engomada apoiava-lhe o queixo numa série de belas pregas, seu casaco de tecido castanho tinha não menos que quinze copas, e uma dupla fila de botões de prata. Miss Taverner tinha de reconhecer ser êle uma criatura muito bem apessoada, mas não achou difícil detestar tôda a aparência de seu semblante. Tinha um olhar de auto-satisfação; seus olhos, observando-a irônicamente, por sob pálpebras, pesadas como o mundo, eram os mais agudos que jamais vira, e não traíam emoção, mas aborrecimento. Seu nariz era reto demais para seu gôsto. Sua bôca muito bem delineada, firme, mas de lábios finos. Pensou que êle ria escarnecendo...
>
> Pior de tudo era seu langor. Estava desinteressado, tanto de ter destramente evitado um acidente como do estado do cabriolé. Conduzia a viatura de

> modo magnificente; devia haver inesperada energia naquelas mãos elegantemente enluvadas segurando as rédeas com tal aparente cuidado, mas por quê, em nome de Deus, por que tem êle de apresentar um tal ar de afetação de **dandy**? [4]

Nada que uma tal criatura pudesse jamais fazer podia ser grosseiro. Com tais pálpebras **pesadas como o mundo!** Com as feições patrícias e o desprêzo aristocrático que antes abriram as portas da sociedade polida a Childe Harold, e o excitante traço de **inesperada energia!** Devemos notar que êle existe principalmente através de seu vestuário imaculado — Beau Brummell é um de seus amigos — mas quando êle se defronta com êste espetáculo —

> Ela preferia ter tido cabelos negros; pensava que a graça de suas madeixas douradas era insípida. Felizmente, suas sobrancelhas e cílios eram escuros, e seus olhos, que eram espantosamente azuis (como os de uma boneca de cêra, ela disse uma vez ao irmão, troçando) tinham uma retidão e um fogo que davam uma grande dose de caráter a seu rosto. A um primeiro olhar podia-se descrevê-la uma mera boneca de Dresden, mas a um segundo olhar inevitàvelmente se descobriria a inteligência em seus olhos e o decidido ar de resolução na curva de sua bôca. [5]

Claro que sua inteligência e resolução permanecem felizmente confinadas aos olhos e à curva da bôca, mas fornecem desculpa para seu travêsso comportamento em relação a Lord Worth, que acaba sendo a mais excitante de tôdas as relações excitantes, seu jovem guardião, por um engano engenhosamente planejado. Êle, defrontando-se com ela neste encantador traje — "um simples vestido de cambraia francesa, com babados de renda; uma capa fechada de tafetá. Um chapéu de abas largas de palha com uma fita de veludo trespassada..."[6] — e de maneira mais comprometedora, sacudindo um seixo de sua sandália, e assim tendo de esconder o pé coberto de meia nas saias, colhe-a nos braços e atira-a em seu cabriolé (pois neste ponto nenhum dêles conhece seu parentesco) onde êle "tomou a sandália de suas mãos, que não fizeram resistência, e calmamente aprontou-a para colocá-la nos pés dela". Então, para provocar ainda mais sua encantadora indignação, êle a beija. Numa tal velocidade de conquista o romance não passaria de vinte páginas, caso seu guardião Worth não fôsse a tal ponto um homem de princípios para fazer-lhe a côrte. Ela se torna, com a ajuda dêle, dada enérgica e desconfiadamente, a bela da temporada, elogiada por todos mas não amando nenhum (senão êle). Ela tem oitenta mil libras por ano, o que é motivo para uma espécie de pretendente; desejo lascivo por ela é motivo para o resto, sendo o mais notável o Príncipe de Gales, cujos avanços são tão repugnantes que ela desfalece para ser reanimada e levada para casa por seu dominador paiamante, que é o único a amá-la sem gula ou interêsse (sendo fabulosamente rico), resoluto e forte. Êle a protege o tempo todo, mesmo embora a maior parte do tempo ela não tome consciência disso, até a maioridade dela quando, após contemplá-la no rosto por um momento, êle a toma nos braços. George Heyer tem um rasgo de

discrição, ou talvez pudicícia, que a impede de explorar os clímax sexuais nos escritos: Barbara Cartland, por outro lado, reforça as imagens de abraços e revela assim muito mais das preocupações românticas essenciais. Em **The Wings of Love** ela divide o interêsse amoroso em dois, com Lord Ravenscar, o devasso de quarenta anos que cobiça o adorável corpo da pequena Amanda e força sua repugnante atenção nêle...

> Apertou-a com mais fôrça; seus lábios que se apressavam para os delas eram como um vício (sic). Ela sentiu a paixão crescendo dentro dêle como uma flama; e então de súbito êle ergueu-a nos braços.
> "Amanda" êle disse roucamente, "Ouça! Por que havemos de esperar?" Estava carregando-a para um grande sofá a um canto da sala; e enquanto ela se debatia, lutando até o último recurso de suas fôrças, sabia o quanto era pequena e incapaz e que sua resistência o estava excitando.
> "Amanda! Amanda!"
> Seus lábios grossos estavam nos olhos dela, em suas faces, sua garganta. Sentiu êle colocá-la sôbre o sofá, enquanto ela lutava infrutíferamente para tornar a se pôr de pé, sabendo como sabia ser por inteiro impotente. Escutou o fêcho de seu vestido sendo rasgado pelas mãos dêle. [7]

A heroína completamente incapaz é a parte mais importante da história, incapaz contra a violação (pois como podia uma coisinha assim delicada chutar um par do reino em sua paixão crescente?) e contra mais agradáveis formas de conquista sexual, nas mãos do outro macho, o herói que a protegerá contra as paixões animais dêle próprio e os crimes e loucuras do mundo.

> Ela virou-se para a porta e então, de súbito, Peter Harvey se pusera de joelhos ao lado dela. Ela fitou-o perguntando-se porque, enquanto êle agarrava a fímbria de seu vestido de musselina branca e tocou com ela os lábios. "Amanda", êle disse, "é assim que um homem, qualquer homem devia aproximar-se de você. Nenhum — e menos de todos Ravenscar — merece mais do que beijar a bainha de seu vestido. Vai lembrar-se disso?" [8]

O tipo de homem com quem você casa. De joelhos, mastigando sua lamacenta fímbria, e ainda seu tutor moral. O gôsto de Miss Cartland por excitação excede de muito o de Heyer, como as pesquisas de Heyer na côr histórica excedem as próprias. Por uma série de maquinações disparatadas os amantes se encontram num quarto de bordel onde êle está empenhado em socorrê-la. Amanda confessa seu amor num cenário mais decoroso.

> "Amanda, você está tornando isso insuportável para mim", Peter disse, e sua voz soou como se estivesse estrangulado.
> "Você não me quer", ela disse.
> "Um dia você me pedirá desculpa por isso", êle disse. "Bem como um dia hei de beijá-la até que você grite por misericórdia. Até que chegue êsse dia — e Deus queira que chegue logo — cuide de si mesma, minha pequena Amanda".
> Tomou-lhe ambas as mãos e levou-as aos lábios. Em vez de beijar-lhe as costas das mãos êle virou-as. Ela sentiu-o beijar-lhe as palmas com reverência e, ao mesmo tempo, uma faminta paixão que a fêz estremecer até que todo seu corpo tremeu num êxtase súbito. [9]

Ainda não se beijaram de fato porque Peter disse "Se os seus lábios tocarem os meus não poderia responder pelas consequên-

cias." Na verdade, quando um beija-mão resulta em orgasmo é possível que um beijo verdadeiro provoque epilepsia. Ela está frente ao altar, repetindo os votos que a prenderão e Ravenscar por tôda a vida, quando seu enamorado o desmascara como traidor, duela com êle e toma o lugar ao lado dela.

> Ela sentiu seu amor crescer nela como uma chama. Sentiu o corpo tremer com o **excitamento e o êxtase do arrepio** que a acometeu, porque sabia que em poucos segundos seria sua mulher e lhe pertenceria para sempre. [10]

Ambos êstes livros comprei por uns poucos pences num supermercado, mas não posso pretender que tenha sido uma escolha do acaso, porque me lembrava dêstes nomes, Heyer e Cartland, que povoaram minha adolescência fantasiosa. Na verdade encontrei Miss Cartland numa cascata de águas-marinhas durante um debate na universidade, em que o tópico era "Sejam boas môças ternas e deixem quem queira ser inteligente"; Miss Cartland, é claro, tomando a afirmativa, como se fôsse possível ser boa sem ser inteligente! Hoje em dia ela parece ter-se estabelecido como conselheira sentimental e fornecedora de afrodisíacos à base de mel e proclama o sucesso de sua filha, feliz no casamento com um par do reino. Se os movimentos de libertação das mulheres estão para realizar algo afinal, terão de lidar com fenômenos como a indústria milionária de Cartland. O terceiro livro comprado aquêle dia o foi ao acaso. Chamava-se **The Loving Heart,** e era descrito como "outra grande história romântica de ambiente australiano". Tôda a gasta parafernália do romance lá estava. Ao inventar Grant Jarvis, Lucy Walker aproveitou-se do paternalismo feudal do cenário da fazenda de ovelhas. Seu herói não só é rico, dirige também diretamente uma sociedade de leais servidores, brancos e relativamente infantis, bem como prêtos e totalmente infantis.

A fim de levar os elementos de sua história até a justaposição que fornecerá o máximo em matéria de arrepios sentimentais, Lucy Walker inventa uma situação tão intrincada e improvável que levaria mais tempo para resumir do que para inventar. Tudo o que precisamos saber é que Elizabeth Heaton está fingindo de noiva de Grant Jarvis para protegê-lo de mulheres ambiciosas que o querem por motivos de aliança e fortuna. São rápidos, enérgicos e lindos, mas ela tem compleição e pureza de quem nasceu na Inglaterra, bem como uma mania de imitar a rainha ao desempenhar suas funções de senhora do castelo pior do que feudal. Sua modéstia é tão excessiva que ela sofre agudamente quando, em sua primeira noite na fazenda, a resolução de uma crise faz com que durma no chão, de calças compridas, ao lado do fogo, com o corpo de Grant escudando-a do lado frio. Quando Grant visita seu quarto de dormir, dia claro, a despeito do fato de não estar sòzinha, ela não pode "por sua própria vida" impedir "o rubor revelador que lhe surge nas faces." Ela é grata porque "a bandeja do desjejum está sôbre seus joelhos... uma espécie de escudo simbólico".[11] Fisicamente, Grant

é bem construído como o pai-falo, "extremamente bem apessoado", "com frios olhos azuis-cinzentos", que combinavam com sua bôca reta e mandíbula firme "dando uma impressão de dureza... e indiferença".[12] Todos os esforços dela no livro são gastos em conseguir a aprovação dêle, e em seus momentos tranqüilos, quando não está ensinando às crianças ou levando a Union Jack (verdade!), ela se entrega à contemplação de sua áspera beleza masculina e a sonhos masoquistas.

> No entanto, quando olhava para Grant, recostado na balaustrada, de olhos fixos na planície, com aquela bela cicatriz branca aparecendo no braço, sentia que êle era, apesar de tôda sua riqueza e poder, um homem solitário. Se era isolado por sua tragédia pessoal ou por sua grande riqueza, Elizabeth não sabia. Se êle exigisse que ela permanecesse, ela não levantaria dificuldades. Tinha uma estranha inclinação compulsiva para servi-lo.[13]

Todo os romances têm preocupação com roupas. Cada avanço sexual é feito vestindo uma barreira atraente; o fetiche do pé exibido nas descrições de Miss Walker é uma opção extra.[14] O livro alcançou quatro edições e a autora escreveu pelo menos outros onze. O clímax da excitação vem quando Grant Jarvis chega ao navio em que Elizabeth está viajando para Londres, em Colombo.

> Ela sabia que êle era real porque a fazenda de seu casaco machucou-lhe o nariz, e ela pôde sentir a grande fôrça de seus braços enquanto êle a apertava de encontro ao peito...
> O incrível acontecera. Alguém no mundo cruzara continentes e singrara oceanos para alcançá-la... Elizabeth Heaton, datilógrafa...
> Êle inclinou a cabeça e seus lábios encontraram os lábios dela. Por um longo momento, Elizabeth teve em sua bôca o sabor do paraíso.[15]

Êste é o herói que as mulheres escolheram para si. Os traços inventados para êle foram inventados por mulheres que acariciam as cadeias de sua servidão. É um lugar comum masculino dizer que as mulheres amam decaídos, mas de fato as mulheres ficam hipnotizadas pelo homem de sucesso que parece dominar seu fado; anelam entregar a responsabilidade por si mesmas à guarda de alguém que pode administrá-la da melhor forma em favor delas. Tais criaturas não existem, mas mulheres muito jovens no astigmatismo da fantasia sexual são capazes de reconhecê-las onde não existem. Abrir portas de carro, manobrar criados, escolher presentes e ganhar dinheiro são, muitas vêzes, valorizados como prendas românticas: em busca de romance muitas mulheres sacrificarão alegremente seu próprio julgamento moral do campeão. Muita dona de casa estremece com a história de Charmaine Biggs, e, contando sua história aos diários, a mulher do ladrão do trem ou seu fantasma, soube exatamente que aspectos de uma vida relativamente sórdida e confusa delinear e destacar."[16] O tamanho, fôrça física e ousadia de Bigg são reiterados, junto com sua imprudência em salas de tribunal e centros de reencarceramento, sua atitude cavalheiresca com dinheiro e suas proezas na cama. Mesmo um adultério foi levado em conta.

Embora o romance seja essencialmente por delegação, a potência da fantasia distorce o comportamento real. A fôrça da crença de que um homem deve ser mais forte e mais velho do que sua mulher é difícil de ser exagerada. Não posso pretender estar plenamente emancipada do sonho de que um homem enorme, digamos seis pés e seis, de largos ombros e o que se segue para completar, me aperte de encontro ao peito, olhe-me dentro dos olhos e deixe o sabor de paraíso ou o queimor de sua paixão sôbre meus lábios anelantes. Durante três semanas estive casada com êle. A impressão de que as mulheres se vestem para agradar aos homens deve ser entendida como significando que as mulheres se vestem para criar uma impressão que corresponda, pensam, à devastação causada em Peter Harvey por Amanda, em musselina branca. A dança num salão de baile é uma extraordinária capitulação, por parte da sociedade, ao mito da submissão feminina; as mulheres recuam, conduzidas num casto abraço, suas faces junto às dos homens mas não tocando de fato. Tal modo de dançar que é apenas mais velho do que o Bonitão da Regência de Heyer, pode ser visto como a expressão das maneiras de classe média, pois os modos aristocráticos de dançar eram formais, enquanto as camadas mais baixas permitiam uma parte independente à mulher, envolvendo maior ou menor exercício. Jamais ouvi falar de qualquer dança folclórica ou nativa em que o homem se encarregue da automoção da mulher. O espetáculo favorito da mulher de classe média é o **ballet;** todos os estereótipos românticos estão consubstanciados nêle, como a mulher que, apesar de suas exibições de solo exigirem grande fôrça e disciplina, **pula** mas **parece ser erguida** como uma fôlha ou uma pena de cisne. Mesmo num nível meramente social o sucesso na dança envolve a mesma contradição. A mulher deve exercer contrôle físico para que pareça ser guiada com leveza pelo soalho.

A operação mais importante do mito do romance, no entanto, está na situação da côrte. Os rapazes, a menos que estejam conscientemente explorando a sensibilidade feminina, não têm idéia do que o beijo significa no cânon romântico. Para êles é um comêço, uma preliminar para a intimidade; para as garôtas é a coroa do amor, para ser representado em pontos climáticos. Enquanto uma môça não acredita de fato nisso, também não entende a atitude do rapaz em relação a êle. Intensidade reverente na maioria das vêzes falta no abraço do adolescente, embora homens maduros possam fingi-la, e a fingem quase inconscientemente. O adolescente mais bem comportado se esfrega, mesmo se ninguém o faz em **Valentine, Mirabelle** ou **Sweethearts,** mas mesmo sabendo dêste fato uma garôta anseia por amor e romance como coisas que lhe podem acontecer, mas que ela não pode provocar. O impulso para ceder milita contra o impulso para impor a forma correta nas circunstâncias, e na maioria das vêzes uma mocinha, pondo a alma pela bôca nos lábios de seu inexperiente amante, se engana com uma noção exagerada

do que realmente está acontecendo. Ela ao mesmo tempo oferece mais e menos do que êle está pedindo. As cenas frustrantes que se seguem, quando os rapazes violam o protocolo sentimental, testificam as operações fantasiosas do romance. É um papel tão simples que jovens mais cínicos o fingem deliberadamente: o principiante logo aprende que a melhor linha é a linha do desejo reprimido mas quase incontrolável, que um pouco de respiração pesada e olhar significativo pode estabelecer. Lembremos a linha Cartland, "Se eu beijá-la não serei responsável pelas conseqüências". Tal diálogo pode ser dinamite. Apesar de tôda a sua pudica insistência em rubor e a supressão de qualquer sugestão de contacto humano menos intenso e menos decoroso, Cartland e Heyer estão preparando o caminho para os sedutores, não para os enamorados, para os sedutores. Pois enquanto tornam mais fácil a tarefa do homem bem apessoado, colocam ainda mais obstáculos no caminho do homem feio. Embora o macho romântico não seja tão invariàvelmente um estereótipo como a fêmea passiva, sem caráter, êle tem certas qualidades indispensáveis. Nunca é desajeitado, embora possa ser insolente ou mesmo insultante; nunca é nervoso ou inseguro ou humilde, e é sempre bem parecido. Na situação adolescente tribal há alguns rapazes com quem não devemos sair; não são aceitáveis, sendo feios, ou sem graça, ou impacientes. Atitude debochada verdadeira constitui menor desqualificação do que as citadas.

Cenários, roupas, objetos, tudo testemunha a ritualização do sexo, que é o caráter essencial do romance. Assim como a Sagrada Comunhão não é uma refeição de verdade e não satisfaz a fome, o Beijo Todo-Poderoso substitui uma comunhão que não pode ser realmente gozada. As imagens de Cartland de beijos na fímbria do vestido e lírios demonstra que estamos lidando com uma espécie de religião sexual. O que se exige é devoção, não amor. Para algumas mulheres êsses rituais são necessários, mesmo na vida de casada, para tornar o sexo aceitável. Sem tais requisitos, a relação sexual é outra obrigação de dona de casa e tal necessidade de encanto tem, com freqüência, mais relação com a relutância por parte da mulher casada do que a mera e sórdida barganha sexual. O desejo de ter sexo sob forma de uma ocasião importante tem uma curiosa relação com a alegada lentidão da resposta feminina, pois muitas mulheres buscam no sexo não alívio físico mas exaltação, adoração física como foi prometida no serviço do casamento. Algumas das exigências sexuais que as mulheres fazem é na verdade a exigência para a representação da cerimônia sexual de comunhão, de que os homens recuam porque interpretam erradamente como uma exigência à potência dêles.

> Choraminguei e tentei adulá-lo. Êle disse que eu era uma "ninfa". Amarei você do modo que a amei em Saint-Remy na história... Êle cedeu, eu estava em desespêro.

> Comecei com arabescos. Tôdas as minhas esperanças estavam em minha mão. Frívola, leve, aérea, aventurosa, simples, complicada, adulando, surpreendendo, decepcionante, hesitante, precisa, rítmica, infinda, sutil, vívida, lenta, pesada, consciente. Gosta disso, dêste longo rodeio em tôrno de seu mamilo? Há uma andorinha de volta do quente sul, Gabriel, se agitando de sua coxa para seus tornozelos, ouça-a nos contornos de seu corpo. Movendo-me descuidadamente, diligentemente, atentamente, curiosamente, vivamente, tracei o nome de Saint-Remy sôbre a carne de meu amante. Também escrevi a velha colhendo flôres murchas quando o mercado estava fechando. Entrancei um longo parágrafo de madressilva em tôrno de seus quadris, em tôrno de seu pulso, em tôrno de sua orelha. Minha lenta torrente de lotus flui para dentro de seu sangue, mas não fêz com que Gabriel fôsse dormir. Um estremecimento percorre-lhe os ombros, sinal de meu poder. Caramanchão de pá de dança, batatas sendo fritas ao ar livre, suas axilas, sua virilha. Encurvada dentro do caos de meu amor, minha mão seguia o contôrno de sua perna enquanto eu me alimentava como em bebê no calcanhar de meu marido. Querido professor, você me encorajou, eu escutei os sons do esclarecimento: seus ombros enquanto eu cabriolava em tôrno dêles. Meus dedos e unhas diziam de uma lua muito frágil intimidada por uma nuvem, de um crepúsculo sendo massacrado, dos trinados e borrifos de um pássaro sombrio. Fizemos então um pesado passeio. Oh Deus, como escrevi bem de seu joelho até sua virilha; oh Deus, aquela era minha religião. [17]

Na obra de Violette Leduc a vulgaridade é uma fôrça. Aqui o romance barato se une à variedade superior, chamada romantismo, para criar um ritual panteísta de amor. Seguindo a noção romântica de conjunção, **La Batârde** embarca numa viagem sentimental egoísta por sôbre o corpo indefeso do marido. Pode-se imaginar qualquer homem sentindo um profundo desagrado por êste tipo de preciosidade, ansiando por alguma baixeza direta, algum gôsto no negócio, em vez desta necessidade neurastênica. Alguma versão inferior desta amálgama de vaidade e devoção está no fundo da recusa feminina para tolerar certos atos sexuais que são inconfundìvelmente mecânicos e específicos, e na tolerância de perversões, inversamente, porque são ritualmente aparelhadas. Muito pode ser realizado sexualmente por meio de lisonja, que é uma versão de prece. O ato de adoração da nudez de uma mulher não é dispensado pelos amantes mais extrovertidos, e muita carícia é de fato observância de ritual, para não mencionar a repetição ritual da frase "Eu amo você" exigida por algumas mulheres das mais dissolutas. A terminologia recorrente usada em revistas sexuais para designar orgasmo, a "suprema" experiência, é um outro reflexo de romantismo e a crença numa espécie de imolação mística em sexo.

> Como a maioria das mocinhas, tinha estado sempre sonhando vagamente com meu "Príncipe Encantado", para que êle viesse e me acordasse com seu beijo mágico. Mas quando recebi meu primeiro beijo, e muitos outros, sem os resultados prometidos, fiquei profundamente desapontada. Foi só muito tarde que, após um orgasmo profundo e cheio de prazer, percebi de súbito o verdadeiro significado do conto-de-fadas e a natureza do beijo mágico de que êle fala. [18]

Como uma jovem reformista sexual cínica, muitas vêzes observei que o beijo místico do romance seria entendido de maneira mais apropriada como orgasmo, mas cheguei a pensar que estava errada. O que acontece na visão romântica de sexo é que o orgasmo vem a significar o beijo, e não vice-versa. A mente condicionada pela histórias de fadas está traduzindo o fenômeno em têrmos de cultura popular melosa. Nenhum rapaz que alguma vez se tenha masturbado, quer dentro de uma luva de baseball num show burlesco ou numa limpa fôlha de papel branco, tentaria descrever o orgasmo de uma maneira tão **tôla.** Maxine Davis não vê a pomposidade da própria prosa nesta proposição.

> Uma môça pode ter estudado com diligência manuais de casamento e tentado absorver quaisquer instruções fornecidas por gente objetiva, responsável. Mas se ela nunca beijou ou foi bolinada ou se masturbou ou sonhou até o ponto do clímax, ela não tem a mais leve idéia de como deve ser a suprema experiência. [19]

Sempre fui perturbada pelo mesmo tipo de inclinação nos escritos de D. H. Lawrence sôbre experiência sexual real. Êle une uma estranha relutância em descrever o que seu protagonista está realmente fazendo com as mais exageradas imagens de orgasmo cósmico. Há um pequeno passo do mais familiar

> Lentamente, muito lentamente, e com uma maravilhosa ternura, seus lábios descobriram os dela. Apenas por um momento suas bôcas se tocaram, a pétala de uma flor contra a pétala de uma flor. Suas bôcas se tocaram mais uma vez e foi como se o mundo todo fôsse varrido para longe dêles e êles se postassem de pé, acima das nuvens, na glória da luz do sol, em que havia algo de divino. [20]

com todos os seus elementos religiosos de conto de fada para

> Ela parecia tão frágil debaixo, e êle parecia tão frágil, debruçado sôbre ela. Foi uma perfeita consumição para ambos, e ao mesmo tempo a mais intolerável penetração dentro do ser, a maravilhosa plenitude da satisfação imediata, dominante, transbordando da fonte da mais profunda fôrça vital, a mais escura, mais profunda, mais estranha fôrça vital do corpo humano, nas costas e na base dos rins. [21]

Êste é o mesmo romantismo que teria Elizabeth Heaton protegendo seu colo com a bandeja do desjejum, a noção de que o pênis é uma poderosa fonte forçada a aparecer momentâneamente por algum misterioso dinamismo. No entanto, não fiquei certa a respeito do que estava errado nela até que prestei atenção nas imagens sexuais dos **blues** urbanos, que parecem escapar a tôda a pudicícia e falso misticismo do profeta do sexo. Talvez isso possa explicar o surgimento, na América, de escritores que podem falar de sexo com entusiasmo e clareza. Apesar disso não se pode classificar Hemingway entre êles, pois sua descrição de orgasmo é quando **a terra se move** e a tradição mais antiga ainda parece estar muito mais bem representada.

A pudicícia, excitação e "poesia" dos escritos de Lawrence e Hemingway os coloca na tradição dos românticos sexuais, mesmo se seus gêneros são vendidos a leitores mais letrados. Seu vocabulário é maior do que o de Cartland, mas as estruturas de excitação são as mesmas, desde que aceitemos a foda como o fim da história e não beijo. Como indicação de estilo de vida sexual são do mesmo modo desorientadores. O papel feminino é ainda o de passar de modo misterioso, com tôda a demora apropriada, de estado para estado de febril exaltação. Talvez valha a pena notar que, tanto Lawrence como Hemingway, foram acusados de impotência. Agora que o papel sexual das mulheres está sendo admitido, as posturas masoquistas do romance feminino estão sendo complicadas e encarecidas, mas no essencial permanecem as mesmas. Espera-se agora que as mulheres gostem de sexo, mas não que desçam do aprisionamento no templo burguês. Em vez disso o sexo está sendo trazido para dentro do templo, como parte de observância ritual, uma experiência mística que é uma graça dos homens, como a Teresa de Ávila foi garantido o êxtase por Deus.

Uma mulher nunca é tão feliz como quando está sendo glorificada. Então ela é senhora de tudo que inspeciona, o centro de atenção de todos os olhos, até aquêle dia dos dias em que navega pela nave da igreja, uma visão em branco, adorável como as flôres que carrega, levada transluzente pelo braço viril do pai para ser entregue a seu nôvo pai por procuração. Se ela é esperta, e se seu marido tem tempo e recursos, insistirá em ser glorificada a vida tôda; é mais provável que ela descubra que o casamento não é romântico, que o marido esquece aniversários e datas e raramente faz elogios, e quando os faz são muitas vêzes por obrigação. Ninguém a adula, ninguém a faz sentir-se desejável. Ela percebe que a suscetibilidade

> **É dito às mulheres desde a infância e é-lhes ensinado pelo exemplo de suas mães, que um pouco de conhecimento da fraqueza humana, corretamente denominada astúcia, suavidade de gênio, obediência "externa" e uma escrupulosa atenção a um tipo pueril de comportamento apropriado, obterão para elas a proteção do homem...**
>
> Mary Wollstonecraft
>
> "The Vindication of the Rights of Women", 1792, pág. 33

de seu marido é muito mais sexual do que pessoal, ou pelo menos o sente, porque êle descuida tanto dos rituais que ela estabeleceu como noiva enrubescida. Na fase da côrte sua relação era tôda encanto (enfeitiçamento como preliminar do aprisionamento na montanha de vidro) pois encontrava seu marido apenas quando estava sendo levada a passear, e lhe era dado vinho ao jantar e era convidada e festejada, parecendo bonita, falando apenas de si mesma e de seu amor. Se sua necessidade da antiga adulação se torna desesperada, ela pode ser afetada de modo sério. O romance foi a única aventura aberta para ela e agora acabou. O casamento é o fim da história. As

revistas femininas exortam-na a não deixar que o romance morra em seu casamento. Ela tenta "não se deixar ir", mantém-se de aspecto jovem, bonita, tenta não perguntar ao marido todo o santo dia se êle a ama, deseja que o beijo matinal que êle lhe dá antes de deixá-la sòzinha o dia todo fôsse um pouco menos mecânico. Mais cedo ou mais tarde, encara sua côrte como uma sedução; pode culpar o marido por isso, mas de fato ela própria engendrou a sedução. O que o amor parecia ser em sua cabeça, todos os lábios elétricos e sonhos acordados com êle na cama, nunca foi de verdade de modo algum. Vê que era uma tôla menina romântica. Agora ela acha que o casamento é um pesado fardo. Seu romantismo se torna, se já não se tornou, escapismo. Ela se submete a pequenas coisas românticas que seu marido nem mesmo nota. Romance é agora seu sonho particular.

> Felice — um caso de verão que durará para sempre.
> Miss Lentheric é um caso de amor. É realmente o mais romântico nôvo perfume e você nunca saberá o que perdeu se não o experimentar.
> Acqua Manda. Duas palavras que mudam sua vida.

Agora que ela tem de adular-se, o mercado está abarrotado de produtos com os quais se pode acariciar.

> De Zanzibar temperada com cravo... ao precoce orvalho de Burma... por todo o mundo, mais garôtas usam Lux do que qualquer outro sabonete. Lindas garôtas, com belas feições. A espuma de Lux, você sabe, é especialmente enriquecida com o creme de óleos naturais... tornados mais suaves para manter sua cútis macia e suave de maneira natural. Assim, reúna-se às mais belas mulheres do mundo...

A propaganda de tinturas para cabelo é sempre feita com um ôlho no escapismo das mulheres, resultará uma **você nova, de endoidecer,** novas possibilidades se abrirão. Mesmo seu banho pode se tornar um ritual romântico:

> New Dew traz mágica alpina para seu banho. Como uma flor, recém-acordada pelo orvalho. Fresca, encantadora e pronta para saudar o dia. É assim que se sentirá cada vez que se banhar com New Dew. Apenas duas cápsulas desta fragrante essência verde é tudo de que você precisa para ser levada ociosamente para o mundo de flôres e frescura da natureza. [22]

Mas a suprema aventura é ainda se apaixonar; embora aquêle excitamento, que não é dêste mundo, tenha passado, as mulheres ainda insistem em revivê-lo. É a única história que querem de fato escutar. Vi uma jovem espôsa, de poucos meses pelo que pude julgar, num vaporzinho em Veneza com o marido, tentando ler uma fotonovela enquanto seu marido buscava em vão conversar com ela e acariciá-la. A fantasia era mesmo então mais empolgante do que a realidade. As revistas femininas apresentam a mesma história sem cessar, mudando o cenário, inventando combinações de circunstâncias cada vez mais curiosas para variar o enrêdo essencial; mas apaixonar-se, o beijo, a declaração e o casamento iminente são o molde

do enrêdo. Outras histórias tratam de temas subsidiários, de adultério, desilusão e desapontamento ou nostalgia, mas o mito romântico doméstico permanece a peça fundamental da cultura feminina.

Religião sexual é o ópio da super-subalterna. Uma carta particularmente ingênua para uma revista feminina torna isto incomumente claro.

> Alguma vez já pensou em quanto as modernas invenções estão arruinando o romance? Não é necessário que ela cirza as indestrutíveis meias de nylon dêle ou passe suas camisas que não amassam. Que homem levantará um pacote deixado cair ou empurrará um carrinho sobrecarregado? Não há necessidade de ajudar uma garôta de míni-saia a subir num ônibus e seu isqueiro a gás sempre funciona. [23]

O romance sanciona trabalho forçado, incompetência física e prostituição (pois a situação do isqueiro tem mais probabilidade de incomodar transeuntes do que qualquer outra pessoa). Se Miss S.A. de Rhiwbira está certa, o romance deve estar condenado, mas não há muita indicação disso, como eu desejaria, para que servisse de base a otimismo. As roupas femininas são muito mais românticas agora do que o eram nos anos de austeridade e se as míni-saias aumentaram a mobilidade, cabelos e cílios postiços e a falsa modéstia na maneira de usar aquelas míni-saias inibiram-na de nôvo. Mesmo um livro tão superficial e documentário como **Groupie** incorpora o estereótipo romântico essencial em Grant, o amante dominador que suplanta tôdas as outras fodas de Katie. Êle diz a Katie quando ela deve chamar, o quanto ela pode ficar, manda-a fazer a cama e realizar tôdas as suas outras exigências sem demora e ela gosta disso.[24] Ela se persuade de que isto é amor-disfarçado, como era com Lord Worth e Grant Jarvis, e termina o livro com uma nota esperançosa, esperando que êle volte da América para continuar a dar-lhe ordens. O livro se baseia em experiência, e é com freqüência positivamente monótono em sua fidelidade, mas o caráter de Grant é uma genuína falsificação inconsciente do original. Se a libertação da mulher está para ocorrer, se o reservatório do verdadeiro amor feminino está para ser penetrado, esta estéril autodecepção tem de ser contrabalançada. A única forma literária que pode superar o lixo romântico no mercado feminino é a pornografia grosseira. O excitante mingau de Cartland e suas iguais está alimentando uma necessidade imaginativa, porém sua hipocrisia limita a satisfação àquilo que pode ser tirado do subentendido: desvie o subentendido e você interrompe todo o processo. Eu e minhas amiguinhas permutávamos sem cessar **True Confessions** porque éramos desorientadas e curiosas. Se você deixar o **Housewives Handbook**[25] mentindo, sua filha pode nunca ler Cartland ou Heyer com qualquer credulidade.

O OBJETO DA FANTASIA MASCULINA

Crianças pequenas de ambos os sexos lêem histórias de aventuras. As muito pequenas lêem aventuras unissexuais tanto com heróis como com heroínas. As mais velhas lêem histórias segregadas de façanhas ùnicamente de meninas ou tôdas de meninos. A verossimilhança faz com que os escritores de histórias de meninas não possam excluir caracteres masculinos, mas excluem todo o interêsse sexual ou amoroso de suas leitoras pré-pubescentes. Para os rapazes, a exclusão de sexo representa a exclusão de todos os caracteres femininos. Ainda posso lembrar-me do desagrado sentido por tôdas nós, no oitavo grau, quando os filmes das histórias dos Biggles incluíam um interêsse amoroso como concessão aos namorados. A puberdade põe fim às fantasias da menina de ser, digamos, Pony salvando o Coronel Buffalo Bill Cody, saltando de pedra em pedra através de um rio, sôbre a cabeça de um arqueiro índio, só para arrancar o arqueiro dos dentes do jacaré duas cenas adiante,[1] e a inicia nos excitamentos passivos de infantilizada heroína de romances. Para os rapazes se tornando homens a fantasia dominante de aventura simplesmente se expande para incluir mulher como façanha: o sexo é admitido como uma nova espécie de proeza ou risco. Por ser a novidade um caráter essencial da aventura, podíamos esperar que o interêsse com base no sexo fôsse diversificado, racial, físico e talvez socialmente, mas no entanto os padrões de satisfação são simples, e parecem sair em dois modelos, a Grande Cadela e a Virgem Venenosa.

A Grande Cadela é a fêmea fatal, oponente digno para que o herói onipotente exerça seus podêres sôbre e por meio dela. Ela é cheia de desejo, insaciável, esperta, desonesta e dois pulos à frente o tempo todo. O herói pode ou tê-la de seu lado e como um domador de leões mandá-la contra seus inimigos, ou pode debater-se por sua vida nas mãos dela.

> ...rendição incondicional era sua única comida bruta. Uma Grande Cadela tem perdas a calcular, afinal, se o Cavalheiro vai embora. Pois idealmente uma Grande Cadela representa exterminação para qualquer macho o suficiente bravo para tomar conhecimento carnal dela. [2]

A Deborah Caughlin Mangaravidi Kelly, de Mailler, é cuidadosamente construída para personificar o maior número de traços possíveis do tipo em uma única manifestação. Descrevendo-a, Mailer, não está por inteiro distanciado, seu narrador ainda murmura no pesado sonho americano; a fôrça do livro decorre desta tensão entre o cirurgião e sua ferida. A fatal tensão de sexo como façanha, a incansável prova do eu que torna a comunicação impossível, a imaginária mas genuinamente mortal batalha dos sexos, disso é que Stephen Rojack se escapa, mas sua fuga torna impossível a continuação do livro. No mito sensual contemporâneo não há alternativas, a menos que atendamos à debil voz auto-satisfeita dos hippies. O fato mais importante sôbre Deborah é o primeiro aspecto mencionado: tôdas as descrições de mulheres feitas por Spillane e Fleming como dispendiosas, de classe, ricas e assim por diante são eclipsadas pela hipérbole insana de Mailer. O contexto e o subentendido devia entregar o jôgo, embora femininistas como Kate Millet persistam em supor que Mailer é um cretino. [3]

> Conheci Jack Kennedy em novembro de 1946. Ambos éramos heróis de guerra, e ambos acabávamos de ser eleitos para o Congresso. Saímos certa noite ambos acompanhados e acabou sendo uma noitada muito divertida para mim. Seduzi uma garôta que se sentiria enfadada com um diamante do tamanho do Ritz. [4]

O que deve ser tomado como significando que Rojack é um herói inteiramente americano, movendo-se no cercado de Grace Kelly-Jacqueline-Lee-Bouvier, um conquistador de todo jeito mais interessante do que qualquer coisa que Scott Fitzgerald pôde pôr em palavras. As imagens de guerra e sexo são inextrincàvelmente confusas. O inimigo é um veado a ser transformado, por uma rajada de metralhadora, numa massa sangrenta da cintura para baixo; a dor é uma dor limpa, uma boa dor, evidência de destruição boa e limpa, não podridão, pois da podridão nasceu a vida. O ventre cheira a podridão, pois a fonte da vida é desespêro para o estéril Rojack, cuja mente mesma é um arsenal. Deborah não é apenas guerra, ela é esporte.

> ... ela tinha sido notória em seu dia, catando e escolhendo entre uma galeria de bonitões: políticos de primeiro plano, corredores de automóvel, magnatas da indústria e sua boa fatia dos mais renomados **playboys** do mundo ocidental, ela tinha sido minha entrada para a grande liga. [5]

Os atributos físicos desta criatura são os da opulenta tigre-fêmea da literatura de suspense, Barbara Cartland e Georgette Heyer não reconheceriam a mulher flexível, de seios fartos, muito alta, de penteado estranho, insubordinada, que arruína os heróis num simples lampejo. Mailer é menos afetado, mas os atributos são típicos.

> Ela era uma mulher de boa aparência, Deborah, ela era grande. De saltos altos me ultrapassava em pelo menos uma polegada. Tinha uma enorme massa de cabelos negros e penetrantes olhos verdes... Tinha um grande nariz irlandês e uma bôca larga que tomava muitas formas, mas seu rosto era sua pretensão à beleza, pois sua pele era de um branco cremoso e suas faces coloridas de um rosa delicado... [6]

Não estamos longe daquelas extraordinárias mulheres explosivas com olhos oblíquos e frisadas nuvens de cabelo que vagueiam pelas histórias de quadrinhos, na ponta dos pés, girando sùbitamente para cima do herói, garras à mostra para matar. Suas bôcas são grandes, curvas e lustrosas como cimitarras: a musculatura de seus ombros e coxas é incrível, seus seios iguais a granadas, suas cinturas rodeadas por cintos de aço tão estreitas como de dançarinas cretenses. [7] Ian Fleming imagina mulheres que dirigem carros bem ou são espertas amazonas ou atiradoras.[8] Deborah é a mais excitante espécie de mulher habilitada, uma assassina.

> ... Ela era uma caçadora excepcional. Tinha ida a Safari com seu primeiro marido e matara um leão ferido atirando quando a dez pés de sua garganta, derrubou um urso do Alaska com dois tiros no coração (30/06 Winchester)... Como quem não quer nada, fazia fogo dos quadris, tão bem como apontando um dedo. [9]

Qual é o destino da tribo de Deborah, anti-heroína de peito profundo, seios fartos, quadris estreitos, pernas de bailarina? Em mitologia menos pretensiosa, elas se submetem ao pênis de aço do herói para serem batidas por seu vigor animal até a orvalhada suavidade e submissão, mesmo se odeiam os homens como Pussy Galore. Isto é um Homem-Tigre submetendo Sônia Wutko:

> Sua bôca era uma coisa quente e úmida com tal paixão exigente que ela mesma era um rastilho que punha em ignição uma explosão após outra. Sua bôca derreteu-se contra a minha, um archote que quase podia gritar, a menos que fôsse abafado, seu corpo todo um polvo de emoção que exigia e exigia e quando estava satisfeito por um pouco de tempo ficava quase contente num relaxamento próximo da própria morte.
>
> Mas eu não lhe daria aquêle relaxamento. Pediu, conseguiu. Ela queria saber como era um tigre, e agora tinha de descobrir. Ela conheceu a profundidade dos caninos e a sensação de ser absorvida, porque ela era apenas uma mulher na lascívia de uma terrível fome e naquela assustadora luz solar ela soube pela primeira vez como era viver como uma. [10]

Sexo de aventura é uma questão de pirotécnica, explosivos, animais selvagens, mergulho em mar profundo, carros a tôda. A parceira sexual ideal oferece promessa de uma boa contenda e quanto mais animosidade ela abriga, melhor. Torna-se claro, pelas imagens da passagem de Spillane, que o destino apropriado para a Grande Cadela é a morte, quer a morte metafórica no frenesi do orgasmo e obliteração, quer a morte real, que o herói de Mailer dá à sua selvagem mulher, estrangulando-a. Pediu, conseguiu.

> Ela sorriu como uma leiteira e flutuou para longe e se foi. E no meio daquele esplendor oriental da paisagem, senti o toque perdido de seu dedo em meu ombro, irradiando um leve mas inextrincável pulsar de aversão dentro da nova graça. Abri os olhos, estava pesado com a mais honrosa fadiga, e minha carne parecia nova. Desde os quatorze anos não me sentia tão bem. Parecia inconcebível neste instante que qualquer coisa na vida deixasse de agradar. [11]

Matar sua mulher é como matar um urso ou um monstro lendário: a virilidade se esgueira de sob a dominação do sexo, escapa do vício. Mais uma vez é o mundo de um homem. A cultura de nação em que os homens são segregados e educados num regime espartano de exercício, esporte e limpeza, está fadada a refletir êste elemento, mas é assustador considerar quais devem ser suas repercussões nas transações diárias, em geral não escritas, entre os sexos. A Velda de Mike Hammer é uma Grande Cadela, mas ela segue (um tanto aduladora) seu mestre e mata para êle, trazendo a prêsa para casa e depositando-a aos pés dêle. Sua recompensa é a abstenção sexual que Hammer faz dela: ostensivamente está sendo reservada para uma recompensa adequada em alguma época futura quando mesmo Hammer possa aceitar domesticidade, mas na realidade relação sexual com Velda significaria a destruição dela. Espectadores riram da extraordinária coleção de armamentos fálicos que James Bond carregava com êle, entendendo a piada do diretor ao fazer de cada mecanismo outra forma de pênis, mas não teriam rido tanto se tivessem refletido que o inverso é igualmente verdadeiro, o pênis tornou-se uma arma.

O pênis-arma é usado agressivamente sôbre a Grande Cadela: no caso da Virgem Venenosa é usado defensivamente. A Virgem Venenosa de **An American Dream** é chamada, de modo muito apropriado, Cherry. Ela é pura, em todos os casos virgem como implica seu nome:

> Tive um orgasmo com você. Nunca fui capaz antes... Nunca antes. De tôdas as outras maneiras, sim. Mas nunca, Stephen, quando um homem estava dentro de mim, quando um homem estava assim lá dentro de mim. [12]

Realizar amor pela primeira vez com a Virgem Venenosa é como o Cêrco Perigoso. Cherry está rodeada por criaturas ameaçadoras, principalmente a gente da "pesada" dos **night clubs**, que se senta em tôrno dela enquanto ela canta num porão do Village: negros, pugilistas de má reputação, detetives e harpias, que são mortos pelas balas disparadas contra êles pelo cérebro de Rojack. O apartamento dela fôra habitado antes por sua irmã, morta por causa do maléfico supermacho Shago (!) Martin. Os preciosos momentos que Rojack passa lá com ela são ameaçados pela volta iminente do feiticeiro prêto. Êle é ostensivamente um cantor, mas que cantor! "... você estava luzindo quando êle estava feito, o ouvido se sentia bem, você tinha sido dominado por um campeão."[13]

Outros cavalheiros que haviam freqüentado esta dama tinham fugido; apenas Rojack fará uma parada, nada senão seu poderoso

pênis contra um negro doido com uma navalha. Êle vence, é claro. A Virgem Venenosa concebeu dêle e está inteiramente pronta a entrar na divina categoria de mãe, só que um último ser maligno bate nela até a morte. O golpe final de romantismo masculino é que cada homem mata a coisa que ama; quer ela seja Katherine em **For Whom the Bell Hoils,** ou a Urna Grega, a "tensão para que ela seja perfeita" significa que ela deve morrer,[14] deixando incontestado o **status** do herói como um grande amante. O padrão ainda é lugar comum: o herói não pode casar. A façanha sexual deve ser conquista, não coabitação e tolerância mútua.

A extensão em que os traços de sexo aventuroso podem ser encontrados na vida real, ou antes injetados na vida, porque são parte de uma preocupação do homem, pode ser julgada pelo fantástico êxito daquele Munchhausen sexual, John Philip Lundin. A autenticidade de seu livro, **Women,** sendo em certo sentido uma autobiografia, é atestada por uma introdução assinada por R. E. L. Masters. O primeiro capítulo delineia uma fantasia masculina favorita, o valor em dinheiro dos encantos femininos. Quer sejam casadas com homens ricos, trabalhem como recepcionistas em clubes de alta roda, como "modelos", quer estejam simplesmente andando pelas ruas, acredita-se que as mulheres estão-se oferecendo o tempo todo. A façanha de Lundin é conseguir o que outro homem deve comprar, e, de preferência, de graça. Claro, êle não se equipara a uma prostituta suando por seu sustento. Êle é um amante que corresponde às esperanças. Os maridos são os fregueses pagantes, ou, de modo mais suscinto, os patos. Como um livre-atirador Lundin está sempre em perigo, e suas mulheres têm tôdas a excitação da Virgem Venenosa junto com as proezas esportivas da Grande Cadela. Seu maior caso, segundo seu próprio critério, foi com Florence, a mulher de seu patrão, e segue o padrão clássico de façanha sexual que encontramos em literatura masculina. O relâmpago se processa à primeira vista e os sintomas são típicos.

> Nenhuma faísca elétrica que já me atingiu quando me meti num curto-circuito jamais me atingiu tão poderosamente como quando vi Florence. Meu coração estava pulando, meu sangue corria por minhas veias como se eu tivesse febre, e uma massa intrometeu-se entre minha traquéia e minha aorta. Meu estômago parecia estar descendo por um elevador, como se temesse por minha vida. E senti um repelão dos testículos como se soubessem independentemente que esta mulher os poria em ação.[15]

Os riscos de um adultério clandestino são deliciosamente exacerbados pelo extraordinário ardor de Florence e pelo fato de o repulsivo marido enganado ter certos "rapazes" que lhe protegem os interêsses. Lundin é finalmente dispensado. Porque ela é universalmente desejável muitos outros homens estão apaixonados por ela, um requisito fundamental da fantasia masculina, pois a façanha deve ser saudada por outros homens. Florence dá jeito de persuadir os rapazes de seu marido a levarem-na para ver Lundin, e êles

têm uma apaixonada reunião no banco de trás do carro. Quando os rapazes exigem favôres similares e ameaçam-na de chantagem, ela foge para o México, onde casa com outro bobalhão, um milionário, naturalmente. Ela o deixa para voar para outro guardião selvagem, sua mãe harpia. Sua duradoura posição como único amor de Lundin fica assegurada quando descobre que tem câncer e volta para o primeiro marido rico: "De certa forma sempre soube, desde que me contaram que ela estava morta, que minha vida nunca será completa sem ela."[16]

> **Amor, para grande número de homens em nosso tempo, consiste em dormir com uma mulher sedutora, uma apropriadamente dotada de correta distribuição de curvas e conveniências, e uma sôbre a qual tenha sido adquirida uma hipoteca permanente por meio da instituição do casamento.**
>
> Ashley Montagu
>
> "The Natural Superiority of Women", 1954, pág. 54

A noção por completo falsa da vida completa é essencial às noções masculinas de se apaixonar. Os homens não esperam encontrar uma filha do modo como as mulheres esperam encontrar um nôvo pai, nem esperam encontrar uma mãe. Esperam uma mulher que seja a "resposta a tudo", "que possa satisfazer minhas necessidades de compreensão, companheirismo e excitação". É básico para a exigência uma noção exagerada da capacidade do homem em questão de desejo (necessidade), excitação, companheirismo e compreensão. O homem é o dado: seu par deve ser igual a êle, ou adaptável. A mulher excitante da fantasia é a que cria o desejo e alivia o potencial viril pela mera visão dela, e pela visão de todos os homens na sala boquiabertos ante ela. Um aspecto da fantasia se reflete quase invariàvelmente no comportamento, pelo prazer que os homens tiram de ser vistos com uma mulher que outros homens cobiçam. Até que ponto pode se desenvolver êste prazer observamos no ardil inventado por James Jones em **Go to the Widowmaker** para revelar a desejabilidade superlativa de Lucky Videndi e a grande segurança de Grant em conservá-la. Havendo se recusado a tomar parte numa festa de banho nu, ela espera até que seu marido e todos os outros estejam fora da água e então

> Lucky sùbitamente levantou-se e caminhou para a água. Ela mergulhou e meio nadando, meio boiando um pequeno trecho, tôda submersa exceto a cabeça... de repente pôs-se de pé, os braços sôbre a cabeça na clássica pôse de balé. Tirara a roupa e estava completamente nua. A água parecia vasar dela em movimento lento e lá estava ela em tôda a sua gloriosa sensualidade, os adoráveis seios brancos e as magras cadeiras redondas fazendo as outras garôtas mais magras parecerem mecânicas e assexuadas. Os braços ainda levantados, e com a água não lhe batendo pelos joelhos ela fêz uma série de clássicos **ballonnés feuettés,** um verdadeiro **pas de bourrée** diretamente para êles, tudo belamente feito. Houve um movimento que... deu a impressão de abrir por completo a forquilha e ela deve tê-lo escolhido deliberadamente. Houve um momento de quietação na praia... O cabelo côr de champanha não se molhara e faiscava em tôrno dela como ouro branco enquanto ela se movia.[17]

Não é de surpreender que Grant esteja embeiçado por uma tal criatura, ainda mais que ela tem a graça atlética adicional de ser capaz de colocar os dois pés atrás da cabeça quando está fazendo amor. É por certo uma glória ser capaz de **necessitar** de uma mulher como essa. Para esclarecer melhor, Lucky Videndi se descreve como uma fêmea de autor, e o homem por quem se apaixona é um autor, de modo que sua continuada presença a seu lado aumenta o prestígio profissional dêle.

> **Será que alguém mais tem um marido como o meu? Sentiu-se atraído por mim por eu ser uma morena de longas pernas. Agora, após seis anos de casamento, êle sente necessidade de mudança e deseja com veemência uma loura peituda. Êle não fugiu ou me foi infiel. Em vez disso, eu agora tenho uma longa peruca loura e sedosa, e um aparelho para desenvolver os seios onde faço exercícios diários. — V. Ladbrooke, Essex. P.S. Se conseguir um guinéu vou gastar numa peruca de cantor** pop **para êle!**
>
> Petticoat, 15 de novembro de 1969

Nas palavras de Mailer ela é sua entrada **na grande liga.** Enquanto tivermos êstes padrões de mulher como desafio, estaremos lidando com literatura subpornográfica alcovitando uma fantasia impossível, que, por causa da íntima relação entre potência e fantasia, tem uma tendência a se intrometer no comportamento sexual real. As mulheres podem ser frígidas porque as exigências de romance não são satisfeitas, mas os homens também desanimam com a falta de excitação provocada pela domesticidade.

> Não posso viver com você,
> Seria vida,
> E vida está lá adiante
> Atrás do recife.[18]

MITO DE AMOR E CASAMENTO PRÓPRIO DA CLASSE MÉDIA

Casamento sem amor é anátema para nossa cultura, e uma vida sem amor é impensável. A mulher que permanece sem casar deve ter perdido sua oportunidade, o rapaz deve ter morrido na guerra ou hesitou e estava perdido; o homem de certa forma nunca achou a garôta certa. É axiomático que todos os casais estão apaixonados mùtuamente. Com muita freqüência é expressa simpatia por aquelas

> **A arte de manejar homens tem de ser aprendida desde o berço. Fica mais fácil na medida em que você adquire experiência. Algumas mulheres têm um talento instintivo, porém a maioria tem de aprender pela maneira dura, tentativa e êrro. Algumas morrem desapontadas. Isto depende até certo ponto da distribuição de curvas da pessoa, de um instinto desenvolvido e em grande parte de pura astúcia felina.**
>
> Mary Hyde, "How to Manage Men", 1955, pág. 6

pessoas, como reis e rainhas, que não podem ser dirigidas ùnicamente pelas setas de Cupido, embora ao mesmo tempo seja tàcitamente suposto que mesmo casais reais estão apaixonados. Na imaginação comum as freiras são tôdas mulheres com desgostos amorosos, e as mulheres de carreira estão se compensando pelo fracasso em descobrir a mais profunda felicidade permitida à humanidade neste vale de lágrimas. Mas nem sempre se acreditou nisso, mesmo que a normalidade da idéia nos persuada de que devesse ter sido assim. A simples menção da flecha de Cupido devia nos lembrar de que houve um conceito muito diferente de amor que prevaleceu há não muito tempo, um conceito não separado da côrte pré-nupcial mas por inteiro inimigo do casamento. Mesmo em seu breve tempo de vida, o conceito de amor nupcial não tem sido sempre o mesmo: os defensores do casamento por amor do século dezesseis ficariam horrorizados se pudessem conhecer o grande romantismo e paixão sexual

Tenho 39 anos e tenho sido submetida a castigo corporal por parte de meu marido desde que nos casamos há quinze anos atrás. Temos ambos tratado esta questão de castigo como um tipo normal de procedimento. Foi só recentemente, quando vimos algumas cartas em "Forum" que percebemos que havia pessoas que tinham complexos de culpa por espancar seus parceiros.

Nossas idéias são muito simples. Acontece que meu marido acredita que no casamento o marido deve ser o patrão. Concordo com êle e reconheço que o mal feito deve ser punido. Ambos pensamos que a maneira mais simples, mais conveniente, mais eficaz e mais natural de um homem punir as faltas de sua mulher é dar-lhe palmadas ou chicoteá-la; mas não por demais severamente, por certo sem brutalidade.

Carta em "Forum", Vol. 2, n.º 3

de que seu ideal está agora investido. Mudanças graduais nas suposições básicas obscureceram os traços do desenvolvimento do mito de apaixonar-se-e-casar-se; é difícil alcançar informação demográfica sôbre seus primeiros estágios. Reconhecendo tôdas essas incertezas, com a devida humildade vamos embarcar em exploração especulativa.

Por agora é lugar comum destacar que na literatura feudal o amor romântico era essencialmente anti-social e adúltero. As discussões de Rougemont e seus iguais são bem conhecidas, pelo menos em sua essência.[1] A expressão "amor cortês" tornou-se um clichê de crítica histórica. Os contos de Guinevere e Isolda foram o produto da cultura minoritária da classe dirigente, com que servos e burgueses devem se ter maravilhado quando os escutavam nas canções e contos populares. Eram o produto da situação feudal em que a espôsa nobre era espôsa apenas quando seu marido guerreiro estava em casa (o que com alguma sorte era raramente), do contrário ela governava uma comunidade de homens, muitos dêles jovens e fogosos, com o resultado de que entretinham fantasias sôbre a inalcançável, a quem não podiam nem ao menos dirigir seus avanços. Ela lhes explorava o servilismo, que deu origem à cavalaria, e pode ou não ter satisfeito sua própria lascívia com êles. Para o marido era submissa e lhe oferecia o corpo como seu feudo. Eruditos vitorianos exclamaram de horror ante a descrição de amor marital dado em traços como **Hali Maidenhad**,[2] e alegremente aclamaram os reformadores protestantes por trazerem o primeiro sôpro de "ar fresco para dentro do telheiro do castelo" da teoria matrimonial.[3] O monge autor do folheto do século quatorze **Hali Maidenhad** esclarecia às virgens a quem se estava dirigindo que se realmente gostavam de ler em latim, de fazer iluminuras em manuscritos, de bordar (não capas para cadeiras e toalhas de hóspedes mas preciosas vestimentas e mágicas tapeçarias que estão agora entre os mais preciosos tesouros artísticos dos museus europeus), e de escrever poesia e música, então estariam melhor lá fora na sociedade por completo feminina de um convento, onde não estavam rodeadas pelo alvorôço e brutalidade de um quartel, condenadas a perigoso parto e às grosseiras carícias de um marido

por demais acostumado a atracar-se com cativas infiéis e prostitutas militares para ser capaz de perceber suas necessidades emocionais e sexuais. Êle não disse, mas podemos inferir, que o amor de clérigos e freiras tinha mais possibilidade de ser satisfatório que a paixão louca de jovens nobres e a infinda exacerbação de desejo não minorado, que é tôda a fôrça motivadora dos cantos dos menestréis provençais. Rabelais combinou os elementos da fantasia humanista medieval de ajustamento sexual e intelectual em seu jovial monastério secular de Theleme.[4] Rattray Taylor classificou o período como de matriarcado, e por mais dúbia que possa ser a classificação é verdade que a influência das mulheres sôbre o caráter da civilização medieval era grande,[5] e parece maior quando consideramos que tôda a cultura que não era por completo efêmera era a cultura de uma reduzida minoria. Talvez seja significativo que a maior parte das mulheres que fizeram uma contribuição valiosa para a cultura medieval ou eram religiosas que viviam no celibato dentro ou depois do casamento, como Hilda, Rinha Edith, Santa Margarida, suas filhas Matilde e Mary, e Lady Margaret Beaufort.

O personagem amoroso no castelo feudal era o jovem escudeiro não elegível para o serviço de cavaleiro até os vinte e um anos. Sua beleza e juventude imberbe era com mais freqüência descrita como efeminada, pois tinha cabelos longos, vestia-se com trajes bordados, era hábil em desempenhos musicais de voz e instrumentos, e em dança e em escrever poesia. Era inevitável que um rapaz afastado do peito da mãe, para servir primeiro como pagem e depois como escudeiro, ansiasse pela afeição da mulher de seu vassalo-senhor. As exigências da carne adolescente asseguravam que êle sofreria dores e penas sexuais e naturalmente êle as ligava à imagem de sua amada dama. Era uma posição submissa, chorosa, servil; uma vez atingida a maioridade e chegando êle a conhecer a sociedade permissiva do campo de batalha, êste sentimento compulsivo tornava-se menos imediato e mais intelectual, enquanto êle se tornava mais viril, menos efeminado e à fôrça menos obsedado sexualmente. A situação estava cheia de acasos: a mulher do senhor estava muitas vêzes mais próxima de seu jovem vassalo em idade e temperamento; êle lhe era por certo mais atraente do ponto de vista físico do que seu hirsuto marido estranho. Se ela devesse cair em desgraça e comprometer a legitimidade de seus herdeiros o único resultado era o desastre. O divórcio era impossível, o adultério era punível com morte, fôsse o **crime passional** do marido ou a sentença da lei. A comunidade tentou exorcismar êste mêdo profundo externando-o. Histórias de paixões de destino trágico eram contos acauteladores. Amor era uma ruína, uma praga, uma ferida, morte, a peste. O próprio sexo era fora da lei, exceto no desejo de prole. O cinto de castidade e seus horrores correlatos são lembretes da intensa pressão que ocorria em tal ambiente. A dicotomia corpo-alma que caracteriza o pensamento medieval contribuía para proteger o **status quo**. Em-

pregadas meninas e camponesas rústicas sofriam deboche sem misericórdia, enquanto a paixão pela senhora do castelo tornava-se exaltada até um fervor quase religioso. A literatura de paixão adúltera era, como as modernas histórias de obsessão, fetichismo e perversão, uma série de espiadas por delegação numa região tão povoada de perigos que só um lunático lá se aventuraria. Cada jovem clérigo aprendia com seus superiores que **amor** era:

> Colocado em frente aos teus olhos quão mau êle é, como do mesmo modo uma coisa louca tornar-te pálido, ficar magro, chorar, adular e vergonhosamente te submeteres a uma mal-cheirosa prostituta na maioria das vêzes imunda e putrefata, ficar de bôca aberta e cantar tôda a noite à janela de seu quarto, aceitar o engôdo e ser obediente a um aceno, não ousar fazer nada a menos que ela concorde ou acene a cabeça, permitir que uma tôla mulher reine sôbre ti, ralhe contigo, jazer grosseiramente um contra o outro para discutir, ficar de acôrdo outra vez, entregar-te de boa vontade a uma Rainha para que ela possa rir, bater, mutilar e corromper-te. Onde, eu imploro, entre tôdas estas coisas o nome de um homem? Onde está tua barba? Onde está aquela nobre mente criada para as coisas mais belas e nobres? [6]

Porém por mais que êle se esforçasse para atender aos ensinamentos e desdenhar o amor, mais passível estava de ser pôsto abaixo sem o suspeitar pelo brilhante olhar da casta espôsa de outro homem, que foi o que aconteceu num dia fatídico a Francesco Petrarca. O efeito sôbre as letras européias iria durar quinhentos anos. Petrarca era, além de gênio, muito astuto e entendeu com tôda a clareza a natureza de sua paixão. Tratou de integrá-la dentro de todo seu sistema filosófico, sublimando-a por um processo inteiramente consciente e meticuloso. Laura tornou-se a mediadora de todo amor e todo conhecimento do qual o próprio Deus é o único Gerador. Sua morte tornou o processo mais fácil. O amor de Laura, a dama do louro, do topázio e do arminho, a branca corça, a madona, foi sua maior cruz e sua maior bênção. Suportando-o conscientemente a vida tôda, tornou-o sua salvação. Em quase todos os seus sonetos Petrarca alcança uma reconciliação entre sua alegria e sua dor, seu corpo e sua alma, mas seus milhares de seguidores não foram nem tão inteligentes nem tão afortunados. É provável que sòmente Dante tenha alcançado a mesma sorte de equilíbrio dinâmico com sua Beatriz, demonstrando-o conscientemente no **Purgatório** e no **Paraíso,** quando ela sucede a Virgílio e o conduz à visão beatífica. Para homens menores o petrarquismo tornou-se um refinamento de sensualidade adúltera. Um dos fatôres da sobrevivência do petrarquismo foi que Petrarca não estava vivendo numa situação feudal. Laura não era a mulher de seu senhor mas de um par, o cidadão de uma cidade-estado que era burocrática e não hierárquica em estrutura. Êle conseguiu sòzinho a transferência do amor cortês do castelo para a comunidade urbana numa forma que o capacita para sobreviver ao desenvolvimento da comunidade mercantil e do govêrno centralizado.

Com a decadência do sistema feudal veio a corrosão da religião hierárquica e dogmática. O catolicismo medieval tinha baseado sua autoridade sôbre o estado filial do clero celibatário. O celibato era incessantemente promovido por éditos da Igreja em favor da abstinência sexual não só no clero mas mesmo entre casados. Seria cansativo, senão chocante, relatar as proibições que a Igreja lançou sôbre as relações sexuais dentro do casamento, antes da comunhão, durante o Advento e Quaresma e nos dias de ladaínha e dias de jejum, ou os interrogatórios lascivos que os párocos eram instruídos a realizar nos confessionários. O casamento era um estado inferior, na vida, ao celibato por voto, à virgindade infantil e à abstenção de viúvos. O segundo casamento não merecia bênção nos rituais católicos. Era considerado melhor para um sacerdote ter uma centena de meretrizes do que uma mulher. Místicos e santos compelidos a se casar por sua situação na vida, como Eduardo o Confessor, fizeram votos de celibato dentro do casamento. O **status** de segunda classe do casamento tornou-se uma das principais questões na Reforma. Martinho Lutero, o frade agostiniano, mal afixara seus trinta e nove artigos na porta da igreja de Wuttemberg, quando arrumou uma espôsa.

Talvez a maneira de se entender a Reforma seja ligá-la ao declínio do sistema feudal naqueles países nórdicos em que ocorreu. Na Inglaterra seu curso parece refletir muito claramente o impacto de valôres da classe-baixa sôbre a cultura da classe superior. O pobre não casava por razões dinásticas, e não casava fora de sua comunidade em aliança com seus pares. O que acontecia nos castelos nunca se baseou em práticas das cabanas, exceto quando o senhor decidia tomar para si próprio uma supercriada como acontece na história da paciente Griselda, contada por Bocaccio no século treze e retomada com grande vulto pelo Renascimento;[7] é possível que a fascinação exercida por esta história, do nobre que casou com uma camponesa, sôbre o Renascimento em tôda a Europa fôsse uma indicação de que estava ocorrendo, insensível e extra-oficialmente, um repensar do casamento. Griselda, tirada de sua choupana, e instalada como a espôsa humilde e sem queixas de seu senhor. Mesmo quando êle toma uma nova espôsa jovem e nobre, ela não diminuiu sua servilidade, pois lhe dá as boas-vindas e a veste para o casamento, e como resultado consegue de volta seu senhor. Claro que êle pretende que a estava pondo à prova. A história reflete o efeito geral do impacto dos **mores** da classe-baixa sôbre a sexualidade atenuada e neurótica da classe dominante, embora num espelho deformante. Quando Adão cavava e Eva fiava não havia motivo para adoração da dama. Relatos nostálgicos e provàvelmente míticos do casamento e contrato de casamento na Alegre Inglaterra são unânimes no elogio da gente jovem que crescia trabalhando lado a lado na circunscrita comunidade agrícola. Um rapaz fazia sua escolha entre as môças elegíveis de sua própria aldeia, amorosamente guiado

por seus pais e pelos dela, indulgentemente observado durante as permitidas folias de maio e da coleta de nozes, seguindo um longo processo de côrte de doação de lembranças e roubo de beijos, até que em seu lar houvesse espaço para sua noiva, e necessidade de outra mão no fabrico da manteiga e do queijo, no apojamento das vacas, no preparo da cerveja, no cuidado de ovelhas e galinhas, na roça de fiar e no tear. Livros de maridagem arrolavam as qualidades que êles deviam procurar numa espôsa — saúde, fôrça, fertilidade, boa vontade e bom humor bem como os apropriados complementos de habilidades domésticas.[8] Êle a respeitava como a um camarada e desde que ambos fôssem saudáveis e fortes se desejavam mùtuamente. A obsessão do amor romântico simplesmente não tinha importância. Desde que concordassem em idade e posição social (uma condição garantida por dote e associação) não havia obstáculo exceto o cansativo capricho das leis da igreja contra afinidade, que tinha de ser suspenso por meio de dispensas compradas, já que pelo século dezesseis elas desqualificavam quase que todos os membros de uma aldeia para o casamento, quer por parentesco de sangue quer por laços imaginários de comadrio, o parentesco espiritual criado por padrinhos de batismo.

Pelo século dezesseis, êste quadro plácido, que se assemelha à situação de cortejamento que ainda perdura nos extensos sistemas de grupos das feudais Calábria e Sicília foi rompido pelos efeitos de cercados, os impostos aumentados da Igreja e o ascenso de centros urbanos. O incremento da mobilidade, em especial de homens jovens, aumentaram a possibilidade de casamento fora da comunidade conhecida. Mudanças na posse da terra vieram a significar que um jovem não podia casar antes que seus pais morressem e o deixassem senhor de sua própria pequena propriedade. Pelo século dezessete foi estabelecido um nôvo padrão na Inglaterra; o casamento tardio foi combinado com esponsais seguido de coabitação. Peter Laslett descobriu que registros paroquiais mostravam batismo mal acompanhando casamentos, enquanto casamento aos trinta deve ser considerado, levando-se em conta a duração média de vida, casamento senil.[9] A Igreja já de muito perdera o contrôle da paróquia e suas próprias côrtes eram incapazes de lidar com os resultados de leis irrealistas sôbre afinidade e parentesco. Número excessivo de paróquias eram deixadas sem clérigo competente, e a lei comum de casamento estava em ascenso. Os reformadores religiosos começaram a forjar uma nova ideologia de casamento, como público e sagrado, tão sagrado que fôra celebrado pela primeira vez por Deus no céu. Foi exaltado como o mais alto estado de vida e a condição para ser atingido o **status** de cidadania e virilidade. O aumento da alfabetização e o advento da imprensa deram nôvo alcance à teoria e exemplo literário. Os primeiros contos de côrte e casamento encontraram sua divulgação em formas escritas, agora impressas para os novos leitores semiletrados. Grande parte era didática e estabele-

cia maneiras e os porquês do casamento; parte era acauteladora, parte escapista e parte diretamente polêmica. Apareceram baladas, contendo os exemplos de môças casadoiras; possìvelmente baseadas em velhos contos de louvor como **Jone can call by name her cowes.** Qualquer môça que fôsse bem parecida, saudável e de bom gênio,[10] era passível de ser glorificada de coração, mas o amor estava sempre sujeito a firmes considerações de conveniência e vantagem. Seu marido não devia ser velho ou desfigurado ou cruel ou dado a prostitutas. Ela não era casada vilmente por dinheiro, pois os heróis de baladas e seus admiradores condenavam com energia a prática da nobreza ao dispor de seus filhos como gado reprodutor; por outro lado uma môça não podia casar-se senão depois que um noivo conveniente se apresentasse da maneira apropriada. Ela concordava em tratá-lo bem, respeitá-lo e alegremente fazer-lhe a vontade na cama, mas não há indicação de que esperasse que sua vida fôsse transfigurada pelo amor. Ela se considerava como sendo o que os outros pensavam dela, uma criatura sexual pronta para o casamento, e seu marido era escolhido o mais **de acôrdo** com êste modêlo também. No dia de seu casamento seria acordada por seus cavaleiros e damas, vestida com sua melhor roupa, enfeitada com rosmaninho e talvez coroada com espigas de trigo, e levada em procissão à igreja da aldeia, onde lhe seria garantida a proteção de seu marido e uma parte em sua fortuna. A bênção prometeria filhos e liberdade de mêdo desconhecido e ciúme. A festa duraria o dia todo enquanto o jovem casal ansiava por estar sòzinho, pois os casamentos eram realizados em pleno verão quando o sol não se põe antes das onze; então seriam escoltados até a cama e deixados sòzinhos.

Isto era o que acontecia segundo os folcloristas do século dezesseis. Com muita freqüência não ocorria, mas fornece a justificativa de o campo se vangloriar ante a côrte de que só êle conhecia os segredos do "verdadeiro amor", baseado na familiaridade e contrôle paterno.[11] Mas o legado da paixão petrarquiana, com a invenção da imprensa, tornou-se cada vez mais acessível como uma idéia e agiu sôbre as sensibilidades da gente jovem cujos cérebros já estavam inflamados pela abstinência sexual imposta por um sistema de casamento tardio. Professôres, pregadores e reformistas se enraiveceram e choraram pela prevalência de livros e peças lascivas; obras em prosa apresentavam longos contos de cavalaria reduzidos a aventura, poemas cantavam o adultério e as delícias da excitação sexual, peças apresentavam imagens de exaltação juvenil e casamento clandestino. Homens jovens em busca de mulheres não contaminadas, pois a chegada de moléstias venéreas no comêço do século complicou muitas coisas, percorriam o país de cima abaixo louvando as môças camponesas de recursos com pedaços de Serafino, Marino e Anacreon, justificados em nome do grande Petrarca de quem poucos inglêses haviam ouvido falar.[12] A imprensa elizabetana tremia com as denúncias de obscenos sedutores de tôlas camponesas. Tanto Eli-

zabeth como Mary divulgaram os mais severos éditos contra jovens que seduziam donzelas camponesas, induziam-nas ao casamento, gastavam-lhes os dotes e as abandonavam.[13] As autoridades eclesiásticas insistiam na leitura dos banhos nas paróquias das duas partes, porém com mais freqüência eram lidos em lugares inteiramente errados ou pior, não eram lidos de forma alguma. O tumulto religioso aumentou a confusão. Paróquias deixadas sem responsáveis dependiam de sacerdotes vizinhos para legitimar as crianças; as leis insensatamente ramificadas que podiam anular um casamento eram desconhecidas até que invocadas pela parte interessada e melhor informada. É provável que jamais cheguemos a saber quantas pessoas sofreram com a confusão sôbre lei eclesiástica, que tratava de tôdas as questões de casamento e herança, e as mudanças de religião oficial no século dezesseis. Talvez tenha sido apenas o clero reformista perseguido por Mary, e desapontado com a recusa de Elizabeth em reconhecer o casamento clerical, quem criou o mito do casamento perfeito, porém minorias mudam a cultura de maiorias e por certo uma mudança estava ocorrendo.

Pelo final do século dezesseis, amor e casamento já estavam estabelecidos como um importante tema na literatura. O lar nuclear era certamente típico de ambientes domésticos urbanos, e uma maior proporção da população total vivia agora nas cidades, porém mesmo a maioria agrícola estava também seguindo a tendência para famílias triádicas. Mas era ainda um argumento que se desenvolvia, e não ainda um tema escapista. A cidade pegou sua deixa no campo, onde casamento era tolerância e mútua sobrevivência num par de salas, onde o inverno era mais longo que o verão e a escassez mais provável que a abastança. O passo desastroso para o casamento como o **fim** da história, e a suposição de "viver felizes para sempre" ainda não fôra tomada. Um dos mais importantes apologistas do casamento como uma forma de vida e um caminho para a salvação foi Shakespeare. Ainda está para ser demonstrado o quanto devemos, no que é bom no ideal do amor e coabitação exclusiva, a Shakespeare, mas uma coisa está clara — êle estava tão preocupado em suas comédias modernas em afastar os detritos de romance, ritual, perversidade e obsessão como em alcançar finais felizes, e muitas das dificuldades em suas peças são resolvidas quando podemos discernir êste princípio em ação. O travestismo é um motivo shakespereano freqüentemente discutido, mas é raramente considerado como um modo de revelação bem como uma convenção produtora de arrepio ocasional. Júlia (em **Two Gentleman of Verona**) e Viola (em **Twelfth Night**) são ambas heroínas travestidas, em têrmos de intimidade com a audiência, contrastadas explìcitamente com ídolos petrarquianos vivendo em outro plano de cerimônia, Sílvia e Olívia. Estas deusas são humilhadas no curso da peça por suas próprias táticas humanas demais, e mesmo no caso de Sílvia por uma tentativa de violação. As môças com roupa de homem conquistam os homens que amam

por meios mais laboriosos, pois não podem usar véus e coqueteria; têm de oferecer e não de exigir serviço, e como pagens devem ser seus amôres em situações as menos heróicas. Em As **You Like It** Rosalind acha os meios de apartar Orlando de sua postura italianada desfigurando as árvores com má poesia; o amor à primeira vista por uma dama estranha, que lhe dirigiu palavras gentis num dia de vitória, torna-se o amor de familiaridade por um rapaz assexuado que lhe dá lições sôbre mulheres e tempo, descobrindo seu próprio papel enquanto ela lhe ensina o dêle, desta maneira saltando sôbre os laços de feminilidade e tutela. Em **Romeo and Juliet** o mesmo efeito é conseguido por Romeu ter ouvido a confissão de amor de Julieta, de modo que ela não pode tratar segundo a forma, embora de bom grado. Porque seu amor não é sancionado pela sociedade enfêrma êles são destruídos, pois o amor shakespereano é sempre social e nunca romântico, no sentido de que não procura se isolar da sociedade, família autoridade constituída. Em **Midsummer Night's Dream** a obsessão é mostrada como alucinação e loucura, exorcismada pelo rito comunal. Portia, em **The Merchant of Venice,** só consegue mostrar a Bassanio o valor do que ela realmente achou em seu pesado cofrezinho quando veste um traje de advogado para defender Antônio, amigo e benfeitor de seu marido, de modo que o amor dela é visto como ligando a sociedade masculina, não rompendo-a.

Quando a escolha repousa entre a ultrafeminina e a virago, a simpatia de Shakespeare fica com a virago. As mulheres das tragédias são tôdas femininas — mesmo Lady Macbeth (que é tantas vêzes erradamente apresentada como uma megera, especialmente Gertrudes, moralmente inconsciente, desamparada, voluptuosa e sua versão mais jovem, a infantil Ofélia, as lascivas irmãs Goneril e Regan opostas à princesa guerreira Cordélia, que se recusa a sorrir tolamente e a concordar com o desejo irracional de seu pai. Desdêmona é fatalmente feminina, mas tem consciência disso e morre compreendendo como faltou a Othello. Apenas Cleópatra tem bastante iniciativa e desejo para ser qualificada no **status** de herói mulher.

A oposição entre mulheres que são gente e mulheres que são algo menos não permanece apenas no vago contraste entre as mulheres das comédias e as das tragédias. Há exemplos mais explícitos de mulheres que podem ganhar o amor, como Helena, que perseguiu seu marido por bordéis militares visando casamento e honra em **All's Well,** e mulheres que devem perdê-lo pela inércia e apatia, como Cressida. Em **The Taming of the Shrew** Shakespeare contrastou os dois tipos a fim de apresentar uma teoria de casamento que é demonstrada pela avaliação explícita de ambos os tipos de louvor na última cena. Kate é uma mulher lutando por sua própria existência num mundo em que ela é um **saldo,** um engôdo a ser apregoado contra o valor de mercado mais alto de sua irmã, de modo que ela opta por se tornar insuportável, uma regateira. Bianca des-

cobriu o modo das mulheres, estratagemas e fingida gentileza, para pagar melhores dividendos: ela se requesta sob falsas côres, manipulando seu pai e seus pretendentes num jôgo perigoso que pode terminar em sua ruína. Kate corteja a ruína de uma maneira diferente, mas ela tem a extraordinária sorte de encontrar Petruchio, que é homem bastante para saber o que quer e como obtê-lo. Êle quer o espírito e a energia dela porque quer uma mulher que valha a pena conservar. Êle a doma como o faria com um falcão ou com um cavalo arisco, e ela o recompensa com forte amor sexual e firme lealdade. Lucentio se encontra encarregado de uma mulher fria e desleal, que não tem objeção de humilhá-lo em público. A submissão de uma mulher como Kate é genuína e excitante porque ela tem algo a depor, seu orgulho e individualidade virgens; Bianca é a alma de duplicidade, casada sem sinceridade ou boa vontade. O discurso de Kate no final da peça é a maior defesa jamais escrita da monogamia cristã. Se baseia no papel de um marido como protetor e amigo, e é válido porque Kate tem um homem capaz de ser ambos, pois Petruchio é tanto gentil como forte (é uma vil distorção da peça fazê-lo esbofeteá-la sempre). A mensagem é provàvelmente ambivalente: apenas Kates fazem boas mulheres, e então só para Petruchios; para o resto, seu bôlo é farinha.

Não há romantismo na visão que Shakespeare tem do casamento. Êle o reconhece como um difícil estado de vida, exigindo disciplina, energia sexual, respeito mútuo e grande tolerância; sabia que não existiam respostas fáceis para problemas matrimoniais, e que exaltação não servia de base para coabitação continuada. Seu período de vida acompanhou a decadência do antigo Estado e o desenvolvimento do nôvo, o colapso do catolicismo e a solidificação do protestantismo inglês, e as mudanças no conceito do universo criado, de ética, ciência e arte que chamamos de Renascimento inglês. Muitos de seus escritos tratam expressamente destas mudanças e seu significado, e contrabalançando noções de legitimidade e lei com cooperação, espontaneidade com obrigação moral, natureza e misericórdia contra autoridade e vingança.

A nova ideologia do casamento necessitava de sua mitologia e Shakespeare a forneceu. Moralistas protestantes buscaram redimir o casamento do **status** de um remédio contra a fornificação, reduzindo o componente sexual e considerando o marido um amigo da mulher.[14] Era-lhes impossível pensar que os filhos pudessem casar sem o consentimento dos pais, mas da mesma forma impossível supor que pais se opusessem a uma união que era conveniente no sentido de que as partes eram do mesmo nível social e de riqueza, de idade certa e não desqualificadas pela doença ou criminalidade. Agora que a propriedade a ser parcelada e transferida pelo casamento era mais divisível e portátil, as môças podiam ter mais liberdade de escolha, mas pela mesma razão as velhas garantias haviam cessado de aplicar-se. Os pais exigiam o direito de conhecer algo do passado

do noivo, e temiam o casamento com um estranho que podia acabar sendo um bígamo ou um pobre. O campo ainda encarnecia da cidade pelas diferenças entre seus casamentos mas agora a comunidade urbana estava crescendo às expensas da agrária, e a comunidade rural estava perdendo sua coesão.

Onde a mulher é ativamente empregada na produção, ajudando no plantio e na colheita bem como na orientação do trabalho das mulheres, ela naturalmente não era o principal consumidor da família em circunstâncias de ócio por delegação. Ela não era escolhida primàriamente por seus encantos óbvios, não usava manipulá-las para seus próprios fins, não tinha oportunidade de andar à-toa, usar roupas finas e causar dano. Os personagens de farsas populares sôbre casamento e infidelidade eram espôsas citadinas que não estavam ocupadas em dirigir os negócios dos maridos junto com êles, que ficavam sentadas o dia todo lidando com fofocas, namorando, bebendo, discutindo novas modas e causando dano divulgando encontros e boatos, ou entretendo o pároco. O relato muito circunstanciado de Antoine de la Sale, **Les Quinze Joies du Mariage,** gozou vários séculos de popularidade e foi mesmo traduzido e adaptado por Dekker no fim do século dezesseis.[15] Não se tratava de mero relato misógino, mas o grito sentido de um homem que sentiu que havia sido explorado por mulheres sua vida tôda. Na comunidade maior da cidade havia mais competição sexual e as môças aprendiam cedo a aumentar suas oportunidades pelo uso de cosméticos e outras formas de exibição sexual projetando o busto e acolchoando suas nádegas. Suas mães superintendiam o processo e instruíam as filhas nas artes da barganha sexual; se o pior acontecia e brincadeiras com um lúbrico jovem bonitão ameaçavam uma união vantajosa com progênie fora de tempo, a mãe arranjava um abôrto ou remendo de um casamento apressado com um simplório mais ou menos rico. As tensões na situação eram exageradas pelas leis que impediam aprendizes de casar até que seu longo preparo terminasse: muito mestre artesão livre afinal para casar-se escolhia uma coisinha macia só para descobrir que tinha as sobras de algum soldado ou aprendiz. Muitas das mulheres da cidade eram ociosas, mas, ao contrário das mulheres de outros países onde o povoamento urbano se desenvolvera em épocas anteriores, não eram acompanhadas e vigiadas e mantidas dentro de casa, mas lhes era permitido passear livremente e saudar os conhecidos. A matéria-prima da farsa francesa e inglêsa era o desavisado engano do marido cansado e dominado, cuja mulher não quer cuidar da casa ou cozinhar para êle.[16] O miserável marido refletia que a luxúria dela parecia acender-se ao olhar de qualquer homem que não êle, que ela importunava e atazanava para conseguir belas roupas com que atrair estranhos, que a primeira gravidez significava o declínio de sua saúde e a suposição de permanente enfermidade. Claro que um tal quadro sombrio é exagêro, mas as características do casamento de classe média já estão presentes: a mulher

é a principal consumidora e vitrina da riqueza do marido: ociosa, improdutiva, narcisista e dissimulada. Tinha sido escolhida como objeto sexual, em preferência a outras, e as imagens da obsessão se

Estas Raparigas de Londres são tão bravas,
Elas não são o que fazem;
Não o deixarão ter um Embate
Sem uma Coroa ou duas.

Elas dobram seus Bocados, e Frisam seus Cachos,
Seus Hálitos elas perfumam;
Seus rabos são apimentados com a Praga,
E por isso você é bem-vindo.

Mas me dê a Saudável Môça do Campo,
Flauteio agudo da Vaca;
Que aceitará um toque sôbre a Erva,
Ai, casar, e agradecer a você também.

Suas Côres são tão frescas quanto as da Rosa em Junho
Seu temperamento tão meigo quanto o de uma Pomba;
Ela agradará o Namorado com uma completa Cantiga,
E de graça lhe dará seu Amor.

Balada Inglêsa, c. 1719

tornaram mais apropriadas em seu caso. Esta é a classe que foi mais exposta à literatura popular de casamento escapista, que surgiu da reunião do romance adúltero da classe superior com as histórias simples de casamento camponês. Na medida em que a literatura manteve o caráter essencial do casamento em foco, as histórias de amor e casamento permaneceram ambíguas e inteligentes, mas amor verdadeiro estava prestes a se tornar uma frase de efeito: o campo a usara para significar suas uniões inocentes levando a uma vida de dificuldades e esforços compartilhados; os reformadores religiosos acrescentaram a noção que extraíram das escrituras, "Regozija-te na mulher de tua juventude, possam seus seios deleitar-te sempre." O prazer sexual dentro do casamento era sagrado, embora o casamento fôsse também tido como sendo um remédio para a luxúria, já que uma boa espôsa restringia a paixão de seu marido e praticava modéstia e continência dentro do casamento, especialmente quando gerando. Considerava-se que indulgência irrestrita levava à doença, esterilidade, aversão e deformidade da prole. Por esta razão considerava-se particularmente horrível quando uma mulher casava contra seu melhor juízo. Originalmente tinha-se como um êrro casar com uma mulher com a qual você esteve "in amors", a cujos pés você se espojou e chorou, para quem você fêz poemas e canções de exaltação. Shakespeare fêz seu comentário sôbre a disparidade entre o que é prometido à mulher cortejada e o que a espôsa pode realistamente esperar em seu retrato de Luciana e Adriana em **The Comedy of Errors.** A divina senhora estava para se transformar numa espôsa horas após seu casamento: a deusa iria encontrar-se empregada como criada-chefe.

A despeito de tôdas as pressões em contrário de reformadores religiosos, poetas e dramaturgos inteligentes, e o desesperado interêsses de pais proprietários em reter o contrôle do comportamento matrimonial, amor-e-casamento ganhou corpo, terminando naquele triunfo do lugar comum meloso, o casamento branco. Parte da explicação pode ser encontrada na história do que aconteceu ao petrarquismo na Inglaterra Protestante. A série de sonetos inglêses da década de 1590 era ou francamente adúltera como os de Sir Philip Sidney ou totalmente hororífica como a paixão artificial de Daniel pela Condessa de Pembroke. Wyatt tinha sido incapaz de afastar uma nota de genuína tensão física em suas traduções dramáticas e coloquiais de Petrarca, mas nunca cessou de lutar com esta sensualidade irrelevante. Sidney não fêz tal esfôrço. Seus sucessos sexuais com Penelope Rich são relatados em sua poesia.[18] A reação a esta licença, numa sociedade em cruzada em prol do casamento, como uma condição sagrada, e profundamente cônscia das diferenças na prática da nobreza após meio século de escândalos, não tardou a aparecer no mesmo nível literário. Os Puritanos faziam agitação visando castigos mais severos para a fornicação, quando ficar de pé à porta da igreja num lençol branco era tratado por alguns valentes como um sinal de proeza e prestígio. A reação ao elemento adúltero na literatura da côrte da década de noventa pode ser encontrada nos epitalâmios que eram escritos como obras de divulgação do casamento. O de Spencer, o melhor dêles, foi também virtualmente o primeiro, pois seus precedentes eram na maioria fesceninos e imitações de latim. Nêle o autor combinava reminiscências de modos rurais de celebrar esponsais com imagens do Cântico dos Cânticos e uma injeção platônica de veneração pela beleza intelectual. O resultado é um triunfo poético, embora a seqüência do soneto do qual êle é o clímax seja um fracasso. A adoção do modo petrarquiano para descrever os passos metódicos da celebração muito apropriada de Spencer é simplesmente um êrro que continua a ser feito. A angústia e obsessão do amante petrarquiano é artificialmente estimulada por sua prometida legal com requintes de melindres e caprichos: o louvador oficial se entrega a fictícios frenesis a uma careta do pai dela.[19] William Habington seguiu o nôvo padrão de casamento petrarquiano numa pavorosa seqüência chamada **Castara,**[20] que devia ter provado sem ulterior discussão que o adultério fornecia maior inspiração que o casamento. Os dramaturgos saíram-se melhor que os poetas, em estabelecer o casamento como o **non plus ultra** do amor romântico, mas a verdadeira fonte do mito de casar-se-e-viver-feliz-para-sempre é aquela forma de arte inventada para encher as horas vagas de espôsas ociosas, o romance de amor.

Pamela, de Richardson, é a fonte de todos, mas teve vários exemplos em que se basear para seu próprio surgimento. A invenção da imprensa significou que a literatura não era mais a prerrogativa da nobreza, e o desenvolvimento na educação sob os Tudors, reforçados

pela ansiedade protestante de que todos deviam ler a Bíblia, conduziu ao desenvolvimento de um mercado para tôdas as formas de literatura escapista, muitas das quais tratavam o casamento como uma aventura. As filhas de burgueses já estabelecidos e em ascenso aprendiam romances nas mesmas fontes onde aprendiam a usar garfos e facas e como evitar arrotos em público. A noção de casamento como façanha apareceu primeiro nas histórias, como as contadas sôbre o gentil ofício de sapateiro, histórias do rapto de princesas por humildes remendões.[21] Pedaço por pedaço a história arquétipo da conquista do nobre pelo virtuoso plebeu como a Linda Donzela de Fressingfield foi construída. [22] Os romances de Nashe, Defoe e outros escritores picarescos não eram leitura apropriadas para damas. Moll Flanders e Fanny Hill não eram heroínas convenientes para o sexo frágil. O padrão das provações de **Pamela** é o mesmo da **Legenda Dourada,** em que santas virgens combatem tôdas as maquinações do demônio e seus agentes terrestres para apresentar-se como espôsas imaculadas ao próprio Cristo no céu.[23] O divino espôso de Pamela é o nobre e o céu, vários milhares de libras por ano. Richardson continuou a história, mas seu fim correto, caso a história deva corresponder à estrutura da fantasia sexual, é a entrada na vida de casada e inimaginável bem-aventurança. Os seguidores de Richardson não tentaram descrever o indescritível. O grosso da indústria do romance foi mantido até nossa própria época pelas bibliotecas de empréstimos, que dependem muito da categoria chamada **romance,** literatura escapista de amor e casamento vorazmente consumida por donas de casa. Agora o mercado é contestado pelas brochuras baratas, pelo cinema, revistas femininas, quadrinhos de amor e fotonovelas. Gillian Freeman recebeu oferta de trabalho de uma revista para mulheres que expôs seu enrêdo básico neste têrmos:

> A môça da história pode ser uma secretária... o namorado tem de ser socialmente mais elevado do que ela — pode ser o filho do patrão, um executivo de propaganda, um estudante ou um militar... ou um jovem médico. A história tem de ter um final feliz, não deve haver menção de religião ou raça, e o amor tem de ser restrito a um beijo.[24]

O mito ainda está tão amplamente difundido como sempre, embora se considere ruidosamente que a moral permissiva tenha feito grandes estragos nêle. Êle não tem relação demonstrável com o que realmente acontece na maioria dos casos, mas êste fato mesmo em nada se reflete sôbre sua oscilação como mito. O mito sempre dependeu dos riscos, da boa aparência, do encanto, da consideração de um homem num milhão. Há bastante mulheres preparadas para se

> **Há possibilidade de que, quando um rapaz a convida para jantar, você seja alguém muito especial em sua vida. Um compromisso para jantar significa que êle não se incomoda de gastar uma carteira cheia de dinheiro com você — e o que é mais importante, uma grande quantidade de tempo lá sentado a uma mesa em frente de você com nada para fazer**

senão comer e conversar. E também significa que êle espera orgulhar-se de você enquanto a segue e ao chefe dos garçons até a mesa.

"Datebook's Complete Guide to Dating", 1960, pág. 115

jactar de haver agarrado um homem num milhão, capazes de persuadir outras mulheres que seu fracasso em encontrar um homem bastante rico, bastante bem-parecido, bastante hábil como amante, bastante atencioso, é um reflexo de seus méritos e podêres de atração inferiores. Mais da metade das donas de casa dêste país trabalham fora do lar bem como dentro, porque seus maridos não ganham o suficiente para mantê-las e aos filhos num padrão de vida decente. Ainda maior número sabe que seus maridos são barrigudos, pequenos, raquíticos e roncam ou cheiram ou deixam a roupa espalhada pela casa. Uma proporção muito alta não encontra felicidade no beijo conjugal e a maioria se queixa de que seus maridos esquecem de pequenas coisas que contam. E contudo o mito não está invalidado como um mito. Há sempre uma circunstância atenuante, o govêrno, impostos altos, trabalho sadentário, doença ou talvez um simples engano ou uma falha no caso individual, que pode ser invocada para explicar sua divergência da norma mítica. A maioria das mulheres que seguiu a direção indicada pelo mito faz um ato de fé de que, a despeito das dificuldades do dia a dia, são felizes e continuam afirmando-o em face da clamorosa contradição dos fatos, porque confessar desapontamento é admitir fracasso e abandonar o esfôrço. Nunca lhes ocorre procurar a causa de sua infelicidade no próprio mito.

As mulheres das classes mais baixas sempre trabalharam, quer como empregadas, trabalhadoras manuais ou costureiras ou empregadas de suas próprias casas, e podíamos esperar que o mito da classe média não prevalecesse tão fortemente em suas cabeças. Mas é um triste fato que a maioria das famílias da classe trabalhadora está seguindo um padrão de "progresso" e "automelhoria" nas fileiras da classe média. Em muitos casos o trabalho da espôsa é tratado como um tapa-buraco, uma contribuição para comprar uma casa ou mobiliá-la, e o marido onipotente olha para o futuro esperando o dia em que ela seja capaz de ficar em casa e ter os bebês. Êles também consideram, mesmo se não podem consegui-lo exatamente, que a **mamãe** devia estar em casa, deixando-a agradável para o papai e as crianças. Em casos extremos, um marido pode mesmo se opor à visão de sua mulher esfregando o assoalho como uma afronta a seu romantismo masculino. Com demasiada freqüência o trabalho de sua mulher lhe fornece os bens ou a hipoteca necessários para admiti-lo uma vez por tôdas na classe média; por detrás disso o mito oculta-se seguro e incólume.

O casamento é a cerimônia principal da mitologia da classe-média, e funciona como a entrada oficial dos espôsos no **status** de sua classe média, êste é o significado real de economizar para o casamento. O jovem casal luta para estabelecer uma imagem de vida

confortável que serão forçados a levar nos anos que se seguem. As decisões sôbre o custo da cerimônia são talvez menos importantes do que a escolha de uma loja onde colocar a **lista.** Quanto maior classe as famílias possam fingir, mais podem conseguir por meio de presentes no casamento, em chás de panela e semelhantes. Uma lista colocada na loja mais cara da cidade introduz o casal e suas famílias no grupo de alto-consumo. O resultado é grande negócio e mútua satisfação. Harrods assegura à noiva que tudo que ela tem de fazer é "achar o noivo, nós faremos o resto". Algumas casas bombardeiam as môças cujo noivado é anunciado nos jornais com con-

> **... quando através da organização social e econômica do homem ela tornou-se dependente, e quando em conseqüência êle começou a selecionar e escolher... as mulheres tiveram de encantar para viver; e elas não só empregaram as artes passivas inatas em seu sexo, mas lançaram mão de todo o brilho que tinha sido um dos acessórios do homem ao fazer a côrte, mas que êle havia dispensado quando a superioridade adquirida por meio de profissões ocupacionais habilitaram-no a agir assim. Sob nova estimulação para ser atraente, e com a adição do ornamento ao repertório de seus encantos, a mulher assumiu uma atitude quase agressiva em relação à côrte...**
>
> W. I. Thomas, "Sex and Society", 1907, pág. 235

vites para que coloquem suas listas com elas. Uma loja em Londres arrecada dois ou três milhões de libras por ano neste negócio, principalmente manipulando a mãe da noiva. As lojas mais finas esperam que uma lista garanta um movimento de cêrca de 500 libras, embora descubram, para tristeza delas, que apenas metade dos convidados compra ali os presentes. Já se estabeleceu um verdadeiro padrão em que a noiva inicia e controla todo êste consumo espetacular, exatamente como o vestido e as jóias da noiva e os atavios das convidadas estabelecerão a moda de todo o clã, da mesma forma como sua amiga calculava-lhe o sucesso nos riscos do casamento pelo tamanho da pedra que exibia ao ser anunciado o noivado. O fator de elevado consumo é mantido por meio das imagens de filmes, peças e livros sôbre casamento, em que todo lar é quente e iluminado, tôda espôsa, esbelta e elegante, e todo marido, cheio de sucesso.

> **Nada tem de surpreendente tomar conhecimento do número de homens cujas espôsas não alcançam um clímax satisfatório. Já que os vibradores foram mencionados, posso acrescentar que não precisa ser o modêlo a bateria com forma de pênis, que é difícil de "disfarçar" se fôr descoberto pelas crianças. Temos um Pifco standard que é realmente fantástico. Eu desafiaria qualquer um a pretender que sua mulher não atingiria um magnífico clímax se seu clitóris fôsse estimulado com um dêstes.**
>
> R. W. (Cheshire) Forum, Vol. 2, n.º 8

O mito penetra sem esfôrço, como a esperança perdida de ganhar o bôlo. Qualquer gasta mulher sobrecarregada lendo sôbre a mulher de um milionário no **Sunday Times** pode sonhar que tinha "três filhos, uma cozinheira, governanta, uma babá, duas fa-

xineiras, dois jardineiros, um Rolls-Royce, um Fiat, um carro para o pessoal, um helicóptero, uma casa de campo em Cheshire, uma cobertura londrina em Belgravia" e "meu marido comprou-me uma adorável bolsinha de crocodilo de Gucci que combina com a maioria das coisas. Claro que não sei quanto custou. Também me deu um mink, marrom-escuro, de Maxwell Croft, que dá pràticamente para viver dentro. Compro meus **negligées** e camisolas de Fortnum's, é claro. Não tenho idéia de quanto custam. Às vêzes são presentes de meu marido, o que me agrada muito... Meu marido é formidável em presentes de jóias".[26] Estaria tudo estragado se a mulherzinha lendo seu **Sunday Times** tivesse uma visão da secretária do industrial lembrando-lhe que era o aniversário de casamento dêle, e aproveitando a hora do almôço para ir com um cheque apanhar uma peça selecionada pelo encarregado de vendas do joalheiro. O amor parece perecer na escassez ou se tornar subterrâneo, de modo que a valente espôsa diz "Eu sei que êle me ama. Êle não diz muito e nós passamos isto de agrados e presentes. Mas êle nunca faz nada que me fira ou

> **Sabemos que todo homem instintivamente procura a mulher para ser castigado. É uma emoção natural nascida da relação mãe e filho. Sou uma parceira de boa vontade no desejo repetido de meu marido de ser disciplinado, não simplesmente pelo erotismo do fato mas porque meus esforços neste campo são amplamente recompensados de outras maneiras.**
>
> **Descobri que meu marido tem um desejo quase insaciável de me agradar, não só em questões sexuais mas também em assuntos domésticos gerais. Êle assumiu a responsabilidade pelo trabalho caseiro, compras, lavar e passar. Basta mencionar que preciso de uma nova prateleira, que o forno precisa ser limpo ou uma sala decorada para encontrar tudo feito num abrir e fechar de olhos. Estou agora encorajando-o a se interessar por arte culinária.**
>
> **Estou convencida, não só por minha própria experiência mas também de outros casamentos, que meu marido não é anormal. Tenho certeza de que nove maridos em 10, se suas mulheres lhes perguntassem se queriam ser açoitados, responderiam que sim.**
>
> Mrs.) L. B., Essex. Forum, Vol. 2, N.º 3

as crianças." É fácil imaginar que o amor sobrevive numa cabana com rosas em tôrno da porta, ou num acasa em Cheshire com uma cozinheira-governanta, uma babá, dois jardineiros e duas faxineiras, onde a dona da casa está sempre perfumada e bela, coberta de finos tecidos de Fortnum's, descansada e feliz nos braços amorosos de seu triunfante marido.

Mas não é verdade e nunca foi, e agora com certeza nunca será.

FAMÍLIA

Mãe pata, pai pato e todos os bebês patinhos. A família governada e mantida pelo pai, amamentada e educada pela mãe, parece-nos inerente à ordem natural. Enquanto mamãe gorila está amamentando e embalando, papai gorila monta-lhe guarda, defendendo-a dos perigos da selva. Mesmo quando a selva não tinha perigos, Adão cavava e Eva fiava e Deus, o pai, era seu papai e passeava com êles ao crepúsculo, se tivessem sido bons. Quando foram maus sofreram a expulsão do jardim e começaram uma família própria. Seus filhos brigaram como fazem os irmãos e o homicídio atingiu o mundo. Algures nos Apócrifos ocultava-se Lilith, a mulher destruidora, que oferecia amor e licenciosidade e ameaçava a estrutura familiar. Os netos de Adão consorciaram-se com as filhas da carne. O mito da origem da família patriarcal no Antigo Testamento é ambíguo: o pai é vingativo, a mulher é seu vassalo, os irmãos executam o primeiro crime, homicídio pelo amor do pai, enquanto a meretriz acena do lado de fora da prisão da domesticidade. Mas desta fonte o cristianismo moderno desenvolveu seu próprio paradigma da família nuclear e o considerou refletido na lei natural. A estrutura do Estado, ingênuamente considerado como nada mais que uma coleção de famílias, reflete o princípio natural; o rei/presidente é um pai benigno, mas justo, de uma imensa família. O Igreja também reconheceu um cabeça, um **locum tenens** para o Próprio Deus. O homem era a alma, e a mulher o corpo: o homem era a mente e a mulher o coração; o homem era a vontade e a mulher as paixões. Os meninos aprendiam seu papel masculino com o pai e as meninas seu papel feminino com a mãe. Parece claro, simples e imutável. O pai era responsável por seus dependentes; possuía a propriedade, transferia-a a seu filho mais velho junto com seu nome. A cadeia de comando dos mais velhos aos mais pobres vassalos estava completa.

E, no entanto, o que parece tão essencial e inevitável é por completo contingente. A família patrilinear depende da dádiva gra-

tuita, por parte das mulheres, do direito de paternidade aos homens. Paternidade não é uma revelação intrínseca; não pode ser provada,

> **A moderna família individual é baseada na escravização aberta ou disfarçada da espôsa... Dentro da família êle é o burguês e sua mulher representa o proletariado.**
>
> Friedrich Engels
> "The Origin of the Family" (1943) pág. 79

exceto negativamente. A vigilância mais intensa não assegurará absolutamente que qualquer homem seja o pai de seu filho.

> Não há maneira de os homens serem mas
> As mulheres devem ser semitrabalhadoras? Somos tôdas bastardas... [1]

Quando havia propriedade para transferir e legitimidade para ser garantida, era imperativo rodear as mulheres com guardas, mantê-las em um lugar, conservando sua curiosidade natural e desejo de movimento e expressão o menos desenvolvidos possível. O cinto de castidade, que barões guerreiros afivelavam em tôrno de suas mulheres quando iam para a guerra, era o emblema externo da luta infrutífera, a tentativa de erguer uma barricada para um ventre. Hoje em dia as mulheres exigem confiança e oferecem sua garantia gratuita referente à maternidade, honrando o contrato que fizeram, de ser protegidas, alimentadas e abrigadas em troca da garantia de imortalidade em descendência legítima.

À família, que se estabelece quando um jovem instala sua noiva numa moradia particular, não é realmente bem planejada para preencher as funções de garantir paternidade. A espôsa é deixada sòzinha a maior parte dos dias sem **chaperone**: o grau de confiança exigido é proporcionalmente maior. O ambiente doméstico moderno não tem nem criados nem parentes para salvaguardar os interêsses do marido e contudo parece natural e apropriado, como o resultado lógico de tôdas as outras formas patriarcais que o precederam. De fato a família de um único casal, que é chamada pelos antropólogos e sociólogos de família **nuclear,** é possìvelmente o sistema familiar de vida mais curta jamais desenvolvido. Nos tempos feudais a família era do tipo chamado uma família **tronco** (linhagem): o cabeça era o progenitor masculino mais velho, que governava numerosos filhos e suas mulheres e crianças. O trabalho da casa era dividido segundo o **status** da mulher em questão: as filhas solteiras lavavam, fiavam e teciam, as espôsas em época de ter filhos cuidavam dos bebês, as mais velhas educavam e disciplinavam as crianças, e cuidavam da cozinha, a espôsa mais velha supervisionava o andamento suave de tudo. O isolamento que torna o lar da vila de tijolo vermelho tão neurótico não existia. Havia fricção mas não tinha oportunidade de constituir-se na intensa angústia introvertida da confrontação ôlho-a-ôlho dos esposos isolados. Problemas de família podiam ser debatidos abertamente no **forum** familiar e as decisões dos mais velhos eram honradas. Amor romântico como motivo para coabitação dificilmente era im-

portante. Um homem apenas necessitava desejar gerar por meio de uma mulher que se inserisse em seu ambiente doméstico. Desapontamento, ressentimento e enfado tinham menos campo. As crianças se beneficiavam com o arranjo e, em certas partes da Grécia, Espanha e Sul da Itália, isso ainda acontece. Alguém, mesmo que apenas o avô ou um tio ou uma tia solteiros, sempre tinha tempo para responder perguntas, contar histórias, ensinar novas habilidades ou ir pescar. Logo que as crianças podiam andar sòzinhas, tinham uma pequena responsabilidade — as galinhas, ou o pombal, um carneiro ou um bebê para cuidar. Não eram mandados para a cama num quarto escuro enquanto seus pais conversavam na cozinha, mas eralhes permitido ficar a escutar e aprender até que adormecessem nos braços de alguém. Então eram calmamente despidos e postos na cama sem despertar. Não podia haver fôsso de gerações porque o lar representava todos os grupos etários. Quando vivi numa minúscula choupana no Sul da Itália vi uma tal família bravamente mantendo-se unida, a despeito da mais cruel pobreza e da ausência da maioria dos homens que estavam trabalhando na Alemanha; e seus filhos eram mais felizes, menos acanhados e irritáveis do que quaisquer outros que jamais observei. Como tôdas as famílias da vizinhança eram aparentadas, a comunidade era fortemente coesa. As exigência de tal vida grupal criara fortes regras de decôro que eram sempre respeitadas. Teríamos morrido de fome se não fôsse pela troca de quaisquer mercadorias que as famílias-parentes tinham em excesso pelas nossas próprias superabundâncias, pois não podíamos obter comida pelos preços exorbitantes que os latifundiários pediam no mercado aberto.

A família-tronco pode fornecer uma fonte de coesão que é inimiga do contrôle estatal por sua imobilidade e sua lealdade maior a si mesma. Quando o princípio é exercido em desobediência à autoridade instituída, pode tornar-se a infame **famiglia** da Máfia. Os rituais de honra familiar envolveram as manifestações anti-sociais de **vendetta** e **omertà,** mas não são importantes até que a comunidade familiar, regional, seja ameaçada por autoridade política. Os libertadores americanos foram rápidos em ver a importância organizacional da Máfia na Sicília; o que não viram foi que o tipo de coesão que procuravam explorar já era anacrônico e econômicamente inviável.

Os efeitos de industrialização e urbanização na mudança do padrão de povoamento e na exigência de mobilidade de trabalho apressou a decadência da família-tronco, que declinou na Europa Ocidental um pouco antes do século dezesseis. As mudanças na posse da terra, a decadência da autoridade regional, a centralização do govêrno, cercados e desenvolvimento de rendas monetárias e ausência dos terratenentes, tudo representou seu papel no desenvolvimento da família nuclear, e contudo só recentemente é que a família nuclear minguou a ponto de se tornar o tôco de vida comunitária que é hoje. Quando a maior proporção da comunidade trabalhadora estava

operando em grandes unidades domésticas, quando solteironas e filhos solteiros viviam em casa, quando filhos e filhas eram freqüentemente mandados trabalhar em outras casas, a família permanecia orgânica e aberta a influências externas. Maridos e mulheres não podiam entregar-se a excessiva introversão no referente a suas relações, que eram firmemente reforçadas pelas leis contra divórcio, pela opinião pública e pelo tamanho incontrolado das famílias. Pais idosos eram mantidos e cuidados no lar. Mas não havia mais um negócio familiar, não havia mais uma herança a ser desenvolvida e trabalhada. A densidade da comunidade urbana provocou afastamento de vizinhos imediatos, e a necessidade de encontrar trabalho levou os filhos para fora da esfera imediata da família. O resultado da educação afastou famílias e de maneira mais decisiva quando a educação compulsória criou uma geração mais letrada do que seus pais. A gradual expansão da educação de uma geração para outra está prolongando êste efeito. Na ocasião em que Ibsen e Strindberg estavam escrevendo suas tragédias domésticas a família se tornara uma prisão em que os jovens lutavam para escapar à mão morta dos velhos, em que a comunidade externa só era representada pelo policial, o médico e o pároco, em que os criados eram estranhos e inimigos de classe. A moralidade puritana resultara em hipocrisia, frustração e pornografia. Marido e mulher dançavam uma dança de homicídio diuturno. O pai-protetor, incapaz de assumir qualquer outro campo de superioridade ou proeza, era principalmente árbitro moral embora não capacitado para o papel: a espôsa era uma boneca, desiludida com o marido, confusa e amargurada por sua própria ociosidade e insignificância. A síndrome do lazer por delegação, que Veblen descreve, completara o círculo. As ocupações femininas eram mais notàvelmente insignificantes do que nunca. O amarguramento dos parceiros do casamento tornara-se tão evidentemente destrutivo que começaram a ser promulgadas leis para facilitar o divórcio na maioria dos países ocidentais. As mulheres começaram a clamar pelo direito de trabalhar fora do serviço doméstico, e a indústria em expansão veio a necessitá-las, especialmente com as depredações que a 1.ª Guerra Mundial causou na mão-de-obra. O número de mulheres solteiras tornou-se maior, agravando um problema que existira desde o comêço do século. Gradualmente as grandes casas vitorianas foram subdivididas em unidades menores. Em resposta às exigências de maior densidade habitacional o apartamento proliferou. Cada vez mais as funções da unidade doméstica grande foram entregues ao Estado: o cuidado dos velhos, dos doentes e doentes mentais e retardados.

A família da década de sessenta é pequena, autocontida, autocentrada e de curta duração. O jovem se afasta de seus pais assim que pode, seguindo oportunidades de treinamento e emprêgo. As

Se a estrita monogamia é o cume de tôda a virtude, então a palma vai para a solitária, que tem um jôgo completo de órgãos sexuais masculinos e femi-

ninos em cada uma de suas proglótides ou segmentos e gasta tôda a sua vida copulando em tôdas as suas secções consigo mesma.

Friedrich Engels
"The Origin of the Family" (1943) pág. 31

crianças vivem suas vidas mais plenamente na escola, os pais no trabalho. A mãe é o coração morto da família, gastando os ganhos do pai em bens de consumo para engrandecer o meio em que êle come, dorme e vê televisão. Desde a guerra as crianças tendem cada vez mais a criar maior número de grupos vitais próprios, assumindo características tribais de vestir e comportamento ritual. Mesmo as môças tendem a ir trabalhar e montar casa com outras môças nos enormes cinturões-dormitórios das grandes cidades. A espôsa é apenas importante quando está criando e educando as crianças pequenas, porém as condições sob as quais ela executa êste importante trabalho, e a confusão que existe no referente à maneira apropriada de realizá-lo aumentam seu isolamento da comunidade e intensificam a relação do filho com os pais nesses primeiros anos.

A môça trabalhadora, que casa, continua a trabalhar por um período após o casamento e se retira para procriar, dificilmente está equipada para o isolamento da família nuclear. Sem levar em conta se ela gostava do trabalho subalterno de datilógrafa ou vendedora ou garçonete, ela pelo menos tinha liberdade de movimento em certo grau. Seu horizonte se reduz à casa, ao supermercado e à televisão. Seu filho é por demais cuidado, atendido com demasiada diligência durante o dia e, quando seu marido retorna do trabalho, logo banido do mundo adulto e mandado para a cama para que papai possa descansar. A situação edipiana que é sempre duplicada no casamento é agora intensificada a um grau que Freud teria considerado assustador. O pai é muito verdadeiramente um rival e um estranho. Durante o dia a criança pode ser intimidada tanto quanto mimada: o que é certo é que ela tem demasiada atenção da única pessoa que está a seu dispor. A intimidade entre mãe e filho não

O complexo reconhecido pela escola freudiana, e por ela tomado como sendo universal, quero dizer, o complexo de Édipo, corresponde essencialmente à nossa família ariana patrilinear com o desenvolvido "patria potestas", reforçado pela lei romana e moral cristã, e acentuado pelas condições econômicas modernas da burguesia bem colocada.

Bronislaw Malinowski
"Sex and Repression in Savage Society", 1927, pág. 5

é mantenedora e saudável. A criança aprende a explorar a acessibilidade de sua mãe, atormentando-a com perguntas e exigências que não têm nenhuma conseqüência real para a própria criança, embaraçando-a em público, chantageando-a para que compre doces e o carregue. Dependência não significa amor. A atitude da criança em relação à escola, que a leva para longe da mãe após cinco anos de intimidade, é tão ambivalente quanto seus sentimentos a respeito

da última. Na medida em que é uma fuga, é bem recebida, mas quando se torna exigente, a criança acha que pode jogar mãe e escola uma contra a outra. Os ciúmes que as mães têm da escola e a tentativa da escola em estabelecer uma fonte de contrôle sôbre a criança podem resultar em situações altamente carregadas. A natureza anti-social desta relação mãe-filho é muito evidente para os professôres, em especial quando é uma questão de disciplina ou tratamento de um distúrbio emocional. [2]

A infeliz espôsa-mãe também se descobre anti-social de outras maneiras. O lar é sua incumbência, e lá ela está solitária. Quer que sua família gaste tempo com ela, pois sua única importância está na relação com aquêle grupo quase fictício. Luta para prender os filhos a ela, impondo restrições, esperando acordada por êles, se intrometendo em seus negócios. Êles caem cada vez mais na não-comunicação e em desdém tênuemente velado. Ela implora ao marido que não saia com os companheiros, espantando-se de que êle seja capaz de ficar no futebol debaixo de chuva e depois estar cansado demais, no dia ensolarado, para consertar o telhado ou cortar a grama. Queixa-se cada vez mais de que não se importa com o que os filhos fazem, que não quer mais saber de todo o encargo da disciplina, que ninguém fala com ela, que ela é ignorante, que deu os melhores anos de sua vida a um punhado de mandriões ingratos. Política é um mistério aborrecido; o esporte é evidência de que os homens fracassaram em tornar-se adultos. A melhor coisa que pode acontecer é que ela recomece onde havia parado e volte a trabalhar num emprêgo que era apenas uma ocupação provisória quando o iniciou, no qual não pode esperar promoção, nem remuneração importante, nem alargamento de seus horizontes, pois as exigências do lar ainda têm de ser satisfeitas. Trabalhos de todos os tipos se tornam um hipnótico. Ela limpa, tricota, borda. E assim por diante.

Mulheres que tentam contrabalançar a tendência da família nuclear para isolá-las de contactos sociais têm dificuldades peculiares. Anne Allen relatou esta conversa com uma jovem mulher casada, no **Sunday Mirror**:

> "Veja", ela disse. "Temos cêrca de uma dúzia de verdadeiros bons amigos. Gente a quem sou mais chegada do que a qualquer pessoa de minha família. Pessoas a quem quero mais bem e conheço melhor.
>
> "Mas o que acontece? **Temos de nos organizar para podermos nos encontrar.** Alguém tem de achar uma **baby-sitter.** O outro casal sente-se obrigado a fazer um belo jantar para nós.
>
> Então ou o bebê está doente, ou alguém se sente cansado, e você desejaria não ter inventado a coisa. Ou todos nos divertimos tanto que é realmente triste que tudo tenha de acabar tão cedo.
>
> Mas imagine só como seria se um grupo íntimo de amigos vivesse num edifício ou numa rua. Podia acontecer.
>
> Há arquitetos trabalhando em um ou dois edifícios especialmente planejados onde cada um tem seu próprio pedaço e uma imensa área-de-estar comunal.

Pessoalmente não suportaria participar sexualmente, e me sairia tão mal como minha mãe se tivesse de dividir uma cozinha. Valorizo demais minha intimidade.

Mas há dezenas de ocasiões em que anseio por alguém com quem conversar durante o dia. Ou quando estou sozinha se meu marido trabalha noite adentro. Ou quando êle e eu estamos discutindo e desejo sair por uma hora.

Não consigo pensar em outra maneira de viver senão com meu marido e nossos melhores amigos em tôrno de nós. Afinal milhares de pessoas se tornam amigas íntimas de seus vizinhos. Estaríamos apenas invertendo o processo." [3]

Era uma vez, quando todo mundo vivia numa casa cheia de amigos com grandes áreas comunais, em que as ruas estavam cheias de amigos porque a imobilidade da comunidade significava que todos os seus membros se conheciam e à história de suas famílias. O sistema tem suas desvantagens: o não-conformismo muitas vêzes revelou-se intolerável, e a constante atenção de tôda a comunidade às ações dos indivíduos tem desvantagens mais marcantes que as vantagens. Numa tal comunidade uma velha senhora não poderia jazer quatro dias no patamar da escada de sua casa com o fêmur quebrado, mas por outro lado uma mulher não pode conduzir um caso amoroso proibido. Hoje em dia as pessoas vivem mais do que nunca perto umas das outras, mas é um isolamento superpovoado. Os blocos citadinos contêm dezenas e dezenas de pequenas famílias que têm muita coisa em comum, mas são estranhas entre si. Suas portas de entrada fecham um mundo privado que não pode se comunicar além dos vazios corredores e escadas exceto para se queixarem do barulho dos outros. As mulheres que observam seus filhos brincarem nas áreas comuns apenas conhecem os pais das outras crianças quando algum ultraje exige interferência paterna. O espírito de competição com muita freqüência faz com que cada família se entregue a uma fantasia de superioridade racial, moral, religiosa ou de classe. Planejadores urbanos lamentam que os moradores não tratem de manter suas áreas comunais limpas e agradáveis, e as vítimas dêste enfurnamento queixam-se de que as cidades causam ansiedades especiais ligadas com a altitude e encapsulamento. Subindo e descendo nos elevadores nunca se vêem, não podem se ver nas janelas, ou tagarelar à entrada enquanto limpam o capacho. Tentativas sem espontaneidade para estimular a intimidade não surtem efeito. As mulheres ciumentamente mantêm a separação de suas unidades domésticas, temendo todo tipo de corrupção imaginária de seus filhos e de sua maneira de vida pelas incursões de estranhos. A dona de casa de Anne Allen rejeita a possibilidade de participação sexual, mas pelo menos a considera abertamente. A comunidade de parentes salvaguarda seus próprios relacionamentos sexuais por restrições ao incesto, que não tinham justificação inicial em temores do resultado da endogamia, que não era conhecido pelos primeiros promulgadores de leis antiincesto. Mulheres que moram em blocos

citadinos podem não temer de modo consciente os efeitos da intimidade com mulheres estranhas, mas a tensão lá está. Talvez o fracasso de tal vida comunitária pudesse ser evitado pela inclusão de um bar-lanchonete e de uma lavanderia em cada bloco, mas economicamente pareciam que os encargos, sendo incansàvelmente duplicados em cada cápsula, deviam ser compartilhados se fôsse para resultar uma genuína interação orgânica.

Os resultados arquiteturais da família nuclear são universalmente julgados desastrosos: a descontrolada expansão de povoamentos em faixas, de quilômetros cobertos de pequenas caixas, arruinou a aparência de tôdas as nossas cidades. A manutenção de tais áreas é proibitivamente cara, é difícil de arranjar acesso aos serviços. Os defensores da urbanização de alta densidade têm de seu lado a praticabilidade e o confôrto. O que êles não percebem é que a família nuclear está indo contra êles; não há montante de investigação antropométrica, nenhuma orientação hábil de unidades habitacionais limpas e eficientes para luz e calor e vistas amplas que possam romper a suspeita que a unidade edipiana sente com relação a outras de sua espécie. As pressões e tensões da introspecção conjugal não podem tolerar um horizonte mais amplo. Uma alternativa é considerar o empregador como pai, tal como acontece em povoações construídas especialmente na América, onde os empregados das firmas são instalados segundo os vencimentos e a posição e encorajados a reunir-se. As mulheres se tornam espôsas de corporação. A convivência é de efeitos incontroláveis. A longo prazo os resultados são, pelo menos para mim, inimagináveis. Todo o aspecto da vida familiar acaba sendo dominado pela firma; assim como o infeliz sujeito consegue seu emprêgo com uma avaliação de personalidade relacionada com tôda a sua família, êle tem de desempenhar seu papel na firma em todo e qualquer aspecto de sua vida pessoal. Mesmo seu desempenho sexual pode tornar-se uma questão de negócios: Masters e Johnson delinearam a norma hedonística. Nenhum servo, debatendo-se sob a lei de **jus primae noctis,** entregando seus filhos ao serviço do senhor feudal, jamais passou tão mal. Tão seguramente quanto qualquer mineiro da corrida do ouro ou escravo liberto, êle deve sua alma ao armazém da companhia. A conseqüência lógica do contrôle de emprêgo sôbre o movimento de trabalho ocorreu. Sua segurança continuada depende do comportamento de tôda a sua família; o resultado desejado é imobilidade e prognosticabilidade. É por isso que esposos de um ambiente restrito têm uma libido média mais baixa do que outros; porque se tornaram gordos ratos brancos num laboratório higiênico, não por causa da proximidade de suas mulheres, como pretendeu Lionel Tiger.[4] Papai Grande, o empregador, o espectro que adeja sôbre **Who's Afraid of Virginia Woolf,** castrou seus filhos. O padrão de decadência americana é a embriaguês comunal, primeiro de tudo, que é o único caminho para comportamento sem

censura, e, ùltimamente, troca de espôsa, a forma de incesto do século vinte:

> No outono de 1962, os dois casais estavam extàticamente, escandalosamente íntimos. Frank e Marcia estavam deliciados por serem deixados juntos tantas vêzes sem o procuraram. Janet e Harold em particular troçavam dos estratagemas agora transparentes dos outros dois amantes. Estas brincadeiras começaram a transparecer nas conversações a quatro...
>
> Os outros casais começaram a chamá-los os Applesmitha... "Não sentem isso? Está tão **errado**. Agora somos realmente corruptos. Todos nós."

Permuta de espôsa é advogada a sério por escritores em "jornais de relações humanas", como **Forum,** a título de ser um método revitalizador de casamentos que se deterioraram. Comportamento partilhado, mas secreto, cimentará qualquer grupo numa conspiração, mas os resultados podem ser difíceis de agüentar. Mudar de parceiro é uma atividade tão completamente destituída de espontaneidade, tão divorciada dos caprichos do genuíno desejo sexual, que não passa de uma variante na dança quadrada. Numa tal transação o sexo é o sofredor: a paixão torna-se libertinagem. Efetuar as mudanças a fim de **obter prazer** disfarça o aborrecimento, mas não restaura a vida. O sexo em tais circunstâncias é cada vez menos uma forma de comunicação e cada vez mais uma diversão. Como bingo, tobogã, iô-iô, é divertido. Manejável, diversão caseira. Não inocente, mas calculada; não dinâmica, mas contida. Quando Papai Grande protege tal travessura, mesmo o sexo ficará sob sua égide benigna. O rato branco superalimentado e sub-sexuado tem a permissão de um breve período na gaiola de outro para que êle se anime. A uniformidade sexual pode ser reforçada desta maneira: Mr. Jones pode aplicar com Mrs. Jones o que aprendeu com Mrs. Smith e assim por diante. A domesticidade universal sepulta tudo.

Anne Allen é uma dona de casa inglêsa sensível e um tanto liberal. Com um olhar meio maternal para sua jovem interlocutora ela continua:

> Achei-a, em teoria, uma idéia muito atraente. Mas na prática não pude pensar numa dúzia de casais, ou mesmo numa meia dúzia, aos quais gostaria de estar tão ligada. Ou que gostariam de viver desta maneira conosco...
>
> Não gosto da maneira como educam seus filhos. Dou a meus filhos mesadas menores ou maiores, o que poderia levar a lutas.
>
> Odeio a maneira como enchem suas cozinhas com estranhos cheiros de cozinha ou sujeira. Ou sinto seus olhos esbugalhados na minha maneira um tanto hesitante de cuidar da casa.
>
> Porém mais do que tudo, sou desamparadamente, desesperadamente, possessiva, e se meu marido saísse com alguma mulherzinha desalinhada dali de perto sempre que eu gritasse com êle estava arriscado a sair morte.[5]

Anne Allen se assemelha mais à dona de casa média britânica do que a jovem mulher com quem falou; é muito mais "normal" do que espôsas de corporação ou espôsas permutadas. Ela não está enver-

Como uma unidade social a família significa o indivíduo sofrendo a atuação de seus instintos mais agressivamente individualistas; ela não é o fundamento, mas a negação da sociedade. De um agregado de interêsses individualistas conflitantes a sociedade humana não surgiu e jamais teria surgido. Ela deve seu surgimento a instintos que obliteraram instintos individualistas, que moldaram, ligando sentimentos de interdependência, lealdade, solidariedade, devoção, um grupo maior do que a família patriarcal e por sua natureza capaz de expansão indefinida.

Robert Briffault, "The Mothers", 1931, pág. 509

gonhada da natureza anti-social de sua família, embora pudesse da mesma ter dito que não havia **um** casal que pudesse tolerar a tal ponto, e não muitos casais de quem fôsse íntima em qualquer sentido. O têrmo **casais** em si implica na unidade fechada de homem-mulher: ela não fala de famílias. Nisto é que a família nuclear virtualmente se tornou. As revistas femininas tristemente observam que os filhos podem ter um efeito desagregador sôbre a relação conjugal, que o envolvimento da jovem espôsa com seus filhos e sua exaustão pode interferir nas pretensões de seu marido a respeito dela. Que noção — uma família que é ameaçada por seus filhos! As medidas anticoncepcionais incrementaram o egotismo do casal: filhos planejados têm um modêlo a que se ajustar; pelo menos filhos não planejados tinham algumas das vantagens da contingência. Primeiro e antes de tudo êles **eram**, quer seus pais gostassem ou não. Na família nuclear limitada os pais são os chefes e os filhos lhes pertencem para serem manipulados de uma maneira determinada. O fôsso entre as gerações está sendo intensificado nestas famílias em que os filhos não devem incomodar seus pais, em que são colocados em ambientes confinados durante certos períodos do dia, seus próprios quartos, e assim por diante. Qualquer coisa menos do que isso é sordidez. A mãe não deve ter mais filhos do que pode controlar: contrôle significa atenção plena a maior parte do dia, e então isolamento. Assim a **baby-sitter** deve ser introduzida sub-reptìciamente na casa, pois, se o filhinho descobre que seus pais estão saindo, êle berrará. Penso na imunda casa de duas peças na Calábria em que as pessoas iam e vinham livremente, em que nunca ouvi uma criança chorar a não ser de dor, em que a tia de doze anos de idade cantava enquanto lavava no poço, e o velho pai passeava pelo pomar de oliveiras com o neto nos braços. As crianças inglêsas perderam sua inocência, pois suas primeiras lições foram na exploração de seu escravo adulto. Um pai esterilizado é um eunuco no harém de seus filhos. Sem dúvida reconheço que medidas anticoncepcionais eficientes são necessárias para o prazer sexual e que prazer sexual é necessário, mas medidas anticoncepcionais por razões econômicas é outra questão. "Só podemos sustentar dois filhos" é um argumento miserável, porém mais aceitável em nossa sociedade do que "não gostamos de crianças". Um pai esterilizado está para sempre prêso àqueles filhos que tem, mais do que nunca imóvel e previsível, e aquêles filhos estão mais seguramente presos a êle. "Só podemos sustentar dois

filhos" significa de fato "Só gostamos de crianças limpas, bem disciplinadas, de classe média, que vão a boas escolas e crescem para ser profissionais liberais", pois as crianças dão jeito de usar todo o capital que é pôsto à disposição para o propósito, seja qual fôr a proporção que possa ser do rendimento total da família, do mesmo modo como o trabalho doméstico se expande para preencher o tempo disponível. O pai esterilizado é o derradeiro animal doméstico. A cultura masculina contém uma forte veia de antidomesticidade, embora os homens mal possam ter a experiência do que as mulheres puseram dentro dêles. A fantasia da parceira perfeita existe junto com a consciência do que a família significa para um rapaz em crescimento.

> Casamento é a única coisa que realmente me apavora. Com a menina certa suponho que esteja bem, mas não posso me imaginar tendo uma mulher e uma casa. Gosto de sentir-me livre, de ir a tôda parte e não ter de me preocupar. Isso é uma coisa boa em não se ter uma namorada, você tem libertade de sair e divertir-se com os rapazes. Ter uma garôta amarra você.
>
> Quanto mais você sai com uma garôta, mais envolvido fica. Fico assustado de noivar. Isso acabaria comigo — porque nunca romperia o noivado, não é direito para com a garôta. Adolescentes em demasia correm para o casamento...
>
> Da próxima vez que tiver uma garôta firme vou deixar claro, desde o início, que quero uma noite livre por semana para sair com os rapazes. Uma vez perdidos todos os amigos você está amarrado na garôta, e a coisa está feita.[7]

A coisa está feita, você está fisgado, acabado! Envolvido, quer dizer, enredado, amarrado.

> A maioria das pessoas consegue o melhor emprêgo possível, trabalha visando promoção e quando está ganhando bastante dinheiro conhece uma garôta e casa com ela. Então você tem de comprar uma casa e um carro e lá está você — acorrentado pelo resto da vida. Quando chega aos trinta e cinco, está assustado para tentar algo nôvo, caso perca sua segurança. Então isso quer dizer viver com todos os arrependimentos por não ter feito coisas que queria fazer.[8]

A desencantada visão destas crianças revelou a função da unidade familiar patriarcal na sociedade capitalista. Imobilizar o trabalhador, mantê-lo vulnerável, de modo que êle pode ser atormentado com a visão da segurança. Isso lhe dá um modêlo controlável de consumo com o qual êle está por completo comprometido. Seu compromisso é com sua pequena família e seu empregador, não com sua comunidade. Que eu saiba a pressão das espôsas sôbre os grevistas não foi analisada. Muitas vêzes é a responsabilidade com uma família que leva um grevista a empreender ação drástica: se os empregadores podem agüentar tempo bastante é a mesma pressão que o trará de volta ao trabalho. As espôsas desconfiam do lazer de seus maridos; com demasiada freqüência uma mulher preferiria que seu marido ganhasse menos para não poder andar pelas ruas com seus camaradas arranjando confusão. Um dos mais tristes comentários sôbre a família, na sociedade industrial, foi oferecido pelo espetáculo das mulheres de mineiros sem trabalho, pelo fechamento das galerias,

iradamente recusando a solução de pagamento sem labor, porque seus maridos ou andariam em volta da casa o dia todo sem fazer nada, ou arranjariam atrapalhações com os rapazes. Muitas môças empreendem sua funções anti-sociais muito cedo, restringindo a associação de seus namorados com os "colegas" severamente em troca de favores sexuais. Isso não é contudo culpa do egoísmo das mulheres, pois os grupos masculinos que as ameaçam não as admitem exceto sob circunstâncias especiais e num ambiente especial. Ela não pode jogar dados, beber cerveja ou jogar uma partida de futebol. Sua desconfiança no que toca a estas atividades não é que seu homem vá se encontrar com outra mulher em companhia de seus camaradas, mas o conhecimento de que êle gosta destas outras atividades e que depende delas de uma maneira como não gosta ou depende dela. Ela não está ciumenta de seus favores sexuais, mas da parcialidade de sua paixão sexual, e da maior intimidade que êle pode gozar com outros homens. Tôda espôsa deve viver com o conhecimento de que não é nada mais do que lar e família, enquanto sua casa é idealmente uma base em que seu cansado guerreiro-caçador pode revelar e expressar suas piores maneiras, sua conversação menos divertida, enquanto lambe suas feridas e é preparado com roupa lavada e banho e caixa de lanche para outra sortida.

Òbviamente qualquer mulher que pensa nos têrmos mais simples em libertar-se para gozar a vida e criar expressão para seu próprio potencial não pode aceitar um tal papel. E no entanto o casamento se baseia nesta relação filial de uma espôsa que toma o nome de seu marido, tem seu impôsto declarado em seu cartório, vive em uma casa de propriedade dêle e aparece em público em sua

> **...a assinatura de um contrato de casamento é a transação de negócios mais importante em que você jamais ficará envolvido... Um ou outro dos sócios deve funcionar como diretor gerente da unidade doméstica — de preferência o marido; embora às vêzes sua única qualificação para o cargo seja a fôrça bruta... Os filhos à medida que chegam são os novos investimentos empreendidos pela firma; e os diretores devem ver que haja um bom lucro para o capital investido.**
>
> Cyrus Fullerton
>
> "Happiness and Health in Womanhood", 1937, págs. 40-41

companhia usando o anel dêle no dedo o tempo todo. Alteração em detalhe não é alteração em nada. Um marido que concorda em também usar um anel, em ter conta bancária conjunta, em pôr a casa em nome dos dois não está fazendo nenhuma concessão às necessidades pessoais de uma espôsa. O caráter essencial da instituição afirma-se finalmente. O fato mesmo de tais concessões serem privilégios que uma espôsa não pode reivindicar contém sua própria conseqüência de gratidão e servidão de maior boa vontade. E, no entanto, se uma mulher quer ter filhos, se é para a humanidade sobreviver, que alternativa pode haver?

Para começar, o problema de sobrevivência da humanidade não é uma questão de assegurar o nascimento de futuras gerações mas de limitá-lo. O perigo imediato para a humanidade é o de total aniquilação dentro de uma geração ou duas, não o fracasso da humanidade em gerar. Uma mulher que busque modos alternativos de vida não está mais moralmente obrigada a pagar sua dívida para com a natureza. Aquelas famílias em que os pais se substituem em dois filhos não são as mais desejáveis para nelas se criar uma criança, pois as neuroses resultantes da situação edipiana intensificada são piores nos casos em que a relação com os pais é mais dominante do que os problemas de ajustamento a grupo igual de irmãos e irmãs. Não há razão, exceto o preconceito moral de que mulheres que não têm filhos estão se desvencilhando de uma responsabilidade, para que tôdas as mulheres devam considerar-se obrigadas a procriar. Uma mulher que tem um filho não está então automàticamente obrigada a criá-lo. A maioria das sociedades favorece a ação de **nurses** para criar filhos de mulheres com encargos estatais. A prática de entregar crianças para serem criadas fora do lar não resultou numa raça de psicopatas. Uma criança precisa de cuidado e atenção, mas o cuidado e atenção não precisa vir de uma única pessoa, de presença permanente. As crianças são mais perturbadas por mudanças de lugar do que por mudanças no pessoal em tôrno delas, e mais vulneráveis a choques e mal-estar entre adultos de seu meio-ambiente do que à falta de familiaridade. Um grupo de crianças pode ser civilizado com mais sucesso por uma ou duas mulheres que empreenderam voluntàriamente a obra do que o podem sê-lo quando divididas e tiranizadas por uma única mulher que se acha enfadada e obrigada a isso. A alternativa não é a institucionalização das funções paternas sob alguma forma burocrática, nada tão frio e tão casual como uma fazenda infantil, porém uma família orgânica em que a sociedade da criança possa fundir-se com uma sociedade adulta em condições de amor e interêsse pessoal. A família, entendida não como a condição necessária de existência num sistema mas como um modo de vida escolhido, pode tornar-se um alvo, uma realização de tipo criador.

Se as mulheres pudessem encarar a criação de filhos não como um dever ou um destino a que não podem fugir, mas como um privilégio a ser pôsto em prática, de maneira que um homem teria de trabalhar pelo direito de ter uma família, os filhos não cresceriam com a carga de gratidão pela dádiva que êles nunca pediram. Mulheres brilhantes não estão se reproduzindo porque criação de filhos tem sido encarada como tarefa de tempo integral; genèticamente devia-se pensar nelas para serem multiplicadas. Numa situação em que uma mulher pudesse contribuir com uma criança para uma unidade doméstica que pede sua atenção parte do tempo, deixando-a livre para freqüentar outras esferas de influência, as mulheres brilhantes seriam mais inclinadas a reproduzir-se. Faz algum tempo tenho pon-

derado o problema de ter um filho que não sofresse com minhas neuroses e as dificuldades que eu teria em ajustar-me a um marido e às exigências de domesticidade. Um plano, de forma alguma um clichê, desenvolveu-se e tornou-se uma sorte de sonho. Nenhuma criança devia, julgo, crescer na atmosfera claustrofóbica de um apartamento citadino, onde tem pouca oportunidade de exercitar seus membros e pulmões; eu preciso viver numa cidade onde os materiais para o meu trabalho e seu mercado estão disponíveis. Nenhuma criança devia crescer sòzinha com uma môça solteira ressentida, que luta para trabalhar o suficiente para sustentar os dois. Pensei de nôvo nas crianças que conheci na Calábria e elaborei o plano de comprar, com a ajuda de alguns amigos com problemas similares, uma fazenda na Itália, onde pudéssemos ficar quando as circunstâncias o permitissem, e onde nossos filhos nasceriam. Seus pais e outras pessoas também visitariam a casa o mais que pudessem, para descansar e conviver com as crianças e mesmo trabalhar um pouco. Talvez algumas de nós pudéssemos viver lá por longos períodos, o quanto quiséssemos. A casa e o jardim seriam tratados por uma família local que viveria na casa. As crianças teriam uma região para explorar e dominar, e diferentes habilidades para aprender com nós todos. Não seria o paraíso, mas uma pequena comunidade com uma chance de sobrevivência, com pais de ambos os sexos e uma multidão de papéis para escolher. O pior aspecto da vida em **kibutz** seria evitado, especialmente se as crianças não tivessem de ser estritamente dissuadidas de experimentação sexual com seus pares, uma restrição antinatural que tem sérias conseqüências para as crianças dos **kibutzim.** Ser capaz de estar com meu filho e seus amigos seria um privilégio e um prazer pelo qual me esforçaria. Caso contrário, a criança não precisava nem saber que eu era sua mãe-geratriz e eu podia ter do mesmo modo relações com as outras crianças. Se meu filho expressasse desejo de tentar Londres ou Nova Iorque, ou freqüentar algures uma escola formal, isso também podia ser tentado sem compromisso.

Qualquer nôvo arranjo que uma mulher possa inventar terá a desvantagem de ser único: as crianças não seriam criadas como as outras numa época de uniformidade. Há problemas de legitimidade e nacionalidade a ser enfrentados. Nossa sociedade criou o mito do **lar desfeito** que é a fonte de tantos males, e contudo o lar intacto que devia ter-se desfeito é uma fonte ainda maior de tensão, como posso atestar com amarga experiência. A incoerente estrutura orgânica de minha unidade doméstica substituta teria a vantagem de ser um lar indestrutível, por não descansar nos frágeis ombros de dois indivíduos desnorteados tentando aplicar um modêlo contraditório. Esta pequena sociedade conferiria sua própria normalidade, e outros contactos com a civilização seriam encorajados, mas bem podia ser que tais crianças considerassem impossível integrar-se na

sociedade e se tornassem marginais ou esquizofrênicas. Como tais não seriam diferentes de outras crianças que conheci. A noção de

> **Um homem e uma mulher viverem contìnuamente juntos é... biològicamente falando, uma condição extremamente antinatural.**
>
> Robert Briffault, "Sin and Sex", 1931, pág. 140

integração com a sociedade, como se a sociedade fôsse ela mesma homogênea, é, por si, falsa. Há bastantes excêntricos esculpindo vários estilos de vida para que meus filhos sintam que não estão mais isolados do que qualquer outro grupo minoritário dentro da maioria fictícia. Na era do computador, a desintegração bem pode acabar sendo um valor mais alto do que a integração. Os cínicos podem argumentar que as crianças de minha família estariam ansiosas em estabelecer famílias "normais" como parte da compensação natural. Talvez. Quando nos defrontamos com tais possibilidades dúbias, só podemos nos apoiar em empirismo. Não poderia, fìsicamente, ter um filho de qualquer outra maneira, exceto por acidente e sob protesto e em tal caso não aceitaria nenhuma responsabilidade pelas conseqüências. Gostaria de ser capaz de pensar que fiz o melhor que pude.

O interêsse de uma família orgânica é livrar as crianças das desvantagens de serem as extensões de seus pais, de modo a que possam pertencer primàriamente a si mesmas. Podem aceitar os serviços que os adultos realizam para elas naturalmente, sem estabelecer dependências. Haveria campo para que elas iniciassem suas próprias atividades e definissem o modo e a extensão de seu próprio aprendizado. Podiam vir a se ressentir da própria estranheza, mas em outras circunstâncias poderiam se ressentir com a normalidade; defrontando-se com dificuldades de ajustamento as crianças apoderam-se de seus pais e educadores para servirem de bodes expiatórios. Os pais não têm opção senão gostar de seus filhos, se quiserem evitar o ciclo de exploração e recriminação. Se querem gostar dêles devem construir uma situação em que tal querer-bem seja possível.

A instituição de famílias orgânicas auto-reguladas pode parecer um retôrno ao caos. O caos genuíno é mais produtivo que o caos de sistemas conflitantes que são mùtuamente destrutivos. Quando a hereditariedade decaiu e a burocracia é a lei, de modo que apenas os ricos estão ganhando poder e mobilidade, é absurdo que a família deva persistir no modêlo patrilinear. É absurdo que as pessoas tenham de viver mais densamente do que nunca enquanto fingindo estar ainda numa cabana com um jardim. É absurdo que pessoas devam hipotecar-se pela vida inteira quando o divórcio é sempre possível. É absurdo que as famílias possam pretender normalidade quando a confusão sôbre o significado e função dos pais faz com que crianças nascidas com diferença de uma década e a uma milha de distância possam ser educadas de modo por inteiro diferente. Amamentar ou não amamentar? Treinamento higiênico quando e como? Punir, sempre? Recompensar? É absurdo que tantas crianças devam crescer

em ambientes que franzem a testa para a sua existência. É absurdo que as crianças devam temer adultos fora da família. Geração, o fôsso entre as gerações, os Mods, os Rockers, os Hippies, os Skinheads, os Maoístas, os jovens Fascistas da Europa, rebeldes sem causa, seja qual fôr o nome de batismo que seus pais possam achar para êles, os jovens estão acusando os mais velhos de uso espúrio de autoridade para ocultar sua própria confusão. Vandalismo, botas ferradas, drogas, tumulto em campos de esporte, isto é caos e as tentativas da autoridade constituída em lidar com êle é ainda mais caótica. O ofensor juvenil desafia o sistema ou um dos sistemas ao enfrentá-lo e o sistema fracassa invariàvelmente. O **status quo** é caos mascarado de ordem: nossos filhos se reúnem para expressar uma comunidade orgânica em ritual e uniforme, que pode tornar a autoridade estatal um disparate. A polícia da Califórnia não ousou interferir nos Hell's Angels que fizeram troça de sua lei punitiva recusando-se a fazer as coisas que seus pais teriam feito se tivessem tido o poder. A mesma espécie de escárnio é praticado pelos Black Panther. A família já está desfeita: a tecnologia passou à frente do conservadorismo. A única maneira de o pai-Estado lutar com seus filhos incontroláveis é espancá-los e jogá-los na rua ou mandá-los para uma guerra, o caos definitivo.

Reich descreveu a família autoritária compulsiva como "parte integrante e, ao mesmo tempo, pré-requisito do Estado autoritario e da sociedade autoritária".[9] Como a família, o Estado nega-se a si mesmo por sua própria confusão e licença, embora finalmente intervenha para exercer sua autoridade de modo caótico. Na Inglaterra, os "excessos" da juventude são contidos e permitem que se gastem até que possam ser controlados ou punidos de modo discreto, para que não inflamem desnecessàriamente a jovem população adormecida. O resultado é o caos político e social, o "deserto sexual". A falta de forma, a não-existência legal de meu sonho é uma garantia contra o caos de lealdades conflitantes, de aparelhagens educacionais conflitantes, de julgamentos conflitantes. Meu filho não será orientado de nenhuma forma, pois a orientação que lhe é oferecida por esta sociedade busca levá-lo para trás e para a frente e para os lados ao mesmo tempo. Se quisermos recobrar serenidade e alegria de viver, teremos de escutar o que nossos filhos nos dizem à sua maneira, e não impor-lhes nossas próprias imagens distorcidas em nossas loucas famílias.

SEGURANÇA

Não existe isto de segurança. Nunca existiu. E no entanto falamos de segurança como algo a que as pessoas têm direito; explicamos neurose e psicose como brotando da falta dela. Embora a segurança não esteja na natureza das coisas, inventamos estratégias para superar em astúcia a fortuna, e a chamamos, segundo sua deidade protetora, seguro, garantia, segurança social. Empregamos serviços de segurança, pagamos guardas de segurança. E no entanto sabemos que o universo contém podêres de desastre imprevisíveis que não podem ser compensados. Sabemos que aposentadoria e pensões não estão à prova das flutuações da moeda moderna. Sabemos que o dinheiro não pode pagar uma perna perdida ou uma vida inteira de dores de cabeça ou beleza desfeita, mas do mesmo modo damos um jeito. De uma maneira confusa percebemos que nossa vulnerabilidade ante a fortuna aumenta quanto mais construímos defesas contra o imprevisível. Dinheiro no banco, casa própria, investimentos, são extensões das áreas em que podemos ser danificados. Quanto maior a aposentadoria que se desconta, mais podemos ser ameaçados pela perda dela. Quanto mais o Estado se dedica a proteger um homem contra a enfermidade e a indigência, mais tem o direito de sacrificá-lo ao bem-comum, de demolir sua casa ou matar seus animais, de hospitalizar seus filhos ou colocá-los em internatos aprovados; quanto maior o número de formas de govêrno em que seu nome aparece, mais numerosas as oportunidades que êle tem de ser caluniado em lugares elevados. John Greenaway aceitou a mitologia do Estado do bem-estar, e permitiu que a quimera o atormentasse antes dos dezoito anos.

Não me sinto muito seguro, e gostaria de me casar um dia. Acho que é por causa da segurança.

Antes e mais que tudo você tem de sentir-se seguro. Se você não tem dinheiro no banco para garantia nunca estará livre de preocupações...

Não que eu tenha muita insegurança em casa, tenho um bom lar. Apenas não me posso sentir seguro por causa do estado do mundo...

Atrevo-me a dizer que se fôr bastante feliz por encontrar um emprêgo seguro me dando realmente um bom dinheiro, conseguirei o resto. É espantoso o que um pouco de dinheiro no banco e uma bela casa farão por você. Você começa a pensar em disparar num carro e em manter seu jardim arrumadinho, em seguro de vida e em ter dois aparelhos de televisão — e não tem tempo de se preocupar com os problemas maiores de quantas pessoas estão morrendo de fome na África.

A segurança pode ser uma assassina e corroer sua mente e sua alma. Mas eu gostaria de tê-la.

É provável que o único lugar em que um homem pode se sentir realmente seguro seja uma prisão com o máximo de segurança, apesar da ameaça iminente de soltura. O problema do recidivismo devia ter mostrado a jovens como John Greenaway exatamente que tipo de noção segurança é, mas não há indicação de que êle o compreenderia. Segurança é quando tudo está acomodado, que nada lhe pode acontecer; segurança é a negação da vida. Os sêres humanos estão melhor equipados para enfrentar desastre e miséria do que segurança invariável, mas desde que segurança seja o valor mais alto numa comunidade êles podem ter pouca oportunidade de decidir isto por si mesmos. Concorda-se em que os inglêses enfrentaram magnìficamente uma guerra, e que eram mais animados, empreendedores e amistosos sob a ameaça diária de bombardeamento de que agora em benevolente tempo de paz, quando estamos tão longe de nos preocupar com quantas pessoas morrem de fome na África, que podemos tolerar a política britânica na Nigéria. John Greenaway não percebeu que seus bastiões de segurança forneceriam novas oportunidades para ameaça. Os elizabethanos chamavam o fenômeno de **mutabilidade,** e pranteavam o passamento de tudo que era belo e durável com uma espécie de sublimidade melancólica, vendo na dança heracliteana um divino propósito e um progresso para uma imutabilidade platônica numa região sobrenatural de idéias.[2] Greenaway não pode ter acesso a esta espécie de distanciamento filosófico; nem pode adotar o fatalismo do camponês que é sempre escarnecido pela falsidade das estações. Êle crê que existe uma coisa que nem segurança: que um empregador pode pagar-lhe menos mas garantir-lhe sustento seguro, que lhe deve ser permitido viver e morrer na mesma casa, se paga por isso, que pode ligar-se a uma mulher e família como garantia contra o abandono e a solidão.

A coisa mais curiosa no referente à quimera do século vinte é que foi forjada na idade da maior ameaça. Jamais se sonhou com um desastre tão iminente e incontrolável como a guerra total, antes da era atômica. É como se os homens tivessem de afastar uma espécie de ameaça apenas para que outra ocupe seu lugar. As doenças se tornam mais complicadas; as possibilidades de agressão e destruição excedem os sonhos mais alucinados do Papa Gregório. Um acôrdo internacional proscreve o uso de gás e assim a arma bacte-

riológica tem de ser desenvolvida. E assim por diante. A insegurança é um fator constante na vida humana, suponho que os esforços para eliminá-la são da mesma forma constantes.

Greenaway mistura segurança de vida e posses, com segurança emocional, e é difícil ver como poderia agir de outro modo. Parte do mistério em nosso uso da idéia é a sugestão de censura no epíteto **inseguro,** quando aplicado a uma personalidade. Além do mais supõe-se que as mulheres têm especial necessidade de sentir-se seguras, ter confiança em ser amadas e sustentadas pelos confortos do lar. Mulheres que se recusam a casar são vistas como se arriscando à insegurança, se defrontando com uma velhice desolada, cortejando a pobreza e degradação. Mas maridos morrem, pensões são inadequadas, os filhos crescem e vão embora e as mães se tornam sogras. O trabalho das mulheres, casadas ou não, é subalterno e mal pago. O direito das mulheres à propriedade é mutilado, mais ainda se são casadas. Como pode o casamento dar segurança? De qualquer maneira um marido é uma possessão que pode ser perdida ou roubada e a espôsa abandonada de trinta e tantos anos, com um par de filhos, é muito mais desolada e insegura com sua responsabilidade do que uma mulher solteira com ou sem filhos jamais poderia ser. As leis que tornam o divórcio mais fácil aumentam a insegurança de uma espôsa. A zombaria da insegurança emocional é uma crítica à recusa de uma mulher em iludir-se que não pode ser abandonada; é difícil na verdade ter confiança numa relação que se tornará cada vez mais frágil se fôr testada com exigências de reasseguramento. O serviço do casamento promete segurança: para os religiosos é um símbolo sacramental e a segurança é segurança no céu, onde marido e mulher podem ser uma só carne; para mulheres que o entendem como uma espécie de contrato vitalício para gerência pessoal por um homem é um documento patentemente insatisfatório. As garantias e indenizações deviam estar escritas nêle desde o comêço, como o são em contratos de gerência, e então teria pelo menos o valor de um documento de negócio. Um símbolo sacramental numa época ateísta não tem valor nenhum. Seria melhor para todos os interessados se sua natureza contratual fôsse um pouco mais clara.[3]

Se o casamento fôsse um contrato com garantias e indenizações indicadas nêle ainda não daria segurança emocional. Seu valor estaria em que êle **pareceria não** proporcioná-la, de modo que as mulheres não seriam encorajadas a confiar de modo absoluto numa situação que não tinha permanência intrínseca. Uma dona de casa é um trabalhador não pago na casa de seu marido, em troca da segurança de ser uma empregada permanente: o dela é a **reductio ad absurdum** do caso do empregado que aceita um salário mais baixo em troca da permanência em seu emprêgo. Porém os empregados mais mal pagos podem e são despedidos, e da mesma forma as espôsas. Elas não têm economias, nem habilidades com que possam barganhar algures, e têm de suportar o estigma de terem sido abandonadas. A única al-

ternativa para o trabalhador e a espôsa é se recusar a considerar o engôdo de segurança e barganhar abertamente. Para fazer isto uma mulher deve ter uma espécie diferente de segurança, a espécie de segurança pessoal que a habilita a considerar insegurança como liberdade.

Exige-se que as mulheres exerçam a virtude de segurança pessoal mesmo se não a possuem, pois supõe-se que elas não se sentem ameaçadas dentro de seus casamentos e não tomam medidas para salvaguardar seus interêsses, embora ocorra tudo isso. Autoconfiança é teòricamente necessária dentro do casamento, de modo que lògicamente não há razão para aceitar uma segurança quimérica em que não se pode confiar se fôr para resultar. A busca de segurança é empreendida pela parte mais fraca da personalidade por mêdo, inadequação, fadiga e ansiedade. Mulheres não são jogadoras mesmo na pequena extensão em que os homens são. As espôsas tendem a limitar o empreendimento de seus maridos, especialmente se envolve riscos, e por conseqüência as oportunidades de realização, prazer e surprêsa são limitadas.

> Casamento — ter um lar e uma mulher e filhos — tem um lugar muito importante na vida. Um homem não seria completo sem êles — mas eu não acredito em você se amarrar sem antes ter feito algo por sua conta.
>
> A maioria das pessoas consegue o melhor emprêgo de que é capaz, se esforça por promoção e quando está ganhando bastante dinheiro encontra uma garôta e casa com ela. Então você tem de comprar uma casa e um carro, e lá está você — acorrentado pelo resto da vida. Quando chega aos trinta e cinco você teme tentar qualquer coisa nova, caso perca sua segurança. Então isso significa viver com todos os arrependimentos referentes a coisas que gostaria de fazer. [4]

É assim que Mike Russel, o repórter de vinte e um anos no **Edinburgh Evening News** via casamento e segurança em 1964. O que êle identificou foi a função da mulher de parafusar seu marido em seu lugar na máquina comercial. O estado do bem-estar justifica sua existência pela promessa de segurança e força o operário a se garantir contra sua própria inquietação e qualquer acidente que possa sofrer, tomando contribuições para a velhice e doença de seu salário, ao mesmo tempo em que usa alguns de seus ganhos para continuar o desenvolvimento das maiores ameaças à sua existência continuada em nome da defesa. Uma espôsa é uma aliada em tal repressão. As exigências do lar, hipotecas e pagamentos de prestações apóiam as tendências imobilizantes de seu emprêgo, militando contra seus desejos de controlar emprêgo e contra qualquer interêsse em ação direta. Se o nível correto de remuneração é mantido, e as anomalias da situação não são por demais aparentes, o homem casado é um operário dócil e em quem se pode confiar. Jogando com temores de insegurança referente a imigrantes e descontentamento com congelamento de salários e planos de produtividade, um Tory esperto pode converter a classe trabalhadora ao mais raso conservadorismo.

Se as mulheres rejeitassem seus papéis neste modêlo, reconhecendo a insegurança como liberdade, não estariam perceptìvelmente em piores condições por isso. Cínicos falam que casais não casados estão muitas vêzes em melhores condições em questões de taxação e assim por diante do que os casados.

> **O amor por sua própria natureza deve ser transitório. Buscar um segrêdo que o tornasse constante seria uma busca tão fantástica quanto a da pedra filosofal ou da grande panacéia: e a descoberta poderia ser igualmente inútil, ou mais perniciosa para a humanidade. O vínculo mais sagrado da sociedade é a amizade.**
>
> Mary Wollstonscraft
> "A Vindication of the Rights of Women", 1792, págs. 56 - 7

Espiritualmente uma mulher está em melhor situação se não puder ser considerada garantida. É óbvio que relações informais podem ser mais vinculadoras do que as formais, se se desenvolvem modelos de exploração mútua, e em geral acontece, mas se as mulheres mantivessem associação espontânea como um ideal, os efeitos embrutecedores da simbiose podiam ser diminuídos. A situação podia permanecer aberta, capaz de desenvolvimento em campos mais ricos. O adultério não seria ameaça se a mulheres estivessem certas de que as relações que gozavam eram realmente recompensadoras e não meramente preservadas por censura de outras possibilidades. A solidão nunca é tão cruel como quando é sentida em íntima proximidade com alguém que cessou de se comunicar. Muita dona de casa de olhos grudados no lado de trás do jornal de seu marido ou escutando sua respiração na cama é mais solitária do que qualquer solteirona num quarto alugado. Muito da solidão de gente solitária brota da desconfiança e egotismo, não por terem falhado em estabelecer-se num arranjo conjugal. O negócio do casamento oferece o que não pode ser fornecido se se julga que êle oferece segurança emocional, pois tal segurança é a realização do indivíduo. Amor possessivo, apesar de tôda a sua sedução, derruba aquela pose pessoal e deixa sua vítima novamente vulnerável. Aquelas mulheres miseráveis que censuram os homens que **as deixam na mão**, por sua miséria e isolamento, encenam cada dia o êrro inicial de sacrificar sua responsabilidade pessoal por si mesmas. Não teriam sido nem um pouco mais felizes se tivessem permanecido casadas. Quando um homem corteja uma mulher, êle luta para tornar-se tão indispensável como qualquer mulher é para qualquer homem: êle pode mesmo determinar-se a engravidá-la para quebrar sua auto-suficiência. Na luta para permanecer uma pessoa completa e amar de sua integridade, em vez de devido à sua insuficiência, uma mulher pode parecer dura. Ela pode sentir seu condicionamento primitivo empurrando-a para a rendição, mas ela tem de lembrar-se de que originalmente era amada por si mesma; ela tem de se apegar a si mesma e não deixar-se ficar aborrecida, desamparada, irritada e desiludida. Talvez eu ainda não seja o bastante velha para prometer que mulheres autoconfiantes são sempre amadas, que elas não podem ficar solitárias enquanto existirem no

mundo pessoas que necessitem de sua alegria e de sua fôrça, mas por certo em minha experiência sempre foi assim. Amantes que têm liberdade de se afastar quando estão inquietos sempre voltam; amantes que são livres para mudar permanecem interessantes. A amarga animosidade e a obscenidade do divórcio é desconhecida onde os indivíduos não têm de se tornar gêmeos siameses. Um enamorado que vem para a sua cama por sua própria vontade tem mais possibilidade de dormir com seus braços em tôrno de você tôda a noite do que um enamorado que não tem nenhum outro lugar para dormir.

ÓDIO

AVERSÃO E NOJO

As mulheres não desconfiam de quanto os homens as odeiam. Qualquer rapaz que tenha crescido numa cidade industrial inglêsa pode descrever como os rapazes costumavam ir aos salões de dança locais e postar-se por ali a noite tôda até que a pressão da mais simples espécie de desejo sexual os deixasse preparados para arranjar **uma galinha.** Quanto mais fácil isso era, mais detestavam as garôtas e as identificavam com a culpa que lhes deixava seu miserável alívio sexual. "Uma caminhada até a parada do ônibus em geral era boa para uma esfregada", êles dizem amargamente. As mulheres são desligadas, aquiescentes, desamparadas, provàvelmente esperando que do alívio que imaginam estar dando possa nascer alguma afeição e sentimento protetor. A mais atrevida acaba sendo possuída de pé contra uma parede, ou deitada num saco de couro no chão do alpendre para bicicletas de Woolworth. Ninguém tira grande satisfação dêste frio expediente. "Uma esfregada era tão boa quanto uma trepada naqueles dias". Depois os rapazes são bruscos, apressando as meninas para a parada do ônibus, saboreando apenas a perspectiva de falar aos outros rapazes sôbre sua conquista. Nos momentos imediatos após a ejaculação, sentiam-se mortalmente enojados. "Pois quando acabei, acabei. Queria estrangulá-la ali mesmo em minha cama e então dormir".[1] Estão em permanente quebradeira, vivendo em casa com os pais; mesmo se arranjam uma relação firme com uma garôta, é um negócio duvidoso baseado numa rotina implacável e queixumes e discussões constantes. De uma maneira arrebatada e ocasional encontram alívio em brigar com qualquer outra turma de rapazes que parecem bons para uma luta. Lutam encanzinadamente, pulando em inimigos despreparados, mordendo-os selvagemente no rosto ou pescoço, e correndo antes que os outros possam vingar-se, mudos pelo ultraje.

Para tais crianças amargas as únicas mulheres interessantes são as disponíveis; não têm as não disponíveis em mais alta conta, porque

acham que tal exceção é apenas desejo de conseguir um negócio melhor: estas são as cadelas, as outras a escória. Um homem tem de acabar com uma ou com outra. O casamento é encarado com fatalismo; mais cedo ou mais tarde pode ter certeza de acabar aparafusado de modo permanente ao sistema, trabalhando num serviço sem futuro para manter uma mulher murcha e seus barulhentos filhos num alojamento inadequado numa cidade estúpida até o fim de sua vida natural. Logo, até mesmo a energia para lutar vai sumir, e a única fuga será momentânea, uma hora ou duas no bar, se a patroa deixá-lo ir. De modo que vêem sexo como sua ruína, uma vil servidão, com as mulheres como suas desavisadas instigadoras.

Tem-se o direito de duvidar se as guerras entre os monos são assim cruéis para machos e fêmeas quando êles estão livres.

Paul Schilder
"Goals and Desires of Man", 1942, pág. 41

O homem que me descreveu tudo isto supunha que todos os homens se sentiam enojados após o sexo. Estava certo de que a frieza demonstrada pelos homens após o ato sexual era realmente repulsa. Não se podia lembrar de jamais ter tido sexo sem nojo, exceto com uma mulher. É fácil demais decidir que êste é um caso único de um tipo especial de melindre. Brotou da perda sentida de dignidade humana que é o produto do enfado e restrição. Onde um grau razoável de abundância acarreta menos elementos inestéticos nos encontros sexuais, o nojo pode ser diminuído, mas enquanto o sexo fôr furtivo e sujo, alguma ambivalência profunda em relação ao objeto das atenções sexuais tem de permanecer. Em casos extremos, pode mesmo causar impotência no casamento, porque uma espôsa não é para ser degradada.

Quando Freewheelin' Frank contou a Michael McClure, em 1967, que êle não mais pensava coisas "sujas ou porcas" das mulheres desde que estava tomando LSD, não estava contando tôda a verdade. A rebelião dos Hell's Angels inverteu os valôres estéticos tradicionais de modo que êles impuseram a si mesmos os mais repugnantes rituais sexuais como uma celebração do nojo:

> Quando falamos de comer uma menina, fazemos isso soar o mais sujo e vulgar possível — para fazer alguém afrouxar. As mamães dos Angel são ninfomaníacas que farão qualquer coisa relacionada com sexo. A mamãe Angel na ocasião está menstruada, com as regras, e realmente sangrenta. É considerado que quanto mais imunda estiver, mais classe é demonstrada pelo membro que vai com ela em frente de todo o mundo — pelo menos seis membros — e como êle se sai, enquanto todos testemunham... Às vêzes sabe-se de um membro que fracassa quando obrigado a fazer isso. [2]

Eldridge Cleaver tornou-se um estuprador quando saiu de San Quentin, "conscientemente, deliberadamente, voluntàriamente, metòdicamente."

Muitos brancos se lisonjeiam com a idéia de que a lubricidade do homem negro e o desejo pela garôta branca de sonho é puramente uma atração estética, mas nada poderia estar mais longe da verdade. Sua motivação é às vêzes de uma natureza tão sanguinária, odienta, amarga e maligna que os brancos dificilmente seriam levados a considerá-la lisonjeira. [3]

É uma vã ilusão julgar que o estupro é a expressão de desejo incontrolável ou algum tipo de resposta compulsiva a atração insuportável. Qualquer môça que foi espancada e estuprada pode dizer quanto é ridículo ela pedir uma razão e receber de seu assaltante a resposta "porque eu a amo" ou "porque você é tão bonita" ou tolice parecida. O ato é de agressão assassina, produzido com autoaversão e encenado contra o outro odiado. Os homens mesmos não conhecem a profundidade de seu ódio. É incentivado por artigos inflamados nas revistas destinadas a debilóides com problemas de virilidade, que se vendem a altos preços em cafés: "Mulheres Desejosas: Como elas se revelam", escreve Alex Austin em **Male** e se põe a descrever numerosos maneirismos inócuos, como descalçar um sapato e mostrar um apetite entusiasmado (por comida) o que indica lubricidade oculta nas mulheres.[4] Barry Jamieson descreve as

Quando ela havia sugado o tutano de meus ossos
E langorosamente voltei-me para ela com um beijo,
A meu lado de súbito nada mais vi
Do que uma bôlsa de couro grudada com cola cheia de pus!

Baudelaire

Mas se considerarmos sèriamente a natureza e qualidades da generalidade do sexo, mesmo em tôdas as épocas desde a queda do homem até o presente, podemos bem perceber que elas têm sido não só extremamente más em si mesmas; mas também têm sido os principais instrumentos e causas imediatas de Assassínio, Idolatria, e uma multidão de outros odientos pecados, em muitos homens importantes e eminentes...

"A Brief Anatomie of Women", 1653, pág. 1

táticas clandestinas de "O Embusteiro de Boa Vontade: O Melhor Amigo de Sua Mulher", em **Stag.**[5] O fito de tais artigos é insinuar que o mundo está cheio de porcalhonas bêbadas mal disfarçadas, que receberão bem os avanços mais sem cerimônia a despeito de suas negativas pundonorosas. Tais mulheres são **fáceis, atiradas,** deixam **aproveitar.** O que quer que obtenham, elas mereceram. Agindo segundo esta espécie de discriminação imaginada, um certo tipo de homem murmura obscenidades para mulheres que passam na rua e ri de sua humilhação e confusão que êle toma como evidência de que ela se sente culpada dos desejos bestiais secretos em que êle tocou. Na maioria das vêzes as mulheres não entendem a mensagem sussurrada, mas o tom de voz e o riso são inconfundíveis. Homens que avaliam mulheres com insolentes olhares em ônibus e metrôs e tintilam o trôco em seu bolsos estão comunicando a mesma dedução cheia de ódio. Seja qual fôr a ilusão que persuade homens a seguir mulheres distraídas de um lado para outro de ruas superlotadas, se deriva desta mesma suposição de ardor animal e apetite

por degradação escondidos sob um exterior recatado. A lascívia de mulheres dissolutas é indiferenciada, uma coceira sem remorso, que, após a inicial suscetibilidade da resposta masculina à exigência feminina, é profundamente inconveniente e desagradável. Os artigos que nomeei também contêm descrições de rotas de fuga de confusão com tais cadelas ardentes. Embora muitas mulheres possam querer rejeitar esta visão de seu sexo e sexualidade, é no entanto verdade que os Hell's Angels não se queixam de falta de mamães Angel, que de fato acabam tomando todo um capítulo, a despeito de as mulheres certas para os Angel serem as "velhas senhoras". Há mulheres que buscam a degradação de modo tão diligente quanto os homens procuram estendê-la a elas, embora sua motivação seja vastamente diferente da fantasia de **Male** e **Stag,** e seu número muito menor do que o pretendido pela fantasia. A imagem pública de Frank Freewheelin funcionou tão bem que êle encontrou mais que sua parte justa, e o resultado foi o que podemos esperar.

> ... Então cruzei meu queixo em tôrno de seu pescoço, apertando-a com firmeza. Ela ficou com tanto mêdo que se tornou feliz. Então o rádio começou a tocar a canção "Everyone has gone to the Moon". Eu disse: "Sabe em que ponto nós estamos?"
>
> Ela disse: "Faça amor comigo."
>
> Com raiva, eu disse: "SUA cadela," e esfriei e rolei para o lado e escutei a música... Às vêzes durante a noite, quando me virava de rosto para cima, podia vê-la à minha esquerda, deitada com os olhos muito abertos como se estivesse morta. Isto me ajudou a voltar a dormir. Ela queria voltar a dormir. Certa hora ela queria sair para caminhar. Eu disse: "Vá. Feche a porta quando passar."
>
> Não gosto de mulheres, desprezo-as. Não tento mais agradar as mulheres. Fico louco se elas andam em tôrno de mim muito tempo. Sinto-me como se pudesse chamá-las para dentro e despedi-las. [6]

Somos concebidos algures, entre o lugar que se urina e o que se defeca, e na medida em que estas funções excretoras forem encaradas como nojentas, intrìnsecamente, a outra, ejaculação, também será encarada assim. A emissão involuntária de sêmen durante o sono é chamada uma **polução** noturna: a própria substância é viscosa e grudenta, esbranquiçada e acre, como uma forma mais nojenta de ranho, se você encara ranho como nojento. Os sêres humanos têm maneiras extraordinárias de escapar a seu condicionamento, de modo que se pode ver um cavalheiro de chapéu-côco fuçando distraìdamente o nariz no trem e comendo o que lá encontra, mas se o fazemos voltar à plena consciência, podem resultar profundo embaraço, vergonha, humilhação, nojo e aversão. É fácil quando, abrindo uma vereda através do êrmo dos **mores** sexuais, sujar-se no lodaçal do nojo, pois uma atividade vergonhosa e compulsiva pode ser empurrada para longe em se atribuindo tôda a vergonha e tôda a compulsão para o parceiro.

A mulher me tentou, e eu comi.

Quando um homem tem vergonha de se masturbar, e em vez disso arma ciladas para mulheres visando encontrar alívio sexual, a

vergonha, que podia estar ligada à atividade masturbatória, sem diferença significativa em tal caso, exceto que a fricção é fornecida por um órgão feminino e a ejaculação vai ocorrer na vagina, é atribuída à mulher. O homem a encara como um receptáculo no qual esvaziou seu esperma, uma espécie de escarradeira humana, e se afasta dela com nojo. Enquanto o homem altercar com sua sexualidade e enquanto mantiver a mulher como uma criatura ùnicamente sexual, êle a odiará, pelo menos parte do tempo. Quanto mais histérico o ódio do sexo, mais extravagante a expressão de aversão. Não é necessário citar as restrições medievais à admissão de mulheres na igreja e aos sacramentos para demonstrar isto, conquanto os exemplos tenham o valor de serem impressionantes e incríveis. No Renascimento fêz-se alguma tentativa de entender a emoção e os efeitos do prazer.

> O gasto do espírito numa desolação de vergonha
> É a luxúria em ação; e até a inação, a luxúria
> É perjura, assassina, infame, cheia de culpa,
> Selvagem, extrema, rude, cruel, indigna de confiança;
> Gozada mas logo depois desprezada;
> Caçada além da razão; e mal obtida,
> Odiada além da razão, como uma isca engolida,
> Lançada com o propósito de tornar louco o tomador;
> Louco na perseguição, e na posse de modo que,
> Uma bem-aventurança na prova — e provada, uma verdadeira aflição;
> Tendo tido, tendo e procurado ter, extremo;
> Antes, uma alegria proposta; atrás um sonho.
>
> Tudo isto o mundo sabe bem; contudo ninguém sabe bem
> Escapar ao céu que conduz os homens a êste inferno. [7]

Shakespeare estava certo em igualar a fôrça do impulso luxurioso e a intensidade do nojo que a seguia. As primeiras manifestações de sífilis na Europa foram muito mais espetaculares do que as presentes operações da moléstia: a ignorância sôbre a natureza do contágio também ajudou a formar atitudes em relação ao sexo. Não é raro encontrar em poetas medievais um quadro de saudável gôzo animal com o ingênuo orgulho da espôsa de Bath pela maneira com que fazia a exibição de seu marido. Para muitos humanistas, o próprio prazer se tornou dúbio, e a caça do objeto sexual era vista como ilusória, mesmo quando a dama se mostrava compassiva, pois o prazer não era igual aos fantasmas do cérebro imerso na luxúria. Porém quanto mais os neo-platônicos buscavam desvalorizar o sexo, os sentidos e a informação sensorial, mais o empirismo florescia, e mais o desejo sexual, distorcido, sublimado, ou pervertido, irrompia em estranhas manifestações. O fim do poema de Shakespeare ainda é perturbado pelo desejo, a fúria mesma da sintaxe é evidência da fôrça continuada da luxúria. Doença, idealismo, nojo, não podiam afinal ocultar a energia libidinosa dos elizabetanos, que afinal ainda eram forçados a excretar semipùblicamente, a andar a maior parte do tempo sem banho, a comer comida que nos sentidos teriam achado a mais ordinária, de modo que não teriam dado jeito de

existir se tivessem sido afligidos com algo um tanto semelhante ao grau de fastio que caracteriza o homem do século vinte.

Post coitum omnis animal tristis est. Os românticos desenvolveram a sugestão que sempre estêve presente na literatura erótica, que o verdadeiro prazer sexual era necessàriamente inferior às imaginações ardentes da luxúria, numa completa formulação da superioridade de melodias não escutadas sôbre as escutadas. Os grandes casos de amor eram truncados pela morte, ou aquêles jamais gozados devido a algum outro embargo. A dicotomia mente-corpo, que podem ter julgado extrair de Platão, estava de fato estabelecida na sensibilidade dos europeus, então justificada por Descartes. O gôsto romântico pela heroína moribunda é êle mesmo uma manifestação de nojo sexual e ódio à mulher. Imaginar uma mulher morrendo é o equivalente a matá-la: imolada no altar da mortalidade, ela pode ser gozada com temerosa exaltação. O grande amante byroniano, se consumindo com os terríveis fogos de um amor proibido que torturava seu cérebro, encrespou os lábios e alimentou a escura flama em seus olhos, viciou os prazeres de todos os acontecimentos verdadeiros sonhando com o que jamais poderia ser. O ato de imorredoura adoração pelo não gozado era efetivamente apenas a rejeição do gozado. Mesmo um poeta tão de **agora** como Dylan tem duas espécies de personagens femininos em suas imagens — a dama de tristes olhos das planícies, a môça do norte, que é inviolada e inviolável, e as outras que são humanas, confusas e desprezíveis. Esta crua versão de romantismo forma a base da distinção entre dois tipos de môças que prevalece de modo quase universal em nossa comunidade, especialmente naqueles lugares em que a moralidade sexual de **avant-garde** ainda não obteve êxito em disfarçar ou banir o nojo como um sentimento impróprio e neurótico. Qualquer mulher que vai para a cama com um homem pela primeira vez sabe que corre o risco de ser tratada com desprêzo. Seu amante escolhido pode sair ou virar as costas para ela imediatamente após seu orgasmo ou adormecer, ou fingir que dorme; pode ser lacônico ou brusco pela manhã: pode não telefonar de nôvo. Espero que êle não vá discuti-la depreciativamente com seus amigos. As palavras usadas para descrever mulheres que não são relutantes em ter relações sexuais com homens que estão omissos em possuí-las são os epítetos transferidos de nojo pelo sexo tornado sem dignidade pela profilaxia estética e fantasia romântica. Para muitos neste espaço, entregar-se por amor significa o escurecimento da aura e a asserção dos fatos nus da relação sexual.

Oh! **Caelia, Caelia, Caelia de (feca)!** [8]

Homens sofisticados percebem que êste nojo é uma projeção da vergonha e portanto não lhe darão largas, mas porque receberam treinamento higiênico e foram civilizados pelo mesmo processo que as vítimas do nojo e desprêzo, ainda lhe sentem os tormentos. Ainda dizem "Foda-se" como um venenoso insulto; ainda conside-

ram **babaca** o epíteto mais degradante fora do dicionário. **Gunt-lapping, mother-tucking** e **cock-sucking** são as palavras para provocar uma sensação de ultraje. Ser forçado a desempenhar o papel de uma mulher no ato sexual é a mais profunda humilhação imaginável, que só é provada se a vítima descobre para seu horror que gostou. Não há maneira de aquilatar a extensão dêste sentimento numa comunidade como a nossa: as pessoas tendem a minimizá-lo por causa de sua auto-estima mas ninguém se sente embaraçado em

> **Estou inclinado a crer que esta admissão de superioridade moral que homens comuns estão tão prontos a reconhecer (nas mulheres) é um subôrno de cumprimento e galanteria para aquietar o sexo que sofre privação de privilégios substanciais que as colocaria realmente em igualdade com os homens: especialmente quando acho que aquêles homens que são pessoalmente mais polidos com as mulheres, que as chamam de anjos e tudo o mais, alimentam em segrêdo o maior desprêzo por elas.**
>
> J. McGrigor Allen
> "The Intellectual Severance of Men and Women", 1860, pág. 23

admitir nojo no referente à promiscuidade, embora possa ser argumentado que, se o sexo é uma coisa boa, não devia tornar-se repelente se feito com freqüência ou com pessoas diferentes. O argumento sofisticado é que a promiscuidade desvaloriza o sexo, torna-o lugar-comum, impessoal e assim por diante, mas o tipo de depressão sentida por homens forçados pelas circunstâncias a serem mais ou menos promíscuos, como músicos itinerantes, é ainda de fato o mesmo velho nojo. Muito poucos homens que dormiram por aí casualmente são capazes de conversar de modo humano com as mulheres que lhes concederam seus favores. Muita mulher tristemente reflete que suas técnicas sexuais mais rebuscadas, suas mais delicadas percepções das necessidades de seu polimorfo parceiro, sua grande generosidade sexual, suscitaram diretamente a repulsa final de seu amante e seu afastamento. Podemos achar uma chave para o ultraje e o crime sexual na incapacidade dos homens em abandonar suas inibições com a excelente mulher que é bastante boa para casar, e seu horror e nojo ante o que o desejo reprimido eventualmente os força a fazer. O pior aspecto da prostituição é que muita prostituta tem de suportar os rituais bestiais que homens civilizados acham necessários para alívio sexual. Muitas prostitutas reivindicam isso como sua função sexual. As infelizes môças encontradas enforcadas com as próprias meias e violadas com garrafas são as vítimas do fetichismo e da aversão masculinos, e contudo nenhuma mulher jamais gritou, após um tal ultraje a seu sexo, "Por que nos odeiam tanto?", embora isso seja claramente ódio.

Parte do choque e alarme causados por **Last Exit to Brooklyn** foi ocasionado pela culpa dos leitores que reconheceram o fenômeno da brutalização de Tralala na repugnante plausibilidade de seu fim: se os médicos da morgue revelassem que horrores terminam em suas lajes, poderíamos ter pior evidência da sobrevivência do ódio à vagina em nossa sociedade.

> ... vieram mais 40, talvez 50, e êles a penetraram e voltaram em fila e tomaram uma cerveja e berraram e gargalharam e alguém gritou que o carro fedia a boceta e assim Tralala e o banco foram tirados do carro e depositados no lote e lá ficou ela deitada nua no banco e suas sombras escondiam suas empolas e feridas e ela bebeu sacudindo suas têtas com a outra mão e alguém empurrou a lata de cerveja contra sua bôca e todos êles riram e Tralala praguejou e cuspiu um pedaço de dente e alguém empurrou a lata de nôvo... e o seguinte a montou e seus lábios estavam arrebentados desta vez e o sangue escorria para seu queixo e alguém esfregou sua testa com um lenço ensopado de cerveja e outra lata de cerveja foi entregue a ela e ela bebeu e berrou falando de suas têtas e outro dente ficou em pedaços e a fenda em sua bôca foi alargada e todo o mundo riu e ela riu e bebeu cada vez mais e logo desmaiou e êles a esbofetearam algumas vêzes e ela gemeu e virou a cabeça mas êles não puderam revivê-la, de modo que continuaram a fodê-la enquanto ela jazia inconsciente sôbre o banco no lote e logo êles se cansaram da posta morta e a cadeia rompeu-se e êles voltaram para Willies the Greeks e a base e os guris que estavam olhando e esperando sua vez desabafaram seu desapontamento em Tralala e rasgaram suas roupas em pedacinhos, encostaram vários cigarros em seus mamilos, mijaram nela, corcovearam sôbre ela, enfiaram um cabo de vassoura por sua vagina, então se aborreceram e deixaram-na estirada entre as garrafas quebradas, latas enferrujadas e pedras do lote e Jack e Fred e Ruthy e Annie se jogaram dentro de um táxi, ainda rindo, e se inclinaram para a janela, enquanto passavam pelo lote, deram uma boa olhada em Tralala estirada ali, coberta de urina, sangue e sêmen, e uma pequena mancha se formando sôbre o banco entre suas pernas, enquanto o sangue escorria de junção de suas pernas... [9]

Punida, punida, punida por ser o objeto de ódio e mêdo e nojo, através de seus orifícios mágicos, sua vagina e sua bôca, pobre Tralala. As mulheres nunca participam ativamente de crimes de aversão sexual, mesmo quando perpetrados sôbre corpos de homens. As implicações dêste estado de coisas acabaram sendo entendidas por alguns movimentos de libertação feminina.

O ódio à vagina sobreviveu em nossa civilização em milhares de pequenas manifestações, a maioria das quais seria decididamente negada pelos que as manifestam. A profunda aversão por poses de **pin-ups** que mostram o pêlo pubiano, evidenciada na seleção de fotos que minimizem a área genital, é em parte motivada por um nojo do próprio órgão. Mulheres de considerável experiência, como a autora de **Groupi,** que se deleitam e glorificam com sua habilidade no **fellatio,** sentem, segundo as palavras de Miss Fabian, que o **cunnilingus** deve ser **menos rotineiro,** e não o exigiriam de nenhum homem que lhes estivesse fazendo amor. [10] Outras mulheres sentem-se embaraçadas com o **cunnilingus** e têm certeza de que os homens devem achá-lo nojento. A despeito de minhas próprias opiniões, muitas vêzes sinto assim também, e não posso pretender que é por ser um procedimento tão íntimo, ou tão impessoal. As secreções vaginais são objeto de um vasto folclore; a vasta campanha de propaganda de desodorantes e perfumantes da área vulvar jogam deliberadamente com os receios femininos referentes a aceitabilidade de gostos e odôres naturais. Um desodorante vaginal é mesmo aromatizado com hortelã-pimenta, para dar uma ilusão de frescura e

desumanidade. Outros são mentolados. A vagina é descrita como um **problema,** impedindo parte do agrado de estar perto. O uso excessivo de duchas com aditivos químicos é realmente danoso para o equilíbrio natural de organismos existentes na vagina, e no entanto nenhum médico ousou denunciá-lo abertamente. Mulheres desejosas de chegar a têrmos com si mesmas, e de compreender quão longe estão de realmente agir assim, devem considerar suas próprias reações ante a sugestão de que experimentem no dedo sua própria secreção vaginal, ou que a experimentem na bôca de um amante. A despeito de minha própria atitude de proselitismo, devo confessar um arrepio de choque quando uma das senhoras a quem êste livro é dedicado contou-me que havia experimentado seu próprio sangue menstrual no pênis de seu amante. Não há horrores nesse sangue, nem venenos; eu sugaria um dedo que sangrasse, não teria escrúpulo em beijar um lábio cortado, e no entanto... A única maneira de curar tais superstições é o empirismo raso, empreendido de modo inocente.

O nojo reprimido pela genitália feminina é a razão de muitas causas de irritações e inflamações vulvares serem raramente investigadas de forma apropriada, e muitas mulheres se tratam de modo errado de sintomas que consideram crônicos e nervosos ou de origem moral, até que o tratamento nada mais pode fazer. Casos de infecção incurável por tricomona são todos devidos a uma combinação de mêdo, superstição e descuido dos médicos. Desordens no pênis podem ser tão triviais e risíveis como pé-de-atleta, e do mesmo modo as na vagina. E em qualquer caso deve se proceder a um exame. A fictícia associação de **prurigene vulvae** com desejo sexual excessivo é uma razão adicional de porque a coceira feminina não é levada a sério. Junto com a fantasia da coceira inflamada da vagina voraz andam outras noções de conformação e coloração apropriada das ninfas que influenciam mesmo a concepção de médicos. Julga-se que a genitália de uma mulher fresca e virtuosa tem de ser rosa e suave, o clitóris dificilmente protuberante, a membrana dos lábios macia e tênue. O tom púrpura de mulheres de pele escura, e o avermelhado do tecido labial é tomado como indicando excitação excessiva, abuso e libertinagem.

Com base nas suposições arbitrárias sôbre a conformação e coloração das ninfas, no comêço do século médicos americanos descobriram centenas de casos de auto-abuso e trataram-nos do mais bárbaro modo imaginável — pela clitorectomia. Nunca foi sugerido um tal remédio para a masturbação masculina, e contudo em muitos casos foi realmente praticada a castração de mulheres. Em têrmos da mais primária fisiologia, a prática era imperdoável, pois os nervos que servem ao clitóris servem também ao resto da área anovaginal e a masturbação, se afinal estava ocorrendo e na medida em que os médicos diziam, e se estava tendo os efeitos deletérios sôbre o organismo que êles fantasiavam, tais como neurastenia, anorexia,

aberrações de pressão sangüínea, debilidade e assim por diante, podia muito naturalmente ser transferida para as outras áreas. A única motivação persuasiva para tal terapia (pois **razão** não pode haver) é ódio. A infibulação de môças em tribos primitivas também tem esta função punitiva e defensiva.

A falta universal de estima pelo órgão feminino torna-se uma deficiência na auto-estima das mulheres. São furtivas e secretas a respeito de seus próprios órgãos e funções, porém mais apavorante é o fenômeno da mulher que busca degradação associando-se às suas inferiores e convidando seu amante a abusar dela. Um filme italiano muito divertido foi construído em tôrno da história de uma mulher rica que fazia amor com o motorista quando bêbada, implorando-lhe, "Chiamami tua serva!" Muitas das coisas cruéis e vis que homens fazem a mulheres são feitas por instigação delas. A mais assustadora evidência de ódio à vagina pode ser encontrado nos casos de introdução na vagina e uretra de objetos perigosos, pelas próprias mulheres.[12] Os primitivos históricos de casos ginecológicos contêm exemplos de mulheres que introduziram agulhas e alfinêtes na bexiga e tentaram matar-se desta forma. Mesmo os pioneiros da ginecologia não eram iludidos pelos protestos delas de que haviam ocorrido extravagantes acidentes. Quando a cirurgia estava na infância, tal abuso era geralmente fatal. Mesmo agora, casos de tal violência perpetrada contra o eu não são da mesma forma raros. Muitas desordens menstruais se derivam da incapacidade de aceitar a feminilidade e seus processos correlatos. Muita garôta tôla engolindo sal de Epsom e gim e se cozinhando numa banho quente, não está tanto tentando provocar abôrto, como se punindo por sua sexualidade feminina. Nojo por si mesma é um fator importante na ninfomania, que em geral é auto-rebaixamento compulsivo. A psicologia **pop** se refere a isso em jargão como tendo uma baixa auto-imagem.[13]

As mulheres sofrem tal lavagem cerebral a respeito da imagem física que deviam ter que, a despeito da ficção popular, raramente se despem com entusiasmo. Estão com freqüência se desculpando de seu corpo, considerado em relação àquele objeto plástico de desejo cuja imagem é difundida através dos meios de comunicação. Seus seios e nádegas são sempre grandes ou pequenos demais, de formato errado, ou muito flácidos, seus braços peludos em excesso ou por demais musculosos ou muito finos, suas pernas muito curtas, ou pesadas, e assim por diante. Nem tôda desculpa está procurando elogio. Estão de fato se desculpando. O elogio é realmente tranqüilização necessária de que os defeitos não existem, não apenas de que êstes defeitos não têm importância. A mulher que se queixa de que seu traseiro é caído, não quer que lhe digam "Não me incomodo, porque eu a amo", mas "Menina tôla, tem uma forma perfeita, você não pode vê-lo como eu". É observação corriqueira que as mulheres estão sempre tentando alisar o cabelo se é

crespo e encrespá-lo se é liso, apertar os seios se são grandes e recheá-los se são pequenos, escurecer o cabelo se é claro, e clareá-lo se é escuro. Nem tôdas essas medidas são ditadas pelo fantasma da moda. Tôdas refletem insatisfação com o corpo tal como êle é, e um insistente desejo de que fôsse diferente, não natural, mas controlado, fabricado. Muitos dos artifícios adotados pelas mulheres não são cosméticos ou ornamentais, mas disfarces do verdadeiro, surgindo do mêdo e desagrado. Luz suave, roupas interiores com rendas e babados, bebidas e música, podem ajudar a tornar aceitável um conjunto de bens inferiores, que sob luz forte e nu total podia muito fàcilmente ser repugnante. A influência universal do estereótipo feminino é o fator singular mais importante no ódio à mulher, tanto masculino quanto feminino. Até que a mulher, tal como é, possa empurrar êste espectro plástico para fora de sua imaginação e da de seu marido, ela continuará a se desculpar e se disfarçar, enquanto vai aceitando sem queixume a barrigona, as pelancas, o mau hálito, a barba hirsuta, a careca e outras feiúras de seu homem. O homem exige, em sua arrogância, ser amado como é, e se recusa mesmo a impedir o desenvolvimento das mais tristes distorções do corpo humano que podem ofender a sensibilidade estética de sua mulher. A mulher, por outro lado, não se pode contentar com saúde e agilidade: precisa fazer exorbitantes esforços para parecer algo que nunca poderia existir sem uma diligente perversão da natureza. É demais pedir que seja poupada às mulheres a luta diária por uma beleza super-humana a fim de oferecê-la às carícias de um companheiro sub-humanamente feio? Considera-se que as mulheres nunca ficam enojadas. O triste fato é que ficam muitas vêzes, mas não com os homens; seguindo a orientação dos homens, ficam na maioria das vêzes enojadas consigo mesmas.

ABUSO

Em 18 de dezembro de 1969, no caso de Regina versus Humphreys, Mr. Frisby Q. C. acusou a defesa de tentar mostrar que Miss Pamela Morrow, a quem o réu era acusado de ter violado, era uma **"floppertigibbit."** * Parece incrível que advogados do século vinte possam acusar uma môça de ser um repugnante demônio do inferno, o mesmo que se jogou sôbre as costas de Poor Tom em **King Lear** e o mordeu tão cruelmente.[2] O significado da palavra declinou para uma pálida sombra de sua antiga fôrça, talvez por causa de seu uso indiscriminado em caçadas de bruxas, mas sua derivação permanece um fato. O elemento de caça às bruxas nunca está longe de julgamentos em que môças não muito virginais são chamadas a dar testemunho contra membros do Parlamento e pode ter havido mais para o uso do têrmo por Mr. Frisby do que êle imaginava, mas devemos seguir êste modêlo de debilitação pelo uso indiscriminado de expressões da maior reprovação. A palavra **bruxa** costumava também aplicar-se a uma manifestação satânica direta de peculiar horror; hoje simplesmente significa uma mulher que não está com seu melhor aspecto. **Embruxado** significava a condição de uma alma que tinha sido atormentada por espíritos diabólicos durante o sono, não um marido que tivesse sido "chateado".' A ineficácia das vítimas de tal abuso finalmente desvalorizaram as próprias expressões de abuso: **termagant** começou sua história nas **chansons de geste** como palavra significando uma deidade maometana, agora também significa uma mulher implicante. A aplicação indiscriminada enfraqueceu a fôrça de **broad** (largo, grosseiro) originalmente derivado de **bawd** (obsceno), e **hoyden** (môça atrevida), **wanton** (leviana), **baggage** (bagagem, môça atrevida) e **fright** (susto) originalmente máscara de horror bem como **tarttart** (torta) que começou como têrmo irônico de afeição, tornou-se insultante, e agora é apenas levemente ofensivo.[3]

Infelizmente o enfraquecimento do abuso pelo exagêro histérico não é o fenômeno mais comum na linguagem do ódio à mu-

lher. Muito mais expressões que originalmente se aplicavam tanto a homens como a mulheres ganharam virulência pela discriminação sexual. A palavra **harlot** (meretriz) só se tornou exclusivamente feminina no século dezessete. Não há correspondente masculino para ela na era do duplo padrão. A palavra **bawd** se aplicava a ambos os sexos até depois de 1700, e a palavra **hoyden** não é mais aplicável a homens. Originalmente **scold** (regateira) era uma invectiva dos escoceses — agora significa, sabemos, uma mulher irritante. **Witches** (feiticeiros) podem ser de qualquer sexo, mas como têrmo de abuso **witch** só é dirigido a uma mulher. **Chit** era originalmente o filhote de um animal, veio a significar criança, e hoje em dia significa uma môça tôla.

O antagonismo de classe tem tido seu efeito sôbre o vocabulário do **status** feminino. A desconfiança da classe baixa ante os requintes resultou na aplicação irônica de têrmos como **madame, lady, dame** e **duchess**, o que é justa troca para o carregamento de insultos em dialeto com associações desdenhosas, como em **wench** (rapariga), **quean** (mulher vil), **donah** (dona), **dell** (sig. comum — pequeno vale), **moll, biddy** (oferecida) e **bunter** (antes um trapaceiro, mas agora invariàvelmente uma prostituta). O caso mais recente em que o desprêzo por trabalho subalterno inventou um nôvo têrmo de abuso para as mulheres é o uso de **scrubber** (faxineira) para uma môça de pouca virtude. Se tais movimentos lingüísticos fôssem mapeados de modo compreensivo e em pormenores, teríamos à nossa frente uma carta do desenvolvimento do padrão duplo e da degradação das mulheres. Na medida em que o vocabulário do castelo e da cabana são separados, palavras como **wench** (rapariga) e **madonna** (senhora) não se chocam; quando se juntam, ambos os conceitos sofrem e a mulher é a perdedora. Quanto mais cresce a aversão ao corpo, de modo que a função sexual é odiada e temida por aquêles incapazes de renunciar a ela, mais encontramos em nossa linguagem têrmos abusivos.

Quando a maioria das môças da classe baixa estavam ganhando a vida como domésticas, lutando para se livrar da exploração sexual dos homens da casa, a linguagem de reprovação tornou-se cada vez mais preocupada com lapsos na limpeza, que eram tomados como sendo lapsos morais. O conceito de desmazêlo ou desalinho com sua implicação composta de sujeira e desonra deu origem a uma grande família de palavras obscenas como **drab** (mulher suja), **slut** (desmazelada), **slommack, slammerkin, traipse, malkin, trollop** (mulher desalinhada e de pouco recato) **draggletal.** A própria palavra **slattern** (desleixada) abandonou a porção masculina de seu significado e tornou-se exclusivamente feminina.

O grupo mais ofensivo de palavras aplicado à população feminina é aquêle que suporta o pêso do nojo neurótico masculino por sexo ilícito ou casual. A Restauração, que fêz a colheita do abuso puritano de mulheres alegres, inventou uma palavra completamente

nova, de derivação desconhecida, para descrever senhoras complacentes, a ubíqua **punk.** As imagens de doença venérea acrecentaram uma nova dimensão às imagens: mulheres doentes eram **fireships** (barcos com explosivo) **brimstone** (enxôfre) **laced mutton** (carne enfeitada) **blowens**, **bawdy basketes, bobtails,** embora os vestígios de inocência sensual tenham perdurado o bastante para nos dotar com têrmos obsoletos como **bed-fagot, pretty horsebreaker,** bem como o uso amoroso-irônico de palavras como **whore** (prostituta) e **trull** (prostituta), que não foram sempre inteiramente amargos em sua aplicação. Têrmos mais familiares em uso corrente se referem às mulheres como receptáculos para refugo, refletindo a valorização que os homens dão ao próprio sêmen, como **tramp** (vagabunda) **scow** (barco para descarregar navios) **scupper** (escotilha), ou, mais contemporâneo, o odiento epíteto transferido **slag** (escória). Mesmo a estas palavras falta vivacidade: as próprias mulheres usam indiscriminadamente uma palavra como **bag** (saco, bôlsa), embora recuassem do inequívoco primitivo **douche-bag,** ou da gíria rimada **toe-rag.**

Talvez palavras como **pig** (leitão), **pig-meat** (comida de porco) ou **dog** (cachorro) sejam inspiradas pela tristeza que se segue ao sexo insatisfatório: elas também perdem sua eficácia pelo uso amplo como aconteceu com a palavra **beast** (animal), e precisam ser constantemente substituídas. O vocabulário do sexo impessoal é peculiarmente desolador. Quem quer "aproveitar?" "arranjar um material?" "conseguir uma mina?".

Seria insuportável, pelo menos isso, se apenas a vagina fôsse diminuída por palavras como **meat** (comida) **pussy** (gatinho) **snatch** (bocado) **slit** (fenda) **crack** (rachadura) e **tail** (rabo), mas num rígido patoá a própria mulher é chamada de **gash** (incisão), **slot** (ranhura). A figura poética que indica o todo pela parte é tristemente empregada quando indicando mulheres como **skirts** (saias), **frills** (babados), **a bif of fluff** (uma coisinha fôfa) ou **a juicy little piece** (um pedacinho sumarento).

Êstes têrmos são todos mortos, carnais e inumanos, e como tais fáceis de causar ressentimento, mas as expressões de meiguice dirigidas às mulheres são igualmente sem alma e degradantes. As imagens básicas por detrás de palavras como **honey** (mel), **sugar** (açúcar), **dish** (comida), **sweety-pie** (pastel doce), **cherry** (cereja), **cookie** (bolinho), **chicken** (franga) e **pigeon** (pomba) são de alimento. Se a mulher é comida, se seu órgão sexual também é para consumo, na forma de **honey-pot** (pote de mel), **hair-pie** e **cake,** ou **jelly-roll** (pãozinho). Há bonitos nomes de brinquedos, como **doll** (boneca) e **baby** (bebê) ou mesmo **baby-doll.** Há os engenhosos nomes de animais como **chick** (pintinho), **bird** (pássaro), **kitten** (gatinha) e **lamb** (ovelha), afastados de leve de **cow** (vaca), **bitch** (cadela), **hen** (galinha), **shrew** (rata), **goose** (gansa), **filly** (poldra), **bat** (morcego), **crow** (corvo), **heifer** (novilha) e **vixen** (rapôsa), bem como a palavra esplêndidamente ambígua **fox** (rapôsa), que emanou do **ghetto** de Chicago. Os têrmos

alimentares perdem o seu encanto quando refletimos quão perto estão de têrmos grosseiros como **fish** (peixe) **mutton** (carne de carneiro), **skate** (arraia), **crumpet** (um tipo de bôlo) a **bit on a fory** (um pedaço num garfo) **cabbage** (couve) **greens** (verduras) **meat** (carne) e **bread** (pão), têrmos aplicados mais especìficamente à genitália feminina, porém muitas vêzes estendidos à própria mulher. Quem gosta de ser chamada de **dry-goods** (alimentos secos), uma **potato** (batata), um **tomato** (tomate) ou um **rutabaga** (uma espécie de nabo)?

Existia uma refinada família de palavras que descreviam sem reprovação ou repulsa mulheres que viviam fora das leis sexuais aceitas, mas desapareceram do uso corrente. Palavras vagamente desdenhosas **como kept-woman** (mulher mantida) e **call-girl** (môça que atende a chamado), conquistaram o campo a **adventuress** (aventureira), **woman of the world** (mulher do mundo),**woman of pleasure** (mulher de prazer), **mistress** (feminino de senhor, corresponde a "amante"), **inamorata** (enamorada), **paramour** (por amor), **courtesan** (cortesã), **mondaine** (mundana). Quando Frank Zappa lançou a mitologia da **groupie** como a sacerdotiza do amor livre e da tentativa de vida em grupo, pretendia que o têrmo permanecesse livre de colaboração pejorativa, [4] mas, a despeito da enorme elaboração, menos de seis meses depois a maioria das mulheres que rondavam músicos tratavam a denominação como um insulto. É destino dos eufemismos perderem com rapidez sua função por associação com a realidade do que êles designam, de modo que precisam ser regularmente substituídos por eufemismos para êles mesmos. Não é muito rebuscado imaginar que **fiancée** (noiva), que comumente na sociedade permissiva significa **amante,** se tornará uma palavra tabu a menos que a ideologia possa milagrosamente se emparelhar com o comportamento.

O mais injurioso aviltamento de mulheres imorais não parte de homens. O **establishment** feminino que vê suas técnicas de barganha sexual ameaçadas pelo menosprêzo de mulheres que se fazem **baratas** é mais vociferante em sua condenação. Com muita freqüência as mulheres errantes injuriam a si mesmas com excessiva vergonha e recriminação, degradando-se mais na própria estima do que por seu comportamento. A compulsão dêste comportamento é o resultado direto de repressão na educação: as mulheres são impelidas à licença sexual porque parece proibido e excitante, mas o preço que pagam por tal delinqüência é por demais pesado. O resultado é ninfomania funcional, descrita em **Diary of a Nimph,** de Nathan Shiff. Uma mulher nesta situação recusa-se a tomar responsabilidade por seu próprio comportamento e em vez disso atribui seus feitos a um eu paralelo que a possui. Ela não pode escolher entre um ou outro parceiro sexual porque sua vontade está em suspenso, de modo que seu curso é para a autodestruição. A heroína de Shiff, Christine, descreve sexo como imundo e baixo, e anseia por ver-se livre dêle, por "ser limpa outra vez". [5] A mesma síndrome autodenigridora surge num tipo de carta que aparece regularmente nas colunas de cor-

respondência de revistas femininas. "Sinto-me tão baixa e envergonhada..."; "Estava tão enojada comigo mesma que descobri que não podia responder ao amor de meu marido. Agora está pior. Li a respeito de moléstias venéreas e estou apavorada pois posso ter sido infectada..." "Sempre amei meu marido, mas há três anos atrás tive um caso sórdido que êle perdoou... De nôvo fui fortemente tentada por outro homem..."; "Sei que é impossível mudar meu passado, mas aprendi minha lição e desde então estou arrependida do que aconteceu..."[6] Nenhuma das matriarcas que responde indaga porque o caso era tão sórdido, porque devia ser lamentado, que lição era essa que fôra aprendida, porque a vergonha é tão desproporcionada ou o que a mulher está realmente descrevendo quando fala de tentação. Em vez disso, tôdas prudentemente aconselham que a mulher continue a aceitar sua culpa e encontre expiação em renovada auto-abnegação. Em histórias de "romance verdadeiro", as mulheres impiedosamente se aviltam por infrações mínimas do código sexual — "Foi tão horrível, senti que nunca seria limpa outra vez. Nunca. Sim, horrível demais para viver. Senti-me profundamente envergonhada. Mal conhecia êste homem. Como pude ser tão reles?"[7]

Para môças educadas, a acusação mais impressionante é a de **promiscuidade,** uma noção tão mal definida que, para propósitos práticos, temos de decidir que uma môça é promíscua quando ela se acha isso. As conversações de Gael Greene com alunas universitárias revelou que, embora tolerassem sexo entre pessoas "apaixonadas", qualquer outra espécie era promiscuidade, uma doença imaginária tão poderosa em seus efeitos que, segundo o Dr. Graham B. Blaine, é a razão mais comum de elas procurarem ajuda psiquiátrica.[8] Môças que se orgulham de seus instintos monógamos não hesitam em usar tôda a bateria de têrmos de repulsa ao sexo para mulheres que não são iguais. Falam de "galinha", "vaca" ou de "um par de chinelos usados", revelando sua fidelidade inconsciente à noção de que, para mulheres, sexo é **despojar** e **usar.**[9] A última palavra sôbre a perniciosa fôrça da noção de promiscuidade foi pronunciada por Jim Moran, combatendo o duplo padrão em **Why Men Shouldn't Marry**: "O uso desta palavra (promiscuidade) não tem senão uma característica redentora. Identifica aquela que o usa como uma beata pró-virgindade, sem problemas, puritana."[10]

Moran dirigiu suas palavras principalmente aos homens: precisam ser mais urgentemente considerados pelas mulheres. Se é para as mulheres serem mais valorizadas pelos homens, devem elas mesmas se valorizar mais altamente. Não devem permitir-se serem seduzidas enquanto num estado de paralisia moral auto-induzida, confiando na boa vontade do sedutor tão queixosamente servido. Não devem precipitar-se de cama em cama numa busca auto-ilusória e lamentável de amor, mas devem fazer o que fazem de modo deliberado, sem falsa modéstia, vergonha ou chantagem emocional. En-

quanto as mulheres se considerarem objetos sexuais, continuarão a extorcer-se sob o desprêzo declarado dos homens e, pior, a pensar em si mesmas com vergonha e desdém.

A baixa estima pelo objeto sexual se estende mesmo às palavras que denotam o simples fato de sexo feminino. Fêmea e **mulher** não são têrmos polidos: foi-me ensinado quando menina que sempre empregasse a palavra **senhora** ou **senhorinha.** O melindre resulta no emprêgo de fórmulas ridículas como **o sexo oposto.** O desprêzo pelas mulheres pode ser percebido numa forma mais pura no uso de têrmos femininos para ofensa de homens pusilânimes ou incompetentes. "Você, môça", diz o londrino, num tom do mais profundo desprêzo. As feministas deviam gostar de considerar a atribuição gratuita do sexo feminino a objetos e criaturas não especificadas, como na legenda que identificou o Monstro de Loch Ness como fêmea, "Se Nessy está lá, **ela** percebeu a aproximação do sonar". Talvez possamos deduzir o motivo latente para a atribuição do sadismo do contexto.

Mulheres jovens e bonitas podem iludir-se quanto ao montante de insulto que se faz às mulheres, pois enquanto permanecem assim escapam à maior parte dêle. É fácil pretender que assobios são gestos de genuína apreciação e que elogios são admiração genuína, o que não são. Mulheres bonitas às vêzes se irritam sob os efeitos da suposição universal de que são estúpidas, mas em geral parece mais fácil explorar as ilusões masculinas. Basta uma mulher não estar de acôrdo com o estereótipo, para se encontrar submetida a tôdas as espécies de discriminação e insulto, embora possa minimizá-los em defesa de sua saúde mental. Uma mulher que não é bonita é um **bofe.** Há algumas parcialidades nas imagens populares. Uma mulher que é inaceitàvelmente gorda é bruta, indesejável, repulsiva. Uma mulher que é indesejàvelmente magra é escanifrada, um espêto e assim por diante. Se suas pernas não são bonitas, elas são horrorosas. Se seu corpo sugere demasiada fôrça e agilidade, ela é áspera, rude, pouco feminina. Se é eficiente e capaz ou ambiciosa, supõe-se que fracassou em encontrar satisfação como as mulheres normais, mesmo ao ponto de implicação de uma anormalidade glandular ou perversão sexual.

O estereótipo do objeto sexual é apenas um dos estereótipos usados para mascarar as realidades de humanidade feminina. Mesmo êste tipo não está livre de abuso. Uma certa espécie de homens imagina que as mulheres estão o tempo todo se pavoneando para lhes inflamar os sentidos e negar-se a êles, a fim de reconstruir seus egos deficientes. Imaginam que as mulheres se dedicam a ultrajante exploração de suscetibilidade masculina. Os extratos seguidores apareceram num livro de instrução sexual recentemente republicado na Inglaterra, chamado **Sane and Sensual Sex.**

> O homem nem sempre gosta (como as mulheres bem podem pensar) de vê-la nua em pêlo. Não fica necessàriamente louco de ardor ao vê-la em

trajes menores ou de calcinhas ou sutiã. Êle não perde a cabeça quando a saia dela sobe numa ventania, mostrando tudo que se escondia. Êle não gosta dos seios generosos se escapando pelo decote ou forçando a blusa justa. Êle não se deleita com a visão de seu traseiro balançando a partir dos quadris ou dentro da saia que balança em tôrno dela, revelando uma multidão de anáguas franzidas.

No entanto — a garôta média bem como a jovem mulher — pensam que isto é hipnose para o homem médio. Ela circula com a idéia de que é a personificação do sexo, desejada por qualquer macho à vista. Indispensável para a paz de corpo e de espírito do mesmo. As leis da maior parte dos países mimam a mulher a partir dos treze anos ao ponto de ser protegida de qualquer olhar libertino ou lascivo, qualquer beliscão nas nádegas ou apertão indesejado ou não pedido.

Como conseqüência, a mulher cresce com um Complexo-de-Virgem-Maria, convencida de que é intocável — até que ela dá a ordem de "avançar".[11]

Não nos surpreendemos em ver o autor desta extraordinária mistura de desejo e injúria gastando um tempo desproporcionado em elogiar roupa íntimas rendadas e se irritando contra a imaginada dominação das mulheres em questões sexuais.

A mulher sempre terá a última palavra porque ela **dá**, enquanto que o homem toma.

Assim, ela sempre repudiará o exibicionista, fingindo não se interessar pelos encantos sexuais do homem, negará o direito dêle a vestir-se bem e de modo atraente, por fora **e** por dentro.

Pois ela pensa que **sex-appeal** e encanto, misticismo e **glamour** são prerrogativas apenas de seu sexo.

Seu último cartucho pretende ser mortal. "Mas um corpo de homem se apresenta melhor do que o de uma mulher porque êle cuida dêle. E êle é viril e eficiente muito depois de ela ter abandonado o fantasma sexual".[12]

A maioria dos homens se apaixona por um rosto bonito mas acabam se achando ligados pela vida inteira a uma estranha odiosa alternando interminàvelmente entre uma oficina e a cozinha de uma bruxa.

Schopenhauer

Mulheres bonitas nunca perdem a consciência de que estão envelhecendo, mesmo se o processo mal começou; uma beleza em decadência é possìvelmente mais atormentada do que qualquer outro estereótipo feminino, porém mesmo para mulheres que nunca fizeram qualquer exigência de admiração masculina há estereótipos abusivos que se apossam de sua pretensão à individualidade. A môça estudiosa e simples é caracterizada como uma "chata" sem caráter e sem sexo; troça-se da dona de casa que tem a cabeça cheia de rolos e nada dentro, de avental, girando, importunando, em quem não se pode confiar na cozinha, com o orçamento, em sua escolha de roupas e o com carro da família. Na medida em que ela envelhece, as imagens se tornam mais repelentes; ela se torna obesa, seus seios aumentam e se tornam flácidos, os rolos nunca mais saem de sua cabeça, sua voz é mais alta e mais insistente; finalmente é transmutada na mais odiada imagem feminina, a mãe da espôsa, a ubíqua sogra.

Finalmente, mesmo uma espôsa-criança tem de crescer e parar de fofocar e lamuriar por aí, e a troça masculina data do momento em que ela abandona sua posição de adoração filial e começa a dirigir sua casa. "A môça bonita então cegou seu homem para que êle não visse que ela estava se transformando de uma borboleta em uma lagarta." [13]

Philip Wylie lançou-se num frenesi retórico, que de modo tão acurado demonstrou a freqüência do ódio à mulher na América; no entanto, o seu debate não impediu que um fenômeno espúrio surgisse, o "Momism". Muito homem inteligente abandonou seu entendimento a fim de se unir, como Jimmy Porter, à delícia de vilependiar sem medidas as mulheres. Por exemplo, Wylie realmente declara que o sufrágio feminino é responsável pela corrupção política na América.

> A presença graciosa de mamãe pela primeira vez na cabina eleitoral foi de modo geral concomitante com a demarragem para um nôvo rebaixamento permanente na vileza política, filhotismo, gangsterismo, luta trabalhista, ladroagem monopolista, degenerescência moral, corrupção cívica, contrabando, subôrno, roubo, assassinato, homossexualidade, embriaguez, depressão financeira, caos e guerra. Note isso. [14]

Claro, êle não pode estar falando a sério. Bem verdade. Tais coisas podem ser ditas apenas de brincadeira, mas mesmo assim não deixam de ser sérias. O campo mais significativo para sentimentos de rejeição referentes às mulheres é o departamento de piadas:

> Uma estranha vista saudou a jovem espôsa quando ela veio para casa. Lá estava sua mãe ereta numa cadeira, com os pés dentro de uma bacia d'água. Ela tinha um dedo enfiado na tomada de luz e dois fios ligados em cada lado de sua cabeça. Henry estava colocado junto ao medidor elétrico com a mão no interruptor.
>
> — Ah, você chegou bem a tempo de ver Henry curar meu reumatismo! — gritou a mãe feliz. [15]

A falta de senso de humor das mulheres não é causa de não existir êste estoque de piadas contra os pais, embora possa mais comumente ser explicado assim. Como elas teriam podido resistir às brincadeiras intermináveis às custas delas sem senso de humor é difícil de explicar. Outra espécie de insulto humorístico que as mulheres aceitam de boa paz é a tendência dos artistas de ridicularizar grotescamente as fraquezas femininas. Alguns atos de travesti são encantadoras celebrações da armadilha assexuada da feminilidade, e deviam ser principalmente de importância para assinalar quão pouco a feminilidade tem a ver com o verdadeiro sexo e quanto com falsificação e embuste. A muitos mais são caricaturas maliciosamente concebidas de tipos femininos visando e macacaqueando lisonjas e hipocrisias femininas enquanto usando encantos femininos. As mulheres são espectadoras de ambos os tipos de diversão, rindo e aplaudindo sempre que se espera.

Qualquer mulher pode continuar por si mesma a investigação da injúria ao povo feminino, mas não haveria muito interêsse em exaltar a paranóia das mulheres se não houvesse alternativas. Como condição essencial para a diminuição da prática corriqueira de fazer pouco das mulheres, as próprias mulheres devem parar de implorar. Em sua roupas e maneirismos as mulheres se caricaturam, se tratando com nomes tolos e deliberada leviandade, exagerando sua indecisão e desamparo, inventando tôda espécie de belos truques que um dia terão de abandonar. Têm de tirar vantagem da genuína valorização das mulheres que está aparecendo, embora intermitentemente, na cultura contemporânea. Quando os Troggs cantaram suas louvações de sua **Wild Thing,** ou Family celebrou sua **Second Generation Woman:**

> A última coisa que você deve fazer
> É falar-lhe para que o ame
> Não precisa
>
> Ela sabe quando é a ocasião certa
> Vem para você sem luta
> Ela também quer [16]

abriram novas possibilidades nas imagens de ser mulher, agora não circunscritas por corações e flôres ou jóias. **Long Tall Sally** e **Motorcycle Irene** são indivíduos, não estereótipos; embora ainda sejam menos numerosas do que as Môças do País do Norte e outras deidades femininas impessoais, pelo menos chegaram. É tempo de irmos ao encontro delas.

---

* Não tem tradução. Neste capítulo as palavras entre colchetes visam dar apenas uma idéia, uma vez que, para tradução, teria de ser feito um estudo de têrmos coloquiais, de gíria e chulos sôbre o assunto. N.T.

MISÉRIA

A angústia é mais fácil de suportar do que a miséria. A mulher que está casada com um bruto, um bêbado ou um pervertido tem a simpatia do mundo, bem como uma satisfação masoquista. A miséria autopropagandeada da mulher abandonada, justificando sua dependência de drogas, bebidas ou sexo com estranhos, pelo crime que a sociedade cometeu contra ela, não é tão profundamente digna de dó como a branca miséria do dia-a-dia suportada por mulheres que não têm nada de que se queixar. A evidência dêste lúgubre sofrimento pode ser encontrada em qualquer rosto feminino idoso: as rugas que desfiguram as mulheres são linhas de tensão e repressão, linhas de aborrecimento, não de preocupação. Em descanso, os traços de suas feições são fáceis de ler, mas, assim que percebem que estão sendo observadas, culposamente clareiam os olhos, levantam o queixo e afetam uma serenidade que não sentem. O preconceito contra revolta e queixa por parte de mulheres casadas é muito forte: ar público de tédio ou descontentamento é profunda deslealdade, ingratidão e imoralidade. É admitido que casamento é um negócio árduo exigindo ajustamento constante, "dá e toma", mas não se admite com a mesma freqüência que o marido-provedor é a constante e a mulher a variável.

"Durante o dia está bem: estou ocupada. Mas a noite, de oito até doze horas, junto com meu tricô ou TV, faz com que me sinta como uma prisioneira.

Porque meu marido trabalha no local, se eu saio é com minha irmã ou para aulas noturnas. Certamente uma hora de companhia de um homem à noite não é suficiente? Sinto-me como uma moderna Cinderela, e não posso agüentar outros doze anos disso. Há escassez de **baby-sitters** e é difícil organizar um serviço aqui, porque nas proximidades há poucas mães em minha situação."

Enfrentemos um fato: seu marido não vai mudar após doze anos. Êle não pode ver mal nenhum em seu comportamento, e quanto mais você se queixar, mais disposto êle estará a fugir de suas reclamações para a paz de seu bar.

Você pode, no entanto, **mudar a si mesma.** Primeiro, considere as muitas virtudes de seu homem: então faça com que o tempo que passa com êle seja tão delicioso que êle tenha aversão por sair.

Finalmente, reorganize sua vida social. Se você tivesse amigas para jogar cartas ou simplesmente jantar duas vêzes por semana, elas não seriam seu marido, mas afastariam seu pensamento dêle. E lembre-se — se êle fôsse, digamos, um marinheiro, estaria longe por anos. Chegue a um acôrdo com um marido dado a ausências: e se êle começar a perceber que você não está notando tanto sua ausência, pode ficar mais disposto a ficar em casa. [1]

A única realização valiosa de uma espôsa é tornar seu marido feliz — entende-se que êle pode ter coisas mais importantes para fazer do que fazê-la feliz. Quando o descontentamento dela começa a incomodá-lo, êle percebe que talvez devesse conversar mais com ela, sair mais com ela, comprar-lhe rosas e chocolates, ou fazer-lhe um elogio ocasional. Não custa tanto, afinal. Se ela já caiu realmente na apatia e irritabilidade da síndrome da dona de casa, ela não é realmente capaz de uma conversação; cansada demais para sair, sente-se subornada e escarnecida pelas flôres.

Sou admirada porque faço as coisas bem. Cozinho, costuro, faço tricô, converso, trabalho e faço amor muito bem. Assim, sou um item valioso. Sem mim, êle sofreria Com êle, estou sòzinha. Sou tão solitária como a eternidade e às vêzes tão estúpida quanto creme azêdo. Ha, ha, ha! Não pense! Aja como se tôdas as contas estivessem pagas.

Christine Billson "You Can Touch Me", 1961, pág. 9

Aborrecimento, excesso de pêso e envelhecimento prematuro são os sinais exteriores de miséria, e estão de tal modo difundidos entre as mulheres em nossa sociedade que não chamam a atenção. As mulheres se sentem culpadas de todos êles: são os pecados capitais de "deixar o barco andar". Inventam desculpas para êles, explicando irritabilidade e cansaço com doença, alegando dores que não existem até que elas fazem com que existam; a insidiosa dor de cabeça, dor nas costas, perda de apetite, reumatismo. As donas de casa que sofrem da verdadeira doença das donas de casa, as "grandes e sangrentas bôlhas que surgem em seus braços e mãos" que Betty Friedan notou, são menos numerosas do que as mulheres que não têm êste bem-vindo sinal exterior de sua moléstia.[2] A estatística sôbre o número de mulheres submetidas a cirurgia abdominal sem causas orgânicas é de horrorizar. Chegaríamos a uma estatística bem exata se tivéssemos a pesquisa de mercado para firmas que comercializam "energia", "vitalidade", "disposição", "felicidade", "brilho interior", que vão "ajudá-la a gozar a vida", "levantar-lhe o ânimo", torná-la "descontraída, confiante — ansiosa de realizar as coisas", "ajudá-la a se tornar uma verdadeira individualidade de nôvo". Os produtos que podem fazer propaganda desta maneira na maior parte estão livres de drogas que viciam, embora a maneira sutil pela qual êstes remédios sejam apresentados às mulheres, como uma forma de psicoterapia, combatendo irritabilidade e depressão, bem como a dor,

seja cheia de azares. Não há estatísticas para vício em aspirina e codeína neste país, porque ambas são vendidas no balcão. Não há campanha pública para advertir as mulheres dos perigos dos salicilatos.[3] Ocasionalmente uma típica síndrome de dona de casa aparece nas seções de anúncio profissional de jornais femininos; Evelyn Home teve de tratar disto:

> Talvez o meu seja mais um problema para o senhor, Dr. Meredith, mas eu estou sempre cansada até os ossos e às vêzes com imensa preguiça. E com cinco filhos (três na escola) o senhor vai perceber que tenho um monte de coisas para fazer.
>
> Sinto-me tão cansada quando acordo, que não sei como me levantar, sem falar em começar o trabalho. Faço o mínimo do trabalho caseiro, às vêzes nem consigo vestir o menorzinho senão um pouco antes de meu marido voltar para casa à noitinha, e só porque êle perde a paciência. Êle me chama Maria-Cansada.
>
> Como invejo as mulheres que podem levantar-se às seis e fazer tudo e sentir-se no melhor dos mundos. Gostaria de poder fazer metade do que elas fazem; agora estou mesmo por baixo e não sei como tentar de maneira alguma. Recentemente meus pensamentos têm me assustado; o que me fêz parar de ir adiante com êles foi o pensamento nas crianças, que, embora não demonstre, eu amo.

Está tudo lá; a culpa, porque a literatura de mulheres está cheia de mulheres trombeteando seus feitos de stakhanovistas a gritar: "Vejam como eu faço o impossível: todo o mundo me quer bem!", o sentimento de incompetência, que está se transformando em doença e debilidade tal como ela o formula, a estranha relação com o marido, que é seu crítico, e seus sentimentos incertos sôbre as crianças, que não são dispersados por uma declaração prudente que devia rezar: "Eu os amo (mas não o sinto)."

A resposta de Evelyn Home é típica, embora seja difícil pensar numa alternativa que funcionasse:

> Você está muito certa; é caso para médico, tenho certeza. Vá a seu médico, explique-lhe tudo, o cansaço, a depressão, a preguiça; êle pode ajudar.
>
> E anime-se. Muitas mulheres com muito menos para lidar do que cinco filhos e um marido linguarudo sentem-se pior do que você e fazem menos. Você está bem, não fôsse pela doença(!) Cuide antes de sua saúde e os outros problemas se arrumarão todos.[4]

Bem, tudo depende do médico. Suponha que ela é forte como um touro, nada de falta de ferro? Suponha que ela se trate com tônicos e vitaminas? Suponha que êle lhe diga que pare de se lamentar e vá em frente, um feito de que os doutôres são incapazes? Suponha que êle sugira férias que não podem pagar, ou que acabem num fiasco com trabalho ainda maior e menos aceito do que antes? Não acontecerão milagres. Quem sabe ela possa tentar um copo ou dois de vinho reconstituinte? É mais provável que o facultativo prescreva, se fôr suficientemente atormentado, uma pílula da felicidade, uma anfetamina, um estimulante, um antidepressivo. Os jornais inglêses

periòdicamente surgem com vagas notícias de crescente vício de estimulantes e barbitúricos entre donas de casa.

> Um recente programa de televisão estimou que mais de um milhão de mulheres na Grã-Bretanha de hoje são viciadas em tranqüilizantes. Para quem jamais os tomou parece alarmente, mas aquêles de nós que estão realmente fisgados por êles sabem exatamente quão horrrvel é de fato. Por mais de um ano, usei uma marca de pílula, descrita como um antidepressivo e relaxante.
>
> Comecei com tranqüilizantes na ocasião em que fui ao médico da família pedir seu conselho sôbre um problema referente a meu casamento.

Esta carta apareceu em **Forum,** como advertência a outras mulheres que podem seguir a vida alegre de tratamento sintomático para uma situação intolerável: Mrs. J. S. usava duas provisões de pílulas com tôda a inocência, e então descobriu que tinha sintomas de dependência:

> Quando o nôvo suprimento acabou pensei que podia tentar me ajeitar sem elas. No primeiro dia senti-me um tanto nervosa, mas após uns tragos à tardinha meus nervos se aquietaram. No dia seguinte foi pior. Estava terrìvelmente irritável com meu marido e as crianças. Tinha palpitações e as palmas de minhas mãos estavam suadas. Enquanto os dias passavam não havia mais o que discutir, eu me tornara viciada em tranqüilizantes. Tinha de tomar mais pílulas.

Ela foi a outro médico para se curar do vício, mas êle lhe deu mais pílulas. Pelo menos o vício proporcionou um problema mais urgente e menos complicado do que sua situação intolerável. Sua história não tem fim:

> Tive de continuar a tomar meus tranqüilizantes para parar de me preocupar com minhas novas preocupações. Hoje, não posso mais imaginar viver sem minhas pílulas, tal um alcoólico sem uma bebida. Estive falando na semana passada com uma amiga que está freqüentando um psiquiatra. Ela estêve me contando que coisa maravilhosa é a análise e como seu médico a tem ajudado. Estive com ela algumas horas e notei que durante êsse tempo por duas vêzes foi até sua bôlsa e pegou uma pequena pílula. Podia jurar que são as mesmas que as minhas. Ela pensa que elas são milagrosas. Nem ao menos me incomodei em explicar-lhe a futilidade delas. [5]

Mr. Michael Ryman, um psiquiatra trabalhando na unidade de viciados em drogas em All-Saints Hospital, Birmingham, relatou que tem observado por onze anos como um crescente número de donas de casa (não forneceu números) têm chegado na clínica para serem

> **Então Miss Simmons, que é casada com o diretor-produtor de Hollywood Richard Brooks, explicou: "Eu me sentia terrìvelmente solitária quando Richard estava fora em seus filmes. Era como você vê na tela, eu estava grudada na televisão e na bebida.**
>
> **É uma combinação desastrosa. Lá ficava eu sentada com as crianças na cama, olhando TV e bebendo. Noite após noite.**
>
> **É gostoso estar com as crianças. Tracy está agora com treze anos e Kate com oito. Mas, é claro, elas têm seus próprios companheiros.**

E pode ser muito solitário ficar lá sentada sòzinha numa grande casa à noite. Eis como a bebida se tornou meu grande problema."

"News of World", 5 de abril de 1970

recuperadas de altas dosagens de barbitúricos, tranqüilizantes e estimulantes. Admitiu que a taxa de sucesso com êstes casos era particularmente pequena. Sua atitude era moralista, como a atitude profissional sempre é, finalmente. Falou de mulheres que usam pílulas para dormir "porque não podem dormir ou enfrentar os avanços sexuais de um marido por demais ardente" (o duplo-pensamento na última idéia é magistral), que "vivem de tranqüilizantes para contrabalançar a mais leve crise doméstica", que "engolem antidepressivos para ajudá-las a suportar seu dia estúpido e monótono." "Sabe-se de viciadas em tranqüilizantes, por exemplo, que correm ao vidro de pílulas após o mínimo aborrecimento como batatas queimadas, uma lâmpada que não funciona direito ou atraso com a lavagem de roupa da semana."

O que êle não pondera é porque aquelas mulheres chegaram a tal estado que para elas questões triviais se tornam insuportáveis. Não é de surpreender que êle tenha uma proporção tão reduzida de sucesso, se êste é o nível de análise a que são submetidas estas mulheres. O Glasgow Committee of the Royal Scottish Society for Prevention of Cruelty to Children relatou que um crescente número de mães de Glasgow estava tomando drogas "para escapar à realidade", outra atividade moralmente suspeita.[7] A vida das donas de casa não é real: é anacrônica e frustrante; as mulheres têm sido expostas a demasiados outros tipos de vida para reverter a quatro paredes e a gente de dois pés de altura sem tensão. A recusa de aceitar isto como uma vida compensadora não é uma recusa da realidade. Todos êsses sintomas de cansaço, lassidão, "nervos", como as mulheres costumam chamá-los, são neurastenia, e têm a complexa origem psicossomática que o nome implica. Nenhum volume de medicação direta pode ser eficaz, a menos que as mulheres possam também receber uma lavagem cerebral para iludi-las no sentido de que o monótono e interminável trabalho no lar tem algum propósito ou faz algum bem. O trabalho de uma dona de casa não tem resultados: simplesmente tem de ser feito de nôvo. Criar filhos não é uma ocupação real, porque as crianças se desenvolvem do mesmo jeito, criadas ou não. A confusão a respeito do grau necessário de criação, e a multidão de erros que a mãe desavisada cometerá, segundo lhe asseguram de todos os lados, ou cometeu, se as coisas não estão indo, mostram que ela está sem direção, embora carregada de responsabilidade.

. . . dê à sua existência algum objetivo, a seu tempo alguma ocupação, ou a impertinência do desapontamento e a apatia da ociosidade infalìvelmente degradarão sua natureza.

De uma carta de Charlotte Bronte

As mulheres muitas vêzes imaginam que seriam menos miseráveis se saíssem mais. Talvez seja de uma **baby-sitter** que precisem, ou de longas férias, ou de menos preocupações financeiras. A evidência é que quanto menos problemas mascarantes existem, maior a ênfase no problema central da própria relação matrimonial. Na cultura ocidental a maior figura de sucesso é o astronauta — a mulher de um astronauta pode aquecer-se ao sol da glória refletida e do dinheiro. O cosmonauta é o Aristocrata Americano; presidentes voam ao encontro dêle, êle reza em favor da nação sôbre o solo lunar: seu cenário doméstico deve ter tudo que o dinheiro e o planejamento pode dar. Um psiquiatra da NASA foi citado como dizendo que Cabo Kennedy é o terreno mais ativo do mundo para produzir divórcio. É certo que lá os divórcios ocorrem no duplo da média nacional. O alcoolismo das donas de casa é mais alto do que em qualquer outra parte na América, exceto Washington. "A indústria espacial parece roubar a emoção dos homens." A deliberada desensibilização dos astronautas tem seus problemas; devem conter-se de modo brilhante na lua, mas êles se contêm por tôda parte também, inclusive na cama de suas espôsas, pois o grau de atividade sexual no Cabo é, concorda-se, muito baixo.[8] Podemos tomar a sociedade de computador de Cabo Kennedy como sendo o desenvolvimento lógico das tendências de nosso caos crescentemente organizado, mesmo na pobre e atrasada Inglaterra, onde o povo não tem recursos para se divorciar. A mulher de um cosmonauta não pode ser gorda e matronal, de modo que ela tem de expressar sua miséria na embriaguez e na promiscuidade, que são pelo menos hábitos da moda e caros. Na Inglaterra é mais provável que uma dona de casa "negligenciada" e "pisoteada", "entediada" e "solitária" simplesmente coma demais, em especial guloseimas. Propaganda de chocolates e biscoitos na Inglaterra reconheceu recentemente a função escapista do comer. Dizem-nos que esperemos que esta pasta feita à máquina seja "uma sensação de sabor", uma "explosão", excitação e visões de lugares distantes. O anúncio de balas na televisão promete alucinações e orgasmos. Por certo um bombom de luxo custa menos que um divórcio.

A revolta feminina toma tortuosas e curiosas formas, e a maior taxa é sobrada pela mulher sôbre si mesma. Acaba afastando o marido dela por meio de lamúrias destrutivas, rechaçando suas tentativas de fazer amor com ela, porque de certa forma elas parecem tôdas erradas. A frigidez é ainda um problema principal, mas conhe-

Eu me ressinto com o fato de que meu marido não quer fazer amor comigo muitas vêzes, mas nas raras ocasiões em que êle o faz, eu me ressinto ainda mais com isso e gelo com êle porque sinto que êle está fazendo uma tentativa pálida para fingir que ainda há algo entre nós ou que êle não está indo com outra mulher na época (estou certa de que êle tem uma porção de amiguinhas). Com freqüência brigamos por causa disso; às vêzes êle nega e às vêzes êle diz que eu o empurro para outras

mulheres porque sou fria com êle. Mas como uma mulher pode se tornar ardente com um homem que nunca diz ou faz algo romântico?

(Mrs) C. T., "Forum", Vol. 2, N.º 2

cimento da estrutura e do orgasmo feminino não vai mudá-la. As mulheres são mal adaptadas por seu condicionamento para aceitar a realidade sexual e o orgasmo. Muitas vêzes os maridos relatam que a frigidez se desenvolveu numa mulher que parecia gostar de sexo nos primeiros dias de casamento: abordando um ao outro de seus pólos opostos, maridos e mulheres perdem-se no escuro e agarram fantasmas. Medidas anticoncepcionais cobram uma taxa da sexualidade feminina. É assustador refletir que a forma anticoncepcional mais popular na Inglaterra ainda é a camisa. Um casal britânico em cinco ainda pratica o **coitus interuptus.** Um milhão e três quartos de mulheres inglêsas usam a pílula, nem mesmo um oitavo da população de donas de casa. Mesmo se elas usarem a pílula, nem todos os problemas estão resolvidos. Cada semana a imprensa apresenta outra história de horror sôbre a pílula, de uma noiva morta de trombose poucas semanas após o casamento. Uma história do **News of the World** diz que a Family Planning Association adverte que as 400.000 mulheres que recebem a pílula da Associação estão sofrendo um sortimento de cinqüenta efeitos laterais. [9]

O professor Victor Wynn, do St Mary's Hospital, Paddington, diz que tomar a pílula pode levar à trombose, desordens de fígado, obesidade e depressão. [10] Quando êle o diz, devemos começar a acreditar, embora, como uma mulher que se queixava de apatia e edema, quando tomando a pílula, eu possa atestar que meu médico fêz pouco da idéia. Numerosas cartas no **Lancet,** no verão de 1969, discutiram o assunto da depressão provocada pela pílula e admitiram que o hormônio da pílula interferia na secreção de tritofana, 'um químico dietético essencial à boa saúde e que pode também estar associado com o contrôle do estado de espírito." [11] A retirada de dezesseis marcas do mercado não fêz muito pelas mulheres que estão agora usando outras. O DIU tem uma dolorosa taxa de fracasso em cêrca de vinte por cento de casos e pode ser um residente estranhamente inquietante no corpo. Mrs. Monica Foot escreveu um relato assustador de abôrto espontâneo com um dispositivo em forma de arco no **Sunday Times** e foi injuriada por sua franqueza. [12] O diafragma é um incômodo, é perceptível para a mulher, e os espermicidas interferem com suas secreções e as sensações tácteis da membrana circundante. Além do mais, os maridos podem estragá-lo, se insistem em engravidamento. Enquanto as mulheres tiverem de pensar em anticoncepcionais cada dia, e se preocupar com pílulas, camisas, e inventos de todo tipo, e então preocupar-se cada vez que as regras são esperadas, mais irracionalidade aparecerá em seu comportamento. O problema quase universal de tensão menstrual é certamente agravado para a mulher de hoje, e a neurastenia adicional o torna mais agudo. Miséria, miséria, miséria.

Há mais mulheres que tentam o suicídio do que homens, mais mulheres em hospitais psiquiátricos do que homens;[13] há centenas de crianças feridas por pais desesperados cada ano, e mesmo casos de infantes cruelmente mortos por mães desnorteadas [14] Choros post-natais são uma síndrome reconhecida; algumas mulheres sofreram dêles mais de um ano após o nascimento de uma criança. A diminuta minoria escandalosa de infanticidas e assassinas de maridos aparece na imprensa. A maioria das mulheres se arrasta pelos dias em fora numa apática meia luz, esperando estar fazendo o que é certo, vagamente esperando um reconhecimento algum dia. A mulher que trabalha espera que os filhos cresçam e possam ajudá-la em seu trabalho estafante, e os vê fazendo o que querem, indo embora, adquirindo estranhos hábitos, e rejeitando seus pais. A espôsa ociosa arruma seus rins de meia idade e vai para a escola, entontece com as disciplinas acadêmicas, muitas vêzes absorvendo conhecimento de maneira errada por razões erradas. Minha própria mãe, após incomodar e irritar sua filha mais velha a ponto de fazê-la sair de casa (um fato que ocultou por anos a fio, falando dela como se estivesse presente, quando não sabia absolutamente nada a respeito), aprendeu **ballet,** a despeito da futilidade óbvia dêsse aprendizado, estudou contabilidade, e falhou obstinadamente ano após ano, provou religiões, dedicou-se ao **ski,** e finalmente aprendeu italiano. De fato ela muito antes perdera o poder de concentração exigida para ler um romance ou um jornal. Cada atividade era uma obsessão enquanto durava — algumas mal duravam um mês e são as mais numerosas da lista. Ela resistiu à televisão, resistiu à arrumação de casa e ao tricô, os chamarizes usuais. Ela não jogava bingo ou canastra, em parte devido a um esnobismo de classe média. Não se apaixonou por um cachorro ou um vagabundo qualquer. Outras, sim.

Claro, mulheres solteiras não escapam à miséria feminina, por causa da terrível pressão para casar como medida de sucesso feminino. Elas sonham e ficam perdendo tempo em seus empregos sem futuro, abertamente miseráveis, porque são pùblicamente consideradas assim. O fenômeno de mulheres solteiras devotando suas vidas a pais idosos, que não tem correspondente no sexo masculino, será incompletamente entendido se não considerarmos o elemento de auto-enclausuramento que inspira estas mulheres. O escarnecimento das solteironas e das mulheres de rosto ácido não é apesar disso expressão de preconceito, pois estas mulheres transpiram descontentamento, intolerância e autopiedade. Como sempre, é um círculo vicioso.

Dada a dificuldade do casamento como um modo de vida, e a maior dificuldade da vida de solteirona, a felicidade deve ser vista pelas mulheres como sendo uma realização positiva. Bàsicamente, o maior serviço que uma mulher pode prestar à sua comunidade é ser

feliz; o grau de revolta e irresponsabilidade que ela precisa manifestar para adquirir felicidade é a única indicação segura da maneira como as coisas devem mudar, se é que há algum interêsse em continuar a ser uma mulher, afinal.

RESSENTIMENTO

A miséria nasceu sem ressentimento. Admite-se comumente que há uma batalha sendo travada entre os sexos, porém, como a maioria dos outros fatos que não ousamos contemplar diretamente, a ela se referem de maneira chistosa. A batalha é universal e implacàvelmente séria, diferente das isoladas escaramuças dos movimentos de libertação das mulheres com o **establishment** masculino. Quer seja travada em casa ou fora, está sempre em processo, sem regras ou

> **Embora êle não soubesse disso, eu tinha acompanhado seu funeral várias vêzes. Cada vez que eu parecia ADORÁVEL em meu vestido negro justo e véu rendado espanhol. E, de cada vez, após o decurso de um período decente, eu tornei a casar com um homem muito rico e tornei-me famosa pelo ar etéreo de meu belo rosto pálido.**
>
> Christine Bilson, "You Can Touch Me", 1961, pág. 20

convenções, e sua conclusão é a morte. Observamo-la o tempo todo, mas raramente a reconhecemos pelo que é, mesmo quando estamos empenhados nela de unhas e dentes. Por estarem de cima, os homens em geral se conduzem com mais graça do que as mulheres no campo de batalha. Os homens não percebem que estão envolvidos numa luta de morte até que a perdem e estão se defrontando com as ruinosas capitulações do tribunal de divórcio, quando, arrependidos de sua leviandade ao negligenciar suas defesas, dão largas à convicção de que o mundo é dirigido em benefício de mulheres predatórias e inclementes. A mulher vencedora sabe que a sua é uma vitória de Pirro.

O ressentimento feminino tem uma surpreendente margem de expressão pública. A situação mais catalítica é uma festa. Festas em nossa sociedade são muito raramente ocasiões de divertimento espontâneo. São em geral organizadas com um propósito: apresentar um recém-chegado a um grupo, sublinhar a importância de um acon-

tecimento, conseguir conhecer outra pessoa. É ocasião para ficar lá e ser julgada. Os homens levam as mulheres às festas e portanto elas estão em desvantagem desde o comêço. A coesão do grupo deriva das relações dos homens; a ordem é preservada pelo reconhecimento de nuances de posição. Espera-se que as mulheres percebam estas nuances e sutilmente reforcem a representação de seus homens no grupo. Tôda mulher que chega pelo braço de seu cavalheiro sabe qual é o seu papel, e no entanto ela habitualmente subverte e destrói a situação social com uma surpreendente variedade de táticas ambíguas. A mais óbvia, em geral praticada por mulheres que não estão interessadas a sério, é a estimulação da rivalidade masculina por meio de **flirt** mais ou menos sutil. Pode parecer que uma mulher que use esta técnica, inconscientemente, raramente tem inteiro contrôle dela, não obstante é eficaz ao extremo. Fazendo êste jôgo ela pode tirar vantagem das tensões já existentes no grupo masculino e agravá-las. Sua melhor aposta é explorar o chauvinismo masculino que incita seu acompanhante a exibir sua prêsa para avaliação de seus pares. Ela pode de modo sutil indicar que êle é um indivíduo grosseiro (pois seu corpo tem estado vazio há **horas),** que êle é muito meigo (quer dizer um enjoado), pode receber com agrado anedotas desfavoráveis a êle; ou se realmente ela não está ligando, pode rejeitá-lo sem meias palavras, de preferência por um amigo dêle, ou, melhor ainda, por seu amigo mais chegado ou por seu rival de maior sucesso. Mulheres mais irreparàvelmente ligadas apenas usam tais técnicas com moderação, porque construíram tôda uma bateria de artilharia menor, uma espécie de prolongada morte de mil golpes a serem desfechados constantemente contra a vítima escolhida. O marido contar uma piada é atividade arriscada, pois sua mulher vai bocejar ou contar a todo o mundo que outro a inventou ou que Max Bygraves a contou muito melhor; ela não vai rir, aconteça o que acontecer. Caso seu marido seja a alma da festa, ela ficará desanimada e exigirá com irritação ser levada para casa, ou se tornará afetada pela bebida com curiosa rapidez a ponto de se exibir. Se êle estiver se divertindo, ela cochichará em seu ouvido que êle está bêbado, ou lhe lembrará que tem de guiar de volta para casa, ou, se êle se mantiver impassível, o acusará de dar em cima de tôda mulher atraente da sala. Tôda esta destrutividade deriva de sua embotada percepção de que só está lá como apêndice do marido: não está à vontade na situação social. Tôda a preparação que recebeu, quando não estava ligada a alguém, foi para arranjar uma ligação: agora, que a conseguiu, seu pequeno estoque de vivacidade e conversação está por completo murcho. Ela se sente estúpida e provàvelmente desalinhada: nunca gostou de fato de si mesma, exceto quando era objeto de rivalidade e adulação, e ela não sabe como. A visão de seu companheiro se divertindo provoca-lhe o desprêzo. Aposta que êle se divertiria muito mais se ela não estivesse ali, especulação com muita freqüência por completo baseada em fatos. Se

ela não se desforrasse de alguma maneira dissimulada, sua energia não teria absolutamente escoadouro. Ela está apagada, obliterada, e suas amigas mais velhas murmuram entre si o quanto ela está reprimida desde que se casou, embaraçada ou algo semelhante. Se ela pudesse inverter a situação tradicional da festa e brilhar para desvantagem de seu marido (e mais provàvelmente às custas dêle) uma amarga vingança viria mais tarde, mais amarga do que qualquer coisa que ela seria capaz de inventar. É melhor ficar sentada ou tentar uma última técnica de chantagem, escapulir-se para casa deixando-o a imaginar o que aconteceu a ela. A maioria das mulheres adota o expediente da segregação, de modo que podem travar a guerra de território protegido.

Tenho visto táticas mais espetaculares, que dependem de o quanto a situação é pública para seu efeito. Uma mulher, que casualmente conheço, costumava retirar-se para o banheiro quando não podia fazer a situação progredir, quebrava o copo e rolava sôbre os cacos gritando até que algum homem forte arrombava a porta e a levava para fora em pitoresca desordem. Outra môça provocava uma grande agitação na superfície, pelo simples expediente de berrar de modo insuportável até consegui-lo e então gastava tôda a sua energia tentando jogar-se por três lances de escada abaixo, de modo que cada homem presente tinha de estender uma mão para impedi-la. Outra costuma reagir com suspeitosa rapidez a uma fraca bebida, e arrancava as roupas enquanto seu par implorava que se acalmasse, e o resto da festa fingia que estavam observando comportamento liberto. Esta é parte da estratégia maior de insinuar que a virilidade do homem velho não é igual às exigências de sua dama, uma forma extrema e boêmia de **flirt.**

A ignorância e o isolamento da maioria das mulheres resulta em que elas são incapazes de conversar: a maior parte da conversação com seus esposos é uma continuação da luta pelo poder. O resultado é que, quando as espôsas comparecem a jantares, fazem descambar a conversação civilizada sôbre questões reais para querelas pessoais. O número de anfitriões que gostaria de não ter de convidar espôsas é uma legião. O número que aproveita a desculpa da ausência de uma espôsa para convidar o marido porque o pobre rapaz não pode se arranjar sòzinho (ostensivamente) tem sua própria significação. Isto não deve ser tomado como indicação de que os homens não têm sua parte a desempenhar na batalha. Suas táticas são condescendência e apadrinhamento das tentativas de uma mulher em contribuir para uma discussão, simplesmente deixando de lado as observações dela ou as ignorando, atitude exageradamente cortês para outras mulheres, elogio extravagante da comida (como se estivessem constantemente morrendo de fome ou sendo envenenados em casa), troça gentil da mulherzinha e assim por diante. Por estarem numa posição de vitoriosos, suas técnicas não necessitam ser estridentes, obscenas ou anti-sociais, e êste mesmo fato pode levar

uma mulher à loucura e à agressão direta. Lembro-me de uma de minhas estudantes que ficou tão cansada de ser protegida num comício da Union na Universidade, que atirou uma garrafa cheia de refrêsco em cima do presidente. Sua rápida satisfação foi limitada pela percepção de que ela perdera de todo os modos.

O teatro real da guerra dos sexos, a despeito das atrocidades cometidas em situações sociais, é o lar doméstico; lá ela é conduzida sem remissão. Devido à desigualdade da situação e à impossibilidade de qualquer ação importante, a mulher tem de abrir o coração com palavras e continuar praguejando como uma verdadeira meretriz, uma subalterna, porque, como Hamlet deduziu de seu próprio exemplo, falta-lhe fel para tornar a opressão mais amarga. A agressão verbal não é o reflexo da inveja do pênis, mas o resultado inevitável de impotência induzida. Não obstante, a infrutividade das censuras e a interminável reiteração das mesmas queixas espúrias (espúrias porque ela é ignorante do que é seu verdadeiro agravo) provocam uma crescente estridência e um terrível pouco caso pelo que ela está de fato dizendo. Seus ataques se tornam mais destrutivos e mais imperdoáveis até que ela percebe de certa maneira impotente que está destruindo sua casa com as próprias mãos, mas agora é incapaz de parar de violentar seu próprio meio-ambiente. Ela ouve a miserável sucessão de "Você nunca" e "Você sempre" e percebe que a maior parte do que está dizendo é injusto e irrelevante, mas algo está muito errado, mas como pode dizer de outra maneira o que é? Sua culpa aumenta; sua capacidade em sair de uma situação que está envelhecendo e alterando mais do que confessa diminui cada dia. Ocasionalmente entrega os pontos e confessa que não sabe o que está errado com ela. Seu marido sugere que ela tome uma pílula e a amarga batalha recomeça com a censura da estupidez e da falta de coração dêle e de sua recusa em ver que é parcialmente responsável pela triste condição dela, e assim por diante.

A dona de casa aceita a vida por delegação como sua parcela, e imagina que será um amparo e um apoio para o marido em suas nobres atividades, mas insidiosamente seu ciúme não admitido mina sua capacidade de apreciar o que êle conta sôbre suas ambições e dificuldades. Ela o diminui, sem conhecimento não aceita suas difíceis decisões, atormenta-o com os mêdos de fracasso que são dêle, até que êle pára de lhe contar qualquer coisa. Suas perguntas sôbre "seu dia no escritório" tornam-se uma formalidade. Ela escuta tanto as respostas dêle como êle presta atenção na descrição que ela faz de seu dia monótono. Finalmente, a discussão também pára. Não vale a pena. Ela escuta tanto as respostas dêle como êle presta atenção na descrição que ela faz de seu dia monótono. Finalmente, a discussão também pára. Não vale a pena. Êle não tem meios de entender sua frustração — a vida dela parece tão fácil. Ela da mesma forma sente que êle não consegue perceber quão horríveis seus dias

podem ser. A conversa se torna uma mera fôrça de combate. Ela se opõe por fôrça do hábito. Por que êle há de estar sempre certo? Os homens são iludidos nesta situação porque êles não podem crer que uma pergunta seja tão só um pretexto para um outro tipo de confrontação. Lembro-me de uma controvérsia que grassou entre meus pais sôbre os méritos e deméritos de uma grande árvore que estava lutando para crescer bem do lado de fora de nossa casa. Meu pai deu-se ao trabalho de pesar prós e contras e decidiu que era melhor deixá-la lutar um pouco mais, pois tinha sido traumatizada pela construção da casa e poderia se sair melhor em outra situação. Minha mãe relutou, recusando-se a analisar a questão, até que meu pai decidiu de modo definitivo que se opunha a que fôsse abatida. Minha mãe no outro dia descascou-a, de modo que ela morreu definitivamente, e teve de ser abatida, afinal. Meu pai decidira muito cedo que a vida em casa era por completo insuportável; e vivia cada vez mais fora, no clube, só vindo para casa para dormir. Minha mãe não protestava contra isto, já que lhe dava oportunidade de tiranizar os filhos e conseguir sua ajuda para privar meu pai de seus direitos, mas muitas mulheres impõem pesadas restrições à recreação de seu marido por simples ciúme. A objeção é feita sob vários pretextos, de despesa, de solidão (muitas vêzes genuína), de mêdo de estranhos, de necessidade de ajuda em alguns aspectos do govêrno da casa. Mulheres de classe operária dão jeito de racionar severamente a recreação de seus maridos, separando o dinheiro para isso após terem tomado o envelope de pagamento do bôlso do homem, quando êle finalmente chega em casa em dia de receber. Um dos poucos atos de desafio contra o estado de bem-estar é a recusa de segurança que o jôgo representa e esta forma de alívio recebe a mais severa condenação das mulheres, que estão realizando sua parte no encorajamento de seus maridos ao sistema. O alívio da embriaguez é da mesma forma bloqueado o quanto possível pelas mulheres, às vêzes por boas razões, porém com mais freqüência, não. O grau de embriaguez que é amargamente censurado pelas espôsas é tão leve que pode passar por completo imperceptível. Muita da violência que homens bêbados descarregam sôbre suas mulheres é provocada por suas censuras em voz alta ou silenciosas. As espôsas se recusam a reconhecer a necessidade que seus maridos têm de várias formas de alívio porque sentem que, por pior que seja a situação dêles, não é tão má quanto o fado das mulheres, e as mulheres não procuram alívio, não abertamente.

O mais sinistro aspecto da luta interna doméstica é o uso dos filhos como arma e campo de batalha. Nem tôdas as mulheres estão tão desesperadas como minha mãe, quando costumava segredar-me que meu pai era um "bode velho senil". Em geral, o uso dos filhos tanto como arma quanto como causa de contenção é mais sutil. Faz parte do interêsse de uma mulher manter os filhos bebês o mais que possa, porque então êles não podem repudiá-la mesmo sendo homens,

pois precisam de seus cuidados. Ela escarnece do pai porque êle não sabe do que êles precisam, grita quando êle os leva para um jôgo de futebol debaixo de chuva, insiste em esperar acordada por êles quando estão fora, tanto porque está ciumenta de sua liberdade, que sempre parece mais do que a dela, como porque quer provar-lhes que necessitam de sua solicitude e cuidado. Feitos mais extremos de exploração de um filho pelas mulheres são raros, porém mais impressionantes. O caso óbvio é o recrutamento do filho para destituir o pai, que é muito comum em famílias mais pobres, em que as imperfeições do pai podem ser impiedosamente sublinhadas. O filho aceita a narrativa da mãe de seus sofrimentos nas mãos de seu pai brutal e procura, como Saturno, desalojá-lo em sua própria casa. Dada uma situação edipiana menos intensa, um filho pode encontrar-se atacado pela mãe a fim de atingir o pai. Certa vez minha mãe ajoelhou-se no peito de meu irmãozinho e golpeou-lhe o rosto com os punhos na frente de meu pai e foi ameaçada de violenta retaliação, único exemplo de meu pai caindo na armadilha, de que me posso recordar. Na ocasião meu irmão tinha três anos.

Muito da frigidez das espôsas é o abandono do prazer como castigo, embora jamais seja admitido. Da mesma forma, o exagêro de doença, ao ponto da enfermidade constante e hipocondria, é com freqüência motivada por censura contínua e nada tem de orgânico. A forma mais sutil é a que mantém a mulherzinha de pé durante tôdas as vicissitudes da doença, de modo que todo mundo se sente culpado e ainda mais quando se irritam com o martírio não suficientemente sutil para que ela não os compila a testemunhar. A negativa ou o racionamento de favores sexuais é uma arma importante na expressão do ressentimento do homem. É verdade que mesmo em camadas razoàvelmente elevadas da sociedade inglêsa (por exemplo, entre as espôsas de alguns de meus colegas) o sexo é concedido ao marido como uma recompensa por algo realizado ou como consôlo por alguma contrariedade. A chantagem é que nêle nada há para ela, de modo que seu marido se sente tanto animalesco como grato quando ela lhe permite o uso de seu papel conjugal. Hoje em dia êste tipo de negociação é com freqüência conduzido à sombra do drama de contrôle de natalidade, em que a espôsa se encontra incapaz de suportar qualquer forma de medida anticoncepcional, mesmo alardeando que não acha prazer no ato a menos que haja possibilidade de prole, ou forçando o marido a sofrer **coitus interruptus.** Quando êle finalmente falha, ela pode dizer que êle a traiu porque é um animal egoísta. As variações sôbre êste tema constituem uma legião. Em cada caso a própria mulher é também a perdedora, mas como não tem uma concepção de como poderia ganhar com uma atitude diferente, isso não é importante em sua motivação. Ela quer é pegá-lo.

Embora uma espôsa possa ser ternamente compreendida por esporear o marido a maiores esforços por sua observação de o que os

Jones têm e êles não, a razão principal para apontar o que os Jones têm é, em primeiro lugar, contrastar isso com o que êles obtiveram, por êsse meio destacando a incompetência do marido. Uma tal mulher empurra o marido para o previsível final de um ataque coronário e prepara para si mesma uma longa viuvez, que de certa forma não é o que ela queria de modo algum, porque nunca lhe foi dada uma oportunidade de entender seus próprios motivos para acelerar a corrida do espôso para a morte. Êste é um outro aspecto daquele ciúme da vida do homem fora de casa, que em casos extremos leva uma mulher a incitar o marido a abandonar um trabalho que ama e que faz muito bem, por algo tedioso porém lucrativo, que manterá a família no mesmo nível dos Jones. A síndrome de Rosamund, de que George Eliot produziu o paradigma no caso do desastroso casamento de Lydgate com aquela corrompida queridinha,[1] é a forma mais extrema de ciúme feminino da vida masculina centrada em problema, que dá origem a diálogo inesquecível, tal como: "Você ama mais aquêle tolo Stradivarius do que a mim" e assim por diante. O quadro complementar é igualmente comum, o da mulher que abandona o Stradivarius para se tornar uma boa espôsa para o marido, com quem todo mundo é demasiado delicado para declarar que de qualquer jeito ela teria sido uma violinista de quinta classe. A forma mais barata é o arrolamento dos homens de extraordinário sucesso que ela podia ter desposado, ou a censura geral: "Eu lhe dei os melhores anos de minha vida!" Os homens são muitas vêzes levados a crer que os motivos das mulheres para êste tipo de comportamento provocador são meramente aquisitivos: de fato a motivação é com freqüência a mais simples, ressentimento, que inspira a necessidade de provar que o marido é incapaz, ou moralmente inferior, ou ambos. Quaisquer aliados podem ser usados e o são na luta. Médicos, analistas, amigas, mesmo a secretária ou o patrão, bem como os filhos podem ser convocados para infernizar o marido. A eficácia do processo não pode ser considerada uma vitória feminina, mas simplesmente como os frutos azedos de uma vingança não reconhecida.

Um relato muito melhor da miserável capacidade de destruição da espécie feminina é feito por Charles M. Schultz em sua caracterização de Lucy van Pelt na brilhante saga de **Minduim.** A constante ansiedade importuna de Lucy, sua impermeabilidade a todo sofrimento que não o seu, seu implacável agravamento dos temores de imperfeição de Charles Brown, sua autocorreção, seu ciúme dos lenços de Linus, sua profunda incompreensão da música de Schroeder junto com as grotescas tentativas de conquistá-lo, sua rabugice, sua confusão orçamentária, a diabólica intensidade de suas lides domésticas, sua incapacidade de rir a não ser maliciosamente, seu efeito sôbre o azarado time de **baseball** de Charlie Brown, está tudo lá, e qualquer mulher que não possa reconhecer, pelo menos nebulosamente, sua própria imagem naquela infeliz carinha, ainda não entendeu a gravidade de sua situação. Não obstante, o retrato de Schultz

da mulher aguerrida está incompleto. Para complementar a capacidade de destruição de Lucy precisamos da exposição mais completa de Strindberg sôbre o mortal combate dos sexos, em **The Dance of Death,** bem como a exposição mais oblíquia de Ibsen em peças como **Hedda Gabler** e **A Dobl's House.** Uma batalha que é travada por meio da inautenticidade e hipocrisia por meio de golpes disfarçados e mútua perfídia se parece muito com uma partida, e Eric Berne descreveu algumas das táticas mais superficiais que as mulheres adotam em seu celebrado **Games People Play,** mas qualquer mulher que leia sua Secção 7, "Jogos Matrimoniais", pode muito prontamente acrescentar um ou mais tipos de técnica de luta interna que êle omitiu. O último comentário sôbre tôda a gigantesca rêde que caracteriza a maior parte de nossas relações, porém mais que tudo aquelas entre os sexos, de pai para filha, de namorado para namorada, e marido e mulher, e mãe e filho, está mais adequadamente expressa nas palavras de Berne. "Muitos jogos são disputados mais intensamente por pessoas perturbadas; falando de maneira geral, quanto mais perturbadas estão, com mais afinco jogam". A alternativa para a disputa da partida, para o processo defensivo que é o jôgo da guerra, é a que cada mulher deve agora buscar por si mesma, autonomia.

> Para certas pessoas felizes há algo que transcende tôdas as classificações de comportamento, e que é confiança; algo que se ergue acima da programação do passado, e que é espontaneidade; e algo mais compensador que os jogos, e que é a intimidade. Mas tôdas estas três podem ser assustadoras e mesmo perigosas para os preparados. Talvez estejam melhor como "comunhão". Isto pode significar que não há esperança para a raça humana, mas que há esperança para membros individuais dela. [2]

REBELIÃO

Sempre houve mulheres que se rebelaram contra seu papel na sociedade. As mais notórias são as bruxas, as mulheres que fugiam ao convívio humano "normal" para comungar com seus animais de estimação ou familiares, vivendo à sua maneira e explorando os conhecimentos que possuíam da medicina herbácea, beneficiando-se da credulidade dos camponeses, e talvez entregando-se ao misticismo de outras possibilidades: magia branca ou negra, talvez mesmo satanismo. Leitura cuidadosa dos depoimentos em julgamento de bruxas revela que algumas dessas mulheres eram perseguidas da maneira horrível reservada às feiticeiras porque eram agitadoras, incitando os aldeões à subversão ou rebelião aberta. Um dos castigos, a cadeira de mergulho, era a mais primitiva forma de psicoterapia punitiva, correspondendo ao tratamento de choque das mulheres recalcitrantes ou melancólicas de hoje.

Era uma vez uma mulher conhecida como tão insolente
Que era tomada por uma regateira comum;
E certa ocasião, parece, ela ofendeu seus Superiores
Que a mandaram para a Prisão, prêsa por Grilhões:
Tendo chegado o Dia do Julgamento,
Frente a graves anciãos, isto então foi sua Ruína:
Devia ser mergulhada acima da cabeça e orelhas,
Num profundo Tanque, diante de seus Inspetores.
Três vêzes estêve debaixo d'água, contudo não desmaiou;
No entanto, pelo que de qualquer forma eu podia ver, estava assustada·
Pois, quando ela estava coberta pela água,
Batia as mãos por cima de sua cabeça,
Para significar que então não podia falar,
Mas no entanto queria estar certa de que suas mãos se moveriam;
Não tinha fôrça, mas contudo tinha uma vontade,
Que se pudesse, teria ralhado ainda.
Pois após aquilo, quando a suspenderam,
Ferozmente injuriou-os todos.
Isto prova que algumas mulheres carecem de Espírito razoável;
Pois, se o tivessem, então logo se submeteriam. [1]

A conclusão inútil dêste conto é típica da arrogância masculina: a recusa em considerar o conteúdo de seu agravo é ainda característica de narrativas conservadoras das tentativas feitas por mulheres para entrar em ação elas mesmas na esperança de mudar sua condição. A acusação de inveja do pênis, ou frustração, ou perversão, não é mais respeitável do que a suposição do autor anônimo de que sua heroína carece de espírito razoável. Saberemos muito mais sôbre a história do feminismo quando aprendermos a ler nas entrelinhas de casos de queima de bruxas e outras formas de perseguição de mulheres. Muitas herejes, tal como os membros da Família do Amor, abraçaram a seita precisamente porque oferecia nova esfera para a autodeterminação feminina.[2] O fenômeno de falatório feminino, que conquistou cooperação para maridos tolos e enriqueceu suas mulheres, bem como conseguir adultério e abortos, por certo teve seus elementos feministas, e há evidência de que mulheres educadas, ao longo de tôdas as épocas, tinham particular aversão a se submeter à soberania masculina; como agora, com mais freqüência o êrro era atribuído à educação, não à soberania masculina.

Grande parte do lesbianismo, especialmente do tipo travestido, pode se entendido como revolta contra as limitações do papel feminino de passividade, hipocrisia e ação indireta, bem como rejeição da brutalidade e caráter mecânico da paixão sexual masculina. Tôdas as formas de lesbianismo envolvem a invenção de um modo alternativo de vida, mesmo se a polaridade macho-fêmea sobrevive na relação ao ponto de existir dentro dela um papel masculino e um feminino. A prevalência do tribadismo como a principal forma de amor lésbico prova a relativa pouca importância da fantasia masculina na relação. No entanto, tais desvios sexuais têm sido tratados com tão corrompida curiosidade e insulto tão violento que a maioria das lésbicas é incapaz de fazer de sua escolha de uma alternativa algo semelhante a um gesto político. As operações de culpa e vergonha incansàvelmente induzidas fazem com que a lésbica esconda sua condição, e que disfarce a própria situação como um resultado de defeito congênito ou êrro de seus pais. É verdade que sua incapacidade para desempenhar o papel aceito na sociedade provàvelmente resulta de uma falha em seu condicionamento, mas isto não é em si uma desqualificação da capacidade de escolher o lesbianismo de um modo honroso e esclarecido, rejeitando sentimentos de vergonha e inferioridade como uma questão de princípio, quer êstes sentimentos existam ou não. A lésbica deve também apregoar que ela não tinha outro curso aceitável para seguir e tornar-se a apologista do seu próprio modo de vida. Infelizmente, com demasiada freqüência ela é cegada por espúrias noções de normalidade, como o são seus críticos.

As mulheres que são mais conscientes das incapacidades que afligem as mulheres são aquelas que são educadas ao ponto de exigir e merecer o mesmo tipo de avanço que os homens. Nos estabe-

lecimentos de educação superior em que as mulheres são segregadas, há um curioso ar de revolta constipada. A maioria das professôras não são casadas e não têm qualquer relação muito importante com o sexo oposto. Às vêzes suas estudantes suspeitam de que elas tenham relações sexuais umas com as outras, e por certo há uma intensidade em suas relações pessoais que provaria algum grau de atração ou afeição frustrada, embora eu prefira sustentar que as extremas repressões praticadas por tais mulheres sôbre si mesmas em outros aspectos indiquem impotência a êste respeito. Quando um grupo de estudantes apresentou um grupo de queixas, expressas um tanto rudemente, à diretora de um colégio feminino em que eu tive a infelicidade de estar emparedada por um ano inteiro antes de poder fugir, elas e suas companheiras se reuniram no alojamento, recusando-se a tratar das questões expressas na petição, exceto para queixar-se de que elas queriam que fôssemos tão felizes e nós as havíamos **ferido.** É uma espécie de rebelião feminina fugir de cosméticos e do negócio de atração, e algumas destas rebeldes do **establishment** certamente cultivavam desalinho respeitável num grau impressionante. A gentileza também levava a pior. Uma dessas eminentes senhoras, cuja forma volumosa em traje de banho vermelho seria capaz de tirar tôda a côr das faces de um homem, era famosa por arrotar e vomitar na mesa, e uma vez a vi colocar de volta no prato o merengue que cuspira no chão e comê-lo com a maior despreocupação. Em vez de atribuir alguma forma de desequilíbrio genético a estas mulheres dotadas, devo considerar suas vozes tronitroantes e passadas decididas como reações deliberadas contra o ciciar feminino e os passinhos rebolados. Eram ajudadas pela existência de um aceitável estereótipo britânico de aristocrata do campo, que é boa desportista e mais hábil com um arado ou um bridão do que muito homem. Apenas uma pequena proporção das môças a seu cargo as imitavam, pois a maioria ainda estava atravessando os últimos estágios da puberdade e se desenvolvendo segundo linhas femininas mais ortodoxas, a despeito das tentativas de suas orientadoras de mantê-las jogando **hockey** e batendo as marcas dos homens no fim do ano.

Tais formas de rebelião pouco notáveis e inconscientes contra o papel feminino são velhas e ineficazes. Se fôssemos comparar a incidência de homossexualidade positiva bem como de esterilidade e excentricidade entre habitantes masculinos de estabelecimentos de educação superior, poderíamos discernir uma reação válida contra o estereótipo masculino de fôrça bruta e insensibilidade, mas enquanto a situação permanece não racionalizada tem pouca importância, exceto como motivação pessoal ou um fator pessoal em neurose. A racionalização no entanto começou, foi pela primeira vez praticada pelas mulheres desta classe, a mais privilegiada de seu sexo. A história do sufragismo e sua sobrevivência até nossos dias está além do propósito dêste livro, embora seja notável como muitas das mulhe-

res militantes de hoje possam lembrar-se de alguma extraordinária velha senhora que procurou (em vão) plantar a semente da rebelião em suas mentes. De tempos em tempos velhas maravilhosamente vívidas aparecem na TV, ou estão gravadas nos obituários de **The Times,** para nos lembrar não só a continuidade do movimento como os recursos táticos e a alegre coragem de damas espartilhadas e enchapeladas de gerações atrás. O progresso a partir de seus tempos não tem sido uniforme: as roupas das mulheres flutuaram entre o descontraído e sôlto e o volumoso e justo, a heroína dos romancinhos tem sido decidida e bem humorada, e então mais uma vez **sexy** e lânguida. O início da segunda onda feminista, de que êste livro deve ser considerado parte, foi a pesquisa de Betty Friedan sôbre o lôgro sexual de pós-guerra que tirou as mulheres americanas das fábricas e de volta para casa. Mrs. Friedan é uma graduada **summa cum laude** do Smith College e fêz parte de um grupo de pesquisa em psicologia em Berkeley, uma profissional de consideráveis realizações e grande reputação. O que ela descobriu durante os cinco anos em que trabalhou em seu livro levou-a a formar o mais influente dos grupos de mulheres na América, a National Organization of Women, que agora tem mais de três mil membros e ramos em muitas cidades. Em certa parte do caminho ela separou-se do marido, a quem dedicou o livro. Seu movimento é o único que alcançou certo grau de reconhecimento por parte do **establishment** político. Quando a NOW foi formada constou dos anais do Congresso: fornece a maioria da motivação e do pessoal para numerosos grupos e comitês de mulheres que agora figuram em vários organismos do Congresso. Claro que o que Mrs. Friedan sugere não pode ser de forma alguma radical. Todo o seu caso descansa na frustração sofrida pela mulher educada que aceita a noção freudiana de que fisiologia é destino. Para Mrs. Friedan, sexualidade parece significar maternidade, um argumento que outros grupos feministas também parecem defender, de modo que rejeitando o papel sexual normativo das mulheres são forçadas a sublinhar os aspectos não-sexuais do destino de uma mulher às expensas de sua libido, um engano que terá sérias conseqüências. Ela representa a nata da mulher de classe média americana, e o que ela quer para elas é igualdade de oportunidade dentro do **status quo,** livre admissão ao mundo da úlcera e da coronária. Ela tem continuado a campanha pela aprovação da Emenda de Iguais Direitos, que começou em 1923, e pela reformulação das leis de abôrto em bases mais sutis, argumentando que são inconstitucionais como violações da vida privada, limitações na liberdade de palavra e assim por diante. Ela sente que os problemas de neuroses das donas de casa serão resolvidos quando forem socializadas, encorajadas a olhar para além da cozinha, para a comunidade.[3] Até agora ela obteve êxito em "forçar" o **New York Times** a aumentar sua reputação de mentalidade aberta e de atitude liberta de chauvinismo masculino, desagregando o Want Ads. Claro que ela não pode desa-

gregar os empregos: o resultado daquela tática foi que as mulheres mais classificadas perderam mais tempo e energia estudando, se apresentando e sendo rejeitadas de empregos que elas não tinham oportunidade de conseguir desde o início. Enquanto mesmo empregadores mulheres continuarem a preferir empregados homens, tais reformas simbólicas terão apenas resultados negativos. NOW também boicotou a Colgate-Palmolive num protesto contra a discriminação de emprêgo, embora jamais tenham realizado um ataque de qualquer importância contra tôda a ridícula indústria de cosméticos, onde os mesmos ingredientes sem valor compõem todos os preparados dos mais baratos aos mais fabulosamente caros, e a insegurança feminina é cultivada por anúncios degradantes de modo que êstes rançosos preparados podem ser vendidos mais ligeiro do que nunca. NOW também invadiu um bar no Plaza Hotel em que as mulheres não eram admitidas exceto em certas horas do dia, e só se acompanhadas por homens.

Não demorou para que membros inteligentes da NOW percebessem que seus alvos eram limitados demais e suas táticas por demais gentis. Uma das mulheres mais interessantes a surgir no movimento é Ti-Grace Atkinson, uma líder de um grupo de mulheres dos mais radicais e de elite, as Feminists-A Political Organization to Annihilate Sex Roles. É um grupo fechado de propagandistas que está tentando desenvolver a noção de uma sociedade sem líderes em que a convenção de Amor ("a resposta da vítima ao estuprador"), a relação matrimonial proprietária, e mesmo a gravidez uterina não mais prevalecerão. Seus pronunciamentos são caracteristicamente gnômicos e rigorosos; para a confusa mulher média devem parecer aterrorizantes. Elas caracterizaram os homens como inimigos, e, enquanto os homens continuarem a desempenhar seus papéis tal como concebidos erradamente e perpetuados por êles mesmos e pelas mulheres, estão sem dúvida certas. Não obstante, não é verdade que para ter uma revolução você precise de uma teoria revolucionária: bem podem achar que uma teoria inventada por mentes afetadas pelo sistema não será capaz de utilizar-se dos fatos de uma situação em mudança. É perigoso fugir de sexo como tática revolucionária, porque êle é inautêntico e escravizador nos têrmos em que agora é possível, quando o sexo é a principal confrontação em que novos valôres podem ser produzidos. Os homens são os inimigos em grande parte, da mesma forma que alguns meninos maníacos de uniforme são inimigos de outros iguais a êles sob todos os aspectos, exceto pelo uniforme. Uma tática possível é tentar tirar os uniformes.

A casa de fôrça da maioria dos grupos mais jovens de libertação das mulheres foi a ala esquerda universitária. No numero de novembro-dezembro da **New Left Review,** em 1966, Juliet Mitchell publicou a mais coerente exposição da posição feminista socialista, a qual, reeditada sob várias formas permanece a base para a maior parte da teorização socialista sôbre o assunto, muito embora seja claramente deficiente pelo lado tático. **Women-The Longest Revolution**

é firmemente baseado nas proposições de Marx, Engels e Bebel. Ao contrário de outros teóricos, a autora não se prende à dúbia antropologia de Engels, mas se limita ao exame estrito de fatos demonstráveis."... Ao invés de a fraqueza física das mulheres afastá-la do trabalho produtivo, sua fraqueza social, nestes casos, tornou-a evidentemente, a maior escrava dela." [4]

Ela vê que a crescente industrialização não garante portanto um lugar para as mulheres no trabalho produtivo, porque não foi a incapacidade de esfôrço muscular que as manteve fora dêle, mas, ao contrário, o desenvolvimento da propriedade privada da terra e imóveis e dos meios de produção, e o relegamento das mulheres ao **status** de subalternas desempenhando ócio por delegação. Êste papel, por seu turno, é determinado pela estrutura assumida pela família como necessàriamente patriarcal, a distorção e reprodução numa paródia da produção, da sexualidade em exploração sádica, e a socialização da criança como a única e prolongada responsabilidade da mulher. Estas quatro estruturas, produção, reprodução, sexualidade e socialização têm de ser reformuladas se fôr para ocorrer alguma mudança. Prevendo talvez os desenvolvimentos que logo surgiriam da atividade feminina em movimentos socialistas, sua conclusão trabalha no sentido de integrar o movimento feminista com a revolução proletária, a despeito de seu conhecimento de que não havia indicação nos grupos existentes ou regimes socialistas existentes de que um tal sumário fôsse respeitado:

> ... O socialismo não deve pròpriamente significar a abolição da família, mas a diversificação das relações socialmente reconhecidas, que estão hoje forçada e rìgidamente comprimidas dentro dela. Isto significaria uma ordem plural de instituições — em que a família é apenas uma, e sua abolição nada implica. Casais vivendo juntos ou não vivendo juntos, uniões de longa duração com filhos, pais solteiros criando filhos, crianças socializadas por pais convencionais em vez de biológicos, grupos ampliados de parentes, etc. — tudo isto podia ser afinado numa ordem de instituições que unissem a livre invenção e variedade de homens e mulheres.

Seria ilusório tentar e especificar estas instituições.

> Relatos circunstanciados do futuro são idealistas e, pior, estéticos. O socialismo será um processo de mudança, de vir a ser. Uma imagem fixada do futuro é no pior sentido sem base histórica: a forma que o socialismo toma dependerá do tipo anterior de capitalismo e da natureza de seu colapso... A libertação das mulheres sob o Socialismo não será uma realização "racional" mas humana, na longa passagem da Natureza para a cultura está a definição de história e sociedades.[5]

Uma tentativa muito mais ingênua de provar que a luta das mulheres contra a opressão era parte da luta de classes foi feita já em 1954, por Evelyn Reed, no October Discussion Bulletin, do Socialist Workers' Party, em que ela tenta provar que a rivalidade de sexo e o surgimento das mulheres como objeto sexual foram exclusivamente o resultado do capitalismo burguês. Invocou a noção de uma sociedade primitiva livre de qualquer forma de exploração de sexo

ou propriedade ou rivalidade, em que os cosméticos eram usados simplesmente como meios de identificação, descrevendo a máquina de propaganda de feminilidade como uma deliberada conspiração sinistra de capitalistas famintos por dinheiro no século dezenove e que se expandiu até limites gargantuescos no século vinte. A tendência básica do argumento está provàvelmente correta, mas ela está de modo tão patente argumentando com base em convicções para provar a evidência, nenhuma das quais tem qualquer fonte que ela cita, que o leitor mais simpático é alienado, a menos que, é presumível, ela não tenha maneira de saber melhor. Em 1969 suas contribuições para a questão da mulher foram tôdas publicadas num panfleto chamado **Problems of Women's Liberation: A Marxist Approach.** Seus argumentos estão envoltos em típica terminologia doutrinária, reforçados por antropologia superficial e pesquisa pobre. A capa apresenta a reprodução de uma figura num vaso grego, erradamente identificada como uma "deusa símbolo de mariarquia" quando é de fato uma graciosa bacante com um tirso e um gato selvagem morto. Evelyn Reed teria ficado horrorizada se tivesse percebido que sua obra estava decorada com o símbolo do reino dos hippies e da cultura da droga, cabelos revoltos, diadema de cobra e o mais. Há um simbolismo no êrro: há por certo mais esperança para as mulheres em Marcuse do que em Marx. O livrinho[6] é incomumente bem distribuído e pode ser influente, o que de certa maneira é uma pena, pois muito tempo será gasto debatendo conclusões sem valor. O artigo de Juliet Mitchell é muito melhor argumentado e muito mais escrupuloso.

As mulheres ativas dentro dos grupos socialistas não foram tranqüilizadas com a afirmação de que a libertação das classes trabalhadoras seria sua própria libertação. O abandono por parte de Stalin da primitiva legislação soviética que permitia divórcio automático e abôrto livre, e sua instituição de prêmios para a maternidade foi uma patente traição.[7] O aumento do número de mulheres médicas na União Soviética foi um mero refinamento do papel feminino de servir.[8] As trabalhadoras em construção na Rússia não recebem especialização nem ferramentas.[9] Na China a militarização das mulheres, proibição de comésticos e adereço frívolo não pretende qualquer melhoramento do papel da mulher como serva de sua família, embora os mais óbvios males do concubinato fôssem erradicados. No verão de 1967 o conselho das mulheres da Convenção Nacional dos S.D.S. (Estudantes por uma Sociedade Democrática) se dedicou a redigir um manifesto após expressar mais ou menos forçadamente seus sentimentos numa sessão do S.D.S. Susan Surtheim, que descreveu a sessão no **National Guardian,** apoiou a idéia de grupos de libertação masculinos se unirem a grupos femininos e achava que os homens devem ser convidados aos comícios de mulheres, supondo que o problema estava limitado a imperfeições nos papéis sexuais. O

manifesto, tal como foi divulgado, espelhava o ponto de vista de mulheres, como ela. Concluía:

1. ...que nossos irmãos no S.D.S. (devem) reconhecer que precisam lidar com seus próprios problemas de chauvinismo masculino em suas relações pessoais, sociais e políticas.
2. É óbvio desta reunião do S.D.S. que não está sendo tirada plena vantagem das capacidades e contribuições potenciais das mulheres. Chamamos a atenção das mulheres, pedindo-lhes plena participação em todos os aspectos do movimento, deixando de lamber selos para assumir posições de liderança.
3. As pessoas em posição de liderança devem estar cônscias da dinâmica de criar liderança e são responsáveis pelo cultivo de todos os recursos femininos disponíveis no movimento.
4. Tôdas as administrações de Universidade precisam perceber que os regulamentos dos **campus** discriminam contra as mulheres em particular e devem empreender ação positiva para proteger os direitos das mulheres...

Buscamos a libertação de todos os seres humanos. A luta pela libertação das mulheres deve ser parte de um combate maior pela liberdade. Reconhecemos a dificuldade que nossos irmãos terão em lidar com o chauvinismo masculino e assumimos nossa plena responsabilidade (como mulheres) em ajudá-los a resolver a contradição.

Liberdade agora! Nós os amamos! [10]

Irônicamente, logo no mês seguinte **New Left Notes** publicou um discurso de Fidel Castro à Federação de Mulheres de Cuba, que devia ter iluminado as falhas desta política. Após reconhecer a contribuição das mulheres na luta pela revolução e agradecer-lhes por terem juntado seus esforços aos dos homens, pede-lhes que voltem a seus antigos papéis subalternos:

Quem cozinhará para a criança que ainda volta para almoçar em casa? Quem amamentará os bebês ou cuidará da criança pré-escolar? Quem cozinhará para o homem que volta para casa depois do trabalho? Quem lavará e limpará e cuidará das coisas?[11]

Pelo outono de 1967 era evidente que as mulheres estavam reconsiderando sua posição. Quatro môças membros da Studen Union for Peace Action, organização da Nova Esquerda, líder no Canadá, elaborou um documento chamado Sister, Brothers, Lovers... Listen... baseado no comentário de Marx de que "progresso social pode ser indicado pela posição social do sexo feminino'. No documento há certa insegurança sôbre a diferença real entre os sexos, já que elas não estão certas sôbre se as mulheres têm uma desvantagem genética ou não, mas adotando a idéia marxista de que o progresso é a superação de tal distinção inveterada e a irrelevância de tal distinção para a verdadeira função e importância social, esperam conseguir algo. Conservaram o argumento de quatro pontos de Juliet Mitchell e sua teorização sôbre a determinação cultural do papel das mulheres. Uma vez mais encontramos a amarga descrição do papel das mulheres em movimentos radicais, iluminado por uma

declaração de Stokeley Camichael: "A única posição para as mulheres em S.N.C.C. é a prostrada."

> Algumas mulheres do movimento estão prontos para a revolução. Estamos pensando por nós mesmas. Estamos fazendo a leitura, escrita e conversação necessárias para encontrar a análise e teoria para a tarefa. Temos o fundo de experiência para fazer isto. Temos a frustração de ser excluída para forçar-nos a fazer isto...[12]

A impressão de que para elas a radicalização é um processo acadêmico é reforçada pela inclusão de uma lista de leitura, a primeira de uma série que se tornou progressivamente mais longa e envolvente. Na medida em que estamos lidando com um movimento de mulheres universitárias isto não é surpreendente, mas para a grande maioria das mulheres que nunca adquiriu qualquer aptidão para êste tipo de assimilação de idéias, para quem a argumentação não tem valor porque não podem compreendê-la ou praticá-la, tais métodos permanecem irrelevantes. O aspecto mais dúbio das liberacionistas acadêmicas é sua suposição de liderança de um vasto proletariado feminino murmurante, e sua adoção de tipos masculinos de agrupamento e estrutura organizacional às quais a maioria das mulheres têm pouco êxito em se adaptar. Não há indicação em suas teorias de que tenham percebido a plena extensão da polaridade masculina-feminina, de que tenham lido sua **Soviet Weekly** e de que lhes tenha sido contado que os membros do State Institute of Teaching Sciences estavam preocupados porque a falta de dominação feminina na indústria de ensino está produzindo meninos a quem falta um "devido senso de autoridade masculina."[13]

O academicismo destas mulheres se estende à maioria dos grupos de libertação das mulheres nas universidades. Ti-Grace Atkinson, ao mesmo tempo em que é membro fundador do grupo de elite The Feminists, trabalha para Human Rights for Women, uma organização que apoiará projetos de pesquisa sôbre a história e condição do povo feminino. Possìvelmente é disciplinador refletir que sufragistas mortas estiveram financiando tais projetos muito antes de Human Rights for Women chegar a existir, bem como distribuindo bôlsas para engenheiras e semelhantes. A maioria dos colégios para mulheres tem doações desta espécie, e de uma maneira geral sua contribuição para a libertação da mulher tem sido negligenciável.

O primeiro ataque direto ao Manifesto de 1967 partiu de um homem anônimo que escreveu para **New Left Notes** em dezembro. Sugeriu que havia perigo em colocar mulheres subdesenvolvidas numa posição de liderança porque elas por certo fracassariam e seu sentimento de inferioridade seria intensificado;[14] além do mais, argumentava que as mulheres não podiam separar-se dos homens porque precisavam dêles, e seu papel é ser mais humildes, mais conformadas e compadecidas do que os homens. Achava que as mulheres devem primeiro educar-se para tornar válido pretender a liderança do movimento, e que talvez devessem manter seus nomes de solteira quan-

do casadas. Mulheres S.D.S. dóceis começaram a murmurar e na seguinte Convenção Nacional da S.D.S. o murmúrio virou um barulhão. Em **New Left Notes** de 10 de junho de 1968, Marilyn Webb escreveu uma áspera descrição do grupo de mulheres da S.D.S., cuja acuidade levou tôda môça radical a nôvo ressentimento, embora ela não advogasse secessão do movimento dominado pelos homens, mas como de costume trabalho extra para alcançar libertação durante o tempo livre que não era gasto em datilografar, distribuir volantes, ser espancada pela polícia e cuidar da casa e da cama para o revolucionário homem.[15] Na convenção de 1968 as mulheres se comportaram mal e chamaram a cólera dos homens sôbre elas. Começaram a perceber que não seriam libertadas lutando as batalhas de outra gente. Os homens usaram os argumentos convencionais contra mulheres dominadoras e as mulheres, percebendo a insídia da polaridade, decidiram que algum raciocínio profundo tinha de ser empreendido e alguma estratégia por completo nova inventada.

Dois membros mais antigos do movimento radical universitário estavam preparando uma primeira formulação para uma tal estratégia nesta época. Seu órgão, **Voice of the Women's Liberation Movement,** foi iniciado e seu manifesto, **Towards a Women's Liberation Movement,** anunciou sua chegada. A prisão de Carol Thomas pela segunda vez e seu encarceramento por uma longa sentença acrescentou pungência e urgência ao caso.

Primeiro atacaram o manifesto das mulheres apontando os defeitos de seu dessorado liberal-reformismo, comparando-o com os argumentos de câmaras de vereadores sôbre o tratamento dos negros. Por analogia com o desenvolvimento do Black Power como o primeiro ataque importante ao modêlo de legislação paternalista, pediam uma espécie de movimento Woman Power em que a primeira prerrogativa fôsse desenvolver fôrça, autoconfiança e uma autêntica estratégia feminina. Beverly Jones destacou que as mulheres estudantes, membros da S.D.S., eram mulheres privilegiadas que ainda não haviam formado nenhuma idéia clara das incapacidades que crescentemente oprimem as mulheres enquanto elas se movem no ritmo divinamente sancionado para **kinder** e **kuche**. Ela sublinhou a necessidade de lutar suas próprias batalhas a fim de descobrir o que eram realmente os problemas, no modêlo S.D.S. "Confrontação é consciência política." Mulheres que obtiveram êxito no movimento dominado pelos homens conseguiram isso manipulando sua posição especial e alcovitando valôres masculinos, e como tal não estavam mais habilitadas para falar por suas irmãs do que homens de negócios prêtos para representar o Harlem; no entanto, mesmo para elas, embora ainda solteiras e relativamente enérgicas, sua dependência dos homens para qualquer ego ou prestígio já tornara suas vidas um travesti e um pesadelo, que elas não tinham nem o espírito nem o orgulho para rejeitar. Como mulher casada traçou um quadro horrível do que deviam esperar, e arrolou uma política de nove pontos que,

desde então, se tem tornado mais ou menos básica nos grupos jovens de libertação das mulheres.

1. As mulheres devem resistir à pressão para entrar em atividades de movimentos outros que não os próprios. Não pode haver reestruturação desta sociedade até que as relações entre os sexos sejam reestruturadas. As relações desiguais no lar são talvez a base de todo o mal. Os homens podem cometer qualquer horror, e covardemente sofrer qualquer mutilação de suas almas e retirar-se para o lar para ali serem tratados com temor, respeito e talvez amor. Os homens jamais enfrentarão sua verdadeira identidade ou seus problemas reais sob tais circunstâncias, nem nós...
2. Uma vez que as mulheres em grande medida são governadas pelo mêdo da fôrça física, devem aprender a se proteger...
3. Devemos forçar os meios de comunicação a uma posição de realismo...
4. As mulheres devem compartilhar sua experiência uma com a outra até que compreendam, identifiquem e explicitamente estabeleçam as muitas técnicas psicológicas de dominação dentro e fora do lar. Isto deve ser publicado e distribuído amplamente até que sejam do conhecimento comum. Nenhuma deve se considerar atrapalhada e desamparada numa discussão com seu marido...
5. Alguém chegou a iniciar o planejamento de comunidades em que as mulheres possam ser liberadas de suas cargas o bastante para que elas experimentem humanidade...
6. As mulheres precisam aprender sua própria história porque elas têm uma história de que se orgulhar e uma história que dará orgulho às suas filhas... Mulheres corajosas trouxeram-nos de servidão total para nossa presente posição melhorada. Não devemos dar-lhes graças mas aprender com elas e permitir-lhes que se unam à causa uma vez mais. O mercado está maduro para literatura feminista, histórica e de outros tipos. Devemos abastecê-lo.
7. Mulheres que têm alguma competência científica afinal devem começar a investigar as reais diferenças temperamentais e cognitivas entre os sexos...
8. Pagamento igual para trabalho igual tem sido um projeto trombeteado pelos radicais mas não deve ser porque é um instrumento de servidão...
9. Na que mal pode ser considerada uma lista completa, devo mencionar as leis de abôrto.[16]

Seria fácil demais fazer cavilações em tôrno da ignorância do ponto 7 (há mais de cinqüenta anos se procede a pesquisas sôbre diferenças em sexo) ou do ponto 8 por sua incoerência sintática. O ponto 2, aprender a se proteger, não é uma questão assim difícil, pois armas são bem fáceis de adquirir e lições de karatê estão incluídas no currículo de escolas para debutantes: a dificuldade é tornar a violência física irrelevante, o que é a única esperança para qualquer ser humano, mas nenhum dos grupos feministas até agora surgiu com uma estratégia. A Parte II de **Towards a Women's Liberation Movement** foi escrita por Judith Brown, Assistente de pesquisa em Psiquiatria na University of Florida. Ela também descreveu a posição de mulheres radicais de classe média na S.D.S. e desenvolveu a idéia de o casa-

mento ser para as mulheres o que a integração era para os negros, usando a analogia negro/mulher que se tornou tão popular, e tão desencaminhadora, em discussões da questão feminina. Ela sugeriu comunas só de mulheres para as mulheres radicais, mas não viu que uma comuna de tal tipo não é de forma alguma diferente dos conventos medievais em que mulheres que se revoltavam contra seus papéis sociais e biológicos podiam encontrar realização intelectual e moral, na qual elas não exerciam nenhuma pressão sôbre o **status quo.** Sua consideração do celibato como uma tática tornou o aspecto conventual de sua estratégia ainda mais aparente. Lesbianismo e masturbação como alternativas para a integração não enfraquecem de modo significativo a fôrça do paralelo com o convento. O manifesto termina com um incoerente lamento não assinado pela segunda prisão de Carol Thomas e seu encarceramento por um considerável período. Não se salienta o ponto de que ela foi vitimada especìficamente como mulher, na verdade a acusação sob a qual foi prêsa não é nomeada, mas como uma demonstração de solidariedade entre mulheres revolucionárias talvez tenha algum valor.

> Nós não temos nos escudado em paralisia política como desculpa para inação — somos uma casta subjugada. Precisamos desenvolver um movimento feminino, e de modo mais importante, porque precisamos combater esta ordem social, com tôdas as faculdades que obtivermos, e aquelas em plena velocidade. E devemos ser libertados de modo que possamos mudar de nosso desespêro doméstico isolado — nosso próprio Apocalipe dos Danados — para um exercício de ira social contra cada escurecimento da luz. Precisamos unir nossas fôrças, começar a desmantelar os brinquedos implacàvelmente sociais e militares dêste sistema, e fazer parar os cães danados que nos governam em qualquer lugar que estejamos.[17]

A procura feminina de autoconhecimento descobriu sùbitamente todo um nôvo arsenal, a obra de Masters e Johnson, publicada em 1966 sob o título **Human Sexual Response.** As implicações para a libertação feminina foram pela primeira vez destacadas selvagemente por Mette Eiljerson e então lidas no original dinamarquês por uma feminista, Anne Koedt. O argumento de **The Mith of Vaginal Orgasm,** de Miss Koedt, de que a potência orgásmica tornou-se, através da ignorância anatômica de Freud e Reich, um alvo inatingível para a mulher e uma causa de maior vergonha e inautenticidade no comportamento sexual é indubitàvelmente correto, mas seus corolários, de que o êrro era o resultado deliberado de chauvinismo masculino, que a vagina não tem importância para o prazer sexual feminino, que os homens insistem na penetração porque a vagina é o lugar mais agradável para um pênis estar (aqui um toque de chauvinismo feminino!) são pelo menos duvidosos. "Os homens temem que venham a se tornar sexualmente consumíveis se o órgão clitoral fôr substituído pelo vaginal como o prazer básico para as mulheres..."[18]

Fica-se a imaginar com que Miss Koedt tem ido para a cama. A maioria dos homens estão cônscios do clitóris e estão realmente assustados de serem desejados simplesmente como um objeto sexual,

O homem de quem se espera que tenha um pênis rígido em tôdas as ocasiões não é nem um pouco mais livre do que a mulher de quem se espera que a vagina exploda com a primeira enfiada de um tal pênis. Os homens sofrem lavagem cerebral como as mulheres para suporem que seus órgãos sexuais são capazes de impossibilidades anatômicas. As suposições de Miss Koedt mostram que ela tem visto através de sua própria lavagem de cérebro mas não através da dêles. Seu último ponto é mais peculiar.

Lesbianismo — Ao lado das razões estritamente anatômicas porque as mulheres devem procurar amantes mulheres, há um grande mêdo por parte dos homens de que as mulheres venham a buscar a companhia de outras mulheres numa base plena e humana. O estabelecimento do orgasmo clitoral como um fato ameaçaria a **instituição** heterossexual. O opressor sempre teme a unidade do oprimido, e a fuga das mulheres da autoridade psicológica que os homens agora mantêm. Em vez de imaginar uma futura relação livre entre indivíduos, os homens tendem a reagir com temores paranóicos de vingança por parte das mulheres (como foi testemunhado pelos acontecimentos — V. Solanas).[19]

Fica-se a imaginar quem mata quem segundo a versão de Miss Koedt! Na maioria dos casos a unidade masculina é preservada às custas de pôr fora da lei qualquer contacto sexual entre membros masculinos do grupo. O sexo simplesmente não é uma fôrça coesiva. Grupos homossexuais dentro da sociedade, como o sabemos, não são notados por sua coesão ou coperação, embora isso não seja uma refutação de homossexualidade numa situação diferente, onde culpa e desonestidade não fôssem concomitantes inevitáveis. A mais sutil das suposições por trás de um tal documento é que o **status quo,** que neste caso é a sensibilidade vaginal dos amantes americanos de classe média na década de 1960, é a única situação possível: ao desenvolver sua teoria Anne Koedt condena tôdas as mulheres àquela condição. Até que as experiências sejam realizadas em Tahiti ou outros lugares longíquos (se ainda existem) não saberemos que nível de sensibilidade é anatômicamente determinado. De tôdas as maneiras um orgasmo clitoral com uma vagina cheia é melhor do que um orgasmo clitoral com ela vazia, pelo menos pelo que posso dizer. Além do mais, um homem é mais do que um aparelho. Nancy Mann escreveu um comentário para o artigo de Miss Koedt que é agora publicado com êle pela **New England Free Press.** Ela tenta uma nova explicação do fracasso feminino em atingir o orgasmo, principalmente com base em que não estamos fazendo certo, de que não estamos voltadas para a natureza essencial da experiência. Sua conclusão é esperançosa para as mulheres que realmente não querem se masturbar ou aprender tribadismo.

> Estou certa de que não é coincidência que tanta gente neste país tenha mau sexo. Acompanha o descuido geral pelos prazeres humanos em favor da lógica de tirar proveito. É óbvio que as pessoas têm contrôle real sôbre

a responsabilidade por suas ações em sexo. Mas, para as mulheres, atirar tôda a culpa nos homens (ou os homens tôda a culpa nas mulheres) é má política... Sexo, trabalho, amor, moralidade, o sentido de comunidade — as coisas que tem o maior potencial para nos causar satisfação estão minadas e exploradas por nossa organização social. É por isso que teremos de lutar. Se você não pode se acertar com seu amante você pode sair da cama. Mas o que você faz quando seu país a está fodendo? [20]

O óbvio abrandamento do riso de satisfação de Anne Koedt ao expulsar o pênis não protege Nancy Mann da disfarçada cachorrice de colunistas mulheres; em seu artigo escarnecedor em **New York,** Julie Baumgold deu jeito de sugerir que o sobrenome de Miss Mann, um nome judeu tão bom como o dela, era evidência de chauvinismo feminino e inveja do pênis.[21] De fato, a despeito da atitude geralmente irrisória da imprensa, os movimentos de libertação feminina têm sido até agora muito um fenômeno dos meios de comunicação. O apetite gargantuesco de novidades por parte dos jornais tem levado à anomalia de histórias de libertação de mulheres aparecerem ao lado de anúncios de gorduras emulsionadas para amaciar a pele, duchas perfumadas para tornar a vagina mais agradável, e todo o resto do comércio para o estereótipo feminino. Movimentos de libertação feminina são bons para novas histórias por causa de sua atmosfera de perversão, depravação feminina, sensação e solene absurdo.

O verão de 1968 não foi momentoso para o movimento das mulheres só porque as mulheres surgiram como um grupo coerente na Nova Esquerda, mas também porque Valerie Solanas atirou em Andy Warhol. Sùbitamente S.C.U.M., a Society for Cutting Up Men, era grande novidade, lutando com o assassinato de Bob Kennedy pela primeira página. Há, à parte a própria Miss Solanas, pouca evidência de que a S.C.U.M. jamais tenha funcionado. Ela foi fàcilmente demais caracterizada como uma neurótica, exibicionista pervertida, o incidente foi em grande parte coisa do circo de malucos explorados de Warhol para que sua mensagem chegasse sem ser adulterada. Mas as pessoas leram seu livro buscando sensação, e conseguiram mais do que tinham negociado. Mais do que qualquer outra das estudantes ela aprendera o problema da polaridade, do gôlfo que separa homens e mulheres da humanidade e os coloca num limbo de lados opostos. Ela propôs a mais chocante estratégia para permitir que as mulheres caminhem de volta para a humanidade — simplesmente que elas exterminem os homens. Foi provàvelmente a feroz energia e lirismo de sua exposição sem compromisso da fixação dos homens relativa ao feminino, e sua desesperada batalha para viver de conformidade com sua própria fixação no pênis, que radicalizou Ti-Grace Atkinson tirando-a da NOW, e mesmo deu vivacidade aos **slogans** daquelas senhoras até que elas deram jeito de purificar suas fileiras de tal brutalidade, e finalmente deu origem a WITCH, Women's International Terrorist Conspiracy from Hell. WITCH é essencialmente um experimento com os meios de comunicação de massa. Queima pública

de sutiãs, embruxamento do Chase Manhattan Bank e invasão da Feira Anual da Noiva do Madison Square Garden, vestidas como feiticeiras e portando vassouras foram tôdas operações sensacionalistas, e, dada a suscetibilidade do sistema comercial a seus próprios métodos, funcionaram a ponto de fazer o mercado da Wall Street descer cinco pontos, mas hoje em dia, por mêdo da Tactical Police Force e outras formas de repressão do **establishment,** o que é essencialmente um movimento de publicidade tornou-se anônimo e clandestino.

Após a primeira onda de publicidade irrisória, a libertação das mulheres adotou uma atitude suspeitosa e não-cooperativa para com a imprensa, uma tática que de forma alguma melhorou sua imagem pública e protegeu-a de figurar tanto nos suplementos dominicais e revistas finas. De fato, nenhuma publicidade é ainda má publicidade, em especial quando as mulheres estão tão apegadas a um hábito antigo de leitura descuidada que a maioria do escárnio foi perdida, e quando não sua grosseria provocou uma certa simpatia pelos indivíduos que estavam sendo tão rudemente maltratados pelos meios de comunicação que as estavam explorando. As mulheres ficaram contentes de saber que "algo está acontecendo aqui", mesmo se "o que é não esteja muito claro". Tôda vez que uma proposição de uma mulher buscando libertação, quer da taxação que a impede de praticar sua profissão como mulher casada, quer do domínio sexual e inautenticidade, atinge os jornais, a resposta é enorme, e se espalha a controvérsia sôbre vários problemas, se tomarmos o artigo de Vivian Gornick no **Village Voice** como um exemplo.[23] Para cada mulher que escreve uma carta ao editor há centenas que não podem fazê-lo, e cada vez que um homem escreve troçando e com mêdo o ponto é destacado uma centena de vêzes. É de se esperar que as mulheres se decidam cada vez mais a influenciar os meios de comunicação escrevendo para êles, não sendo assunto dêles. A influência pode se estender da mesma forma a outros veículos, pois a enorme barriga da televisão precisa ser alimentada, e se os programas feministas são financiados por firmas de cosméticos tanto melhor. Devemos do mesmo modo deixá-las pagar os custos de seu próprio sepultamento. Em qualquer caso, insultar e excluir repórteres não é defesa contra êles; censura é arma de opressão, nossa não.

Há muitos outros movimentos de libertação das mulheres operando agora na América, de Capítulos universitários, que contam com vinte e cinco membros como sendo muita gente e permanecem manifestações locais lidando com seus próprios problemas, a grupos como as Red Stockings, formado quando foram gozadas pelos homens na demonstração antiinaugural em Washington, que se concentraram no levantamento das consciências no sentido marcusiano, ao movimento de 17 de outubro de que Anne Koedt e Shulamith Firestone são membros, ao Cell 55, ao movimento da Women's Liberation com base em Boston de Aby Rockefeller, cuja conferência no

último verão foi ouvida por quinhentas mulheres que se levantaram às 10 horas de uma manhã de domingo para ver uma demonstração de karatê (Rockefeller e Roxanne Dunhar têm cintos verdes), ao Congress to Unite Women (que tristemente só reuniu quinhentas mulhares). O movimento está dividido e dividindo interminàvelmente, mas isto deve ser tomado como um sinal de vida, caso não de fôrça.

Na Inglaterra, oficinas de Women's Liberation estão aparecendo nos retiros suburbanos de donas-de-casa educadas, e nas universidades. Não há grande coerência em sua teoria nem particular imaginação ou eficiência a serem observadas em seus métodos. A oficina de Tufnell Park Liberation produziu um jornal chamado **Shrew** que é mal distribuído. Após cinco telefonemas para tentar e assegurar números atrasados desisti. Quando estas valorosas senhoras apareceram no concurso de Miss Mundo com suas bandeiras dizendo "Não somos objetos sexuais" (uma proposição que ninguém parecia inclinado a negar) ficaram horrorizadas ao descobrir que môças da Warwick University estavam cantando e dançando em tôrno da polícia. Imploraram-lhes que desistissem porque isto não era próprio de senhoras e sua imagem já era tão mesquinha, e quando o nôvo número de **Shrew** apareceu continha uma lamentação oficial do comportamento destas estranhas mulheres, supondo, com pena, por sua falta de modos, que eram donas de casa de Conventry, com quatro filhos cada uma, a mesma gente que as libertadoras das mulheres estavam ansiosas por ajudar! De fato, o Capítulo de Coventry é um dos poucos freqüentados por mulheres da classe trabalhadora que contam às môças privilegiadas como são as coisas, uma tendência que bem podia ser seguida por outras mulheres privilegiadas que até agora não aprenderam a exigir nada mais do que a vazia noção de "igual oportunidade".[23]

Não obstante, a despeito do caos e concepção errada, o nôvo feminismo cresce ràpidamente. O nôvo Feminist Theatre, patrocinado pelas Red Stockings, enche o Village Gate em Nova Iorque. Embora algumas mulheres estejam enganadas e aceitem a violência masculina como uma tática ou pratiquem o celibatarismo, espôsas e mães marcharam em tôrno da prisão por alimentos em Hudson Street com cartazes anunciando que não queriam alimentos. Como Gloria Steinem observou, o crescimento do movimento de libertação "aconteceu não tanto por organização mas sim por contágio". O verdadeiro movimento é mais extenso e profundo do que a organização clandestina cujas publicações são disseminadas pelo N.E.F.P. e Agitprop, e mesmo mais amplamente que o estabelecimento feminino de Mrs. Friedan. Uma moção antilibertação feminina foi esmagadoramente derrotada numa audiência predominantemente masculina num debate universitário em que falei mais tarde, quando há cinco anos atrás um debate similar, embora muito mais bem argumentado do que êle, foi redondamente derrotado. Quando me dirigi a uma audiência muito heterogênea e pouco excêntrica num cen-

tro de educação adulta em Tesside, na semana anterior, mulheres nervosas de fala mansa falaram em frente de seus maridos sôbre as idéias mais subversivas. Enfermeiras estão se portando mal, as professôras estão em greve, as saias estão de todos os comprimentos imagináveis, sutiãs não estão sendo comprados, abortos estão sendo exigidos... a rebelião está juntando vapor e pode portanto tornar-se revolução.

REVOLUÇÃO

REVOLUÇÃO

Reação não é revolução. Não é sinal de revolução os oprimidos adotarem as maneiras dos opressores e praticar opressão em seu próprio favor. Nem é signal de revolução as mulheres macaquearem os homens, e os homens as mulheres, mesmo quando as leis contra homossexualidade são relaxadas, e a intensa conotação sexual de certos tipos de roupas e comportamento é diminuída. A tentativa de relaxar a severidade da polaridade na lei não tem relação com a importância que noções de masculino-feminino conservam nas mentes e corações de gente real. A maioria das mulheres ficam inspiradas a se apegar à sua importante feminilidade por causa da profunda falta de atração do rosto cheio de marcas de Barbara Castle e sua deprimente função como principal fura-greves do regime de Wilson, mais do que tendente a competir como ela por distinções reservadas aos homens num mundo de homens. Sabemos que tais mulheres não se batem por seu próprio sexo uma vez em posições de poder, que quando são empregadores não empregam seu próprio sexo, mesmo quando não há qualquer outra base para discriminação. Afinal elas se saíam melhor com os homens porque durante tôda a vida manipularam as suscetibilidades, culpas e desejos ocultos dos homens. Tais mulheres são como o homem negro do homem branco, o negro profissional: elas são a mulher obrigatória, a criatura excepcional que é tão boa quanto um homem e muito mais decretiva. Os homens capitulam.

Que as mulheres devem buscar uma revolução em suas circunstâncias treinando-se como uma fôrça de combate é o mais óbvio caso em que se confunde reação ou rebelião com revolução. Agora que a arte da guerra, como a indústria, não é mais uma questão de fôrça física superior, ela não é mais importante na batalha das mulheres por admissão na humanidade. Em nosso tempo a violência tornou-se inumana e assexual. Está associada com riqueza, na manufatura de

armamento sofisticado, na manutenção de exércitos de polícias de tôdas as variedades, na montagem de imensas defesas que por sua existência mesma precipitam o caos da guerra. Guerra é a admissão de derrota na face de interêsses conflitantes: pela guerra o problema é entregue à sorte, e a suposição tácita de que o melhor homem vencerá não é de modo algum justificada. Pode-se igualmente argumentar que o pior, o homem mais inescrupuloso há de vencer, embora a história vá continuar o absurdo jôgo achando-o afinal o melhor homem. Precisamos apenas pensar na tentativa de Hochnut de fazer o julgamento do papel da Inglaterra no massacre da Alemanha e a judiciosa cegueira de Winston Churchill em reconhecer êste processo inevitável. Guerras não podem ser **ganhas,** como qualquer inglês que compara sua fortuna de pós-guerra com a dos culpados nazistas da Europa tem confusamente consciência. Mulheres que adotam atitudes de guerra em sua busca de libertação condenam-se a imitar a última perversão da virilidade desumanizada, que só tem um desfêcho previsível, o fim especìficamente masculino de suicídio.

O Boston Women's Liberation Movement justifica seu interêsse pelo karatê com base em que as mulheres estão aterrorizadas pela agressão física em circunstâncias individuais, e precisam ser libertadas do mêdo antes que possam agir com confiança. É verdade que os homens costumam ameaçar com fôrça física, em geral de modo histriônico, para silenciar espôsas irritantes: mas é quase sempre fingimento. É na verdade uma guerra de nervos e pode ser enfrentada com a maior facilidade. Em várias épocas de minha vida vivi com homens de conhecida violência, dois dos quais tinham condenações por Cruel Dano Corporal, e em qualquer caso jamais sofri qualquer agressão física, porque eu era o suficiente clara em minha atitude de que não me impressionava com ela. A violência tem fascinação para a maioria das mulheres; agem como espectadoras em lutas, e vibram com cenas de violência selvagem em filmes. As mulheres estão sempre precipitando cenas de violência em bares e salões de dança. Muito do incitamento de homens é na verdade a necessidade feminina do arrepio da violência. A maioria das lutas são casos degradantes, confusos: a maioria dos homens não atinge a coisa que alvejam, e a maior parte acaba se deixando ferir em seu próprio masoquismo. O homem genuinamente violento não brinca por aí com karatê ou as regras do Marquês de Queensberry — usa uma garrafa quebrada, um macaco ou um eixo. Êle não vê o desenrolar da luta, mas procura termina-la o mais ràpidamente possível causando o maior mal que pode o mais depressa que pode.

Seria revolução genuína se as mulheres parassem de súbito de amar os vitoriosos em encontros violentos. Por que admiram a imagem do homem brutal? Se ao menos elas pudessem ver por entre o urro e a bravata a desolação e miséria do homem que é incentivado a usar punhos (pois homens fortes com ar de derrotados são sempre desafiados por homens menos òbviamente masculinos que precisam

se pôr à prova). Por que não podem entender a deificação do homem forte, quer como soldado, lutador, jogador de futebol ou modêlo masculino, vendo que seu destino se aproxima tão intimamente do delas? Se as mulheres ao menos oferecessem uma alternativa genuína da violência, o mundo poderia respirar um pouco com menos dor. Se as mulheres se negassem a ser espectadoras de lutas, a indústria entraria em colapso; se os soldados tivessem de enfrentar com certeza a retirada de todos os favores femininos, como Lisístrata observou há tanto tempo atrás, haveria de súbito menos encanto na luta. Não somos huris, não seremos a recompensa do guerreiro. E no entanto lemos em revistas de homens como as protistutas de cidades americanas concedem de graça seus favores aos rapazes prontos a embarcar para o Vietnã.

A perversão masculina da violência é uma condição essencial da degradação das mulheres. O pênis é concebido como uma arma, e sua ação sôbre as mulheres é compreendida como de certa forma sendo destruidora e ofensiva. Tornou-se uma pistola, e na gíria inglêsa as mulheres gritam quando querem que seu parceiro ejacule: "Atire em mim! Atire em mim!" As mulheres não podem ser liber-

A Luta da Mulher
(Melodia: "Juanita")

Suavemente deve ela dormir no seio da mãe terra.
Uma que trabalhou nobremente pelo renascimento do mundo.
No coração da mulher vive um desejo de curar tôda a dor.
Deixe-a aprender a ajudar o homem a se libertar de tôdas as cadeias.
Mulher, oh mulher, deixe seus grilhões no passado:
Levante-se e exija seu direito de nascimento e seja livre afinal.
Mãe, espôsa e donzela, em suas mãos repousa grande poder:
Conceda-lhes tôda a liberdade, energia e sacrifício.
Lá longe através do tôpo da colina rompe a luz do dia que surge.
A luta ainda está esperando, então levante-se e em frente.

I. W. W. Songe

tadas de sua impotência pelo presente de um fuzil, embora sejam tão capazes de manejá-los como os homens. Cada vez que foi entregue às mulheres um fuzil durante o curso de uma luta específica, êle lhes tem sido retirado e elas têm-se encontrado mais impotentes do que antes. O processo a ser seguido é o oposto: as mulheres precisam humanizar o pênis, tirar dêle o aço e fazê-lo de nôvo carne. O que as mulheres mais "libertas" fazem é escarnecer do pênis por sua representação falsa de si mesmo, rir dos homens pela superestima de sua virilidade, em vez de ver como se originou o êrro e que efeito êle tem tido sôbre elas mesmas. Os homens estão cansados de ter tôda a responsabilidade pelo sexo, é tempo de serem aliviados dela. E não quero dizer que o lesbianismo em larga escala devesse ser adotado, mas simplesmente que a ênfase devia ser tirada da genitalidade masculina e recolocada sôbre a sexualidade humana. Os órgãos femininos precisam assumir seu papel. A questão da atitude feminina para com a violência é inseparável dêste problema.

Talvez, para começar, as mulheres devem procurar ficar genuìnamente enojadas com a violência, ou pelo menos se recusem a premiar qualquer vencedor numa confrontação violenta, mesmo ao ponto de partilhar sua sorte de preferência com o perdedor. Se elas se negassem de modo absoluto a agir como espectadoras da competição masculina, muito de sua motivação se perderia.

Embora muitas mulheres não se sintam atraídas pelos vencedores de conflitos violentos, mas prefiram pairar por cima do galante vencido, no sentido social mais amplo tôdas elas preferem vencedores. Uma eminente senhora professôra, dirigindo-se a um grupo de educação adulta numa universidade do norte, lamentou o fato de que o chauvinismo masculino impedisse os homens educados de marcar encontros com as igualmente qualificadas e muito acessíveis môças da mesma instituição. Não se podia esperar que as môças fizessem camaradagem com homens menos educados e inferiores, e assim elas não saíam com ninguém. Mas se os homens ficam contentes de gastar seu tempo de lazer com inferiores intelectuais, por que as mulheres também não podem? Os homens podem observar com desprêzo que as mulheres são intelectuais das nove às cinco, e só podem se descontrair quando a excitação está apagada e podem bater papo com uma estúpida. Brincam de Papai Sabe-Tudo, e suas escolhidas de emocionadas filhas. De uma maneira geral a acusação é verdadeira. Mas também é verdade que na maioria dos casos mulheres intelectuais são agressivas, arrogantes, compulsivas e intensas. Valorizam demais suas dúbias realizações educacionais, perdendo contacto com recreações mais inocentes. Procuram um homem cujos feitos venham a valorizar os seus próprios, um ego para substituir a própria insuficiência, e a maioria dos homens é rápida em sentir a urgência da busca. Muitos homens se cansam fàcilmente de estúpidas, mas sentem mais profunda repulsa pelas cheias de si. Em vez de procurar ser acompanhadas por seus rivais, por que não seria possível para as mulheres encontrar descanso e prazer na companhia de seus "inferiores"? Precisariam deixar de lado sua desesperada necessidade de **admirar** um homem, e aceitar o papel mais gentil de amá-lo. Uma mulher culta não pode castrar um motorista de caminhão como pode com seu rival intelectual, porque êle não tem exagerado respeito por suas capacidades livrescas. A alternativa para educação convencional não é estupidez, e muito môça inteligente precisa o corretivo da genuína sabedoria de uma alma simples. Em famílias da classe operária, o papel paternal do pai não é tão pronunciado como nos lares de classe média, pois com freqüência as mulheres da classe operária são mais rápidas com suas cartas e mais adeptas de manipular as autoridades do que seus maridos.[1] Um marido trabalhador pode muito bem orgulhar-se de uma companheira "pensante". O casamento devia significar que após o pagamento de impostos os ganhos dela fizessem pouca diferença para a situação financeira da família. Os ganhos de profissionais liberais neste país são tão baixos e as horas

tantas que nenhum homem precisa sentir sua capacidade de ganho minada pela de sua mulher, por mais altamente qualificada que ela seja. Mulheres socialistas, agora invectivando em grupos segregados após servir com mãos, pés e nádegas os homens da classe média revolucionária no movimento, podiam estar melhor colocando sua desprezada especialização e seu conhecimento dos textos básicos a serviço da classe para a qual foram ideados. A realização das mulheres é em geral medida em têrmos de quão mais alto que sua classe se casaram. Uma revolução na consciência deve inverter tal noção. Claro, precisa ser feita genuínamente — não há propósito em condescendência.

Se as mulheres estão para efetuar um melhoramento significativo em sua condição, parece óbvio que devem se recusar a casar. Não se pode exigir de nenhum trabalhador que assine contrato pela vida inteira: se o fizesse, seu empregador podia não atender a nenhuma de suas tentativas de obter melhor pagamento e melhores condições. Naqueles lugares em que um empregador tem o monopólio do emprêgo êste fenômeno pode ser observado Não adiantaria o empregador garantir melhorias motivadas pela bondade de seu coração: seus operários precisam conservar seu orgulho conservando seu poder de barganha. Pode-se argumentar que as mulheres não estão comprometidas por tôda a vida no contrato de casamento porque o divórcio é sempre possível, mas, como está, o divórcio trabalha em prol do interêsse masculino, não só porque foi ideado e instituído pelos homens, mas porque o divórcio ainda depende de dinheiro e de rendimentos independentes. Mulheres casadas raramente têm qualquer dos dois. Os homens alegam que as leis de alimentos podem arruiná-los, e isto é òbviamente verdadeiro, mas só devem culpar a si mesmos pelo fato de a pensão alimentícia ser necessária, em grande parte por causa do modêlo de garantir a custódia dos filhos para a mãe. A mulher que recebe alimentos criando os filhos sem pai não é mais livre do que antes. Ainda faz menos sentido assinar um contrato de serviço vitalício se êle pode ser rompido apenas pelo empregador. Ainda mais amarga é a reflexão de que a mulher que trabalha tem sua renda considerada parte da de seu marido, e êle por outro lado não é nem ao menos obrigado a contar-lhe o quanto ganha. Se a independência é um concomitante necessário da liberdade, as mulheres não devem casar.

Por que a môça média casa? A resposta provàvelmente será dada: — amor. O amor pode existir fora do casamento — na verdade por longo tempo supôs-se que **sempre** existia assim. O amor pode tomar várias formas; por que precisa ser exclusivo? Segurança? Segurança é uma quimera, especialmente se se supõe que significa a preservação de um estado de feliz comunhão que existe por ocasião do casamento. Mesmo que não ocorram desastres óbvios como adultério ou separação, as pessoas ainda mudam: nenhum parceiro será, bàsicamente, a pessoa que se casou no início. Se uma mulher se

casa porque está farta de trabalhar, ela merece tudo o que arranja. Oportunidades de trabalho devem ser melhoradas, não abandonadas. Se uma mulher casa porque quer ter filhos, devia refletir que a família média não tem se mostrado uma base de criação muito boa para as crianças, e vendo como o mundo não tem nenhuma necessidade urgente de aumento seria melhor que esperasse, já que a anticoncepção é muito possível, até que alguma espécie de unidade doméstica conveniente se apresente. Os escárnios e impedimentos sofridos por uma môça solteira que não pode ter uma hipoteca e é muitas vêzes considerada uma inquilina indesejável só podem ser experimentados e desafiados por uma môça solteira: casar covardemente não é maneira de mudá-los. Mesmo embora haja mais problemas ligados à criação de um filho ilegítimo, e coabitação amigável possa sofrer ultraje e perseguição por parte de cidadãos mais ortodoxos, casar para evitar essas inconveniências é evasão sem significado.

Está muito bem declarar de modo tão categórico que uma mulher que busca libertação não se deve casar, mas se isto implica em que as mulheres casadas são uma causa perdida, qualquer emancipação feminina em larga escala seria por causa disso indefinidamente adiada. A mulher casada sem filhos pode ainda conservar um grau de fôrça de barganha, sob condição de que ela resolva não se assustar com a ameaça de abandono. A negociação entre gente casada geralmente funciona de modo desigual: a mulher finalmente descobre que sua vida mudou de forma radical, mas não a de seu marido. Êste estado de coisas é de uma maneira geral considerado justo: por exemplo, uma decisão do Home Office recentemente recusou a uma mulher o direito de viver em seu país de origem porque ela casara com um indu e "era costumeiro uma mulher adotar o país de origem de seu marido". O mesmo acontece com sua cidade domiciliar, ou seu local de trabalho, sua residência escolhida e seus amigos. A desigualdade no dá-e-toma do casamento pode ser melhor explicada por uma desigualdade emocional no coração dêle, embora em muitos casos esta desigualdade seja uma farsa. Muitos homens são quase tão temerosos de abandono, de falhar como marido quanto suas espôsas, e uma mulher que não está atemorizada de manejar em seu

A Môça Rebelde
Letra e Música de Joe Hill, Copyright 1916

CÔRO

Aquela é a Môça Rebelde, aquela é a Môça Rebelde!
Para a classe trabalhadora ela é uma pérola preciosa.
Ela traz coragem, orgulho e alegria
Para o Rapaz Rebelde lutador:
Tivemos môças antes mas precisamos algumas mais
Nós Trabalhadores Industriais do Mundo.
Pois é grandioso lutar por liberdade
Com uma Môça Rebelde.

I. W. W. Songs

próprio benefício pode manipular esta situação. É grandemente uma questão de nervos. Na medida em que o ímpeto da população feminina cresce, seria de esperar que vários tipos de emprêsa cooperativa surgissem para reforçar a independência do indivíduo, embora haja provàvelmente menos clubes e sociedades cooperativas femininas agora do que entre as guerras, se considerarmos o quadro traçado em **Girls of Independent Means.** O principal valor de organização não é a formação de uma frente política, porém o desenvolvimento da solidariedade e ajuda mútua, que pode ser útil numa escala muito pequena. Voltar para a casa da mãe pode ser um recurso muito desenxabido, porque em geral é difícil viver com a mãe, brigona, conservadora e cansada dos problemas de seus filhos.

A condição das mães é mais desesperada do que a das outras mulheres, e quanto mais numerosos os filhos mais desesperada a situação parece ser. E no entanto mulheres com filhos se libertam, com ou sem sua prole. Tessa Fothergill deixou o marido, levando os dois filhos, e começou a luta para encontrar apartamento e um emprêgo para si. Teve tanta dificuldade que decidiu fundar uma organização para mulheres com seu problema e chamou-a Gingarbread. Outro grupo similar já existia, chamado Mothers-in-Action.[3] Por mais lento que possa ser o progresso através da obstrução oficial, é realizado melhor junto. Finalmente será encontrado o jornal de uma mulher em que tais grupos possam anunciar sua formação e solicitar colaboração. A maioria das mulheres, devido às suposições que elaborou sôbre a importância de seu papel como criadoras e socializadoras de crianças, estremeceriam à noção de deixar marido e filhos, mas é êste precisamente o caso em que precisa ser empreendido repensar brutalmente claro. Primeiro de tudo, os filhos não são **dela,** não são sua propriedade, embora a maioria das côrtes enèrgicamente favoreça a pretensão de mãe contra a do pai em casos de custódia. É muito pior para as crianças crescer numa atmosfera de sofrimento, conquanto reprimido, do que adaptar-se a uma mudança de regime. Sua dificuldade de adaptar-se é em si evidência do fortalecimento anti-social do cordão umbilical, e é provàvelmente melhor para as crianças a longo prazo decobrir que não têm posse indisputada da mãe. De qualquer modo a situação deve ser explicada porque êles sempre se sentem inquietos, e se preocupam mais com possibilidades obscuras do que com fatos. Uma espôsa que sabe que se deixar o marido só poderá criar os filhos na pobreza, embora pudesse se sustentar, deve tomar uma decisão sensível, e rejeitar de início o profundo preconceito contra a mulher que abandona o lar. Em muitos casos o marido é consolado com lhe ser permitido conservar os filhos e pode conseguir tratá-los melhor e com menos ansiedade do que uma mulher. É mais possível que êle seja capaz de pagar uma governanta ou uma educadora, o que é mais difícil para uma mulher. E assim por diante. Por trás de mulher divorciada lutando para conservar seus filhos se agita sempre a ameaça de "confiar as crianças

para serem cuidadas" que é a pior das alternativas. Uma mulher que abandona seu marido e filhos podia oferecer-lhe alimentos, se a sociedade lhe garantir os meios.

O fator assencial na libertação da mulher casada é o entendimento de sua condição. Ela deve combater a culpa por ter fracassado num cenário impossível, e examinar o cenário. Ela deve ignorar descrições interessadas de sua saúde, sua moralidade e sua sexualidade, e examiná-las tôdas por si mesma. Precisa conhecer seus inimigos, os médicos, psiquiatras, trabalhadores sociais, conselheiros matrimoniais, sacerdotes, visitadoras de saúde e moralidade populares. Ela precisa analisar seus hábitos de compra, suas desonestidades e evasões do dia-a-dia, seus sofrimentos, e seus sentimentos reais para com os filhos, seu passado e seu futuro. Suas melhores auxiliares em tal avaliação são suas irmãs. Não deve permitir ser ridicularizada e confundida por discussões com o marido, ou chantageada pela inocência dêle na parte que toma em sua condição e por sua magnanimidade em oferecer-lhe um meio-caminho de qualquer sugestão "razoável". Ela tem de essencialmente recapturar sua própria vontade e seus próprios objetivos, e a energia para usá-los, e a fim de tornar isto efetivo algumas sugestões muito "irracionais", ou exigências, podem ser necessárias.

Não é uma explicação completa do subjugamento do sexo feminino dizer, como Ti-Grace Atkinson, que os homens resolveram o mistério biológico da procriação. De fato não o fizeram e não resolveram o mistério da paternidade. É sabido que um pai é necessário, mas não é sabido como identificá-lo exceto negativamente. As

> **Tudo que é bom e recomendável e existe agora continuaria a existir se tôdas as leis de casamento fôssem abandonadas amanhã... Eu tenho um direito constitucional inalienável e natural de amar quem eu possa, amar por um período tão longo ou tão curto quanto queira, mudar aquele amor cada dia se quiser!**
>
> Victoria Claflin Woodhull, 20 de novembro de 1871

mulheres têm livremente contrabalançado esta incapacidade da paternidade por meio do oferecimento, após talvez serem de início forçadas a oferecer por encarceramento e supervisão, de garantias de paternidade e seu concomitante, fidelidade. Agora que o enclausuramento de espôsas é impossível podemos do mesmo modo abandonar as garantias e tornar a família patriarcal uma impossibilidade insistindo em preservar a paternidade para todo o grupo — todos os homens são pais de tôdas as crianças. O abandono da garantia de paternidade não envolve necessàriamente "promiscuidade", embora em seus estágios iniciais possa parecer. A promiscuidade de secretárias casuais na escolha de seu emprêgo pode agir como uma medida revolucionária, forçando o reconhecimento de suas contribuições à firma e seu trabalho; do mesmo modo, a má-vontade das mulheres de se comprometer com juras de completa monogamia e

devoção canina pode ter de ser reforçada de início por verdadeira "promiscuidade".

As mulheres devem também rejeitar seu papel de principais consumidoras no Estado capitalista. Embora pudesse ser um passo atrás se recusar a comprar utilidades domésticas de modo que o trabalho das mulheres seria aumentado e se tornaria mais confinador do que precisa ser, constituiria um sério golpe para as indústrias envolvidas se as mulheres compartilhassem, digamos, uma máquina de lavar entre três famílias e não encarassem a posse do último modêlo como um índice necessário de prestígio e sucesso. Podem formar cooperativas domésticas, dividindo o trabalho, e no final libertando uma a outra durante dias. Seus filhos em vez de serem jogados uns contra os outros seriam encorajados a partilhar seus brinquedos que são abandonados assim que se enjoem dêles. Isto não seria tão repugnante para as crianças como esperam os pais. Posso lembrar-me da surra que levei por ter dado todos os meus brinquedos quando tinha uns quatro anos. Eu realmente não os queria mais. As crianças não precisam de brinquedos caros, e as mulheres podem rejeitar a propaganda que procura extrair delas milhares de libras cada Natal. Alguns sabões em pó e semelhantes podem ser evitados pela compra de produtos sem marca no atacado e resistindo ao apêlo da embalagem. Do mesmo modo a comida pode ser comprada diretamente dos fornecedores, e se as mulheres se combinarem para defraudar os intermediários têm uma oportunidade ainda melhor de fazer a medida funcionar. "Dúzia mais barata" não tem de ser limitada a uma família. As mulheres devem também superar o preconceito ligado a roupas e bens de segunda-mão. As roupas que deixam de servir nas crianças podem ser distribuídas e se as crianças já não forem vítimas do superlôgro não se incomodarão. Carros-de-bebê e semelhantes já são passados adiante na maioria das famílias operárias. Parte do objetivo destas emprêsas cooperativas é romper o isolamento da família singular e dos pais, mas principalmente estou considerando maneiras de provocar curto-circuito na função das mulheres como principais otárias para a propaganda, principais consumidoras da pilhagem da nação.

A maior parte das mulheres acharia difícil abandonar qualquer interêsse em roupas e cosméticos, embora muitos dos movimentos de libertação das mulheres insista com elas para que abandonem tais leviandades servis. Na medida em que os cosméticos forem usados para adôrno de uma maneira consciente e criadora, não são emblemas de inautenticidade: é quando são apresentados como a coisa real, cobrindo invisíveis defeitos, disfarçando uma coisa repulsiva de modo que ela seja aceitável para o mundo, que sua função é profundamente suspeita. As mulheres que não ousam sair sem seus cílios falsos têm séria dificuldade psíquica. Os preparados mais caros na linha dos cosméticos não são em essência diferentes dos mais baratos; nenhum unguento milagroso pode realmente consertar tecido

flácido. Também está certo considerar dieta e descanso a matéria-prima da beleza, e usar cosméticos estritamente para divertimento. Uma das coisas mais baratas e mais divertidas são as côres usadas no palco em pintura gordurosa. **Kohl** é a melhor pintura para os olhos, e a mais barata, e pode ser comprada sob várias formas. Em vez dos dispendiosos extratos de carvão-de-pedra postos à venda com marcas francesas, as mulheres podiam fazer seus próprios perfumes com essência de cânfora e óleo de cravo e incenso, bem como com lavanda triturada, **patchouli** e essência de rosas. Em vez de seguir as mudanças anuais de corte de cabelo, as mulheres podem descobrir de que maneira seu cabelo cresce melhor e mantê-lo assim, laborando as mudanças possíveis segundo seu próprio estilo e estado de espírito, em vez de se pentearem de uma forma ordenada pela moda e não por suas cabeças.

Algumas dessas tendências já são evidentes. A maioria das mocinhas não freqüenta o cabeleireiro tanto quanto suas mães. Venceram o costureiro e vestem o que quer que lhes agrade, do mais antigo e mais romântico às mais crassas adaptações de roupas esportivas para homens. Há sinais de que estão abandonando hábitos de comer que denotam prestígio, bem como especialmente álcool e a gama dos vinhos. Muitas delas estão encontrando meios de sobrevivência como estudantes que não abandonarão como mulheres feitas. O modêlo de rejeição de cigarros e cerveja em troca de marijuana ilícita tem efeitos a longo prazo para a economia, se fôr tomado em larga escala. O gôsto por comida macrobiótica e menor quantidade dela reflete uma atitude tanto com a alimentação como com o comércio de alimentos. Até agora apenas uma minoria está seguindo estas tendências, mas é uma minoria muito maior do que a que encontramos trombeteando atrás das bandeiras de libertação das mulheres. No entanto é libertação que estão procurando, exatamente o mesmo. A rejeição **hippie** pode ser considerada como tendo falhado, pois os policiais não ficaram envergonhados de responder a uma flor com um cacete, mas a questão foi definida e o debate ainda não acabou.

O meio principal de libertar as mulheres é substituir compulsão pelo princípio do prazer. Cozinhar, roupas, beleza e cuidado da casa são tôdas atividades compulsivas em que o quociente de ansiedade há muito substituiu o quociente de prazer ou realização. É possível usar mesmo cozinhar, roupas, cosméticos e cuidado de casa para **diversão.** A essência do prazer é a espontaneidade. Nestes casos espontaneidade significa rejeitar a norma, o padrão segundo o qual se deve viver e estabelecer um princípio auto-regulador. A analogia é melhor entendida no caso das drogas: as mulheres usam drogas como anódimas, compulsivamente, para diminuir a tensão, dor ou combater sintomas de ansiedade, entrando quase que automàticamente numa síndrome de dependência de modo que se torna impossível

discernir se a droga causou o sintoma para o qual a droga foi tomada, e assim continua. A pessoa que usa marijuana não tem necessidade de fazer isso: ela a usa quando quer sentir-se de uma certa maneira, e pára seu consumo quando chegou ao ponto que deseja. Não é tentada a desculpar seu uso como um tipo de terapia, embora os regulamentos sôbre o uso da canabis estejam tentando forçar algumas de tais construções da situação. Da mesma maneira devia ser possível cozinhar uma refeição que você deseja cozinhar, que todo o mundo quer comer e servi-la de uma forma que você goste, em vez de seguir uma tabela, servindo a comida de têrça-feira ou o saboroso menu variado de todos os novos e difíceis pratos que você se propôs como uma nova cruz, e se simplesmente não pode sentir nenhum interêsse, não o faça. Infelizmente a ideologia da rotina está fortemente estabelecida neste país, e mesmo donas de casa delinqüentes usam seu bingo e sua canastra como uma rotina, já que "não sabem o que fariam sem êle". Admite-se que o trabalho doméstico é um típico círculo vicioso; trabalho faz mais trabalho, e assim vai. É tão difícil quebrar um tal círculo que parece ser essencial sair dêle e fazer algo diferente ao mesmo tempo. Períodos regulares de "liberdade" ainda estão contidos dentro do círculo, e é por isso que êles não funcionarão. A maioria das formas de compromisso não cumprirá a tarefa, embora possa aliviar temporàriamente sintomas de tensão. Pela mesma razão, incorporar trabalho escolhido por si mesma no círculo também não será eficiente, na medida em que incentivo e energia estiverem constantemente sendo viciados. Não há alternativa senão a ruptura do círculo.

Para algumas a ruptura tem significado que o centro não pôde se manter e o caos desabou sôbre o mundo. O mêdo da liberdade é forte entre nós, mas o próprio mêdo precisa ser entendido como sendo um dos fatôres implicados na duração do **status quo.** Uma vez que as mulheres se recusem a aceitar a polaridade do masculino-feminino, têm de aceitar a existência de risco e a possibilidade de êrro.

> **Pois meus argumentos, Senhor, são debatidos por um Espírito desinteressado — pleiteio para meu sexo, não para mim mesma. Há muito tenho considerado a independência a grande bênção da vida, a base de tôda a virtude — e independência eu sempre assegurarei contraindo minhas vontades, embora tivesse de viver em plena mata.**
>
> Mary Wollstonecraft
> "A Vindication on the Rights of Women", 1792, pág. IV

O abandono da escravidão é também o banimento da quimera da segurança. O mundo não mudará do dia para a noite, e a libertação não ocorrerá a menos que mulheres individualmente concordem em ser proscritas, excêntricas, pervertidas, ou o que quer que os podêres constituídos as denominem. Houve mulheres no passado muito mais audaciosas do que precisaremos de ser agora, que jogaram tudo e ganharam um pouco, mas sobreviveram afinal. Mulheres que levantam clamor são chacoteadas na imprensa e olhadas de lado pelas outras

que coletam um gordo envelope de pagamento e se orgulham do mesmo modo de feminilidade, mas pelo menos elas não são mais queimadas. É demais esperar que mulheres que se dispuseram a se libertar tornem-se ricas, felizes, criadoras e cooperativas como que por mágica, embora geralmente os sintomas mais assustadores de despersonalização desapareçam. As antigas necessidades condicionadas e ansiedades permanecem, continuando a exigir sua taxa, mas agora elas são entendidas pelo que são e suportadas com um propósito. A situação só surgirá com tôdas as suas ramificações quando fôr desafiada, e as mulheres podem inicialmente ficar horrorizadas com a facilidade com que a polícia esquece seus escrúpulos referentes a bater em mulheres, ou a vileza do abuso que as atingirá, mas tais descobertas podem apenas inspirá-las a continuar com mais empenho. A chave da estratégia para a libertação reside em expor a situação, e a maneira mais simples de fazer isso é ultrajar os letrados e os espertos por clara imprudência de fala e gesto, a exploração do clichê de "lógica feminina" para expor a pomposidade, o abuso e a injustiça masculina. A arma das mulheres é tradicionalmente a língua, e a principal tática revolucionária tem sido sempre a difusão da informação. Agora como antes, as mulheres devem recusar-se a ser meigas e enganosas, pois a verdade não pode ser servida pela dissimulação. Mulheres que supõem que manipulam o mundo por fôrça de dengues e gentil adulação são tôlas. É a escravidão que tem de adotar tais táticas.

É difícil sugerir neste ponto como seria o nôvo regime sexual. Só temos uma vida para viver, e o primeiro objetivo é encontrar uma maneira de livrar essa vida das incapacidades que já lhe foram infligidas a serviço de nossa civilização. Só pela experimentação podemos abrir novas possibilidades que vão indicar linhas de desenvolvimento em que o **status quo** é um têrmo dado. A revolução das mulheres é necessàriamente situacionista: não podemos argumentar que tôdas estaremos bem quando os socialistas tiverem obtido êxito em abolir a propriedade privada e restaurar a posse pública dos meios de produção. Não podemos esperar tanto. A libertação das mulheres, se abolir a família patriarcal, abolirá uma subestrutura necessária do Estado autoritário, e uma vez ela murchando, Marx terá mesmo de vir sem escolha, de modo que vamos em frente. Deixemos os homens distribuir folhetos em fábricas onde o proletariado se tornou escravo das prestações em vez de comunista. A existência de escravos das prestações está também baseada na função da espôsa como o consumidor que fica em casa. As estatísticas mostram que quase todos os contratos de venda a prestação são feitos por gente casada. Se as mulheres se revoltarem, a situação também tem de mudar. As mulheres representam a classe mais oprimida de trabalhadores vitalícios não pagos, para quem a palavra escravo não é uma descrição por demais melodramática. São o único verdadeiro proletariado que resta, e são por uma margem mínima a maioria da po-

pulação, assim o que as está detendo? A resposta deve ser dada, sua verdadeira opressão está no fato de serem incapazes de combinar qualquer tipo de sólido grupo que possa desafiar os senhores. Mas os homens cometeram um grave êrro: em resposta à agitação vagamente reformista e humanitária admitiram as mulheres na política e nas profissões liberais. Os conservadores, que encaravam isto como o solapamento de nossa civilização e o fim do Estado e do casamento, afinal estavam certos; é tempo de começar a demolição. Não precisamos desafiar ninguém para combate aberto, pois o método mais eficiente é simplesmente retirar nossa cooperação na construção de um sistema que nos oprime, a válida retirada de nosso trabalho. Devemos também agitar por tôda a parte, combater bares segregados e concursos de beleza, participar de comitês, invadir os meios de comunicação, fazer, em resumo, o que quisermos, mas precisamos também nos recusar não só a fazer certas coisas, mas a querer fazê-las.

A experiência é uma professôra muito cara: não podemos tôdas casar a fim de investigar a situação. As irmãs mais velhas precisam ensinar-nos o que descobriram. Em tôdas as ocasiões precisamos aprender com as experiências das outras, e não julgar apressada e pretensiosamente, segundo critérios masculinos. Precisamos lutar contra a tendência de formar uma elite feminina, ou uma hierarquia de autoridade do tipo masculino em nossas próprias políticas, e lutar para manter a cooperação e o princípio matriarcal de fraternidade. Não é necessário que as feministas provem que o matriarcado é uma forma pré-histórica de comunidade, ou que o patriarcado é uma perversão capitalista a fim de justificar nossa política, porque a forma de vida que visamos bem pode ser completamente nova como inveteradamente antiga. Não precisamos comprar antropologia dúbia para nos explicar, embora as mulheres com tendência para o estudo bem possam pesquisar o papel histórico das mulheres numa tentativa para delimitar nossos conceitos do natural e do possível na esfera feminina. É chegado o tempo em que algumas mulheres estão prontas para escutar, e seu número está crescendo; é tempo também para aquelas mulheres falarem, embora de modo incerto e intermitente, e de o mundo escutar.

O guia mais seguro para a correção do passo que as mulheres dão é **alegria na luta.** A revolução é o festival dos oprimidos. Por um longo tempo pode não haver recompensa perceptível para as mulheres a não ser seu nôvo sentido de propósito e integridade. Alegria não quer dizer júbilo clamoroso, mas significa o emprêgo propositado da energia em emprêsa escolhida. Significa orgulho e confiança. Significa comunicação e cooperação com outras baseada na delícia de sua companhia e na sua própria. Ser emancipada de desamparo e necessidade e andar livremente sôbre a terra é seu direito de nascimento. Recusar peias e deformidade e tomar posse de seu corpo e se glorificar em sua fôrça, aceitando suas próprias leis de amabili-

dade. Ter algo para desejar, algo para fazer, algo para realizar e por fim, algo genuíno para dar. Ser livre de culpa e vergonha e da incansável autodisciplina das mulheres. Parar de fingir e dissimular, de adular e manipular, e começar a controlar e simpatizar. Exigir as virtudes masculinas de magnanimidade, generosidade e coragem. Vai muito mais longe do que igual pagamento para igual trabalho, pois tende a revolucionar por completo as condições do trabalho. Não subentende

> **O estabelecimento da Verdade depende continuamente da destruição da Falsidade.**
>
> **Da Circuncisão, não da Virgindade. Os Argumentadores de Albion!**
>
> Blak, "Jerusalem", pl. 55, II 65 - 6

a frase "'igualdade de oportunidade" porque parece que as oportunidades terão de ser mudadas por completo e as almas das mulheres mudadas de modo que elas desejem oportunidade em vez de recuar dela. A primeira descoberta importante que faremos enquanto trilharmos nosso caminho feminino para a liberdade é que os homens não são livres, e que êles tentarão fazer disto um argumento de

> **...entre os descrentes da religião revelada eu não encontrei, durante uma vida de meio século, um único oponente da doutrina de iguais direitos para homens e mulheres.**
>
> Long, "Eve", 1875, pág. 112

porque ninguém deve ser livre. Apenas podemos responder que os escravos escravizam seus senhores, e assegurando nossa manumissão vamos mostrar aos homens o caminho que êles podem seguir quando pularem fora de seu próprio moinho. Mulheres privilegiadas puxarão nossas mangas e tentarão alistá-la na luta por "reformas", mas reformas são retrogressivas. O velho processo tem de ser rompido, não modernizado. Mulheres amargas a chamarão para a rebelião, mas você tem coisas demais para fazer. O que **fará?**

NOTAS

SUMÁRIO

1. "Boadices Rides Again", **Sunday Times Magazine,** 21.9.1969.
2. Ibsen, **A Doll's House,** Act III.

GÊNERO

1. A incorporação do preconceito antropológico e etnológico é o estupendo estudo em três volumes de H. H. Ploss e M. e P. Bartels; as chapas da edição alemã original foram destruídas por Hitler, mas não antes de o Dr. Eric Dingwall ter preparado uma edição inglêsa, **Woman** (London, 1935). Daqui em diante a êle me refiro como Ploss e Bartels.
2. F. A. E. Vrew, **Sex Determination** (London, 1954), pág. 54.
3. Ashley Motagu, **The Natural Superiority of Women** (London, 1954), págs. 76-81.
4. A Cropwood Conference on Criminological Implications of Chromosomal Abnormalities, realizada na University of Cambridge, no verão de 1969, discutiu longamente esta questão. A bibliografia sôbre a síndrome XYY atinge agora mais de 500 títulos.
5. Gray's **Anatomy** (London 1958), págs. 219-20.
6. Robert Stoller, **Sex and Gender** (London, 1968), **passim.**

OSSOS

1. Veja por exemplo de Joan Fraser, **Stay a Girl** (London, 1963), pág. 3:

> Uma mulher precisa de exercício de tipo diferente do do homem. Êle precisa de movimentos destinados a desenvolver sua fôrça física e fortalecer seus músculos, mas uma mulher não quer músculos rijos. Ela precisa de uma forma de exercício não fatigante, movimento que a refresque e relaxe. Um que, além de tonificar seus músculos, juntas, glândulas, órgãos respiratórios e digestivos, dê a seus movimentos diários uma graça, leveza e postura que encareça sua feminilidade.

2. O pedomorfismo das mulheres sempre foi destacado, e.g. por Bichat em sua **General Anatomy** (London, 1824), e é claro por Ploss e Bartels **(op. cit.,** pág. 90), mas êstes comentadores não viram que isto pode acabar sendo uma vantagem, como o fêz W. I. Thomas em **Sex and Society** (London, 1907), págs. 18, 51, e Ashley Montagu **(op. cit.,** págs. 70-1).
3. Veja de Gray, **Anatomy (op. cit.),** págs. 407-7.

4. A evidência de diferenciação mais leve na formação pélvica entre primitivos e mulheres que fazem trabalho pesado pode ser tirada de Ploss e Bartels, que citam o exemplo "Das Hassenbecken" de Hennig, de **Archaeologie für Anthropologisten** (1885-6), Vol. 16, págs. 161-228.

CURVAS

1. De R. Broby-Johansen **Body and Clothes** (London, 1969) é até à data o mais completo relato da interação entre corpo, auto-imagem e vestimenta, incluindo a transferência de zonas erógenas e a localização de gordura.
2. Sophie Lazarsfeld, **The Rhythm of Life** (London, 1934), pág. 158.
3. Pauline Reage, **The Story of O** (Traveller's Companion, Paris, 1965), pág. 18 e **passim.** Thorstein Veblen oferece uma explicação sociológica das curvas como significando luxo e debilidade em **The Theory of Leisure Class** (London, 1899), págs. 141-6.
4. Kenneth Tynan, "The Girl who turned her Back", **Mayfair,** Vol. 4, N.º 3, março de 1969.
5. Este elogio da gordura de Ploss e Bartels **(op. cit.,** pág. 86), revela exatamente quão importante ela deve ter sido para nossos avós:

> Há algo estranho e repelente em superfícies femininas muito angulares e lisas, tal como aparecem entre certas raças primitivas, devido ao excesso de trabalho e vida pobre na idade em que as mulheres européias ainda estão na primavera da vida.
>
> A camada adiposa pode ser considerada o mais importante caráter sexual secundário nas mulheres. Produz o arredondamento das pernas, as curvas da garganta, nuca e ombros, a ondulação do busto e o curvo arredondado das nádegas; todos sinais característicos de feminilidade. Esta camada adiposa também produz a suave forma acolchoada do joelho que difere assim da forma masculina. E o maciço arredondado (que às vêzes parece desproporcionado) da coxa nas mulheres, diminuindo ràpidamente para o suave joelho com covinha, é causado pela mesma camada gordurosa.

CABELO

1. A suposição de que cresce muito mais cabelo na cabeça das mulheres do que na dos homens era quase universal. Bichet **(op. cit.,** Vol. II, pág. 446) chega mesmo ao ponto de dizer "pode-se pensar que a natureza tenha assim compensado o sexo frágil de sua deficiência em muitas outras partes." **Cf. The Works of Aristotle the Famous Philosopher** (London, 1779), pág. 374. Embora a calvície seja uma característica ligada a sexo, não está certo sustentar que as mulheres não ficam calvas. A intensidade do preconceito sexual resultou no completo ocultamento da calvície feminina, que é muito mais comum do que geralmente se supõe.

SEXO

1. E. G. Samuel Collins, **Systema Anatomicum** (London, 1685), pág. 566, e Palfin **Surgical Anatomy** (London, 1726), chapas frente às páginas 226 e 227, também seu **Description Anatomique des Parties de la Femme** (Paris, 1708,, as chapas não são numeradas) e Spegelius, **De humani corporis Fabrica** (1627), Tab.XVII, Lib. VIII, e **Les Portraits Anatomiques de Vesalius** (1569), e as **Tabulae Anatomicae** de Eustachius (1714).
2. **A Pleasant new Ballade Being a merry Discource bertween a Country Lass and a young Haylor,** c. 1670.
3. **The High-prized Pin-Box. Tune of, Let every Man with Cap in's Hand** etc, c. 1665.
4. Samuel Collins **(op. cit.)** pág. 564-5.
5. Theodore Faithfull respondendo correspondência em **International Times** N.º 48, janeiro 17-30, 1969.

6. A. H. Kegel, "Letter to the Editor", **Journal of the American Medical Association**, Vol. 153, 1963, págs. 1303-4. Seu trabalho é discutido por Daniel G. Brown em "Female Orgasm and Sexual Inadequacy", **An Analysis of Human Sexual Response,** Ed. Ruth and Edward Brecher (London, 1968), págs. 163-4.
7. Mette Eiljersen, **I Accuse!** (London, 1969, pág. 45.
8. Herbert Marcuse, **Eros and Civilisation** (London, 1969) págs. 52-3.
9. Jackie Collins, **The World is full of Married Men** (London, 1969), págs. 152-3.

O VENTRE PERVERSO

1. Um de tais livros, escrito por uma médica para apresentar a menstruação às meninas, é o de Erna Wright **Periods without Pain** (London, 1966); os severos diagramas que ela emprega nem ao menos mostram o clitóris, nem êle é mencionado no texto.
2. O antigo mêdo do útero tem sido discutido extensamente por H. R. Hays em **The Dangerous Sex: The Myth of Feminine Evil** (London, 1966).
3. **Cf.** os comentários de Daniel G. Brown **(loc. cit.,** págs. 148-9) sôbre a necessidade de as mulheres empreenderem o estudo de sua própria sexualidade.
4. De Bisshof, **Observations and Practices Relating to Women in Travel etc.** (London, 1676), pág. 76.
5. A clorose tem sido descrita como "uma condição anêmica vista em jovens mulheres e mocinhas e que se julga ter sido devida a espartilhos justos, constipação, gravidez constante, pouca higiene e dieta pobre". **(The British Medical Dictionary,** ed. Sir Arthur Salusbury Mc Nalty, London, 1961). Muitas vêzes a medicina popular julgou ter sido causada pela frustração do desejo da virgem de casar-se e ter filhos, vide **The Works of Aristotle in Four Parts** (London, 1822), págs. 21-2. De fato, tinha sido associada com deficiência de ferro por Baverius no décimo-quarto século, mas a conexão com virgindade obscureceu a questão para teóricos como Johan Lange que escreveu um tratado sôbre a doença das virgens em 1554. Em 1730, Hoffmann complicou mais a questão demonstrando sua prevalência em internatos e entre estudantes do sexo feminino geralmente, e foi mesmo ligada com uma condição do coração em um estágio. Ver **An Introduction to the History of Medicine** de Fileding, H. Garrison (Philadelphia, 1929), págs. 167, 207, 271, 314, 360, 571, 647). Hoje em dia, geralmente se concorda que não existe nenhuma moléstia definível chamada clorose.
6. A bibliografia da histeria é enorme, de Hipócrates **Liber Prior de morbis mulierum** do qual apareceu uma versão de Cordeus em 1583, e **In Libellum Hippocrates de Virginium Morbis** de Tardeus (1648). A moléstia era uma especialização popular e lucrativa. Muitos jovens médicos escolheram escrever a respeito em dissertações latinas. O British Museum T.559 contém trinta tratados curiosos de entre 1668 e 1796 que podem servir de exemplo da maneira pela qual sintomas heterogêneos eram agrupados sob a capa de histeria.
7. Ploss e Bartels **(op. cit.),** Vol. I, págs. 611-31, "The Seclusion of Girls at Menstruatio".
8. A poesia de Sylvia Plath é um monumento à mulher estrangulada em armadilha filogenética. Suas imagens constroem fantásticas estruturas de carnalidade feminina obcecada com o sonho de violação e morte. Alguns dos motivos dominantes das tensões básicas são ilustrados por seu poema curto, "Metaphors":

> Eu sou um enigma em nove sílabas,
> Um elefante, uma casa pesada,
> Um melão se sacudindo em duas gavinhas,
> Uma fruta vermelha, marfim, madeiras finas!
> Êste pão está grande com seu buliçoso levantar.
> O dinheiro está cunhado de nôvo nesta gorda bôlsa.
> Eu sou um meio, um estágio, uma vaca num bezerro.
> Comi uma cesta de maçãs verdes,
> A bordo do trem não há como sair.
>
> **(The Colossus,** London, 1960, pág. 41)

O ESTEREÓTIPO

1. Thorstein Veblen **(op. cit.), passim.**
2. E.g.

Pensei que os cabelos de minha amante fôssem ouro,
E em suas madeixas envolvi meu coração;
Suas tranças de âmbar eram a visão
Que me envolviam em vão deleite;
Sua fronte de marfim, seu belo queixo,
Eram coisas antigas que me empurravam para o pecado;
Seus olhares estrelados, seus olhos de cristal
Mais brilhantes do que o nascer do sol.

(Robert Greene, **Francesco's Fortunes**).

3. E.g.

Quando eu admiro a rosa,
Que a Natureza faz repousar
Em você a melhor de muitas,
E vejo como curiosa arte
Se adornou por tôda a parte,
Penso com opinião duvidosa
Se você é a rosa ou a rosa é você.

(Thomas Lodge, **William Lonbeard**).

4. E.g.

Suas faces como maçãs que o sol enrubesceu
Seus lábios como cerejas encantando os homens para morder,
Seus seios como um pote de creme não azêdo...

(Edmund Spenser, **Epithalamion**).

5. E.g.

O lado de fora de sua vestimenta era de cambraia,
O contôrno sêda púrpura, com estrêlas de ouro desenhadas,
Suas amplas mangas verdes e guarnecidas com muitos bosques...
Borzeguins de conchas tôdas prateadas ela usava
Bifurcados com coral vermelho até o joelho,
Onde pousavam pardais, de pérola falsa e ouro,
Tais que o mundo se maravilharia de ver;
Aquêles com doce água com freqüência sua criada enche,
Que enquanto ela andava chilreavam pelos bicos.

É preciso apontar que, nesta passagem, Marlowe está apresentando Hero como um realce para a beleza natural de Leander, amado dos deuses, que é apresentado inteiramente nu. Hero como um estereótipo tem de ser considerado um dos temas do poema.

6. Corbett **v** Corbett (doutra sorte Ashley) perante Mr. Justice Ormerod (Law Report, February 2, 1970, Probete, Divorce and Admiralty Division). **News of the World,** 8.2.1970, **Sunday Mirror,** 3, 8, 15 February 1970.

ENERGIA

1. Carl Vogt, "La question de la Femme, **Revue d'Anthropologie,** 1888, Tome III, fasc. IV, págs. 510-2, citado em Ploss e Bartels **(op. cit.),** Vol. I, pág. 126.
2. Vide "Sublimation: its Nature and Conditions" em J. C. Flügel, **Studies in Feeling and Desire** (London, 1955).
3. A opinião tradicional é exposta por McCary em **The Psychology of Personality** (London, 1959), págs. 7-9.
4. S. Freud, **Three Essays on Sexuality,** The Standard Edition of The Complete Works (London, 1953), Vol. VII, pág. 219.

BEBÊ

1. William Blake, "Infant Sorrow", **Songs of Experience (Poetry and Prose of William Blake,** ed. Geoffrey Keynes. London, 1967, daqui por diante citado como **Nonesuch,** pág. 76).
2. **Sunday Mirror,** 19.10.1969.
3. William Blake, "Infant Joy", **Songs of Innocence (Nonesuch,** pág. 62).
4. Para uma explicação do princípio ver Paul Schilder, **The Image and Appearance oh the Human Body: Studies in the Constructive Energies of the Psyche,** (London, 1935), págs. 120-2 e Norman O. Brown, **Life Against Death,** (London, 1968), Parte IV, "The Self and the Other; Narcissus" (págs. 46-57).
5. Maria Montessori, **The Secret of Childhood,** (London, 1936), pág. 191.
6. Freud anota êste fenômeno em **New Introductiry Lectures in Psychoanalysis** (Complete Works, Vol. XXII, pág. 117). Os expositores de ardis femininos se jactam dêle, **e.g.** M. Esther Harding, **The Way of all Women** (London, 1932), pág. 7 e Mary Hyde, **How to Manage Men** (London, 1955), pág. 6.
7. Philip Roth, **Portnoy's Complaint** (London, 1969), pág. 125.
8. J. Dudley Chapman, **The Feminine Mind and Body** (New York, 1967), cita Oscar Hammerstein II, "You can have fun with a son, but you got be a father to a girl" **(Carousel),** pág. 19.
9. Vide Anna Anastasi, **Differental Psychology** (London) e Walter Wood, **Children's Play and its Place in Education** (London, 1913), págs. 83-4.

MENINA

1. **Vide** Karen Horney, **Feminine Psychology** (London, 1967), págs. 40-2, também Cap. II "The Flight from Womanhood" **passim. Cr.** Margaret Mead, **Male and Female** (London, 1994), pág. 144.
2. Helene Deutsch, **The Psychology of Women** (London, 1946, 1947), Vol. I, págs. 7, 22. Deutsch chega mesmo ao ponto de declarar que o maior perigo para as suas incontroláveis pacientes meninas é que elas provocassem inconscientemente a lascívia de seus companheiros homens porque "não têm desejo sexual, não desejam satisfação sexual e por causa da ausência de desejo se sentem seguras" (pág. 42).

PUBERDADE

1. Deutsch **op. cit.),** págs. 136-7. **cf.** Horney **(op. cit.),** págs. 100-101 e Lewis M. Terman, **Genetic Studies of Genius** (London, 1936), Vol. III, págs. 93-4.
2. J. Dudley Chapman **(op. cit.),** pág. 69.
3. James Herming, **Problems of Adolescent Girls** (London, 1950), págs. 93-4.
4. **Ibid.,** pág. 130.
5. A. C. Kinsey, W. B. Pomeroy, C. E. Martin e P. H. Gebhard, **Sexual Behaviour in the Human Female** (Philadelphia, 1953), pág. 173.
6. Hemming **(op. cit.),** pág. 15.
7. Horney **(op. cit.),** pág. 234.
8. **Ibid.** pág. 244.
9. John Aubrey, **Remaines of Gentilism and Judaism** (1686-7), editado e anotado por James Britten (London, 1881), pág. 153.

O LÔGRO PSICOLÓGICO

1. August Strindberg, **The Father,** Ato III, C. VII. Embora seja patentemente mal servido pela superstição de sua mulher e incompreensão de seu trabalho, o Capitão ainda imagina que antes houve um bom tempo em que "a gente casava com uma espôsa" e gozava "amor sensual" e não uma parceria de negócios.
2. Naomi Weisstein, "Kinder, Kuche, Kirche as Scientific Law: Psychology reconstructs the Female", **Motive,** March-April 1969, págs. 78-85.

3. **Ibid.** pág. 80.
4. Ian Suttie, **The Origins of Love and Hate** (London, 1935), pág. 221.
5. Ernest Jones, "The Early Development of Female Sexuality", em **Papers of Psychoanalysis** (London, 1948), pág. 438.
6. S. Freud, **Three Essays on the Theory of Sexuality (op. cit.),** pág. 219 (ital. meus).
7. Norman O. Brown, **Life Against Death (op. cit.**), pág. 121.
8. S. Freud, **Civilisation and its Discontents:** Complete Works, **op. cit.,** pág. 144.
9. Deutsch (**op. cit.**), Vol. I, pág. 101.
10. Horney (**op. cit.**), págs. 232-3.
11. Deutsch (**op. cit.**), pág. 151.
12. Bruno Bettelheim, "Women and the Scientific Proffesions", **M.I.T. Symposium on American Women in Science and Engineering,** 1965.
13. E. Erikson, "Inner and Outer Space: Reflections on Womanhood", **Dedalus,** 1964, N.º 93, págs. 582-606.
14. Joseph Rheingold, **The Fear of Being a Woman** (Nova Iorque, 1964).
15. J. Kraft-Ebing, **Psychopathia Sexualis** (London, 1893), pág. 13, **cf.** Margaret Mead (**op. cit.**), págs. 209-10.

A fêmea humana que aprendeu através de uma longa educação da infância a valorizar uma grande variedade de recompensas, e a temer uma grande variedade de castigos, acha que sua receptividade — embora talvez conservando um ligeiro grau de periodicidade — está realmente sujeita a uma grande porção de modulação. Onde a receptividade exige tão pouco menos dela — meramente um abrandamento e relaxamento de todo o corpo, e nada da disposição específica e desejo mantido que é requerido do macho — ela pode aprender a ajustar uma simples condescendência junto com milhares de outras considerações de conquistar e manter um amante ou um marido, equilibrando o estado de espírito do momento contra o estado de espírito de amanhã, e adaptando sua receptividade dentro de todo o modêlo de uma relação. Parece haver pouca dúvida de que o homem que aprendeu várias maneiras mecânicas de estimular sua especificidade sexual a fim de copular com uma mulher a quem êle não deseja neste momento, está fazendo muito mais violência à sua natureza do que a mulher que precisa apenas receber um homem, a quem ela dá muitos outros consentimentos, mas possìvelmente não desejo sexual.

A MATÉRIA-PRIMA

1. Eleanor Maccoby, **The Development of Sex Differences** (London, 1967), **passim,** especialmente o "Classified Summary of Research in Sex Differences", (págs. 323-51).
2. Lewis M. Terman, **Genetic Studies of Genius** (**op. cit.**), pág. 294.
3. Maccoby (**op. cit.**), pág. 35.
4. **Ibid.,** págs. 36, 37.
5. **Ibid.,** pág. 44.

A FÔRÇA DA MULHER

1. Ver Mary Ellman, **Thinking About Women** (London, 1969), **passim.** Mailer explica seu conceito do romance como a Grande Cadela e como não se pode dizer que as mulheres conseguem um pedaço dela em "Some Children of the Goddess", **Cannibals and Christians** (London, 1969), pág. 132.
2. O texto é tirado de Cynthia Ozick "The Demise of the Dancing Dog", **Motive,** March-April, 1969.
3. Otto Weinninger, **Sex and Character** (London, 1906), pág. 236.
4. **Ibid.,** pág. 241.
5. **Ibid.,** pág. 250.
6. Valerie Solanas, **The S.C.U.M. Manifesto** (New York, 1968), pág. 73.

7. Weinninger (**op. cit.**), pág. 274. A pretensão de que a velhacaria é uma característica sexual secundária da mente feminina tem sido manifestada por muitos observadores, inclusive feministas como Mary Wollstonecraft que a viu como uma conseqüência essencial da degradação feminina e B. L. Hutchins, **Conflicting Ideals: Two Sides of the Woman Question** (London, 1913), "Girls have been brought up on intensely insincere ideals" (pág. 30).
8. Weinninger (**op. cit.**), pág. 100. As suposições de que as mulheres percebem de modo diferente dos homens, são subjetivas ao contrário dos homens e assim por diante, a despeito do fracasso dos exames para indicar qualquer justificações para elas, são aceitas em confiança por psicólogos que lidam com feminilidade. Deutsch é exuberante em exaltar o valor da percepção subjetiva, intuitiva das mulheres como o complemento desejável à objetividade e agressão mental masculinas.
9. T. S. Eliot, "The Mataphycal Poets", **Selected Essays** (London, 1958), págs. 287-8.
10. Antonin Artaud, "Letters to Anais Nin", traduzidas por Mary Beach, **International Times,** n.º 16. Carta de 14 ou 15 de junho de 1933.
11. Esta citação aparece em Marshall McLuhan, **The Medium is the Massage** (London, 1967) atribuída a A. N. Whitehead, e um livro chamado **Adventures in Ideas.** Não posso lembrar-me de tê-lo visto em **Aventures in Ideas** mas deve apreender a tendência de muito que Whitehead disse, e.g. "The Anatomy of Some Scientific Ideas" em **The Organisation of Thought** (London, 1917), págs. 134-9, **passim,** ou **Science and the Modern World** (Cambridge, 1927) Cap. v, "The Romantic Reaction" (págs. 93-118) **passim,** ou na verdade **Adventures of Ideas** (Cambridge, 1933), págs. 150-1, 173, 184-5.
12. Weinninger (**op. cit.**), pág. 149.
13. J. Needham, **Science and Civilisation in China** (Cambridge, 1954), Vol. II, pág. 58.
14. S. Freud, **Some Psychic Consequences of the Anatomical Distinction Between the Sexes,** Complete Works, Vol. xix, págs. 257-8.
15. Weinninger (**op. cit.**), pág. 146.
16. **Ibid.,** pág. 186.
17. Norman O. Brown, **Life Against Death** (**op. cit.**), pág. 145.
18. **Ibid.,** pág. 276.
19. Norman O. Brown, **Love's Body** (New York, 1966), pág. 80.
20. Weinninger (**op. cit.**), pág. 198.
21. Edward de Bono, **The Uses of Lateral Thinking** (London, 1967), pág. 31, **cf.** A.N. Whitehead, **An Introduction to Mathematics** (London, 1911), pág. 138 e William James, **Some Problems in Philosophy,** Cap. X.
22. Leopold Von Saches-Masoch, **Venus in Furs** (London, 1969), pág. 160.
23. Rainer Maria Rilke, **Letters to a Young Poet** (Edinburgh, 1945), pág. 23.

TRABALHO

1. A menos que seja declarado, as estatísticas desta secção são tiradas de **Annual Abstract of Statistics,** N.º 105, 1968.
2. **Higher Education, Evidence — Part One, Volume E: Written and Oral Evidence received by the Committee appointed by the P M under the Chairmanship of Lord Robbins** (London, 1963), págs. 1552-3.
3. A greve da Ford foi em grande parte o resultado dos esforços de Rose Boland, a administradora da loja das mulheres. Um de seus resultados foi a formação do National Joint Action Campaign Committee, o mais interessado grupo de mulheres de esquerda.
4. Ver "Equal Pay for Equal What" por Hugo Young e "How Equal is Equal?" por Vincent Hanna, no **Sunday Times,** 1.2.1970.
5. Shirley Enticknap explicou as objeções dos homens dos sindicatos por sua perda de contrôle das horas de trabalho das mulheres em **The News of the World,** 7.9.1969.

6. **The Times,** 19.5.1969.
7. Relatado em **Black Dwarf,** 10.1.1969.
8. **The Times,** 21.5.1969.
9. **The Times,** 4.6.1969.
10. Ver Pauline Pinder, **Working Wonders,** P. E. P. Broadsheet N.º 512. Mrs. Britain 1969 é uma professôra com quatro filhos.
11. O resultado do Alfred Marks Bureau Inquiry foram publicados em 19.7.1969 **(Sunday Times,** 20.7.1969).
12. **Sunday Times,** 27.7.1969.
13. Dos anúncios classificados de **The Times,** 4.7.1969.
14. Mary Hyde **(op. cit.),** págs. 91, 96, 102.
15. **The Times,** 22.5.1969.
16. **Petticoat,** 28.6.1969.
17. **The Times,** 22.5.1969.
18. **The People,** 11.5.1969.
19. **The News of the World,** 20 e 27.4.1969.
20. **Daily Mirror,** 7.7.1969.
21. Susy Menkes, **How to be a Model** (London, 1969).
22. "The Great Nude Boom", **The People,** 1.6.1969.
23. Parece que as **stippers** não pertencem à sua união, e não ousam entrar por causa da abundância de trabalho **black-leg** disponível. Os ganhos médios são 6/— uma exibição, a cinqüenta desnudamentos por semana, em condições muito pobres. **(The People,** 22.2.1970).
24. Testemunha o caso de Valerie Stringer, uma engenheira-eletricista qualificada que não pode encontrar trabalho **(The People,** 25.1.1970) e Dallas Bradshaw, uma rádio-telegrafista que foi derrotada pela superstição dos marinheiros de que uma mulher a bordo traz má sorte.
25. A seleção de nomes é arbitrária. Cada dia as secções de negócios dos jornais saúdam a chegada de novas mulheres a posições de poder.

O IDEAL

1. No Renascimento, simples exposições do conceito platônico de amor eram disseminadas como lugares-comuns. Aos argumentos básicos tirados de **Convivium** e outros diálogos eram acrescentados panegíricos de Cícero e Plutarco e as teorias de Heráclito e Aristóteles. A essência desta mistura pode ser encontrada em muitos lugares, dos livros de cortesia como o **Cortigiano** e a **Academia** de la Primaudaye aos livros comuns e tratados morais para o consumo dos recém-letrados, e.g. **The Boke of the Governor** (1531) Secção 31, **The Booke of Frienship of Marcus Tullius Cicero** (1550) de Sir Thomas Elyot, **The Casket of Lewels** (1571) de John Charlton, **Treetise of Moral Philosophy** (1550) de Baldwin, **Politeuphuia** (1597) **Wits Theater of the Little World** (1599) de Robert Allott. Possivelmente a formulação mais acessível e mais elegante é **Essay of Friendship** de Bacon.
2. Schilder (op. cit.), pág. 120, **cf.** Norman O. Brown, **Life Against Death (op. cit.),** págs. 50-1.
3. William Blake, Poems from MSS, **c.** 1810 **(Nonesuch,** pág. 124), **cf.** Suttie **(op. cit.),** págs. 30-1.
4. **The People,** 12.10.1969.
5. A. H. Maslow, **Motivation and Personality** (New York, 1954), págs. 208-46; citação das págs. 245-6.
6. Norman O. Brown, **Life Against Death (op. cit.),** pág. 144.
7. William Shakespeare, "The Phoenix and the Turtle" **(The Complete Works,** ed. W. J. Craig, Oxford, 1959, pág. 1135).
8. S. E. Gay, **Womanhood in its Eternal Apect** (London, 1879), pág. 4.

ALTRUÍSMO

1. William Blake, "The Clod and the Pebble", **Songs of Experience (Nonesuch,** pág. 66).

EGOTISMO

1. William Blake, "The Clod and the Pebble", **Songs of Experience (Nonesuch,** pág. 66).
2. Erich Fromm **(op. cit)**, pág. 38.
3. **Honey,** August 1969, "She Loves me Not".
4. **Weeken,** October 8-14, 1969.
5. Mary Hyde **(op. cit.)**, pág. 70.
6. Compton Mackenzie, **Extraordinary Women** (London, 1967), pág. 107.
7. Carta para "Evelyn Home", **Woman,** May 3, 1969, Vol. 64, N.º 1664.
8. Lillian Hellman, **An Unfinished Woman** (London, 1969), pág. 278.

OBSESSÃO

1. Christopher Marlowe, **Hero and Leander,** pág. 178.
2. Jean Racine, **Phèdre,** I, III, págs. 151-2.
3. William Shakespeare, **Romeo and Juliet,** I, i, págs. 196-200, **Works, op. cit.,** pág. 766).
4. Kingsley Amis, "An Ever-fixed Mark", **Erotic Poetry,** ed. William Cole (New York, 1963), pág. 444.
5. **Sweethearts,** Vol. II, N.º 57, December, 1960, "Kisses can be False".
6. **Ibid.**
7. Citado em Albert Ellis, **The Folklore of Sex** (New York, 1961), pág. 209.
8. **Sweethearts (loc. cit.)**, "When Love Calls".
9. **Datebook's Complete Guide to Dating,** editado por Art Unger (New Jersey, 1960), pág. 89.
10. Mary Astell, **An Essay in Defence of the Female Sex** (London, 1721), pág. 55.
11. Ti-Grace Atkinson, **vide infra** "Rebellion", citado de um artigo de Irma Kurtz no **Sunday Times Magazine,** 14.9.1969.
12. O. Schwartz, **The Psychology of Sex** (London, 1957), págs. 20.

ROMANCE

1. Os editôres Mills and Boon pediram ao Dr. Peter Mann para analisar seus leitores e receberam seu trabalho como "The Romantic Novel, a Survey of Reading Habits" (1969).
2. **Woman's Weekly,** 2.7.1969.
3. **Mirabelle,** 8.11.1969, Saturday Sit-in".
4. Georgette Heyer, **The Regency Buck** (London, 1968), pág. 15.
5. **Ibid.** pág. 5.
6. **Ibid.**
7. Barbara Cartland, **The Wings of Love** (London, 1968), pág.152.
8. **Ibid.** pág. 47.
9. **Ibid.** pág. 137.
10. **Ibid.** pág. 191.
11. Lucy Walker, **The Loving Heart** (London, 1969), pág. 226.
12. **Ibid.** pág. 32.
13. **Ibid.** pág. 171.
14. **Ibid.** págs. 53, 85-6, 91, 112, 191, 207, 228.
15. **Ibid.** págs. 253-4.
16. Publicado como uma série pelo **Sunday Mirror,** 26 October— 16 November 1969.
17. Violette Leduc, **La Bâtarde** (London, 1967), págs. 341-2.
18. "The Sexual Sophisticate" citado em Phyllis and Eberhard Kronhausen, **Se-**

xual Response in Women (London, 1965), pág. 61.
19. Maxine Davis, **The Sexual Responsability of Women** (London, 1957), pág. 91.
20. Cartland **(op. cit.)**, pág. 62.
21. D. H. Lawrence, **Women in Love** (London, 1968), pág. 354.
22. Dos anúncios das campanhas do Inverno 1969-70.
23. "Woman to Woman", **Woman,** July 19, 1969, Vol. 65, N.º 1675.
24. Jenny Fabian and Johnny Birne, **Groupie** (London, 1969).
25. Rey Anthony, **The Housewives Handbook on Selective Promiscuity** (Tucson, 1960 e New York, 1962).

O OBJETO DA FANTASIA MASCULINA

1. **Penelope,** N.º 194, October 14th, 1969, "A Girl called Pony".
2. Norman Mailer, **An American Dream** (London, 1966), pág. 16.
3. Kate Millet, "Sexual Politics: Miller, Mailer and Genet", **New American Review,** N.º 7, August 1969.
4. Mailer, **(op. cit.)**, pág. 9.
5. **Ibid.,** pág. 23.
6. **Ibid.,** pág. 25.
7. **S.g.** Umar em "Umar Wlaks the Earth!" **Strange Tales,** Vol. I, N.º 156, May, 1967, a vilã Hydra em **Captain America,** a Viúva Negra em **Captain Marvel,** Karnilla, Rainha dos místicos Norn, que ameaça **Thor.**
8. **E.g.** La Contessa Tersa di Vicenzo em **On Her Majesty's Secret Service.**
9. Mailer **(op. cit.)**, pág. 39.
10. Mickey Spillane, **Bloody Sunrise** (London, 1967), pág. 74.
11. Mailer **(op. cit.)**, pág. 36.
12. **Ibid.**, pág. 168.
13. **Ibid.**, pág. 172.
14. **Ibid.**, pág. 102.
15. John Philp Lundin, **Women** (London, 1968), págs. 60-1.
16. **Ibid.**, pág. 101.
17. James Jones, **Go to the Widowmaker** (London, 1969), pág. 282.
18. The Poems of Emly Dickinson, ed. M. D. Brainchi and A. L. Hampson (London, 1933), pág. 131.

O MITO DE AMOR E CASAMENTO PRÓPRIO DA CLASSE MÉDIA

1. Denis de Rougemont, **Love in the Western World, of.** C. S. Lewis, **The Allegory of Love.**
2. **Hail Maidenhad,** ed. O. Cockayne, Early English Text Society Publications N.º 19 (1866), págs. 28-39.
3. C. L. Powell, **English Domestic Relations 1487-1653** (Columbia, 1927), pág. 126.
4. Rabelais, Five Books of the Lives, Herick Deeds and Sayings of Gargantua and his sonne Pantagruel (London, 1653), Caps. LII-LVIII.
5. Gordon Rattray Taylor, **Sex in History** (London, 1965), pág. 138.
6. Erasmus, **Two Dialoges written in Laten...one called Polythemus or the Gospeller, the other dysposing of thyngs and names** translated into Englyshe by Edmonde Becke, Sig. M5 verso.
7. A história apareceu no **Decamerone,** não pela primeira vez, e foi instantâneamente tomada como tema por Petrarca, que escreveu um tratamento latino dela, e então várias versões francesas começaram a proliferar no século dezesseis numa série de baladas, poemas e peças e.g. **The Antient True and admirable History of Patient Grissel** (1619), **The Pleasant and Sweet History of Patient Grissel** (1630), **The Pleasant Comodie of Patient Grissel.** By H. Chettle, T. Deloney, e T. Haughton (1603) **The Most Pleasant Ballad oh Patient Grissel... To the tune of the Brides Goodmorrow** (T. Deloney? 1600 and 1640).
8. E.g., **The Boke of Husbandry... Made first by the Author** Fitzherbert, ...Anno Domini 1568, fol. xxxvi verso. As dez propriedades de uma mulher:

O I ser de ânimo alegre, o II ser bem colocada, o III ter uma ampla testa, o IV ter grandes nádegas, o V ser difícil de evitar, o VI ser fácil de trepar, o VII ser boa numa longa jornada, o VIII se mover bem debaixo de um homem, o IX estar sempre ocupada, o X estar sempre mordendo seus freios.

9. Peter Laslett, **The World we Have Lost** (London, 1965).
10. John Campion, **Two Books of Airs:**

Jack e Joan não pensam mal,
Mas amando vivem e feliz ainda...

11. Nicholas Breton, **The Court and Country** (1618), **The Works in Verse and Prose of Nicholas Breton,** ed. A. B. Grosart (London, 1879), Vol. II.
12. **E.g.** Barclay em **The Ship of Fooles,** Ascham em **The Scholemaster,** Lodger em **Wits Miserie,** entre muitos outros.
13. 4&5 Philip and Mary c. 8, and 39 Elizabeth c. 9.
14. E.g. a popular balada elizabethana, **The Brides Goodmorrow.** (A versão no B. M. data de 1625).
15. Antoine de la Sale, **Les Quinze Joies de Mariage** apresentado por Thomas Dekker como **The Batchelar's Banquet** (1603).
16. Uma farsa que existe tanto em francês como em inglês e demonstra o padrão arquetipal é **Johan Johan and Tyb his Wife.**
17. Quando Lady Mary Gray, uma delicada mulher casada perto de mais da realeza para seu próprio confôrto, casou-se com Keys, um sargento-porteiro sem nobreza e um homem enorme, para a própria segurança dela, o escândalo foi muito grande. (Strype, **Annals of the Reformation** (1735-31), Vol. II, pág. 208).
18. Sir Philip Sidney, **Astrophel and Stella,** especialmente sonêtos XXIX, XXXVI, XLI, LII, LXXII, LXXXI, LXXXII, **cf.** Samuel Daniel, **Delia** e Sir Thomas Wyatt, Poems from the Egerton MS.
19. Edmundo Spenser, **Amoretti** e **Epithalamion,** publicado em 1595.
20. William Habington, **Castara** publicado anônimamente em 1634. A primeira parte trata de côrte e a segunda, que trata de casamento, tem a epígrafe **Vatumque lascivos triumphos, calcat Amor, pede coniugali.**
21. E.g. Thomas Deloney, **The Gentle Craft, A Discourse Containing many matters of Delight**... London... 1637. O Capítulo 5 relata "Como Úrsula, a Linda Filha do Imperador, apaixonou-se pelo jovem Crispine vindo a pé para a Côrte; e como no fim êles foram ser casados secretamente por um Frade cego."
22. A Fair Maid of Fressingfield é o assunto do subenrêdo de **Friar Bacon and Friar Bungay** (1592) de Robert Greene.
23. **The Golden Legend** era uma compilação de histórias de Santos feita segundo o calendário de festas por Jacobus de Voragine, bispo de Gênova no século treze. Foi um dos primeiros livros a ser impresso, e recebeu edição em todos os lugares em que havia impressores, o primeiro **best-seller** internacional.
24. Gillian Freeman, **The Undergrowth of Literature** (London, 1969), págs. 50-1).
25. **Tunday Times,** 3.8.1969, "Making Money out of Marriage".
26. **Sunday Times** 15.6.1969. "First Catch your Millionaire".

FAMÍLIA

1. William Shakespeare, **Cymbeline,** II, v. 1-2 **(Works op. cit.,** pág. 1204).
2. Alguma evidência disto pode ser tirada de Flowden Report, resumido no **Sunday Mirror,** 8.3.1970.
3. **Sunday Mirror,** 23.11.1969, "Let's All Cuddle".
4. Lionel Tiger, **Men in Groups** (London, 1969), págs. 209-10.
5. John Updike, **Couples** (London, 1968), págs. 138, 141, 150.
6. **Sunday Mirror (loc. cit.).**
7. Charles Hamblett and Jane Deverson, **Generation Z** (London, 1964), pág. 43.
8. **Ibid.,** págs. 48-9.
9. Wilhelm Reich, **The Eexual Revolution** (New York, 1969), pág. 71.

SEGURANÇA

1. Hamblett and Deverson **(op. cit.)**, págs. 41, 111.
2. **E.g.** Edmund Spenser, **Two Cantos of Mutalilitye,** publicado em 1609 "parcell of some following Booke of the Faeure Queene" que nunca foi completado.
3. Acho que um contrato feito por um homem e uma mulher referente às condições de sua coabitação devia ser encarado pela lei como um contrato para um propósito imoral, e portanto sem apoio na lei (!).
4. Hamblett and Deverson **(op. cit.)**, págs. 48-9.

AVERSÃO E NOJO

1. Frank Reynolds como contado para Michael McClure, **Free-wheelin' Frank** (London, 1967), pág. 86.
2. **Ibid.**, págs. 55, 7 e 12-13.
3. Eldridge Cleaver, **Soul on Ice** (New York, 1968), págs. 16-7.
4. "Eager Females — How they reveal themselves", **Male,** Vol. 19, N.º 6, June 1969.
6. Reynolds **(op. cit.)**.
7. William Shakespeare, Sonne CXXIX **(Works, op. cit.)**, pág. 1124.
8. Dean Swift, ed. Harold Williams, Oxford, 1937, pág. 597.
9. Hupbert Selby, **Last Exit to Brooklyn** (London, 1966), págs. 82-3.
10. Jenny Fabian and Johnny Birne, **Groupie** (London, 1969).
11. R. L. Dickinson and Laura Beam, **The Single Woman** (London, 1934), págs. 18, 252, 258, 262, 264.
12. **Ibid.**, pág. 231.
13. **E.g.** Albert Ellis and Edward Sagarin, **Nymphomania** (London, 1968), págs. 45, 54, 59, 103-4, 118-9, 122-3.

ABUSO

1. **Evening News,** 18.12.1969.
2. William Shakespeare, **King Lear,** III, iv. 117-22 e IV. i. 62-3 **(Works op. cit.),** págs. 926, 930.
3. As Fontes desta Secção são principalmente o **New English Diccionary** (Oxford) e Wentworth and Flexner's **Dictionary of American Slang** e E. Partridge, **Smaller Slang Dictionary** (London, 1961), e Famer and Henley, Slang and its Analogues (London, 1890).
4. **Rolling Stone,** N.º 27, February 15th, 1969.
5. Nathan Shiff, **Diary of a Nymph** (New York, 1961).
6. Carta para "Mary Grant", **Woman's Own,** 19.7.1969, e para "Evelyn Home", **Wooman,** 15.3.1969, e para "Mary Marriat", **Woman's Weekly,** 2.7.1969.
7. "Love Needs no Words", **New Romance** N.º 3, November, 1969 e "When Someone Needs You", **True Story** N.º 565, December, 1969.
8. Gael Greene, **Sex and the College Girl** (London, 1969), pág. III, citando uma Queen's University Conference on Mental Health, relatada no **New York Times,** May 19 th, 1963.
9. **Ibid.**, págs. 45-6, e 11-3.
10. Jim Moran, **Why Men Shouldn't Marry** (London, 1969), pág. 43.
11. Gilbert Oakley, **Sane and Sensual Sex** (London, 1963), pág. 51.
12. **Ibid.**, págs. 52-3.
13. Philip Wylie, **Generaton of Vipers** (New York, 1942), págs. 187-8.
14. **Ibid.**, págs. 188-9.
15. **Best Mother-in-Law Jokes** compilado por J. D. Sheffield (London, 1969), pág. 1 e **passim.**
16. Do disco "Second Generation Woman" Reprise RS 23315 publicado por Dukeslodge Enterprises.

MISÉRIA

1. Carta para "Evelyn Home", **Woman,** 2.8.1969.
2. Betty Friedan, **The Feminine Mystique** (New York, 1962), págs. 20-1.
3. Uma reportagem do **Observer** sôbre a indústria de remédios de patente (4.1.1970) mostrou que de £ 50 000 000 por ano, £ 15 000 000 eram gastas em analgésicos, £ 6 000 000 em tônicos e vitaminas, e £ 6 500 000 em propaganda.
4. Carta para "Evelyn Home" em **Woman,** 22.3.1969.
5. **Forum,** Vol. 2, N.º 8, págs. 69-70.
6. **The People,** 23.11.1969.
7. **The Times,** 9.5.1969.
8. **News of the World,** 6.7.1969.
9. **News of the World,** 30.11.1969 noticiando a compilação da publicação da Family Planning Association, **The Pill and You.**
10. O Professor Victor Wynn está encarregado do Alexander Simpson Laboratory for Metabolic Research no St Mary's Hospital em Paddington (publicado em **People,** 14.12.1969), **cf.** pesquisa de Dr. Anne Lewis e Mr. Masud Noguchi publicada em **The Observer,** 15.6.1969.
11. Publicado em **The Observer,** 20.7.1969.
12. **Sunday Times,** 1.6.1969.
13. Dr. W. J. Stanley, em **The British Journal of Social and Preventive Medicine,** november, 1969.
14. **Vide** "78 Battered Children". Relatório do N.S.P.C.C. (September, 1969), e **Sunday Times,** 30.11.1969.

RESSENTIMENTO

1. George Eliot, **Middlemarch.**
2. Eric Berne, **The Games People Play** (London, 1964), pág. 162.

REBELIÃO

1. **The Anatomy of a Woman's Tongue divided into Five Parts** (London, 1963), Epigrama III pág. 173.
2. A Family of Love foi uma seita inglêsa que se originou na Holanda sob a liderança de Hendrick Niclaes; buscou reunificar os homens no Corpo Místico. Ver **A brief rehearsal of the belief of the good-willing in England** (1656), **A Description of the sect called The Family of Love: with their Common Place of Residence.** Sendo descoberta por Mrs. Susannah Snow de Pinford perto de Chertsey no Condado de Surrey, que foi fùtilmente por um certo tempo desencaminhada por meio de suas vis seduções (1641), e **The Displaying of an horrible sect of... Heretiques** (1578).
3. Betty Friedan, **The Feminine Mystique** (New korY, 1963).
4. Juliet Mitchell, "Women — The Longest Revolution", **New Left Review,** November-December 1966, pág. 18.
5. **Ibid.,** págs. 36-7.
6. Evelyn Reed, **Problems of Women's Liberation: A Marxist Approach** (New York, 1969).
7. Reich **(op. cit.)**, págs. 153-269.
8. Tiger **(op. cit.)**, págs. 110-1.
9. Kyril Tidmarsh, "The Rigth to do the Hardest Work", **The Times,** 16.2.1967. Ver também **Women in the Soviet Economy,** por T. Dodge (Baltimore, 1966).
10. Citado em **Towards a Female Liberation Movement,** por Beverly Jones and Judith Brown (New England Free Press), pág. 2.
11. **New Left Notes,** August, 1967.
12. Judi Brenstein, Peggy Morton, Lina Seese, Myrna Wood, **Sisters, Brothers, Lovers... Listen...** (New England Free Press), pág. 7.

13. **Soviet Weekly,** May 17 th, 1969, pág. 5.
14. Carta anônima em **New Left Notes,** December, 1967.
15. Marilyn Webb, "We Have a Common Enemy", **New Left Notes,** June 10, 1968.
16. Jones and Brown (**op. cit.**), págs. 20-2.
17. **Ibid.,** pág. 37.
18. Anne Koedt, **The Myth of Vaginal Orgasm** (New England Free Press), pág. 5.
19. **Ibid.**
20. Nancy Mann, **Fucked-up in America (ibid.).**
21. Julie Baumgold, "You've come a long way, Baby", New York, June 9th, 1969, pág. 30.
22. Vivian Gornick, "The Next Great Momento in History is Theirs",**Village Voice,** November 27th, 1969.
23. Também deve ser feita menção à N.J.A.C.C. (vide supra "Work"), e às Feministas de McKenzie, que produziram o mimeografado **Harpies Bizarre.** Women's Liberation Workshop expandiu-se agora para cinco grupos, enquanto outro grupo Nottingham publica uma fôlha copiada chamada **Socialist Woman,** e outro em Bristol, **Enough is Enough.** Uma conferência em Oxford, de 28 de fevereiro a 1.º de março, reuniu quinhentos participantes, junto com 400 crianças e 50 homens.
24. Gloria Steinem, "The City Politic", **New York,** March 10th, 1969.

REVOLUÇÃO

1. Ana Martin, **The Married Working Woman,** publicado pelas National Union of Women's Suffrage Societies, July, 1941.

> Entre as famílias mais pobres especialmente, a superioridade mental da mulher sôbre o marido é muito marcante. A luta incessante que estas mulheres travam em defesa de seus lares contra tôdas as fôrças do sistema industrial desenvolve nelas uma capacidade de alerta e uma adaptabilidade a que os homens, amortecidos por lida laboriosa e sem inspiração, não podem pretender.

2. Mrs. Mary Chatterji soube pelo Home Office que "considera-se que uma espôsa deve em geral estar preparada para estabelecer seu lar no país de seu marido" (**The Times,** 3.2.1970).
3. Gingerbread, Flat 45, Porchester Gardens, London, W2, e Mother's-in-Action, 10 Lady Somerset Road, London NW5 (**Sunday Times,** 25.1.1970).
4. Diane Hart buscou realizar uma Petticoat Party em maio de 1969, quando inseriu um anúncio no **The Times,** que dizia: "Senhoras, não fiquem aí sentadas. Se estão fartas de castelos no ar, sentem-se na Câmara dos Comuns. Procura-se, 630 senhoras querendo jogar £ 500 cada uma, lutando por eleitorado." Não é necessário dizer que não resultou nenhuma festa política. Ela se apresentou à eleição e foi devidamente derrotada. Três fascinadoras americanas formaram uma Pussycat League para expressar o Pussycat Power, que obteria influência universal por meio de carícias e adulações (**Sunday Mirror,** 2.11.1969). Nenhum resultado poítico apreciável ou outros surgiu desta técnica dificilmente nova.

cìficamente ao moralista convencional que acredita na natureza monogâmica da mulher; ao economista convencional que veda a milhões de donas de casa a participação no jôgo econômico e financeiro; ao psicólogo convencional para quem o conceito de mulher de Germaine Greer é irreal. E para a mulher convencional — uma parasita feminina.

Mas "A Mulher Eunuco" vai certamente inspirar e incitar tôda mulher que tenha amor próprio, imaginação e senso de responsabilidade — e tôdo homem com um mínimo de consciência. Germaine Greer é a primeira mulher a dizer bem alto o que muitas mulheres — e homens — já estão começando a pensar em segrêdo.

Germaine Greer nasceu em 1939, em Melbourne, na Austrália. Além de ser uma mulher bem feminina, na acepção conservadora do têrmo, (bonita, meiga, jovial) é dotada de extraordinária inteligência (primeiro lugar na **Melbourne University,** na **Sydney University** e **Ph.D.** na **Cambridge University).** É professôra na **Warwick University,** escreve para as Revistas **Oz** e **Suck** e faz programas de TV.

"A Mulher Eunuco" é um dos mais espetaculares best-sellers do momento. Está há mais de seis meses nas listas do "Time" e "The New York Times". Foi traduzido em francês, italiano,

EIS O QUE Germaine Greer DIZ SÔBRE

AMOR

"Talvez eu não seja ainda suficientemente velha para garantir que a mulher segura e confiante em si própria é sempre amada; que ela não ficará jamais sòzinha enquanto houver gente no mundo necessitando de sua fôrça e de sua alegria. Mas a minha experiência me assegura que sempre foi assim".

CASAMENTO

"Tôda espôsa que se escraviza apenas para manter-se bonitinha, para cozinhar os pratos favoritos de seu marido; para construir o seu orgulho e a sua autoconfiança à custa do seu próprio senso de realidade; para ser o seu mais chegado e único amigo; para encorajá-lo a rejeitar a opinião coletiva e procurar segurança apenas em seus braços; essa espôsa está jungindo seu companheiro a ela com cordas de aço que acabarão por estrangulá-los a ambos".

SOFRIMENTO

"O maior serviço que uma mulher pode prestar à sua comunidade é ser feliz".

REVOLTA

A primeira descoberta importante que nós mulheres fazemos em nossa caminhada para a liberdade é a de que os homens não são livres — e que procuram fazer disso uma razão para provar que ninguém pode sê-lo. Nós podemos responder apenas que os escravos escravizam seus senhores. E que, assegurando a nossa própria libertação,